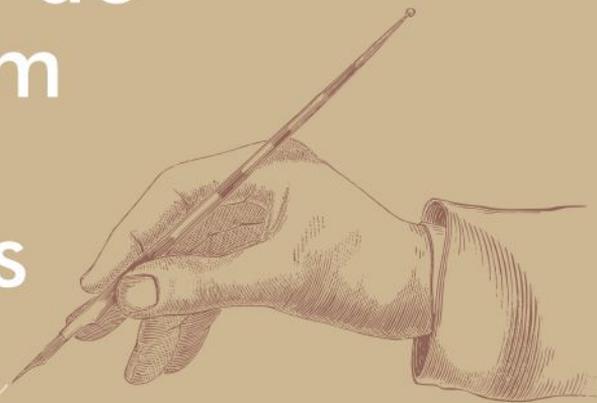


Narrativas de si

memórias de
sujeitos em
processos
formativos

volume 3



Carlos José
Danyelle Gerson
Wellington Leonara
Luiz Jailene Carlos
Anaxágoras Livia Ana
Francisco Jefferson Michele
Cinthya Alcione
Rafaela Carla
Ednária

organizadores

Natal Lânia Roque Fernandes
Patrícia Ribeiro Feitosa Lima
Heloísa Beatriz Cordeiro Moreira
Sandro César Silveira Jucá



Narrativas de si

memórias de
sujeitos em
processos
formativos

volume 3

Organizadores:
Natal Lânia Roque Fernandes
Patrícia Ribeiro Feitosa Lima
Heloisa Beatriz Cordeiro Moreira
Sandro Cesar Silveira Jucá

Narrativas de si

**memórias de
sujeitos em
processos
formativos**

volume 3





OS AUTORES responsabilizam-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo desta OBRA, bem como isentam a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente de violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declaram sob as penas da Lei ser de sua única e exclusiva autoria.

Narrativas de si:
memórias de sujeitos em processos formativos – volume 3

Copyright © 2022, Natal Lânia Roque Fernandes ... [et al.].
Todos os direitos são reservados no Brasil

Impressão e Acabamento:

Pod Editora
Rua Imperatriz Leopoldina, 8/1110 – Pça Tiradentes
Centro – 20060-030 – Rio de Janeiro
Tel. 21 2236-0844 • atendimento@podeditora.com.br
www.podeditora.com.br

Projeto gráfico:

Pod Editora

Revisão:

Pod Editora

Layout de capa:

Christiano Barbosa Porto Lima
Tainan Roque Fernandes

Diagramação:

Beatriz Frohe

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização dos autores.

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

N189

Narrativas de si : memórias de sujeitos em processos formativos, volume 3 / organização
Natal Lânia Roque Fernandes ... [et al.]. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Pod, 2022.
344 p. : il. ; 21 cm.

Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5947-113-3

1. Educação. 2. Estudantes universitários. 3. Formação profissional. 4. Profissões
- Desenvolvimento. I. Fernandes, Natal Lânia Roque.

22-77154

CDD: 378.198

CDU: 378.04

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

09/04/2022 13/04/2022

Conselho Editorial

Antonio Carlos Ritto, Uerj – IME Pós Doutor em História das Ciências das Técnicas e da Epistemologia da UFRJ, Doutor em Ciências Informáticas pela Pontifícia PUC-Rio.

Diana Cristina Damasceno Lima Silva, Pós-doutorado no Programa Avançado de Cultura Contemporânea, PACC, UFRJ. Doutora em Letras, Mestra em Letras. Professora universitária em cursos de Graduação e Pós-graduação nas áreas de Comunicação Social e Letras.

Janaína Dória Líbano Soares, IFRJ Farmacêutica, Doutora em Ciências Biológicas.

Marinilza Bruno Carvalho, Uerj – IME Doutora em Educação pela UFRJ, Mestra em Engenharia de Sistemas e Computação pela UFRJ.

Patricia A. S. Schettert, IFRJ, graduada em Enfermagem Obstétrica, Mestra em Sexologia e Doutora em Saúde Coletiva. Coordena o grupo de pesquisa (GIASEX) na Instituição Federal de Ensino Superior. Atual professora do IFRJ e tutora e pesquisadora com o PET: Sexualidade, educação sexual/ MEC/SESU/IFRJ).

Rachel Alexandre de Carvalho, UFRJ Pós-doutora no Depto de Entomologia do Museu Nacional em Ciências Biológicas (Zoologia) UFRJ.

Sérgio Sklar, Uerj – DESF Doutor em Filosofia (USP), Professor-Adjunto do Departamento de Estudos da Subjetividade Humana da UERJ.

Susana Engelhard Nogueira, IFRJ Psicóloga, Doutora em Psicologia Social (PPGPS/UERJ).

Sobre os organizadores

Natal Lânia Roque Fernandes

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba. Especialista em Novas Tecnologias na Educação pela UFPB, Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos-SP e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará, com período sanduíche na Universidade do Porto-Portugal. Professora do Curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - PROFEPT, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Líder do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudo da Educação- GIPEE e do Grupo de estudo em (auto)biografia, currículo e identidade - BIOGRACI.

Patrícia Ribeiro Feitosa Lima

Professora do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Licenciada em Educação Física pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR-CE) Especialista em Treinamento Desportivo (Universidade Veiga de Almeida, (UVA -RJ)); Mestre em Educação em Saúde Coletiva pela Universidade de Fortaleza, (UNIFOR - CE); Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-SP). Estágio pós-doutoral em Educação pela UNESP.

Heloisa Beatriz Cordeiro Moreira

Graduada em Engenharia Química pela Universidade Federal do Ceará. Mestre em Engenharia Mecânica pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Graduada em Formação Pedagógica para Educação Profissional pela Fundação de Apoio à Educação, Pesquisa e Extensão da UNISUL. Engenheira de segurança do Trabalho (ATENEU). Doutora em Engenharia Civil, área de concentração: saneamento ambiental pela UFC (2014), Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (2012) e participa como docente e orientadora do Profept - Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica.

Sandro César Silveira Jucá

Possui Nivelamento Universitário (Studien-kolleg) na Technische Hochschule Köln - Alemanha (1996 a 1998) e Graduação em Tecnologia Mecatrônica pelo Instituto Federal do Ceará (2002). É Especialista em Automação Industrial (2003) e Licenciado em Física (2005) pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Mestre (2004) e Doutor em Engenharia Elétrica (2014) pela Universidade Federal do Ceará (UFC) com pesquisa realizada na Universität Paderborn - Alemanha e apoio do programa de Doutorado Sanduíche do Deutscher Akademischer Austauschdienst (DAAD). Realizou também estágio de pesquisa pós-doutoral (2019) na Universidad de Cádiz - Espanha com apoio da Fundación Carolina. É membro fundador da Academia Cearense de Matemática (ACM) e atualmente é professor e pesquisador do IFCE, docente permanente do ProfEPT (Mestrado em educação profissional e tecnológica em rede nacional), do Mestrado Acadêmico em Energias Renováveis (PPGER) e do Doutorado da Rede Nordeste em Ensino (RENOEN). Pesquisa na área de Mecatrônica e Engenharia Elétrica, dentro dos seguintes temas: Energias Renováveis, Sistemas Embarcados, IoT, Robótica, EaD e Educação Profissional.

Sumário

Prefácio	11
	Luiza Santos Pontello
Apresentação.....	15
	Natal Lânia Roque Fernandes Patrícia Ribeiro Feitosa Lima Heloisa Beatriz Cordeiro Moreira
Da capital ao litoral: conquistando para alcançar.....	19
	Ana Virginia Ferreira de Oliveira
Confesso que vivi: minhas memórias	37
	Anaxágoras Maia Girão
Memórias e conquistas tecidas com o tempo	53
	Antônia de Fátima Rodrigues de Sousa
Revisitação do ser através das memórias do tempo	71
	Carla Joyce Castro Sabino
História de uma vida toda.....	89
	Carlos Robério de Oliveira Barroso
Tecendo memórias em meu percurso formativo.....	101
	Cinthyra Suely Miranda Saraiva de Carvalho
O caminho e suas paisagens	111
	Danyelle de Lima Teixeira
Formação: desafios, medos e enfrentamentos	119
	Ednária Alves Silva
Memórias de um garoto na linha lateral da quadra.....	137
	Fernando Michael Pereira Nobre
Da imagem ao pensamento, em busca da prática.....	155
	Francisco da Costa Rodrigues
Confins de uma trajetória previsível.....	173
	Gerson Augusto Pereira
Aprendendo a arte de tecer	185
	Jailene de Araújo Menezes
Através da educação e do esporte	205
	Jefferson Florencio Rozendo

Mudanças são constantes, só nos resta acompanhá-las: memórias de uma vida que foi em frente	215
	José Wellington da Silva
Caminho de descobertas e construções: múltiplas versões de mim	231
	Leonara Rocha dos Santos Castro
Quem sou eu, conquistas e desafios	249
	Lívia Maria Leitão da Silva
Fundamentos da fé de um professor.....	263
	Luiz de Beltrão Lima Júnior
Memórias de uma menina sonhadora no país das maravilhas	279
	Martilla Sousa Silva
Aprendendo a ser: memórias do alicerce e da construção formativa	293
	Michele Gomes Alves
A preciosa bagagem na estrada da educação	309
	Rafaella Rodrigues Holanda
Vida, educação e trabalho: um relato de memória	329
	Raimunda Alcione Santiago de Lima

Prefácio

Viver os desafios da Educação, em especial, da Educação brasileira, requer, dentre outros atributos, compromisso, sensibilidade, criatividade e conhecimento, num amálgama sem hierarquias. Neste livro, apresenta-se o resultado de uma ação educativa que operou esses atributos de maneira muito especial. Essa ação, realizada no sentido de contribuir com a formação continuada de trabalhadoras e trabalhadores da Educação, em nível de pós-graduação, consistiu na construção de narrativas, ou memoriais de formação, que aqui se encontram disponibilizados.

Os memoriais elaborados trazem histórias de vida de pessoas que não necessariamente sabiam que a sua caminhada alcançaria a Educação profissional em algum momento. Sensíveis, os relatos mostram os desafios vividos e os aprendizados desenvolvidos, muitas vezes, desde a infância. Na ressignificação do vivido, que o acesso à memória promove, as narradoras e os narradores identificam, não raro, indícios de quem hoje são, o que, à época do experienciado, não era, talvez, nem sonho ou nem mesmo uma meta. Assim, a escrita de si permite rememorar o que se foi e compreender o que se é, como explicita Wellington, em seu relato: *“Pude verificar o valor de todas as etapas pelas quais passei e que valeu a pena cada erro, cada acerto, para assim tornar-me o profissional que sou hoje”*.

No exercício profissional, é importante conhecer-se e reconhecer-se permanentemente, visto sermos seres em constante transformação. A reflexão que o narrar-se, por certo, proporciona, permite, também, compreender a construção social de si. Ao relembrar eventos considerados comuns na infância, é possível desvelar o seu significado e reconhecer o aprendizado adquirido, como ocorrido com Francisco Costa, ao lembrar que, na década de 1970, período da ditadura militar, crianças da periferia, como ele, não tinham nenhuma noção dos contextos social e econômico: *“Só agora entendo porque meu pai e meu irmão mais velho viajavam com as construtoras e passavam de 7 a 9 meses em construção de casas (Pará, Paraná, São Paulo)”*.

Além disso, o compartilhamento dessa narrativa, seja numa publicação como esta, seja em sala de aula, possibilita identificar as semelhanças entre as experiências vividas e, ousado dizer que, principalmente, revela as multiplicidades, as diversidades inerentes às diferentes histórias.

No que concerne aos aprendizados, Paulo Freire, no livro *Pedagogia da autonomia* (1997), assevera que ensinar exige criticidade; pesquisa; rejeição a qualquer forma de discriminação; apreensão da realidade; assunção da identidade cultural; consciência do inacabamento; dentre outros quesitos. Nesse sentido, a atividade realizada carrega um indiscutível potencial formativo.

É notório que a construção dos memoriais coloca cada um em contato com a sua própria transformação, ao longo do tempo, por ser um processo, “*íntimo, reflexivo, muitas vezes confuso, mas representativo para a identificação e exposição do m(eu) ser profissional atual*”, como foi para a mestrandia Joyce. É um exercício que traz à consciência o *ser pessoa*, multidimensional, nas compreensões do ser família, ser profissional, ser sociedade, ser cultura, um ser em construção em diferentes espaços. Nessa mesma direção, aproxima esse ser inacabado de um coletivo em movimento, nesse caso, de constituição profissional. Esse exercício promove, então, o reconhecimento de si e do outro, por si mesmo e em contraste, nas afinidades e nas diversidades.

A narrativa coloca-nos em contato com quem somos: pessoas em construção buscando, na consciência da própria incompletude, o ser mais, anseio natural do ser humano. Desejo e advogo que essa consciência de ser no e com o mundo alcance a comunidade de educadoras e educadores e que nossas ações sejam, sempre, iluminadas pelo que Freire, na obra em referência, denomina ética universal do ser humano. E que, assim, essas ações se fundamentem no cuidado e na responsabilidade de preservar, proteger, favorecer e dignificar a Vida em toda a sua riqueza e diversidade.

Parabenizo as formadoras e os formadores por este belo trabalho. Parabenizo, também, as autoras e os autores dos memoriais, que se

aventuraram em mergulhar em suas memórias. Encanta-me ter em mãos um exemplo de prática formativa que não só reconhece como mobiliza Mulheres e Homens como seres histórico-sociais.

Agradeço pela oportunidade de conhecer essas pessoas, por meio de suas histórias, pela possibilidade de me ver nelas e me rever em mim e pelo imenso prazer de me saber pertencente a uma comunidade que cresce em conhecimento e, acima de tudo, em discernimentos ético e estético.

Fortaleza, 7 de fevereiro de 2022.

Luiza Santos Pontello

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Professora de Matemática do curso de Licenciatura em Matemática do IFCE/Fortaleza
Preceptora do Programa Residência Pedagógica (PRP)/IFCE/Capes

Apresentação

Este livro contempla memórias de processos formativos dos alunos da turma IV do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, do IFCE, *campus* Fortaleza, ofertado em rede nacional pelo Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). O mestrado tem carga horária de 480 horas e integra a área de Ensino da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). O curso é destinado aos estudantes com diploma ou declaração de conclusão de curso superior, em qualquer área de conhecimento.

A seleção dos alunos ocorre anualmente, por meio do Exame Nacional de Acesso (ENA), divulgado por edital, com provas sobre os referenciais teóricos que fundamentam o campo de estudo da Educação Profissional e Tecnológica (EPT). No entanto, devido à pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2), nos semestres 2021.1 e 2022.1, a seleção foi realizada por meio de análise do histórico escolar e carreira profissional.

O ProfEPT tem como objetivo proporcionar formação de pesquisadores em Educação Profissional e Tecnológica, voltada tanto à produção de conhecimento quanto ao desenvolvimento de produtos educacionais, por meio da realização de pesquisas aplicadas, que integram os saberes inerentes ao mundo do trabalho e ao conhecimento sistematizado. A EPT, cujo princípio se embasa na oferta de cursos, currículos e programas direcionados ao mundo do trabalho, configura-se como importante canal de acesso à qualificação profissional.

A escrita das narrativas contidas neste livro foi iniciada no decurso da disciplina Seminário de Pesquisa, quando os professores propuseram que os alunos elaborassem um memorial de formação, que é um texto acadêmico autobiográfico no qual se analisa, de forma crítica e reflexiva, a formação intelectual e a carreira profissional, explicitando, dentre outros aspectos, o papel que as pessoas, a escola, os fatos e acontecimentos

vivenciados exerceram sobre os estudantes. As narrativas tiveram como fios condutores questões como: Que caminhos esses trabalhadores trilharam em busca de sua formação? Quais processos formativos vivenciaram e quais motivos os levaram a cursar o ProfEPT?

Trata-se do terceiro livro com narrativas (auto)biográficas de mes-trandos do ProfEPT, por isso sua importância, ao representar um lugar de memória a respeito de processos formativos de sujeitos trabalhadores da Educação, que anseiam dar continuidade aos estudos no nível da Pós-graduação *Stricto Sensu*, algum tempo após concluírem a graduação, obter a sua formação profissional, e a entrada no mercado do trabalho.

É importante registrar que o trabalho com memoriais nos cursos de formação está alicerçado no campo de estudo sobre pesquisa (auto)biográfica, no âmbito da pesquisa-formação, cuja prática evidencia a importância da história dos aprendentes e sua relação com o conhecimento. Eclodidos na década de 1980, na França, os estudos sobre história de vida e formação influenciaram o campo de estudo, no Brasil, o qual tem crescido desde a década de 1990.

Com a expansão do campo de pesquisas sobre história de vida e dos estudos biográficos, no início dos anos 2000, pessoas de diferentes culturas têm suas histórias evidenciadas e registradas como fonte de entendimento da vida singular e em sociedade. Portanto, introduzir a escrita de si como parte do processo formativo do ProfEPT, além de provocar a reflexão dos alunos sobre si como futuros mestres, também evidencia a importância da vida dos sujeitos como testemunha de diferentes processos sociais.

A formação profissional não apenas é fruto dos conhecimentos adquiridos na formação institucionalizada, como também é influenciada pelas diferentes experiências construídas no decorrer da vida dos sujeitos. O pensar e o fazer estão relacionados às aprendizagens, às criações, aos questionamentos e às concepções construídas no decorrer da vida, bem como com as relações estabelecidas, seja na família, na escola, com os professores, os amigos, ou em outros espaços, tempos e sujeitos.

Enquanto parte da dimensão social, a história da formação profissional do sujeito carrega em si um processo intersubjetivo, visto que também é influenciada pelas relações estabelecidas em seus contextos sociais. Nesse sentido, quando escreve sobre seu processo formativo profissional, com foco nas experiências que o constituiu, o sujeito não apenas narra uma história pessoal, individual, mas fatos enraizados em sua experiência social, ao buscar em suas memórias lugares, pessoas, acontecimentos que influenciaram no desenvolvimento da pessoa e do profissional que agora é.

Esta obra é constituída por 21 narrativas, de homens e mulheres profissionais de diversas áreas de formação, que atuam e/ou pesquisam na área do Ensino, e ousaram escrever suas memórias, com o intuito de prender aos leitores as experiências que influenciaram nos desenvolvimentos pessoal e profissional até o ingresso no ProfEPT, e algumas perspectivas adiante. São passagens idiossincráticas; no entanto, podemos ser atravessados, em alguns momentos, por fatos e ideias que nos aproximam enquanto sujeitos sociais.

Vale destacar que a 3ª edição desta série *Narrativas de si: Memórias de sujeitos em processos formativos* traz relatos de vida que foram escritos no contexto da pandemia da Covid-19, crise sanitária que acometeu milhões de pessoas no mundo e mais de 600 mil mortos no Brasil, segundo o Ministério da Saúde (2021).

Entretentes, os habitantes dos países mais atingidos modificaram suas rotinas. Com o avanço da doença, no Brasil, as idas e vindas de alastramento do vírus e suas variações (novas cepas); as dificuldades econômicas recrudesceram e novas configurações de sociabilidade, da vida laboral e da sobrevivência humana foram emergindo, e registrados prejuízos à área da Educação, com a interrupção das aulas presenciais.

Ante o contexto pandêmico, os autores estavam cumprindo regras para conter o alastramento dessa doença contagiosa, e, na sua maioria, com convivência social restrita, assistindo às aulas remotas no ProfEPT e, certamente, cada um sofrendo as conseqüências danosas do caos na saúde pública mundial, sendo singulares as percepções e afetações de cada um durante a pandemia da Covid-19.

Portanto, prezado leitor, os escritos aqui apresentados são oriundos dos esforços de imersão no repertório de vida profissional, num momento atípico e perverso dos Programas de Pós-graduação, e, porque não dizer, da Educação formal no Brasil, todavia, estão repletos de belas e instigantes histórias de vida, que revelam as lutas, vitórias, os sonhos, amores e saberes construídos pelas diferentes experiências!

Boa leitura!!

Natal Lânia Roque Fernandes

Patrícia Ribeiro Feitosa Lima

Heloisa Beatriz Cordeiro Moreira

Da capital ao litoral: conquistando para alcançar

Ana Virginia Ferreira de Oliveira

Introdução

Com o presente trabalho, objetivo apresentar as memórias de minha formação docente profissional e acadêmica, bem como as análises acerca da trajetória de experiências vividas no dia a dia, além de descrever aspectos relevantes da carreira profissional; meus sentimentos, desejos e frustrações, que serviram de inspiração para alcançar meus sonhos. Ressalto, ainda, as influências do conjunto de experiências vividas durante a formação para a construção de minha identidade docente.

Destaco a importância da formação continuada como imprescindível para o exercício da profissão de professor, pois se trata do aprofundamento e alargamento de conhecimentos científicos e pedagógicos que propiciam o aperfeiçoamento de sua prática pedagógica e o melhoramento de sua qualidade profissional. Além disso, neste memorial reflito acerca do processo de construção do conhecimento durante o período de formação e aprendizagem, assim como as transformações das metodologias de ensino, mediante as abordagens teóricas e a compreensão dessas concepções educacionais para o pleno exercício de um trabalho com maestria e destreza. Narrando minha caminhada do Magistério ao ingresso no Mestrado em Ensino do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT).

O memorial é um importante instrumento de análise e pesquisa, pois se trata de documento de cunho descritivo-narrativo, cujo foco consiste em narrar fatos significativos durante as trajetórias acadêmica e profissional. Além de ser um dos requisitos da disciplina de Seminários e Pesquisas que faz parte da grade curricular do ProfEPT para se obter o título de Mestre, é também um instrumento crítico-reflexivo, que permite ao professor em formação avaliar e repensar suas práticas

vivenciadas, bem como descrever acontecimentos e experiências durante as trajetórias profissional e acadêmica.

Neste trabalho, consta o relato de minhas experiências durante a trajetória acadêmica até a formação. Descrevo, porém, como ocorreu meu ingresso na faculdade, e a formação docente e suas influências na minha identidade docente, bem como os desafios enfrentados ao longo dessa trajetória, além de fazer uma reflexão acerca da bagagem teórica. Destaco, ainda, a minha vivência profissional, desde 1997, ano em que ingressei no Curso do Magistério e também iniciei minha atuação como professora em uma escolinha particular de uma comunidade.

Neste documento, ainda apresento uma análise crítica da minha vida profissional, bem como uma projeção de futuro, dentro da realidade do meu campo de atuação, para que, desse modo, seja possível a elaboração e aplicação de metodologias de ensino de acordo com a realidade social na qual estou inserida.

Este memorial está dividido em oito seções. Na introdução, apresento a estrutura composicional e os assuntos nele discorridos. Em seguida, trago uma reflexão sobre minha trajetória acadêmica, do colegial ao magistério. Na terceira seção, resalto a importância do curso de Pedagogia para minha formação e atuação docente. Na quarta, trago minha caminhada da graduação às especializações. Na quinta, relato meu verdadeiro encontro com Deus, bem como a sua contribuição para minha identidade pessoal e profissional. Na sexta, descrevo minha chegada ao mestrado e finalizo: como cheguei ao mestrado, e aí? Relacionando minhas conclusões e direcionamentos para os cursos, e, por fim, as referências que utilizei.

Trajetórias acadêmicas: do colegial ao magistério

Estudei em escola pública e, no ensino regular, sempre me esforcei para obter êxito em todas as séries, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio e, assim, era recompensada com boas notas e nenhuma reprovação.

Quando criança, idealizava vários sonhos, principalmente de seguir carreira nas profissões mais bem vistas e privilegiadas pela sociedade. Mas, devido à falta de interesse na época, segui outros caminhos e não consegui ingressar em nenhuma universidade. No Ensino Médio, o ingresso no Ensino Superior não era debate corriqueiro e frequente, até porque não havia facilidades como há nos dias de hoje. Entretanto, quando algum aluno alcançava o mérito de ingressar em uma universidade, mesmo particular, a escola se vangloriava e exaltava o acontecido.

Tal feito sempre foi visto, por mim, como honrável e digno de aplausos, e essa proeza era um desejo que almejava concretizar. Contudo, o receio fazia sentir-me despreparada para candidatar-me, tanto em universidade pública quanto em particular, pois, além do processo seletivo ser difícil e concorrido, não possuía condições financeiras para arcar com as despesas em uma instituição privada.

Oriunda de uma família de funcionários públicos, sempre tive dificuldades na aquisição de livros, pois a falta de condições financeiras impedia meus pais de comprarem material didático diversificado, que poderia contribuir para o meu conhecimento e aprendizado. Todavia, apesar das adversidades vividas durante a infância e início da juventude, não permiti que o desânimo abatesse o espírito de perseverança que nutria.

Mesmo sem o estímulo necessário que uma criança deve ter em seu processo de aprendizagem, como aulas dinâmicas e interativas, por exemplo, que propiciam ao educando uma participação ativa em sala de aula, consegui prosseguir meus estudos, mesmo com dificuldades.

Por falta de uma melhor instrução, quando estava às vésperas de concluir o Ensino Médio, não tinha perspectiva nenhuma de ingressar em um curso superior, até porque não havia decidido qual carreira profissional seguir. Mas, com o passar do tempo, senti premente necessidade de tentar iniciar algum curso, pois o mercado de trabalho requer profissionais capacitados e qualificados.

Muito além disso, percebi que nós, seres humanos, necessitamos de aprimoramento, pois o homem é um ser inacabado e isso significa dizer

que o meu progresso na vida educacional não terminou no Ensino Fundamental, no Médio ou Superior, mas foi além, pois me construo a cada dia.

Nasci em 25 de setembro de 1974, na cidade de Fortaleza, no estado do Ceará. Segunda filha de quatro. Três meninas e um menino. Meus pais, funcionários públicos, sempre foram muito disponíveis na criação dos filhos. Trago comigo muitas lembranças da convivência familiar, distinguindo com clareza aquelas experiências da vivência pessoal e aquelas que se relacionavam com os relatos de meus pais e da irmã mais velha. Além de alguns fatos experimentados, ficaram gravadas as brincadeiras de infância e o sentimento de pertença.

Morava em Fortaleza, quando minha vida deu uma reviravolta. Minha mãe, devido a problemas pessoais, resolveu sair da capital e ir morar no litoral. E eu, como há pouco tinha concluído o Ensino Médio, ainda não ingressara em nenhum curso de graduação. Até prestei vestibular na Universidade Federal do Ceará (UFC), para Agronomia, sem êxito. Então, quando cheguei em Beberibe, estava meio perdida, sem saber o que fazer. Soube de um curso no Magistério, em um programa da Secretaria de Educação (Seduc) chamado Agora Eu Sei, no terceiro nível pedagógico. Existia um Núcleo Pedagógico do programa, onde pegávamos os módulos, estudávamos em casa e retornávamos para fazer a prova e, assim, íamos eliminando cada etapa do curso, no qual verdadeiramente me encontrei.

Estava sem saber qual profissão escolher e, por falta de opção, me encontrei na formação de professores e me encantei, pois, com o estágio, percebi que gostava das atividades. Logo ao concluir o curso, passei a trabalhar em uma Escola de Educação Infantil, na Praia de Morro Branco, chamada Escolinha do Oriente e meu escritório era, verdadeiramente, na praia. Trabalhava com crianças do Infantil V, fato que reforçava ainda mais que minha escolha fora certa. Vivenciei uma mistura de necessidade e anseio de galgar uma formação pessoal e profissional, conquistada com muito empenho e séria dedicação.

Por estar na escola privada, tive a oportunidade de trabalhar na rede municipal, em 1997. Em seguida, no final do mesmo ano, foi lançado um concurso público para professores com carga horária de 200 horas e, para minha alegria e conquista, passei, e logo fui efetivada como professora, no início de 1998. Contudo, foi ofertado, pelo governo federal, um curso de Licenciatura em Pedagogia para formação dos professores.

Ao final de 1998, passei no vestibular em Pedagogia ofertado pela Universidade Vale do Acaraú (UVA), que oferecia as aulas em Regime Especial somente no período de férias. Passei 5 anos bem intensos e corridos, pois, ao término da graduação, já fiz a complementação para ministrar aulas também no Ensino Fundamental e segui com minha primeira especialização.

Diante das situações surgidas, fui me encontrando, e o contato com a Pedagogia me fez enxergá-la além de um simples curso, mas como uma forma de estudar e acompanhar o crescimento educacional de um indivíduo. Além disso, pude entender que, como docente, eu poderia contribuir com esse processo, e, para isso, dediquei-me, a cada dia, no intuito de adquirir experiência, maturidade e metodologias de ensino que pudessem colaborar para o processo de ensino e aprendizagem.

A universidade permite que o docente em formação observe e analise o ensino com um olhar mais crítico e menos superficial; um olhar diferenciado; que se importa com o crescimento educacional do aluno e não apenas com sua remuneração. A Pedagogia me fez seguir uma linha de ensino que visa trabalhar o processo de ensino e aprendizagem de forma horizontal, e não vertical; contudo, sempre respeitando os princípios éticos da sala de aula, na qual o professor tem autoridade, mas não é o único detentor do saber.

Ao ingressar no curso de Pedagogia, compreendi que é preciso valorizar a bagagem sócio-histórica de cada aluno, bem como sua história de vida e seus conhecimentos prévios, pois, desse modo, propicia-se uma aprendizagem mais significativa e não somente a aplicação de conteúdos que não condizem com a realidade discente.

Por ter vivenciado um ensino precário, sei e compreendo que meus futuros alunos precisam não apenas de informações selecionadas, mas também de atenção e carinho, e cabe a mim a tarefa de estar em constante formação e aprendizagem para sempre inovar e tornar as aulas mais interessantes e dinâmicas.

Assim, segui minha carreira profissional no Magistério, bem como especializei-me para que eu pudesse ser, realmente, um agente transformador do ensino e da sociedade, embora o tempo e as adversidades encontradas, e que se sabe existir no sistema brasileiro, sejam barreiras que retardam a melhoria do ensino, busquei sempre desenvolver meu trabalho com seriedade e dedicação, a fim de proporcionar um ensino com equidade e qualidade.

Importância do curso de pedagogia para minha formação e atuação docente

Ao ingressar em um curso de Ensino Superior, é normal que o discente possua apenas informações superficiais acerca das teorias que o embasam. Diante disso, busquei, no curso superior, adquirir não apenas teorias, mas substâncias para desenvolver um trabalho efetivo e que contribuísse para o melhoramento da educação. Não imaginava as diversas possibilidades que o curso poderia me oferecer, tampouco, que as colocaria em prática algum dia. Todavia, posso dizer com firmeza que o curso de Pedagogia trouxe, para minha vida, inúmeros benefícios e aprendizados significativos, que levarei por toda a minha carreira.

“Na concepção de Freire, teoria e prática são inseparáveis tornando-se, por meio de sua relação, práxis autênticas, que possibilita aos sujeitos reflexão sobre a ação” (FORTUNA, 2015, p. 65). Por meio dessa relação é que o trabalho ocorre de maneira organizada e embasada em fundamentos concretos e fundamentais para o bom ensino.

Ao longo do curso, entendi que o processo de ensino e aprendizagem é contínuo, e só pode ser aperfeiçoado com a união entre teoria e prática, para que, desse modo, seja possível evoluir e construir novas ideias e valores.

O curso de Pedagogia, com suas disciplinas, é voltado a formar professores críticos, pesquisadores, envolvidos com as mudanças educacionais, qualificados e comprometidos com seu público. É exatamente assim que me considero. Uma profissional apta, com as habilidades básicas para desenvolver métodos de aprendizagem diferenciados, motivadores e inovadores, que vão totalmente contra o modelo tradicional de ensino, com aulas sempre expositivas e apenas o professor como personagem principal.

Hoje, percebo a importância do curso de Pedagogia e sua influência na minha postura como pessoa e profissional. A Pedagogia é uma formação de base, necessária para todas as demais formações. Sinto que me tornei uma educadora em busca de melhorias para o meu campo de trabalho, com o intuito de proporcionar melhor condição de aprendizado para os meus alunos. Para Fontana (2000, p. 222):

E é na dinâmica dos acontecimentos reais, singulares no espaço e no tempo, que a personalidade torna-se uma personalidade “para si”, mediante o ato de ser mostrado aos outros como tal. Ou seja, somente em relação a outros indivíduos tornamo-nos capazes de perceber nossas características, de delinear nossas peculiaridades pessoais, de diferenciar nossos interesses das metas alheias e de formular julgamentos sobre nós próprios e sobre o nosso fazer (grifos no original).

Vê-se, desse modo, que nos tornamos professores à medida que interagimos com os outros e, por meio dessa relação, é possível reconhecer a si próprio, como também se pode refletir sobre si, sobre sua trajetória de vida e profissional, o que nos torna mais seguros nas tomadas de decisões e ações.

A jornada acadêmica me permitiu compreender que, como formador de opinião, o professor, como agente do processo educacional, não pode se limitar a apenas repassar informações, ou transmitir conhecimentos, mas precisa compreender seu papel social e auxiliar o educando a

tomar consciência de seu papel na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Conforme afirmam Santos e Ripardo (2015, p. 14), a formação continuada consiste em uma ampliação dos conhecimentos, que permite ao educador ter uma visão mais abrangente do seu campo de trabalho:

A formação continuada apresenta-se como fator relevante para uma atuação repleta de significação, possibilitando ao educador maior aprofundamento dos conhecimentos profissionais, adequando sua formação as exigências do ato de ensinar, levando-os a reestruturar e aprofundar conhecimentos adquiridos na formação inicial. O professor que participa de atividades de formação continuada pode refletir sobre suas práticas cotidianas na sala de aula. Além disso, o processo de formação contínua de professores lhes possibilita ter consciência das delimitações da ação pedagógica bem como a busca de autonomia. A formação continuada apresenta-se, então, como um processo inacabado próprio da formação de um profissional às exigências do exercício de sua profissão.

Desse modo, pode-se inferir que a formação continuada é fundamental e necessária ao docente para que tenha maior domínio dos saberes, das capacidades e habilidades, permitindo que compreenda o ambiente escolar como um espaço aberto ao diálogo, à reflexão e troca de experiências. Em especial, a formação continuada de professores da Educação Infantil, visto que esse nível educacional apresenta uma gama de especificidades que exigem do professor o aperfeiçoamento de suas práticas, a fim de manter um compromisso com a melhoria desse nível de ensino.

Sou uma professora atuante e trabalho na Educação Infantil, uma área que necessita constantemente de inovações, metodologias lúdicas e atraentes. Dessa forma, para ministrar minhas aulas, realizo muitas pesquisas, construo objetos divertidos e formulo uma maneira diferente para ensinar os conteúdos.

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), a Educação Infantil é um direito garantido à criança, e dever do município oferecer essa modalidade, que consiste na etapa inicial da Educação Básica.

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL. Lei n.º 12.796/2013, Art. 29).

Nesse sentido, entende-se que o papel da escola e do educador, na Educação Infantil é contribuir para a formação e organização da conduta moral da criança, orientando-a na construção de seus valores sociais e culturais, e participando diretamente, assim, da formação de sua personalidade.

Não há como negar que a tarefa é difícil e cansativa, pois, assim como qualquer ser humano, temos inúmeras obrigações, além da prática profissional. No entanto, minha satisfação e o que me motiva é perceber no semblante de cada aluno, o interesse, a alegria e o entusiasmo em querer participar, e, principalmente, a evolução no aprendizado que cada um demonstra. Conforme Marcelo (2009, p. 8):

Ser professor no século XXI pressupõe o assumir que o conhecimento e os alunos (as matérias-primas com que trabalham) se transformam a uma velocidade maior a que estávamos habituados e que, para se continuar a dar uma resposta adequada ao direito de aprender dos alunos, teremos de fazer um esforço redobrado para continuar a aprender.

No curso de Pedagogia, passei a compreender que o professor deve ser atuante, inovador e instigador, e não limitar-se apenas aos conteúdos dos livros didáticos. É necessário que busque inovar, para que, assim, possa incrementar, em suas práticas pedagógicas, metodologias que se

adéquem à realidade dos discentes, embora o sistema educacional brasileiro não incentive e muito menos remunere o profissional de Educação como deveria. Importa que o professor acredite no seu potencial e, com suas metodologias de ensino, contribua para o desenvolvimento da autonomia do aluno.

Em 2002, fui para a Secretaria Municipal de Educação como supervisora pedagógica, fato que incentivou ainda mais minha busca por uma formação mais específica. Pude desenvolver inúmeras habilidades e estratégias apreendidas em minha formação, e nunca coloquei um ponto final, sempre quis alçar novos voos.

Atualmente, o docente tem à disposição inúmeros recursos, que podem tornar uma aula mais atrativa e prazerosa. Esses recursos, quando bem utilizados, são capazes de instigar ainda mais o interesse do aluno em aprender. Por isso, a importância da utilização dos mais diversificados meios, na busca de transformar nossos alunos em sujeitos capazes e críticos, independentemente da ferramenta utilizada para ensinar. Ressalta Souza (2007, p. 113), que:

O professor deve ter formação e competência para utilizar os recursos didáticos que estão a seu alcance e muita criatividade, ou até mesmo construir juntamente com seus alunos, pois, ao manipular esses objetos a criança tem a possibilidade de assimilar melhor o conteúdo. Os recursos didáticos não devem ser utilizados de qualquer jeito, deve haver um planejamento por parte do professor, que deverá saber como utilizá-lo para alcançar o objetivo proposto por sua disciplina.

É inegável que os recursos didáticos auxiliam, de maneira produtiva, o nas práticas pedagógicas do docente, pois contribuem no aprofundamento e na ampliação dos conhecimentos. Entretanto, a escolha desses recursos depende da finalidade a que se destina, como também é preciso ter disponibilidade financeira para adquirir esses materiais e, principalmente, a aceitabilidade dos alunos, para assim obter resultados positivos.

A tarefa de um professor polivalente, pode-se dizer, é dobrada, árdua e delicada, pois, além de ensinar inúmeras disciplinas, também é o responsável pelo processo de alfabetização, leitura e escrita. Trata-se, desse modo, da etapa que prepara e conduz o indivíduo em seus primeiros passos na vida social. Entendo que as práticas pedagógicas devem ser cuidadosamente traçadas, no intuito de propiciar ao aluno um processo educacional mais fácil e efetivo.

E como técnica de uma secretaria, esse papel ainda se faz mais presente, pois, além de minha trajetória pessoal, estava definindo a trajetória de inúmeros professores. Participei de muitas mudanças na educação - ensino regular, ensino integral, programas, ciclos de aprendizagens, psicogênese, Programa de Alfabetização na Idade Certa (Paic), Mais Paic -, dentre outros que foram surgindo.

Aproveitando o ingresso na universidade, tive a oportunidade de conhecer teorias que embasaram minhas metodologias de ensino, porém, apenas na prática é possível confrontá-las, a fim de comprovar a eficácia e confiabilidade. Ao adentrar em uma sala de aula, encontrei inúmeras dificuldades, que foram desde a falta de conhecimento à indisciplina dos alunos. Todos esses fatores contribuem negativamente para o ensino, e cabe ao docente a tarefa de não falhar, mas prosseguir e encontrar meios e soluções para que o processo de ensino e aprendizagem não estagne e se acomode, com resultados medianos e sem perspectivas de avanços. E foi assim que fiz, sempre em busca de transformar as dificuldades em objetivos a serem alcançados.

Desse modo, o professor só progride e, mesmo em meio às dificuldades encontradas durante o magistério, o docente tende a identificar-se ainda mais com a profissão, visto que sua preocupação em busca de resultados só aumenta. O docente deve inovar, perseverar e refletir sobre suas práticas, não se limitando apenas às teorias adquiridas no período de formação inicial, mas autoavaliar-se constantemente, no intuito de aperfeiçoar seus procedimentos, suas evidências e seus saberes, a fim de construir sua identidade docente e obter satisfação profissional, pois sempre

conseguirá obter resultados satisfatórios, não somente no contexto da aprendizagem como também na construção e interação decorrentes.

Para tanto, entregar-se ao magistério requer do docente uma responsabilidade consigo mesmo, com a escola, o aluno e a sociedade, ou seja, uma árdua tarefa, mas, por meio desse processo, isto é, dessa interação, é que o docente pode encontrar-se profissionalmente e se apropriar da sua identidade para encaminhar as suas demandas. Segundo Pimenta (2002 *apud* PAIVA, 2012, p. 17):

A identidade do professor é epistemológica e profissional, constituindo-se a partir da formação inicial e continuada, das experiências pessoais e coletivas, de conhecimentos e saberes vivenciados em seu trabalho docente situado na escola enquanto uma instituição social e educativa.

Trata-se, portanto, de um fenômeno relacional, e desse modo, a maturidade adquirida por meio das experiências vividas no campo educacional contribui para a modulação da identidade profissional. Assim, a identidade docente resulta de uma variedade de papéis e experiências, executadas e vividas pelo professor ao longo de sua carreira profissional.

Cumprida essa caminhada, deixo registrada minha satisfação em estar no magistério. Não parei, entretanto, pois especializei-me em Psicopedagogia e em Coordenação e Gestão da Educação Básica, até por causa da função que exerci por muitos anos, na Secretaria Municipal de Educação de Beberibe, onde passei 16 dos meus 22 anos de carreira como supervisora pedagógica.

Da graduação às especializações

No ano de 2002, quando cursei a Psicopedagogia, tive uma experiência muito forte com o desenvolvimento da aprendizagem e suas dificuldades. Uma abordagem bem relevante para todo profissional da área de Educação. Em 2017, fiz a especialização em Gestão da Educação Básica, mais por necessidade, pois estava em um cargo que tinha como requisito ter esse conhecimento.

Oferecido pela Universidade Estadual do Ceará, no regime semipresencial, pude sentir o peso de uma educação meio a distância. Os encontros eram mensais e todas as atividades desenvolvidas por meio de uma plataforma virtual de aprendizagem chamada Moodle. Não tive muita dificuldade, pois já conhecia a plataforma a partir do curso de Pedagogia, onde eu era tutora presencial.

Verdadeiro encontro: eu e Deus

Acredito ser relevante contar que, no ano de 2007, tive uma experiência muito forte com Deus, ocasião em que eu e minha família nos convertimos ao cristianismo evangélico. A partir daí, muita coisa mudou na minha vida, e passei a viver de uma forma bem diferente de como vivia antes. Não tinha nenhuma dependência química, no entanto, havia muitas feridas na alma, que, com o passar do tempo, estão sendo tratadas e curadas, até os dias de hoje. As feridas na alma precisam ser identificadas, para serem tratadas e conseqüentemente curadas; quando isso não acontece, todas essas chagas se manifestam em nossa carne, causando doenças conhecidas como psicossomáticas, que precisam de tratamento mais específico.

Mas, com Deus, tudo é diferente, pois Ele cuida e trata. Com o passar do tempo, comecei a perceber que eu, verdadeiramente, era uma nova criatura, com um comportamento diferente, bem mais centrada em minhas escolhas. Nessa caminhada com Deus, passei a ter mais responsabilidade e compromisso com tudo o que eu fazia, com notório reconhecimento em minhas atitudes.

Dessa forma, ter um verdadeiro encontro com Deus serviu para a construção de uma vida pessoal, profissional e acadêmica cada vez melhor e bem mais produtiva.

Rumo ao mestrado

“Sonho que se sonha só, é somente sonho. Sonho que se sonha junto, é realidade”, esse foi um desejo que Deus colocou em meu coração, e do qual nunca desisti e quando o compartilhei com minha família,

todos passaram a desejar comigo. No ano de 2010, comecei a trilhar essa trajetória rumo ao mestrado e trabalhando no terceiro expediente com Educação a Distância (EaD), na Universidade Estadual do Ceará, pelo sistema da Universidade Aberta do Brasil. Dizem que companhia não diz muito sobre quem somos, mas influencia bastante.

Como tutora presencial, participava de um grupo seletivo, aqui em meu município, onde só era tutor aquele que se destaca como profissional. Como parte desse grupo, senti a necessidade de buscar uma meta acadêmica mais elevada, pois nossa coordenadora nos incentivava muito e também nos cobrava uma ascensão em nossa carreira.

Passei a participar de seleções de mestrados, sempre voltados para área de educação - na Universidade Estadual do Ceará (Uece), Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade Luso-africana do Brasil (Unilab), sem lograr êxito. Foi quando surgiu a oportunidade de cursar um mestrado particular. No início, tínhamos todas as garantias de reconhecimento e validação. Planos frustrados, entretanto. Cursei por 30 meses; fiz todas as disciplinas, o pré-projeto, projeto; qualifiquei e defendi minha dissertação; com muita responsabilidade e muito orgulho, passei por todas essas etapas.

Quando soubemos que estávamos em um barco furado, e que não havia a possibilidade de reconhecimento legal do nosso curso, foi como um banho de água gelada sobre nossas cabeças. Dias exaustivos, noites em claro, vida social restrita. Mas também sou grata a Deus por esse período, pois foi quando mais publiquei e participei de eventos acadêmicos, para assim formar o currículo que tenho hoje.

Mantenho ainda hoje o desejo de publicar cada vez mais. Minha busca pelo mestrado não parou. Essa pausa só me fez enxergar o que eu realmente queria - entrar em um mestrado. No ano de 2019, conheci o Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), e o vi como uma oportunidade de seguir o tão sonhado mestrado. Entretanto, já tinha passado o processo de seleção daquele ano, assim, fiquei atenta ao ano de 2020, quando seria aberto outro processo

seletivo. Fiz minha inscrição e, muito empolgada, comecei a estudar, comprei o curso preparatório Bora Aprender, e fiz uma rotina de estudos. No entanto, com a pandemia tive que adiar meu sonho. Dia 12 de cada mês, a coordenação do mestrado enviava *e-mail* nos deixando a par da situação, e a ansiedade só aumentava.

No início do ano em curso, recebemos a notícia de que o processo de seleção havia mudado em decorrência do novo quadro em que nos encontrávamos – uma pandemia causada pelo covid-19 se instaurou e agravou ainda mais o distanciamento social. Foram e estão sendo momentos difíceis, com os quais nos deparamos em casa com a família. Sem saber lidar com tudo isso, tivemos que reconhecer uma rotina familiar que há muito tempo deixamos para trás. Toda mudança requer esforço e, juntos, conseguimos reverter esse quadro, apesar das dores, perdas, também há muito amor envolvido, e basta estarmos juntos.

Por causa de toda essa situação, não haveria mais o Exame Nacional de Acesso (ENA), mas uma análise de nossas produções profissionais e acadêmicas, começou a busca por todas as comprovações. Foi um dia de cada vez e a ansiedade aumentava mais e mais, lembrando-me, à noite, do resultado de cada etapa da seleção, eu simplesmente não dormia, mas mantinha muita fé de que eu conseguiria entrar. Lembro-me muito bem, quando eu orava a Deus e dizia assim: Senhor, só quero ficar entre os 12. Tinha optado pela ampla concorrência e causava ainda mais pânico estar disputando com cerca de 400 pessoas por vaga.

Mas Deus é tremendo, em sua infinita misericórdia, e me colocou na segunda cadeira, me deixando impactada com seu poder. No entanto, você pode estar pensando: Mas se não fosse por sua carreira, você não conseguiria. Entretanto, afirmo que, sem Ele, não teria estrutura para levantar-me todos os dias para ir ao trabalho, estudar, escrever, dentre outras atividades. Enfim, consegui entrar no tão sonhado mestrado e, diga-se de passagem, um dos melhores mestrados, o ProfEPT. Agora, é arregaçar as mangas e fazer valer todo o esforço para alcançar a meta.

Cheguei no mestrado, e aí?

Como anteriormente revelado, estou com sede de aprender e apreender. Necessito ainda organizar bem as ideias; estabelecer uma rotina para fazer valer a pena todo o esforço investido nessa etapa; sinto-me plena, mas cheia de indagações; percorrendo um caminho novo, porém muito desejado.

Venho declarar meu interesse em pesquisar como se ensina o conteúdo técnico nas escolas de Educação Profissional, ressaltando que preciso desbravar esse caminho, pois não tenho muita clareza, nesse âmbito. Tenho duas filhas, uma já passou pela escola profissional e a outra está cursando. Percebo, assim, a necessidade de conhecer esse processo de ensino, devido às muitas queixas já ouvidas.

Os professores que ministram as aulas técnicas, na verdade, não são docentes, mas têm um perfil acadêmico, com conhecimento em áreas específicas, e não em áreas de ensino; assim, estão inseridos nos cursos profissionalizantes para ministrar aulas em suas áreas de conhecimento. Nesse cenário, percebi a dificuldade de interação e construção desses conhecimentos, no que se diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem desses discentes. Na maioria das vezes, falta-lhes habilidades, nessa zona, revelando uma aplicabilidade de prática de ensino inexistente.

Em minha experiência como formadora docente, acredito ter um conhecimento mais lapidado em didática pedagógica. Estive na Secretaria de Educação do meu município desempenhando essa função por 16 anos, conhecendo de perto de que meios o docente necessita para viabilizar de forma mais concreta e coerente esse aprendizado.

Diante da problemática apresentada, busco experienciar vivências nas aulas técnicas da referida Escola de Educação Profissional, como meio de observar a postura dos docentes das áreas técnicas em sua prática de ensino, bem como analisar os aspectos que interferem nessa interação de conhecimentos, como sua subjetividade e habilidade didático-pedagógica.

Projetando a temática: A Prática Docente no Ensino Técnico Integrado em Tempo Integral: Análises e Reflexões em uma Escola Estadual

Profissionalizante, penso, como resultado da pesquisa, em um Plano de Formação Docente como produto educacional. Entretanto, ainda não tenho definido o formato dessa formação, que poderá ser: *Web séries* (episódios em vídeos aulas); Podcasts (um programa com episódios); Formação presencial (oficinas teóricas/práticas); *E-book* (teoria comentada com a prática e atividades); dentre outros enfoques. Para a definição do formato, devo analisar os sujeitos envolvidos na pesquisa, para que a proposta seja criativa e tenha alcance e significado plausíveis para o público.

Pretendo, com a pesquisa, contribuir com um estudo específico e material que possa preencher algumas lacunas das áreas técnicas, quando nos reportamos a prática de ensino, também disponibilizando esse material para públicos afins. Finalizo uma parte de minha jornada não com ponto final mas reticências, pois sei do marco referencial que o mestrado vai firmar em minha vida pessoal, acadêmica e profissional ...

Referências

BATISTA, Paula; QUEIRÓS, Paula. O estágio profissional enquanto espaço de formação profissional. In: BATISTA, Paula; QUEIRÓS, Paula *et al.* *Olhares sobre o Estágio Profissional em Educação Física*. Porto: Fadeup, 2013. p. 33-52.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, art. 29, I. Institui a Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Governo Federal, Brasília, 20 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112796.htm. Acesso em; 12 maio 2021.

FONTANA, Roseli. A constituição social da subjetividade: Notas sobre Central do Brasil. *Educação & Sociedade*, ano XXI, n. 71, jul. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a10v2171.pdf>. Acesso em: 24 abril 2021.

FORTUNA, Volnei. A relação teoria e prática na educação em Freire. *Rebes - Rev. Brasileira de Ensino Superior*, 1(2): 64-72, out./dez. 2015. Disponível em: https://docgo.net/philosophy-of-money.html?utm_source=1056-4663-1-pb-pdf. Acesso em: 6 abr. 2021.

MARCELO, C. Desenvolvimento profissional docente: Passado e futuro. *Ciências da Educação*, n. 8, jan./abr. 2009, p. 8. Disponível em:

https://docs.google.com/viewerng/viewer?url=idus.us.es/xmlui/bitstream/handle/11441/29247/Desenvolvimento_profissional_docente.pdf?sequence%3D1&isAllowed=y. Acesso em: 24 abr. 2021.

PAIVA, C. M. F. A identidade docente na educação profissional: Como se forma o professor. XVI ENDIPE - ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO. UNICAMP. Campinas, 2012. *Anais* [...]. Disponível em: http://www.infoteca.inf.br/endipec/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acervo/docs/2752c.pdf. Acesso em: 10 abr. 2021.

PIMENTA, S. G. (org.). Saberes pedagógicos e atividade docente. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 15-34. *In*: PAIVA, Cantaluce Mércia Ferreira. A identidade docente na educação profissional: Como se forma o professor. XVI ENDIPE - ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO – UNICAMP. Campinas, 2012. p. 17. *Anais* [...]. Disponível em: http://www.infoteca.inf.br/endipec/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acervo/docs/2752c.pdf. Acesso em: 22 abr. 2021.

SANTOS, Edméa; WEBER, Aline. Educação e cibercultura: Aprendizagem ubíqua no currículo da disciplina didática. *Revista Diálogo Educacional*, [s.l.], v.13, n. 334, p. 285-303, 2013. Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC/PR. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/8042>>. Acesso em: 18 abr. 2021.

SANTOS, Heber Kennady Martins dos; RIPARDO, Ronaldo Barros. PCN de matemática e a formação docente: Um estudo sobre as percepções dos professores do ensino fundamental. I JEM, Marabá, Brasil, 2015. p. 14. *Anais* [...]. Disponível em: <https://jem.unifesspa.edu.br/images/Anais/v1_2015/CC_20151064002_PCN_de_Matemtica_e_a_Formao_Docente_um_estudo_sobre_as_Percepes.pdf>. Acesso em: 24 maio 2021.

SOUZA, S. E. O uso de recursos didáticos no ensino escolar. *In*: I ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, IV JORNADA DE PRÁTICA DE ENSINO, XIII SEMANA DE PEDAGOGIA DA UEM: INFÂNCIA E PRÁTICAS EDUCATIVAS. *ARQ MUDI*. Maringá, 2007. p. 113. Disponível em: <http://docplayer.com.br/19808883-O-uso-de-recursos-didaticos-no-ensino-escolar.html>. Acesso em: 18 abr. 2021.

Confesso que vivi: minhas memórias

Anaxágoras Maia Girão

- Lucileide, coloque os sapatos no Anaxágoras, ele não pode brincar na areia assim! Pode pegar micróbios!

- Mas toda criança brinca na areia, Josias. Vocês tratam o Anaxágoras como um príncipe. Não amofinar o menino!

Minha formação humana

Minha história começa em 1966, com pais recém-casados, vindos do interior (São José do Lagamar, distrito de Jaguaruana), orgulhosos do primeiro filho e tratando-o como se fosse de porcelana. Assim costuma contar a tia Lucileide, irmã da mamãe, que foi minha babá nos primeiros anos.

Mas o destino estava prestes a começar a moldar a mim e a minha família no que somos hoje. Assim, com 1 ano e 8 meses, aconteceu o fato mais importante da minha vida: Fui acometido com poliomielite (paralisia infantil), num surto que aconteceu em Fortaleza, causando um cenário de pavor, que lembra um pouco o que vivemos hoje com a pandemia de covid-19. A vacina já existia, mas era muito recente e as pessoas falavam de efeitos colaterais e os pais tinham receio de dá-la a seus filhos. Tive azar de contrair, mas tive a sorte de sobreviver com sequelas leves, apenas nos membros inferiores. Boa parte das crianças morreu, ou ficou em estado semivegetativo, com paralisia cerebral.

Nem preciso dizer que o mundo de sonhos dos meus pais desmoronou completamente. Quase enlouqueceram. Mas tiraram forças para seguir em frente e começar uma vida dedicada a me fazer uma criança "normal". Esses primeiros anos de reabilitação, devem ter sido terríveis, para eles e para mim. Rotina de hospitais, infundáveis sessões de fisioterapia, e adaptação aos aparelhos e muletas. É estranho, mas não me lembro de

nada, desse período. Minha mãe conta que eu tinha que dormir com os aparelhos para estirar as pernas e que eu chorava a noite inteira. Isso cortava o coração deles.

Hoje tenho um filho e sei como eles sofreram e foram fortes. Até a adolescência, fiz cinco cirurgias corretivas nas pernas e, numa delas, tive um choque anafilático e quase morri. Em outra, fui vítima de um erro médico que me marcou para o resto da vida. Adquiri uma escoliose, que prejudicou muito a minha mobilidade. A última cirurgia coincidiu com a vinda do papa João Paulo II a Fortaleza. Ele passou na rua em frente ao hospital, mas não pude vê-lo, por causa do gesso.

Minhas primeiras lembranças de criança foram quando nos mudamos para a vila e fiquei brincando até tarde da noite com meus novos amigos. Com as muletas, eu "corria" mais do que eles, e dava pulos incríveis, como se fosse salto com vara. Achava o máximo. Posso afirmar, com certeza, que esse período de infância na vila foi decisivo para formar o caráter do Anaxágoras humano e do Anaxágoras pesquisador. O gosto pelas Ciências Exatas; pelo espaço, pela música e natureza, são dessa época. E meu grande mentor foi meu pai. Nunca fui um aluno muito estudioso das matérias curriculares. Preferia devorar os livros das enciclopédias da minha casa. Estudando assuntos que me interessavam, mas totalmente desconexos das matérias da escola.

Ainda morando na vila, conheci meu inspirador profissional. Pedro era um eletricitista negro, que morava na favela que fazia fronteira com a minha casa. Eu passava horas sentado na janela dele, vendo-o consertar e criar circuitos elétricos. Ele me explicava tudo. Aquilo era muito legal. Foi aí que o espírito de engenheiro e inventor foi atizado em mim. Um fato que muito me marcou, foi o projeto de um barco a pilha em tamanho miniatura, que iríamos fazer navegar no quebra-mar da Praia de Iracema. Foi a maior aventura da minha vida, até então. Fomos para a praia a pé. Eu na cacunda do Pedro, com outros cinco amigos da vila. O fracasso do projeto foi suplantado em muito pela aventura de testá-lo. Foi por volta de 1976.

Claramente, em minha trajetória de vida, a deficiência adquirida na infância, caminha como coadjuvante. Embora desempenhasse um papel importante na tomada de decisões, tolhendo-me em coisas que não eram compatíveis com os meus limites físicos, nunca me furtou dos prazeres de menino e adolescente, mesmo que adaptados às minhas condições. Assim, jogava bola com os amigos; competia na natação do clube; fui treinador do time da escola; andava de jumento no interior.

Lembro-me de um episódio, durante o Jardim da Infância, na Escola Alba Frota, mais conhecida como Parque das Crianças. Eu acabara de entrar no Jardim 2 e, durante o recreio, um aluno, com seus amigos, me cercou. Ele queria me derrubar, puxando as muletas. Aproveitei que ele estava agachado atrás de mim e dei-lhe uma muletada bem na testa. Deste dia em diante, ninguém mais tirou brincadeira comigo. Virei líder das salas do lado de cá, contra as salas do lado de lá. O parque era um círculo de salas, com um lago artificial no meio. Era uma brincadeira de conquista do castelo de pedra, que ficava na divisa entre o lado de cá e o lado de lá. A brincadeira durava o recreio inteiro e, ao final, quem tivesse de posse do castelo, começava com ele no dia seguinte.

Não era exatamente um santo, na escola. Lembro-me de uma vez em que a diretora chegou na sala de aula e, aterrorizada diante da bagunça, disse: “Eu já vi de tudo, nesta escola, mas alguém pode me explicar como é que essas cadeiras foram parar no ventilador de teto?”. - Foi assim professora -, respondi. Então, enganchei uma das cadeiras na minha muleta e a arremessei em direção ao ventilador.

O espírito de líder sempre me acompanhou. Muito pela empatia e o carisma. Quando cursava a sexta série, no Colégio Rui Barbosa, fui eleito líder da turma. E como líder e representante de classe, tive contato com uma metodologia de ensino que me marcou muito. O sistema havia sido trazido de uma escola de São Paulo e se baseava em conceitos qualitativos e não somente em notas. Na verdade, o sistema era híbrido, pois chegava ao conceito qualitativo, a partir de provas convencionais. Se o aluno não atingisse o objetivo da aprendizagem, seu conceito era NO (Não Observável).

Significava que o aluno não havia chamado a atenção do professor. Os conceitos intermediários eram B (Bom) e MB (Muito Bom) e fechava com dois conceitos puramente qualitativos: QA (Quase Autônomo) e A (Autônomo). Esses dois eram atribuídos aos alunos que se destacavam, mostrando um bom grau de autonomia no aprendizado. Achei aquilo o máximo. Identifiquei-me muito com esse sistema e levei comigo por toda a vida. Depois, descobri que o nome disso é construtivismo.

Vida acadêmica e profissional

Considero que a minha vida profissional e a acadêmica começa de fato três meses antes da conclusão da 8ª série ginásial no Colégio Rui Barbosa. Durante um recreio, percebi um zum zum zum diferente, entre os meus colegas de turma, e fui saber do que se tratava. Eles falavam de uma tal de Escola Técnica com uma admiração e intimidade tão grande, que fiquei constrangido e inibido em demonstrar a minha completa ignorância. Parecia que eu era o único que estava por fora. Mesmo sem saber direito do que se tratava, resolvi me inscrever e ir na onda, afinal, era a "Escola Técnica" (*risos*). Três meses depois, lá estava eu, me matriculando no curso de Telecomunicações, da Escola Técnica. Era o mais concorrido de todos e eu nem sabia. Escolhi o curso porque achei muito legal ver um osciloscópio funcionando no laboratório. Parecia coisa de filme.

A entrada na Escola Técnica foi meio por acaso, mas o propósito de ser um pesquisador, não. Desde criança, nutria a vontade de ser um cientista, um inventor ou um engenheiro. E a Escola Técnica representava a porta de entrada para esse mundo. O meu curso técnico foi meio morno. Mesmo gostando do curso e da área, faltava algo mais. Só ir passando nas disciplinas não parecia o suficiente para ser um profissional diferenciado. Isso ficou claro, ao final do curso. Mal sabia o que era um transistor e não era capaz de montar um circuito eletrônico sozinho.

Embora tivesse um bom histórico acadêmico, sabia que não tinha conhecimento técnico suficiente para ser um bom engenheiro. Cheguei a passar num concurso técnico para a Vale do Rio Doce (sonho de

consumo, na época), mas o acaso e o preconceito iriam mudar radicalmente a minha vida profissional. Não fui levado sob a alegação de que o trabalho era de campo e uma pessoa com deficiência física não poderia desempenhar essa tarefa. Depois soube que boa parte dos meus amigos foram lotados no laboratório e nunca foram a campo. Uma atitude covarde, numa época em que os direitos humanos ainda engatinhavam no Brasil.

Agora restavam duas alternativas: procurar um emprego como técnico, ou seguir na carreira acadêmica, rumo à Universidade. Escolhi seguir em frente, na carreira acadêmica. Mas, antes, tomei uma decisão que aparentemente representava um retrocesso. Resolvi complementar meus estudos na Escola Técnica, reingressando num curso recém-criado, chamado de Informática Industrial. Era uma área nova, que ensinava como construir um computador e com ele resolver problemas de automação. O curso contava com professores recém-formados e com a cabeça aberta para o futuro. Vale lembrar que, na época, computador soava mais como ficção científica. Foi o divisor de águas, na minha vida profissional. Ali me tornei um verdadeiro projetista, pesquisador e empreendedor. A melhor decisão profissional que tomei na vida. Outra decisão importante pra mim, foi tornar-me professor.

Durante o curso de Engenharia Elétrica, na Universidade Federal do Ceará (UFC), soube que ia ser professor no primeiro seminário que dei como bolsista de pesquisa da UFC, num encontro de físicos do Norte/Nordeste, em Maceió. Foi então que percebi que todo o nervosismo e a ansiedade que carregava comigo, em contatos sociais, desapareciam por completo quando começava a falar para outras pessoas em um ambiente de sala de aula. A bagagem trazida da Escola Técnica foi fundamental, para a minha formação de pesquisador dentro da Universidade. Logo nos primeiros semestres, comecei a trabalhar como bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), no Laboratório de Instrumentação Eletrônica (LIE) do Departamento de Física. Fui levado pelos meus professores do curso de

Informática Industrial. Quando terminei a graduação, em 1992, fui convidado para dar aulas, como professor substituto, pelo Departamento de Engenharia Elétrica; o Departamento de Física; e a Escola Técnica. Foi um período muito intenso, pois o tempo era bem escasso. Isso porque, além das aulas, eu já me dedicava aos meus primeiros projetos de pesquisa.

Quero, neste ponto da minha narrativa, fazer uma homenagem ao meu pai. Dono de um caráter único, tinha como princípios básicos a honestidade, bondade e o amor à ciência. Não queria que os filhos fossem ricos, mas, sim, que estudassem e fossem dignos. E investiu tudo no propósito de educar os filhos. Já aposentado da Rede Ferroviária Federal S. A. (RFFSA), passou quase todo o curso de engenharia me levando e trazendo de carro, para as aulas na UFC. Todos os professores e alunos o conheciam e na Aula da Saudade, foi ovacionado e homenageado com o nome da turma: Turma Josias Monteiro Girão. Meu maior tesouro foi ter herdado dele as mesmas virtudes.

Voltemos à minha trajetória profissional. O contrato de professor substituto tinha vigência máxima de 2 anos, e outra decisão importante se aproximava: seguir a profissão de engenheiro, trabalhando numa empresa ou continuar na carreira acadêmica. Ser professor era meu desejo, mas tudo dependia das oportunidades que se apresentassem. E elas vieram dos dois lados. Em 1994, passei, quase simultaneamente, no concurso para engenheiro da Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (Funceme), e no concurso de professor da Escola Técnica. Na minha cabeça, a decisão já estava tomada, mas não foi fácil, porque a proposta salarial da Funceme era bem melhor, além do órgão ser a menina dos olhos do governador à época: Ciro Gomes. Vale lembrar que o achatamento salarial dos professores federais havia chegado ao nível máximo, no governo Collor. Entrei na Escola Técnica ganhando cerca de 3,5 salários mínimos, enquanto o piso de engenheiro era de 9 salários mínimos.

Nunca fui obcecado por objetivos específicos. Sempre deixei que o vento me levasse. Mas, como todo bom velejador, dava um jeito de chegar aonde queria. Assim, aproveitava as chances que se apresentavam para

fazer escolhas que me conduzissem para mais próximo dos meus objetivos de vida.

Agora, as condições para iniciar meus projetos eram ideais. Tinha estabilidade como funcionário público federal; era professor e tinha ampla estrutura de pesquisa à minha disposição.

Não perdi o contato com a Universidade, e, em 1995, entrei no mestrado de Engenharia Elétrica. Esse foi o meu primeiro grande projeto. Era uma parceria entre a UFC e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), para a construção do Saci, o primeiro microssatélite brasileiro. A UFC ficou incumbida de construir o computador de bordo do satélite (*hardware* e *software*) e fiquei com a missão de fazer uma parte do sistema operacional do satélite. Minha proposta de mestrado previa uma arquitetura de *software* capaz de gerenciar a instalação de aplicações enviadas da terra. Isso envolvia derrubar uma aplicação antiga e substituir por outra, em tempo de execução. O processador usado, o Transputer da Inmos, era uma nova proposta britânica de arquitetura de *hardware* e *software*, baseada em *array* de processadores, trabalhando com processos em paralelo.

Tive que aprender a sua linguagem, o OCCAM, e reaprender a programar, já que pensar em paralelo era uma novidade. Fiquei bastante orgulhoso em saber que um pedaço de código, projetado e codificado por mim, estava no espaço. Isso foi o mais próximo que consegui de alcançar o meu sonho de criança de ser um astronauta. É verdade que o Saci acabou virando lixo espacial, por causa de uma falha no fusível inteligente do sistema. Após o "fracasso", brincávamos no laboratório dizendo: "Cara! Bem que eu te falei que aquela linha de código tava errada!"

Brincadeiras à parte, ficou claro para mim, nas viagens técnicas que fiz ao Inpe, que algo não ia bem. Havia uma disputa interna entre dois grupos de pesquisadores. Um grupo empenhava-se para que toda a tecnologia fosse brasileira e o outro queria que importássemos a tecnologia da França. Sem um consenso e propósito único, as coisas tendem a não dar certo. Alguma coisa, nessa história antiga, me remete aos dias de hoje!

As pessoas continuam colocando seus interesses pessoais à frente dos interesses do País.

Não consegui concluir a dissertação por causa de uma escolha profissional. No decorrer do mestrado, recebi um convite para desenvolver o sistema de fotomulta da empresa Fotosensores. Era um desafio fascinante e eu aceitei de pronto, para trabalhar com outra novidade de *hardware* da época: os microcontroladores. A pegada, agora, era bem diferente. Tínhamos prazos curtíssimos de entrega. Lembro-me que dávamos aula até às 22h e ficávamos trabalhando no projeto até a madrugada. Isso por uns quatro meses seguidos. Embora cansativo, era muito divertido. Estava trabalhando no que mais gostava. Isso era muito legal. Quando me desliguei da empresa Fotosensores, por volta de 1998, o sistema de fotomulta já estava implantado em 19 cidades espalhadas pelo Brasil.

É dessa época a formação de uma das duplas mais conhecidas em desenvolvimento de Sistemas Embarcados do Ceará. O professor João Batista e eu temos trajetórias gêmeas. Cursamos o Jardim da Infância na mesma escola. Fomos da mesma turma de Telecomunicações na Escola Técnica. Fomos contemporâneos na Engenharia Elétrica e fizemos o mestrado juntos. Ele no *hardware* e eu no *software*. Essa parceria dura até hoje. Muito mais do que a maioria dos casamentos.

Entre os anos de 1995 e 2000, fizemos algumas investidas em produtos tecnológicos independentes, que acreditávamos serem bons de mercado. Posso citar como exemplos o Sistema de Controle de Acesso Keylock; painéis eletrônicos de mensagens; o placar eletrônico para ginásios poliesportivos; e tranca eletrônica para cabines de autoatendimento. Para isso, criamos uma empresa chamada Sistemas de Automação e Controle Industrial (Saci). Antes que vocês associem os nomes, foi, sim, uma alusão à nossa participação no projeto Saci. Não ficamos ricos com nenhum desses produtos, mas eles trouxeram uma grande bagagem de desenvolvimento e empreendedorismo. A premissa, em todos os projetos, era a inovação. Fazer a mesma coisa, de forma diferente. Para melhor

contextualizar, cito dois exemplos: o controle de acesso e os painéis de mensagens.

Quando decidimos fazer um controle de acesso, queríamos usar o que de melhor tínhamos, na época, como chave de segurança: o cartão magnético. Mas não queríamos que os usuários ficassem sem acesso ao ambiente, por esquecer o cartão de identificação, ou que fossem obrigados a comprar o cartão de acesso. Então, quebramos o protocolo de leitura dos cartões magnéticos e, no nosso sistema, podíamos cadastrar, como chave, qualquer cartão que a pessoa levasse consigo. Foi um diferencial na venda do produto. Todos os outros sistemas usavam cartões proprietários.

Quanto aos painéis de mensagens, preciso contar primeiro a história de como nos metemos nesse mercado. Numa noite de boemia na beira-mar, estávamos jogando conversa fora num barzinho, quando avistei um totem com informações de data, hora, temperatura e que também passava mensagens. Achei aquilo lindo. Uma grande sacada. Também fiquei indignado por não ter tido a ideia.

Fomos atrás do dono dos painéis, um empresário chamado Carlos da Guarda, que tinha ganhado a concessão para explorar o serviço em Fortaleza. Ele havia comprado os painéis de uma empresa de tecnologia do Rio Grande do Sul. Dissemos a ele que faríamos o mesmo painel com tecnologia local e a um preço mais acessível. A princípio, ele duvidou. A tecnologia era nova e ele rodara um bocado para encontrar um fabricante.

O professor João Batista e eu investimos todas as nossas economias na compra de *leds*. Em 3 meses, tínhamos terminado o painel. Carlos da Guarda comprou 20 deles. Mas um erro de projeto levou embora todo o lucro do negócio. Compramos um *led* mais barato e que não tinha brilho para uso externo (*outdoor*). Tivemos que comprar todos os *leds* novamente, para honrar o compromisso. Não fiquei satisfeito em só fazer um painel de mensagens. Queria que fosse dinâmico e que as pessoas pudessem enviar mensagens sem ter que subir numa escada com um teclado de computador. O segredo era usar rádio e construir uma rede de dados baseada em endereços lógicos. Pesquisei tudo o que havia no mercado e

cheguei ao rádio Pager. O Pager é um sistema de mensageria composto por antenas de transmissão e dispositivos receptores com *display* LCD.

A ideia era genial, mas se tornou obsoleta, com a chegada da tecnologia celular. Se, para as pessoas, perdeu a serventia, para os painéis caía como uma luva. O fato de enviar mensagens para os painéis em qualquer lugar da cidade era uma ideia bem à frente de seu tempo. Vale lembrar que estamos falando de uma época em que a internet estava muito distante do nosso cotidiano. Mas havia uma barreira econômica importante para viabilizar o produto. Não podíamos colocar um Pager em cada painel devido ao seu custo e mensalidade. Era preciso quebrar o protocolo usado pelos Pagers: o protocolo POCSAG. Passei a me dedicar a isso e depois de 2 meses de trabalho duro, os painéis podiam ser atualizados remotamente.

Eu havia me tornado um verdadeiro *hacker*. Não era a primeira vez, pois antes já havia quebrado o protocolo dos cartões magnéticos. Aliás, por muito pouco não entrei numa roubada, por causa disso. Uma vez, dois caras marcaram um almoço comigo e me ofereceram uma grana muito alta para criar um equipamento que fosse capaz de ler um cartão magnético e transmitir para outro dispositivo. Achei bem estranho e disse que não ia fazer, por causa de outros compromissos. Uns 8 meses depois, uma reportagem na TV mostrou uma quadrilha de clonagem de cartões que foi desbaratada. Reconheci um dos caras do almoço. Felizmente, eu não estava lá. Já pensou?

Voltando aos Pagers, a ideia de transmitir telecomandos e telemensagens para uma rede de dispositivos espalhados pela cidade levou ao desenvolvimento de três sistemas, em parceria com o Grupo Secret. Dessa parceria, surgiu uma sociedade e criamos a Secret Automação e Controles Inteligentes (Saci). Aproveitamos o mesmo nome fantasia. Mais uma vez, um grande desafio, com um dos maiores grupos de tecnologia do Ceará. Com a Secret desenvolvemos o Core-IP, o Core-LDA e os Painéis UQV. Todos baseados na tecnologia Pager. Mas uma fatalidade mudou essa história. Um

dos sócios, meu amigo Jorge Queiroz, principal responsável pela parceria, morreu prematuramente, vítima de ataque cardíaco fulminante.

Depois da Secrel, por volta de 2006, resolvemos apostar na criação de uma empresa para atuar numa área nova e que estava em expansão meteórica: o rastreamento veicular. A FindNet era composta basicamente por professores do Cefet (hoje IFCE). Mais uma vez, quando o negócio estava crescendo muito, um dos sócios, o Prof. Valdson Alencar, descobre um tumor no cérebro, que o mata em dois anos. Tragédias à parte, passamos a brincar que, se alguém quisesse morrer, bastava fazer uma empresa com os professores João Batista e Anaxágoras.

Antes de me voltar para a pesquisa em tecnologias assistivas, dentro do Laboratório de Pesquisa Aplicada e Desenvolvimento em Automação (Lapada), ainda fiz uma última tentativa de montar empresa, a Vent7. O produto resultava de uma ideia que eu sempre dava para os alunos, durante minhas aulas de microcontroladores: controlar um ventilador ou lâmpada usando qualquer tecla de qualquer controle remoto. Uma ideia simples, mas bastante eficaz. Com o produto pronto, meu sócio, o ex-aluno Rômulo Férrer, inscreveu o Control Lamp em um programa de *reality show* chamado Shark Tank. Fomos a São Paulo para as gravações do programa. Ele escondeu de mim, até o último momento, o formato do programa. Sabia que, se me contasse, eu não participaria. De repente, lá estava eu fazendo negociação com quatro dos maiores empresários do Brasil. Ganhar o Shark Tank, significa fechar negócio com um dos tubarões. E nós conseguimos. Foi com o dono da Polishop, João Appolinário.

Na verdade, o programa faz um contrato de intenção com validade de 6 meses. Durante esse tempo, as duas partes entram em negociação, podendo declinar. Foi o que aconteceu. Os dois lados acabaram declinando. A Polishop considerou que o produto, apesar de muito inovador, não se encaixava no seu portfólio, já que exigia instalação. Quanto a nós, começamos a perceber que eles estavam nos cozinhando e que não valia a pena esperar. Usamos o prestígio de ter ido ao Shark Tank e começamos a vender o produto pela internet. Não foi um estouro de vendas, mas

estamos hoje numa das redes mais conhecidas do mercado de *home center*: a Leroy Merlin.

Atualmente, sou coordenador do Lapada e diretor-presidente do Instituto Iracema de Pesquisa e Inovação, que criamos em 2012, como forma de captar projetos de pesquisa. Os dois se complementam na execução dos nossos projetos de pesquisa e é meu objetivo focar neles em busca de excelência na área da Lei de Informática e Associação Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (Embrapii).

Tecnologias assistivas e mestrado

Em 2007, entrei em nova fase da minha pesquisa. Cansado de tentar atirar para todos os lados, resolvi voltar às minhas origens. Criamos o Lapada. A ideia era investir em Tecnologias Assistivas; desejo antigo do Prof. João Batista e meu, mas que os atropelos e correrias dos desenvolvimentos sempre adiaram.

A oportunidade apareceu quando o diretor do IFCE, o Prof. Cláudio Ricardo, nos chamou em seu gabinete e disse que o então ministro da Educação, Fernando Haddad, nos faria uma visita. Era uma chance de tentar conseguir um financiamento direto para o nosso primeiro produto voltado a pessoas cegas: o Portáctil. Era uma caneta que traduzia, em tempo real, textos escritos para o sistema braille. Na ponta da caneta, uma microcâmera capturava a imagem do texto, que era então processada e enviada para uma cela braille eletrônica posicionada na outra extremidade da caneta. Só havia um problema: o produto ainda era conceitual.

Decidimos investir tudo numa estratégia diferente. Contratamos uma empresa de mídia para produzir um vídeo promocional do Portáctil. Lembro-me como se fosse hoje da expressão de admiração e surpresa do ministro, assistindo ao vídeo. Ao final, ele disse: “Vocês conseguem fazer isso?”. Quinze dias depois, estava em Brasília assinando um Plano de Trabalho para a construção do Portáctil, no valor de R\$ 1 milhão. Durante o desenvolvimento, a caneta braille transformou-se em um *mouse* braille para leitura de textos em Smartphones e *tablets*. Levamos dois anos para

terminar a primeira versão do Portáctil. Constituí uma empresa *start-up* chamada EAD Tecnologia, para cuidar do negócio. Um ex-aluno do IFCE e eu fechamos uma venda de 132 *kits* do Portáctil para as salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE) de Fortaleza.

Durante o treinamento para uso do Portáctil, dado para os professores de AEE da prefeitura de Fortaleza, conheci a minha esposa. Ela era professora e não tive nenhuma dúvida de que era com ela que casaria e constituiria família. Casamo-nos em 2015 e no ano seguinte nasceu Heitor.

O Lapada/IFCE levou o Portáctil a diversas feiras e eventos de tecnologia assistiva. O produto era destaque em todas. No entanto, começamos a observar certa rejeição do público-alvo. Alguns cegos reclamavam que era muito difícil ler braille no equipamento. Em princípio, pensamos que a nova proposta de apresentação do texto em braille, semelhante a um painel de mensagens, no qual as letras vão passando pelo *display*, podia ser a causa da dificuldade.

No entanto, uma experiência simples mostrou o que estava realmente acontecendo. Antes de testar o equipamento, passamos a pedir que o usuário cego fizesse a leitura de um texto em braille impresso em papel. Para nossa surpresa, descobrimos que muitos não sabiam mais ler o braille. Alguns até soletravam, mas tinham perdido a fluência, por falta de uso.

Essa constatação nos levou a mudar o foco dos nossos produtos. O braille está morrendo em decorrência das novas tecnologias digitais. O áudio, como elemento principal de acessibilidade em Smartphones e computadores, promove a inclusão digital, mas acelera o processo de desbrailização das pessoas cegas, e, conseqüentemente, o processo de analfabetismo na grafia braille. A questão é: Como resgatar o braille? Achamos que a resposta é: Investindo na alfabetização e letramento das crianças cegas. O processo de alfabetização de cegos tende a ser mais longo e ter menor qualidade, devido à falta de contato com o braille. As ferramentas disponíveis na escola são geralmente artesanais e escassas. Enquanto crianças videntes têm contato com a escrita em tinta em todos os lugares, as crianças cegas praticamente só têm contato com o braille na escola.

Nesse contexto, no Lapada, passou-se a desenvolver não um produto, mas uma plataforma de educação braile. Chamamos essa plataforma de Edukbraille, que pretende ser uma ferramenta de auxílio à alfabetização de crianças cegas. A plataforma é composta por uma cela braile aumentada; uma grelha digital; e um aplicativo para Smartphones.

No entanto, se queremos que o Edukbraille seja uma ferramenta educacional, precisamos dar embasamento teórico ao projeto. Precisamos desenvolver produtos baseados em pesquisa e não em achismo. Não é porque o inventor acha que é um bom produto, que ele será. É preciso usar ferramentas formais para guiar esse desenvolvimento e assim ter chance maior de sucesso. Não podemos simplesmente jogar o produto no mercado como sempre fizemos. Vem daí a minha motivação em ingressar no programa de mestrado ProfEPT. Quero dar uma nova cara à nossa pesquisa e à minha história acadêmica.

Conclusão

Quero, aqui, fazer uma reflexão crítica sobre minha trajetória profissional e forma de fazer pesquisa. Em toda a trajetória de vida, mantive alto grau de inovação e empreendedorismo; alta competência técnica; mas quase nada de pesquisa acadêmica. Foram três tentativas de mestrado não concluídas; quatro pedidos de patentes e algumas poucas participações na escrita de artigos como coautor. Um abismo entre a carreira acadêmica e a carreira de desenvolvedor e empreendedor. Sei que não é fácil levar as duas em alto rendimento, mas quero agora diminuir essa diferença. Já estou me aproximando da aposentadoria e pretendo chegar ao final da carreira profissional com o título de doutor.

Assim, minha atual motivação e meu objetivo é concluir o mestrado profissional e emendar com o doutorado. Apesar de ser engenheiro por formação, sempre me identifiquei bastante com a área de Educação. É a área que abracei como professor e unir as minhas duas paixões será, para mim, a maior das realizações na área profissional.

Referências

EDUKBRAILLE. Vídeo demonstração da tecnologia assistiva (11 min). 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U-pjFFPvQjY>. Acesso em: 20 out. 2021.

LAPADA. *Site oficial*. Disponível em: <https://sites.google.com/ifce.edu.br/lapada/p%C3%A1gina-inicial?authuser=1>. Acesso em: 20 out. 2021.

PORTÁCTIL. Proposta de desenvolvimento inicial (3 min). 2009.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bJgRMxYtg1Q&t=154s>. Acesso em: 20 out. 2021.

PORTACTIL. Reportagem Jornal Nacional (3 min). 2014.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_ztJRfMUIK0&t=1s. Acesso em: 20 out. 2021.

PORTACTIL (Lapada/IFCE).Projeto. Matéria Rede TV (2 min). 2017.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=72IctveBhuQ&t=4s>. Acesso em: 20 out. 2021.

SHARK TANK Brasil. Primeira temporada: Episódio 7 (9 min). 2017

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=p_mgLRl4o6s&t=60s. Acesso em: 20 out. 2021.

Memórias e conquistas tecidas com o tempo

Antônia de Fátima Rodrigues de Sousa

Primeiras considerações

Escrever um memorial é relemburar histórias, construídas ao longo da vida, marcadas pelo tempo. É fazer aflorar sentimentos nostálgicos, que nos levam a lugares onde a memória e os acontecimentos do passado podem representar lembranças de momentos felizes, bem como, resgatar recordações que, de alguma forma, nos trazem saudosismo. É, também, um momento muito gratificante, de rememorar e trazer, para nosso tão conturbado cotidiano, lembranças de um tempo anterior que permanece em nós.

Para Le Goff (1990, p. 336), “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Essa combinação de sentimentos que envolvem o passado faz retornar a infância que não nos pertence mais, tal qual a recordamos, tecida e metamorfoseada pelo tempo e pela ação transformadora da sociedade moderna, remetendo-nos a situações vividas, que possuem uma simbologia muito importante. Para Pierre Nora (1984, p. 9), a Memória:

é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações.

Resgatar memórias do tempo de meninice me reportam a um passado no qual pulsava a vida. Momentos vividos dos quais sinto prazer em recordar, porque me conduzem a um tempo em que eu sentia o “gosto” da felicidade; do convívio com a natureza e os animais; da convivência

com minha família, da vida descompromissada, plena. Para Paulo Freire (1989, p. 12), “a retomada da infância distante [...] me é absolutamente significativa”, Ainda hoje sinto o cheiro da minha infância, quando me deparo com situações que remetem às brincadeiras que marcaram a época e da qual trago memórias de um período de pureza. Essa fase, foi extremamente significativa e serviu como base para enfrentar as adversidades, ao longo da vida.

Sempre me defini como uma criança feliz, marcada pela inocência na essência da palavra, em brincadeiras e atitudes da criança que não conhecia maldades e/ou problemas, vivia para brincar, estudar, ajudar a mãe nas tarefas de casa e obedecer aos pais. Cresci acreditando que todas as crianças eram felizes e “Voltar-me sobre minha infância remota é um ato de curiosidade necessário” (FREIRE, 2015, p. 41). Posteriormente, descobri que não é bem assim.

Não me importava em cumprir as “ordens” de meus pais. Tive uma educação rígida para obedecê-los sem contestar. Não tenho memória de festas de aniversários; comemorações do dia das mães, das crianças, natal, ano novo, mas também não tenho traumas. Para Le Goff (1994, p. 183), “o conceito de historicidade indica o próprio pertencer de cada indivíduo a seu tempo, e existe para toda a espécie humana”. Esses eventos, comuns nos dias atuais, não faziam parte da nossa cultura cotidiana familiar, em função das dificuldades financeiras. Eram “tempos difíceis”, como dizia minha mãe.

O conjunto de acontecimentos que compõem minha história e influenciam no meu comportamento, me faz compreender a importância dos momentos que marcaram minha vida e me permitem o reconhecimento e encontro com o meu eu. Sou Antônia de Fátima Rodrigues de Sousa. Nasci no município de Santa Quitéria, Ceará, aos 13 dias do mês de maio. Com 4 anos de idade, fui morar em Caucaia, região Metropolitana de Fortaleza, onde resido até os dias atuais. Sou filha de José Carlos (*in memoriam*) e de Diana. Sou mãe de Carlos Elias.

Minha mãe sempre disse que nasci em uma data linda e com o nome pronto, porque foi no dia da aparição de Nossa Senhora de Fátima, em

Portugal. Ter nascido nessas condições colocou minha mãe na obrigatoriedade de me batizar com o nome da virgem, em virtude da orientação religiosa praticada. Sempre respeitei a religiosidade e as crenças sem contestar, embora entenda que algumas delas sejam demasiadamente obscuras e punitivas.

A data também é alusiva à “libertação” dos escravos, no Brasil, quando a famosa Lei Áurea foi sancionada. É interessante ser historiadora e ter nascido em uma data simbólica histórico-religiosa e em um período intenso e delicado da história política, econômica, social e cultural, do Brasil, durante a ditadura militar, instalada nos anos de 1964-1985. Foi um tempo sombrio de perseguições; perda de liberdades; presidentes militares governando por meio de Atos Institucionais (AIs). Foi uma etapa terrível de nossa história, mas, apesar disso, é importante ressaltar que o povo, sobretudo os estudantes, travaram lutas e embates nas ruas, com coragem contra o regime. São datas que representam temáticas importantes, que temos de debater e lembrar, sobretudo como uma história de lutas do povo contra a opressão.

Não posso deixar de mencionar a importância fundamental de meus pais, na minha formação pessoal e na acadêmica. A eles devo tudo: dos valores éticos às conquistas profissionais. Admiro-os, sobretudo, porque tiveram pouquíssimas oportunidades de estudos; viviam a dureza da vida no sertão; e, mesmo assim, não mediram esforços para mudar suas vidas, ao se deslocarem do interior para a cidade com quatro filhas. O objetivo era proporcionar-lhes a oportunidade de estudar e por acreditarem que esse seria o único legado que deixariam. Estavam certos! Essa atitude demandou um sacrifício hercúleo, se pensarmos nas dificuldades que enfrentaram para implementar esse projeto. E, por isso, sou muito grata.

Primeiros passos da longa caminhada

Apesar de minha mãe ter tido pouco tempo e poucas oportunidades de estudo, possui uma leitura primorosa. Ela foi minha primeira professora; me alfabetizou ensinando a ler as primeiras palavras, escrever meu nome, “cantando” e soletrando letras e sílabas. Entrei na escola

tardiamente, com quase 7 anos de idade, se considerada a legislação atual. Não existia a regulamentação da pré-escola, ainda, e, na localidade onde morávamos, interior de Caucaia, o ensino era da 1ª à 4ª série.

No Grupo Escolar Capine, como era chamada a primeira escola em que estudei, iniciei a 1ª série do 1º grau, atual fundamental I. A escola possuía apenas duas salas de aulas, uma defronte da outra; dois banheiros, o masculino e o feminino; um pátio; a sala da professora; e uma área livre que não podíamos usar, porque não existia funcionários para nos acompanhar.

A escola adotava um sistema seriado, que consistia na combinação de estudantes de duas turmas na mesma sala. Na primeira, ficavam os estudantes da 1ª e 2ª séries, juntos; na outra, os de 3ª e 4ª séries, totalizando quatro turmas, para a mesma professora ministrar aulas concomitantemente. Alternava-se também o turno, que deveria ter aula de acordo com a orientação da professora, e, muitas vezes, íamos no turno da manhã, mas a aula era à tarde, ou simplesmente não havia aula, naquele dia. E sem nenhum aviso prévio.

Para minimizar a situação, a professora Rosinha, como a chamávamos, alternava as turmas e, dessa forma, eu não tinha aulas todos os dias. A seriação da qual fui aluna é anterior e difere do que preconiza a descrição de ensino seriado da Lei 9.394/1996, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), no artigo 23, que traz:

A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar. (BRASIL, 1996).

A LDBEN autoriza a organização do ensino em séries anuais; ciclos; grupos não seriados; alternância regular de período de estudos; e outros critérios de organização da educação básica, com o objetivo de melhorar as condições de acesso para os que necessitam conciliar trabalho e estudo.

O modelo de ensino anterior era precário, devido à ausência de políticas públicas mais eficientes; de formação contínua dos profissionais; falta de materiais didáticos; precariedade nas metodologias e didáticas. Na sala que eu frequentava, os estudantes que já sabiam ler e escrever copiavam longos textos, como estratégia da professora para atender aos alunos da outra sala. Permaneci por dois anos nessa escola, quando meus pais decidiram mudar-se para o centro da cidade de Caucaia em busca de melhores oportunidades de estudos para as filhas. A atitude me enche de orgulho e gratidão até hoje.

Novo momento, novas perspectivas

No final dos anos 1970, meus pais matricularam minhas irmãs e eu em uma escola particular muito conceituada de Caucaia, com o auxílio de bolsas de estudos doadas por deputados da época. Nesse período, os apadrinhamentos e favores políticos eram mais comuns e permitiam “facilidades”, adotadas desde a república velha, com o voto de cabresto, prática comum ainda hoje, em períodos eleitorais, e que tornaram meus pais reféns do próprio voto pelo resto de suas vidas. Como professora de história, sinto-me na obrigação de explicar aos estudantes as consequências de tais práticas na vida cotidiana.

Chegando ao colégio, fui submetida ao teste para ser admitida na 3ª série primária. Não obtive êxito o que não causou espanto, dadas as deficiências trazidas da escola anterior. Cursei da 3ª série primária à 8ª série do 1º grau, que corresponde ao Fundamental I e II, nesse colégio. Sob o sistema de bolsas, era um ensino marcado pelo tradicionalismo, nos moldes da tão criticada educação bancária de Paulo Freire, que consiste no domínio do saber, pelos professores, repassado aos alunos através da memorização de conteúdo, o famoso “decoreba”, em que o aluno é o sujeito passivo no processo de ensino e aprendizagem.

Atingir a média nas provas, sempre objetivas e de conteúdo livresco, era obrigatório e a avaliação era medida pela nota 8, sem qualquer análise ou preocupação com as dificuldades apresentadas pelo estudante. Sobre a escola e o currículo de resultados, Libâneo (2016, p. 48) constrói severa crítica:

Não se trata, portanto, de uma escola voltada para ensinar conhecimentos significativos, contribuir para a promoção e a ampliação dos processos psíquicos superiores, ajudar a compreender e analisar a realidade e desenvolver processos de pensamento. Ao contrário, é uma escola centrada em conhecimentos práticos, em habilidades e maneiras de fazer, visando a empregabilidade precária para os que vivem somente do trabalho.

A falta de um ensino dialogado que valorizasse o aluno e seus conhecimentos prévios, era campo fértil para outras deficiências que atingiam os estudantes no convívio. A diferença que existia entre os abastados e os que estavam ali patrocinados por bolsas de estudos, me fez sentir o gosto amargo do bullying, porque eu não pertencia ao mesmo nível social da maioria das pessoas que ali se encontravam. Não havia acolhimento humanizado, na relação aluno-professor, e o respeito era imposto pelo medo.

Para ilustrar os diversos episódios absurdos protagonizados pelos docentes em sala de aula, lembro-me de um em que o professor da disciplina de Organização Social e Política Brasileira (OSP) marcava, no chão da sala, o exato local da cadeira onde cada aluno deveria ficar, para que nunca saíssemos do lugar. Penso que o famoso “lugar marcado” nasceu dessa situação. A referida disciplina foi criada pelo Decreto-Lei 869/1969 e extinta somente em 1993, com a finalidade de enaltecendo o culto à pátria, aos seus símbolos, suas tradições e instituições, além de propagar a mensagem ideológica do regime militar vigente.

O 1º grau foi marcado por professores rigorosos, que pouco dialogavam. A maioria limitava-se a ministrar seus conteúdos, salvo poucas exceções. Lembro-me das aulas de Educação Física marcadas pela ordem, disciplina, sob o olhar crítico e amedrontador da professora que também ministrava aulas de Matemática, além de ser a responsável pelos ensaios impecáveis e organizados para o desfile cívico de 7 de setembro que, em Caucaia, era comemorado em 15 de outubro, dia da emancipação política do município.

Nesse dia, a cidade parava, a rua principal e as adjacentes eram bloqueadas para dar acesso ao desfile dos estudantes de escolas públicas e

particulares em pelotões que representavam diversas temáticas, alusivas à natureza, à cultura nos estados brasileiros, nas décadas de 1960, 1970, 1980, ou mesmo sobre as praias do nosso litoral. O ápice do desfile era a passagem dos dois principais colégios particulares, que tinham rivalidades e disputavam o primeiro lugar, de acordo com a opinião da plateia, que se acotovelava na praça, e ao lado do palanque, onde ficavam as autoridades políticas e a banda de música. Os colégios usavam esse momento como vitrine para fazer marketing e atrair mais alunos para seus quadros na matrícula do ano seguinte. Pais com melhores condições financeiras faziam as escolhas. Era um grande evento, hoje menos valorizado.

Continuei os estudos do 2o grau, atual ensino médio, no mesmo colégio com 100% de bolsa, graças a um convênio firmado com o governo do estado. Nesse período, comecei a trabalhar no comércio, de segunda a sábado, e, no final do expediente, seguia para o colégio, até às 22h, de segunda a sexta-feira. Não foi fácil, mas foi possível. Durante esse período, me sentia mais independente e à vontade; debatia mais com os professores, embora alguns não aceitassem aulas dialogadas. Fiz grandes amizades na turma, sobretudo no grupo formado por sete meninas, cúmplices, sempre juntas nas pequenas aventuras em que nos arriscávamos quando algum professor faltava. Em um desses raros momentos, uma delas, que tinha um corcel II amarelo-claro, ano 1983, nos convidou para um “rolê” na cidade. Rapidamente, iniciamos a árdua e engraçada tarefa de acomodar as sete dentro do carro. Foi uma farra, regada a risadas coletivas e contagiantes.

No 2o grau, o ensino era regido pela Lei 5.692/1971, que alterou radicalmente a organização escolar, no Brasil, passando a ter como principal objetivo a profissionalização. As escolas poderiam escolher os cursos que deveriam oferecer, entretanto, os alunos não eram informados com clareza, e, no meu caso, somente na faculdade descobri que tinha concluído o 3o Científico em auxiliar de contabilidade, justificando o motivo de ter estudado tantas disciplinas ligadas à área de cálculo.

Não posso dizer que os professores desse período foram minhas referências profissionais, dada a forma como ministravam as aulas, sem qualquer cuidado mais apurado, ou com metodologias motivadoras. Conforme Freire (1997, p. 99), “O professor não deve ser apenas um transmissor do conhecimento, ele deve buscar através do diálogo o que o aluno traz consigo em sua bagagem social e cultural”. Penso que, atualmente, melhoramos significativamente, nesse quesito, com aulas dialogadas e mais participativas, embora ainda precisemos avançar e investir em formação profissional. Naquela época, O ensino era transmitido pelo professor, que detinha o conhecimento infalível e incontestável. Era quase uma “posse” sobre o aluno. Não existia a busca pela construção do processo de ensino e aprendizagem, conforme Freire (2005, p. 86), quando afirma que: “Educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo”. No período, os docentes eram os sujeitos, os estudantes assistiam passivamente.

Após concluir o 2º Grau e mesmo sem receber qualquer orientação dos gestores, ou professores, sobre o vestibular, segui com o desejo de ingressar na faculdade para cursar Veterinária. A única referência sobre esse assunto veio de meu pai, que trabalhava e amava os animais, ou quando íamos a Fortaleza de ônibus e passávamos em frente à Faculdade de Agronomia no *campus* do Pici, ele me mostrava o prédio e dizia que era lá que eu iria estudar, para ser veterinária. Que prédio lindo. Ainda hoje o admiro e quando passo em frente me lembro das palavras de meu pai.

Não havia muitas informações, ou cursos preparatórios para vestibular, nas escolas. Concluir o Ensino Médio já significava uma vitória, por isso, busquei por conta própria uma maneira de me preparar. Comecei a frequentar a banca de jornal quase diariamente, na hora do almoço, à procura por informações sobre o vestibular. Após três tentativas, sem sucesso, de aprovação, para medicina veterinária, intensifiquei os estudos de forma autônoma, dedicando-me após o expediente de trabalho, todos os dias, pois não podia custear um curso preparatório.

Desistir jamais: as melhores perspectivas e o porvir

Fui incentivada por uma grande amiga a prestar vestibular para outro curso que me despertasse interesse. No mesmo ano, me submeti ao certame na Universidade Estadual do Ceará (Uece) e fui aprovada para o curso de licenciatura em História. Foi uma grande alegria, sobretudo para meu pai, mesmo sem ser para o curso desejado. A primeira das quatro filhas do trabalhador assalariado, finalmente, ingressaria na universidade pública e de qualidade. Que vitória.

Iniciei a licenciatura em história e me encantei pelo curso, esquecendo-me completamente da medicina veterinária. Deslocava-me todos os dias, após o trabalho, à noite, para o *campus* do Itaperi. Pegava dois ônibus para ir e dois para voltar; às vezes, três, dependendo do movimento nos terminais. Foi uma etapa cansativa e prazerosa.

Na faculdade, conheci professores brilhantes e outros nem tanto, mas, de alguma forma, todos contribuíram significativamente para eu decidir que não adotaria seus modelos em minha prática docente. Por ser um curso noturno, não participei de pesquisas, projetos de extensão e outros eventos importantes para a formação acadêmica. Que pena!

Quando entrei na faculdade, ainda existia um “ranço” muito forte do militarismo, prova disso é que tive professores que eram militares reformados e ministravam aulas que pouco contribuíram para minha formação. Negavam-se a dialogar, sobretudo a respeito de assuntos políticos que, de certa forma, eram proibidos ou desviados dos debates, tornando a aula monótona. Nessa perspectiva, Freire (1996, p. 33) defende: “O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento”. Eram mais militares do que professores! Em contrapartida, tive professores e disciplinas fantásticas, a exemplo de antropologia cultural, com o professor Babi Fontenele, a quem rendo minha homenagem, neste memorial. Foi uma importante referência. Essa disciplina contribuiu demasiadamente para descortinar “véus” preconceituosos, que carregava, sem nem mesmo saber que os tinha, e hoje reconhecemos como preconceito estrutural, muito em alta, atualmente.

As disciplinas de história geral I, II e III permitiram-me conhecer o “velho mundo”, as civilizações asiáticas, e as américas, nas aulas do professor Paulo Emílio, uma enciclopédia ambulante. Profundo conhecedor da história das civilizações antigas, clássicas, medievais, modernas e contemporâneas, levou-me a muitos lugares, durante suas aulas. Ainda em suas aulas, conheci as teorias das mais variadas religiões, além do ateísmo. Quantas descobertas!

Nas disciplinas de história do Ceará, o professor Zairo Leite (*in memoriam*), especialista em heráldica no Ceará, quicá no Brasil, apresentou-me nossas raízes e o legado dos nossos antepassados, suas histórias e culturas, sobretudo o brasão da minha família (Sousa) e seu significado. Compreendi que os heróis não eram os reis estampados nos livros didáticos, mas, sim, personagens, como Chico da Matilde, o ‘dragão do mar’; Tia Simoa, que contribuiu com a greve dos jangadeiros; Jovita Feitosa, que lutou na guerra do Paraguai; e tantos outros, trabalhadores e trabalhadoras, que estão nas fábricas, nas salas de aulas, e através do trabalho, constroem a riqueza do país. Entretanto, disciplinas que implicariam diretamente a minha formação profissional, como didática geral e estágios I e II, não contribuíram, como desejado, para a minha formação docente. A ausência de estudos mais aprofundados sobre as teorias de Vygotsky, Piaget, Wallon, Freire, deixaram lacunas para a práxis como docente.

Para Freire (1996, p. 22): “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo”. A teoria e a prática devem estar incluídas na formação do professor, para que o fazer em sala de aula não seja apenas a repetição de conhecimentos, mas uma troca de experiências e saberes.

Nossa turma de história era numerosa e proativa. Muitos colegas seguiram caminhos que os levaram ao mestrado e doutorado. Outros se destacam na política, como deputados, vereadores, ou, ainda, como escritores, publicando livros didáticos de história; como coordenadores e professores que se destacam na gestão ou em sala de aula, nas escolas públicas e particulares do nosso estado.

Conclui, em 2000, o curso de licenciatura em história, com a sensação de que faltava algo. Quando estava quase finalizando o curso, saí do comércio e fui ministrar aulas na escola estadual José Alexandre, em Caucaia, nas turmas do 1º ano do ensino médio regular, nas disciplinas de história e filosofia. Vi ali uma irrecusável oportunidade de aprender e me deparei com a realidade da escola pública. Percebi que a teoria a nós repassada era insuficiente para enfrentar os inúmeros desafios que se apresentavam em sala de aula. A escola tinha problemas na estrutura física, porém a gestão era democrática e os professores eram bons, o que fez a diferença no enfrentamento das dificuldades. Foi um imprescindível laboratório, que me permitiu experimentar “saberes” e aprendizagens na prática.

Vida profissional e saberes na prática: um desafio

Iniciei as aulas e minha docência na escola de Ensino Médio José Alexandre e, de acordo com a realidade dos estudantes e da instituição, propus ações diferenciadas, com metodologias mais dinâmicas e os poucos recursos disponíveis. Por vezes, ministrava aula embaixo das árvores, para amenizar o desconforto do calor nas salas e aproveitava para trabalhar conceitos de liberdade, em filosofia e políticas públicas, por exemplo. No ano seguinte, fui contratada temporariamente com a carga horária ampliada para 200 horas e adotei a metodologia de projetos. Trabalhamos a interdisciplinaridade com os professores de língua portuguesa, educação física, literatura, geografia, biologia e desenvolvemos diversas atividades.

Promovemos eventos para arrecadar dinheiro e pagar o transporte das aulas em campo nos principais pontos históricos e turísticos de Fortaleza, como museu; praças; o teatro José de Alencar; farol; igrejas; ponte metálica; entre outros, contribuindo significativamente para a construção de um “olhar” diferente sobre o ensino de história e a valorização dos patrimônios arquitetônico e cultural do Ceará. Criamos um projeto de orientação e motivação para o vestibular. Apresentei as universidades

federal e estadual; ministrei aulas preparatórias, simulados; e trabalhamos a ideia de que é possível, sim, alunos de escola pública ingressar na universidade pública. Outro projeto que se destacou foi o Conhecendo o Poder Legislativo Municipal, com o objetivo de trabalhar a importância da política na vida cotidiana. Visitamos a Câmara Municipal de Caucaia, conhecemos o funcionamento e as ações do legislativo, para que percebessem a importância de políticas públicas na vida de cada cidadão. Foi um sucesso, fomos recebidos pelo presidente da câmara; a visita registrada em ata oficial como a primeira professora e escola do município a fazer uma visita ao legislativo, em 244 anos de emancipação política do município. Após esse trabalho, que envolveu toda a escola, construímos uma relação sólida baseada na confiança entre professores, alunos e gestores.

O ano de 2001 foi muito especial. Engravei e, no mesmo ano, iniciei uma especialização em Metodologias do Ensino de História na Uece, na tentativa de encontrar respostas para as inúmeras dúvidas que me atormentavam. Em 2002, meu filho nasceu, despertando sentimentos que só a maternidade é capaz de proporcionar. Hoje, aos 19 anos, se prepara para ingressar na Uece.

Permaneci na escola como professora contratada temporariamente, ministrando aulas de História, por 13 anos, quando passei no concurso público para professora efetiva do município de Caucaia, ensino fundamental II. Também ministrei aulas nas turmas de história e pedagogia na Universidade Vale do Acaraú (UVA), por alguns anos.

Em 2006, fui trabalhar no colégio em que estudei e, ao chegar, memórias vividas lá inundaram meus pensamentos; os espaços físicos eram praticamente os mesmos, mas eu sabia que nada nem ninguém seria igual, somos modificados pelas experiências adquiridas ao longo da vida, o que me fez lembrar o filósofo Heráclito de Éfeso (500 a.c - 450 a.c), quando diz que o próprio ser se modifica e, por isso, ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio. Eu era outra pessoa. Todos éramos.

Retornava àquele espaço escolar como professora, para proporcionar aprendizagens dialogadas, e romper os velhos paradigmas. Não consegui

fazer muito, pois existia um certo “ranço” do tradicionalismo; ademais, precisava preparar os alunos para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Permaneci como professora de História, e ali matriculei meu filho, que cursou da pré-escola ao 3º ano do ensino médio.

É importante dizer que nas escolas em que lecionei levantei bandeiras contra preconceitos racial, social, de gênero, e *bullying*, uma mazela psicológica que afeta crianças e adolescentes nos espaços escolares e precisa de ações concretas urgentes para ser erradicada. Em 2008, iniciei na Educação a Distância (EaD) como tutora presencial no polo Novo Pabussu Caucaia, no curso de tecnologia da hospedagem, do IFCE, meu primeiro contato com o ensino profissionalizante. Posteriormente, assumi a tutoria no curso de pedagogia, pela Uece, que se encontra em fase de conclusão.

O ensino profissionalizante foi intensificado, quando cursei Licenciatura em Educação Profissional, Científica e Tecnológica (EPCT), na modalidade semipresencial, pelo IFCE, concluído em 2018 como segunda graduação. A EaD me oportunizou fazer mais duas especializações pelo sistema semipresencial.

A vida é feita de momentos: um turbilhão de vivências e emoções

Em 2010, conheci a França, berço de acontecimentos que influenciaram a história da humanidade. Tive fortes emoções, ao ver a história dos livros diante dos meus olhos. No museu do Louvre, vi a história antiga na placa de argila com o código de Hamurabi; o quadro da Monalisa, representando o Renascimento; visitei a Catedral de Notre-Dame; *Torre Eiffel*; o Arco do Triunfo; Cabaré Moulin Rouge; a famosa Galeria Lafayette; o Mausoléu de Napoleão; Monumento Panteão, onde se encontra o túmulo de Voltaire, e tantas outras personagens da história; o Castelo de Versalhes e a história dos reis absolutistas. Caminhei às margens do rio Sena e na Champs-Élysées; conheci a região de Alonson, cidade de turismo religioso, e a Normandia, onde ficam os museus e o cemitério da II Guerra Mundial.

Em 2013, retornei à França, esticando a viagem até a Itália, para conhecer Roma e o Vaticano, com a história da igreja católica, na Basílica de São Pedro; o túmulo de João Paulo II; a Capela Sistina; e “encher os olhos” com as belíssimas pinturas de Michelangelo e dos pintores renascentistas. Foi indescritível. Uma viagem inesquecível, por conhecer o velho mundo tão estudado em sala de aula. Em 2015, fui novamente à França, desta vez levando meu filho para conhecer Paris e toda a magia da Cidade Luz. Após essas viagens, minhas aulas de História jamais foram as mesmas.

Em meados de 2016, perdi meu pai, um homem sábio e o mais honesto que conheci. Sua ausência dolorosa, me faz lembrar Guimarães Rosa: “O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim [...]. O que ela quer da gente é coragem” (ROSA, 2006, p. 290) e seguir firme, afinal, foi o que aprendi com ele.

O ano de 2020 foi atípico, em virtude da chegada do coronavírus, Sars-Cov-2, ou covid-19, nome oficial, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020), do vírus que atingiu milhares de pessoas, em todos os continentes, caracterizando a pandemia que assolou o mundo. A notícia trouxe perplexidade à comunidade científica, por causa do desconhecimento a respeito do vírus e de suas características danosas à saúde, assim, iniciaram discussões e pesquisas na busca por fármacos e vacinas, a fim de encontrar a cura. Lamentavelmente, o número de vítimas do coronavírus, no Brasil, de acordo com o consórcio de veículos de imprensa do Brasil, em 9 de outubro de 2021, chegou à triste marca de 600.425 brasileiros que perderam a vida (PORTAL G1, 9 out. 2021).

A forma agressiva como o vírus se espalhou, encontrou espaço nas lacunas deixadas pelo governo federal quando não apresentou um plano nacional para conter o vírus; negacionismo da letalidade do vírus; resistência quanto ao uso e compra da vacina; além do uso do famoso “kit covid”, como ficaram conhecidos os remédios utilizados em pacientes, sem o reconhecimento científico de sua eficácia na cura. Durante a pandemia, quatro ministros ocuparam a pasta do Ministério da Saúde e foi

instalada uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI para apurar os responsáveis pelas mortes e as políticas desastrosas do governo federal, além da corrupção instalada no Ministério da Saúde.

A crise é sanitária, mas também social. Para Santos (2020, p. 6, “ a pandemia vem apenas agravar uma situação de crise a que a população mundial tem vindo a ser sujeita. Daí a sua específica periculosidade”. A pandemia aprofundou as mazelas sociais, como o desemprego e a fome, revelando as profundas desigualdades sociais que já existiam.

Apesar das adversidades vividas com a pandemia, um fato de extrema relevância me encheu de alegria e emoção. A aprovação para o mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT/IFCE me deixou sem palavras para expressar o turbilhão de sentimentos que experimentei com a tão sonhada conquista. Em virtude da pandemia, estamos em aula remota e, por isso, não tivemos a oportunidade de manter encontros presenciais, mas seguimos firmes e confiantes na certeza de que, em breve, com o avanço da vacinação, apesar da morosidade do governo federal na compra da vacina, o número de casos de covid-19 será reduzido e poderemos nos encontrar para celebrar a conquista do mestrado e da vida.

Por fim, mas sem concluir...

Relembrar minha trajetória pessoal e a profissional, escrevendo estas memórias, me deu a dimensão de todo o percurso envolto por inesquecíveis conquistas e acontecimentos que construíram minhas relações pessoais, profissionais e sociais. É importante constatar que, paralelamente às mudanças verificadas ao longo desse trajeto, transformações significativas alteraram a sociedade e, por consequência, a vida das pessoas com direitos conquistados.

É importante lembrar que, a partir da Constituição de 1988, abriu-se um leque de importantes possibilidades, na conquista dos direitos humanos. A Lei 9.394/1996, da LDBEN, regulamentou e tornou obrigatória a educação básica e promoveu possibilidades de conhecimentos igualitários e acessíveis para todos. O Estatuto da Criança e do Adolescente

(ECA), que levantou bandeiras importantes, ignoradas pela sociedade até então, como maus-tratos infligidos às crianças; abuso sexual no seio familiar; mortalidade infantil; entre outros temas que envolvem esse público anteriormente sem garantias legais asseguradas por lei.

Com a chegada do século XXI, verificamos importantes mudanças, em virtude de complexas transformações oriundas de questões que remetem aos âmbitos político, econômico, financeiro, cultural e social, intensificados com a pandemia. Sobre o tempo de espera, Santos (2020, p. 28) diz: “Estou certo de que nos próximos tempos esta pandemia nos dará mais lições e de que o fará sempre de forma cruel”. É certo que a pandemia escancarou as deficiências das políticas públicas; fez aflorar as mazelas sociais já existentes e acelerar as desigualdades. Por enquanto, sigamos com o futuro duvidoso, enquanto aguardamos dias melhores, sobretudo na área da ciência, com a descoberta de vacinas e remédios que erradiquem o vírus.

Quanto à minha dissertação, pretendo pesquisar sobre o trabalho docente; a flexibilização no mundo do trabalho; e a precarização laboral do professor, intensificada durante a pandemia. Tenciono gerar um produto no formato *podcast*, áudios que agreguem informações e criticidade a esse profissional em seu “novo” papel, ao assumir a multifuncionalidade, com a adoção do ensino remoto/híbrido. Ao professor tem restado a função de (re)inventar, (re)aprender e (re)adaptar novas metodologias para o uso de ferramentas digitais; montar planilhas complexas; gravar e editar vídeos; ministrar aulas nas plataformas virtuais; atender aos pais e alunos via *whatsApp* e *e-mails*; participar de reuniões, acumulando diversas funções, que constituem desafios que levam à exploração, flexibilização e exaustão; por consequência, ao adoecimento dos profissionais. Sigamos!

Referências

- BRASIL. MEC. Lei n. 9.394/1996, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2019.
- BRASIL. MEC. Lei n. 5.692/1971, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 1971. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 25 maio 2021.
- FREIRE, P. *Cartas a Cristina*. Reflexões sobre minha vida e minha práxis. 2. ed. São Paulo; Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, P. Ninguém nasce feito: É experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos. *Política e Educação*, p. 79-88, 1997.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler*: Em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- LIBÂNEO, J. C. Políticas educacionais no Brasil: Desfiguramento da escola e do conhecimento escolar. *Cadernos de Pesquisa*, v. 46, n. 159, p. 38-62, jan./mar. 2016. Acesso em: 21 maio 2021.
- NORA, P. Entre memória e história: A problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. *Proj. História*, São Paulo, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101> Acesso em: 18 maio 2021.
- ROSA, J. G. *Grande sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006a, p. 290. Edição comemorativa.
- SANTOS, B. S. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra Portugal: Edições Almedina, S. A., 2020.

Sites consultados

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/08/08/brasil-supera-100-mil-mortes-por-covid-19-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>. Acesso em 25 maio 2021.

<https://www.who.int/es/emergencias/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public/q-a-coronaviruses>. Acesso em 25 maio 2021.

Revisitação do ser através das memórias do tempo

Carla Joyce Castro Sabino

Um dia decidi ser eu e nunca mais voltei atrás

(LEÃO, 2017)

Introdução

Ao iniciar a escrita deste memorial, sinto a necessidade de expor minha gratidão por sua presença, caro(a) leitor(a), aqui, em meio às minhas palavras, que revelarão relatos de experiências que emergem do ser profissional. Cada tempo e memória foram essenciais para visitar e conduzir ao m(eu) presente que vislumbra o futuro, visto que “Não há tempo sem um conceito de memória; não há presente sem um conceito do tempo; não há realidade sem memória e sem uma noção de presente, passado e futuro” (IZQUIERDO, 1989).

Sou Carla Joyce Castro Sabino, uma mulher cis branca, com cabelos longos naturais, cacheados e castanhos, levemente iluminados pela ação do sol e do mar; tenho olhos castanhos escuros e rosto levemente comprido. Atualmente, tenho 34 anos, mas pretendo seguir os passos da minha avó materna e chegar aos 100 anos; aliás, ultrapassar os 100 anos, com saúde, amor e felicidade.

Meus pais são Antônio Wheliton Sabino e Francisca Edineci Castro Sabino. Meu pai tem fixação por datas, principalmente de nascimento. Então, é quase uma homenagem expor que ele nasceu em 5 de maio de 1959 e minha mãe em 26 de julho de 1961, ambos em Mombaça, Ceará. Abrindo um parêntese aqui, informo com muita felicidade e gratidão que, neste momento, ambos já receberam a primeira dose da vacina contra a covid-19, doença pandêmica que destacarei no texto adiante.

Da união entre meus pais, nasceram três filhos: Carlos Wherbet; eu, Carla Joyce; e Wesley. Nasci em 17 de junho de 1987; sou a única mulher

e filha do meio. Toda minha família nasceu em Mombaça, mas me vanglorio, ao contar que nasci na mesma casa em que meu pai nasceu. Não por falta de hospital na cidade, mas porque o médico obstetra aparentemente possuía um conflito pendente com o hospital e queria realizar meu parto na cidade vizinha, Acopiara, Ceará. Coincidência, ou não, o médico já chegou na casa dos meus pais com toda a equipe e equipamentos necessários para realizar o parto. Naquela época, havia o costume de, principalmente em cidades do interior do Ceará, os partos acontecerem em casa.

Minha família sempre foi e será a árvore que me acolhe, sustenta, alimenta, protege e dá vitalidade para ser quem sou. Gratidão por sempre estarem presentes, com todo o amor, carinho, e me ajudarem em cada caminho escolhido.

É sobre saber que em algum lugar alguém zela por ti
É sobre cantar e poder escutar mais do que a própria voz
É sobre dançar na chuva de vida que cai sobre nós
[...] É sobre ser abrigo e também ter morada em outros
corações. (VILELA, 2017).

Novamente, agradeço a você, leitor(a) por dedicar seu tempo para conhecer uma parte de mim. Então, deixe seu cantinho de leitura mais confortável, que “lá vêm mais memórias”.

Tempo da infância e primeiras percepções

Se por acaso você não conseguir caminhar, se seus pés enfraquecerem, se a estrada se alongar, sempre haverá um alguém capaz de lhe carregar.
(BESSA, 2019).

Devo confessar que minhas memórias de infância podem ser um pouco duvidosas, afinal, eu era uma criança. Então, me perdoe se algo ficar vago, ou contraditório. Minha sugestão é: leia sem julgamentos e aprecie a leitura.

Minha infância foi muito feliz. Estudei na melhor escola de educação infantil do mundo: Escola Amiguinhos de Jesus. A tia Mazé, dona da escola, e toda a equipe, eram maravilhosos! Só tenho recordações boas e engraçadas de lá.

Nas férias, íamos para a casa dos meus avós paternos (Vovô Doca e Vovó Mazé), em Fortaleza, ou maternos (Vovô Leofredo e Vovó Celina), em Nova Morada, sítio no distrito de Carnaúba (Mombaça). Acredito que meu amor pela natureza seja por causa das idas ao sítio. Eu amava ir buscar água no rio, de jumento; enfrentar a natureza com cobras, gados; e comer frutas colhidas diretamente da árvore.

Devido ao emprego do meu pai, concursado do Banco do Brasil, em 1996, nos mudamos de Mombaça. Naquela época, o banco estava oferecendo demissão voluntária ou transferências de cidade. Meu pai, sabiamente, pediu a transferência.

Eu tinha 9 anos e fomos morar em Itaporanga, interior de São Paulo. Adorava essa cidade! Como o tempo e a cultura eram diferentes! Porém, foi lá que comecei a perceber algumas questões sociais, como xenofobia, preconceito, exclusão e as diferenças socioeconômicas.

Estudei na escola pública, por dois motivos: o preço da mensalidade para três filhos era exorbitante e porque a qualidade das escolas públicas era muito alta. A escola era tão completa! As aulas de Educação Física, a biblioteca enorme, a reserva de pedras naturais, os materiais de ciências, as aulas de artes e a didática de alguns professores, eram incríveis!

Moramos apenas 3 anos em Itaporanga, mas foi tempo suficiente para conhecer e sentir a diferença entre as professoras que acolhem e as que invisibilizam os conflitos entre estudantes. Esse tempo e a memória foram o gatilho mental para iniciar minha reflexão sobre o *habitus* dos professores e as influências na formação pessoal e também profissional dos estudantes.

Anos depois, em 2007, na faculdade, descobri que toda aquela violência moral e psicológica, que sofri nas séries finais do Ensino Fundamental II, em Itaporanga, São Paulo, tratava-se de *bullying*, invisibilizado

pela professora. De coração aberto, em minha monografia, agradei à aquela professora porque pude atentar para o fenômeno *bullying*; não reproduzir ações agressivas; e sempre tentar ser uma professora melhor.

A partir da percepção de que aquelas ações entre os colegas da escola, que me deixavam irritada; que faziam minhas amigas se isolarem; e eram normalizadas, ou invisibilizadas, por alguns professores, entendi que a educação precisa fazer a diferença, para melhorar a vida dos estudantes. Então, um dia “decidi ser eu e nunca mais voltei atrás” (LEÃO, 2017).

Na tentativa de ficar mais perto dos nossos familiares, em 1999, meu pai conseguiu a transferência para Canindé, Ceará. Nossa, que susto levamos! Chegamos em uma situação de emergência, devido à seca. Tínhamos que comprar água para beber e fazer a limpeza doméstica, pois nas torneiras só havia água barrenta. Eu via, no olhar dos meus pais, o desespero contido pela situação na qual nós e toda a cidade vivíamos, independente de condições financeiras. Graças a Deus, à força, coragem, às condições financeiras e à amorosidade dos meus pais, conseguimos superar toda a problemática causada pela estiagem.

Em Canindé, se não tivéssemos passado pelo susto da seca, creio que a cultura de lá teria sido mais apreciada. Vivenciar a cidade inteira mudando, no mês de outubro, com a chegada dos romeiros de São Francisco, é indescritível. Momentos assim estimulam a empatia, tão necessária na prática pedagógica.

Sou muito grata por ter participado, na companhia de meus irmãos e amigos, da encenação da peça teatral Francisco: O Homem que se Tornou Santo, que atrai milhares de visitantes devotos e curiosos ao Teatro Jardim de São Francisco, um espaço criado para abrigar a peça. As aulas preparatórias para as cenas foram excelentes. Ainda hoje me auxiliam na dinâmica laboral.

Nessa época, também conheci as diferenças entre a escola pública paulista e a cearense. Sempre me perguntei o motivo de tamanha disparidade entre as escolas quanto à estrutura, às oportunidades, aos métodos

pedagógicos, afinal, era um direito que deveria ser assegurado, mas não era bem assim.

Estudei por quase um ano, na escola pública, e dois anos, na particular, que exigia seleção para entrar. Ainda como consequência da qualidade do ensino paulista, meu irmão e eu passamos em primeiro e segundo lugares na seleção.

Em 2001, em Canindé, meu pai sofreu um acidente vascular cerebral e foi hospitalizado em Fortaleza. Aproveito este espaço para agradecer a Deus pelo restabelecimento da sua saúde sem sequelas; pela força que deu à minha mãe para enfrentar tudo; e pela inteligência e humanidade da enfermeira, que sussurrou para minha mãe sobre a urgência de conduzi-lo para Fortaleza, independentemente do parecer médico.

Neste contexto, viemos morar em Fortaleza, mais precisamente no bairro Benfica, o mais acolhedor e cultural lugar da cidade. Meu pai, já recuperado, voltou a trabalhar no banco e, em virtude de muitos gastos com transportadora, nossa condição financeira baixou consideravelmente. Isso oportunizou, à minha mãe, a demonstração, mais uma vez, da sua coragem e atenção para educar os filhos a consumir sem desperdiçar e a se tornar uma consultora de cosméticos e assim contribuir com algumas despesas familiares.

Tempo do ensino médio e escolha profissional

Então vez em quando é bom se perder
Perdido fica perguntando
Vai só procurando
E acha sem saber
Perigo é se encontrar perdido
Deixar sem ter sido
Não olhar, não ver
Bom mesmo é ter sexto sentido
Sair distraído espalhar bem-querer.
(CÉSAR, 2008).

No ensino médio, em Fortaleza, Ceará, comecei a perceber as múltiplas inteligências, mas sempre havia uma competição explícita sobre o desempenho acadêmico e a escola frequentada. Porém, me parecia também que o local de estudo era muito mais importante do que o desempenho dos alunos. Nesse período, tive meu primeiro contato com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Tentei a seleção para o ensino técnico, mas não entendia muito bem porque todos diziam que eu tinha que entrar e o motivo de tentar cursar Edificações. Claro que não passei. Se não fazia sentido, o estudo não era compreendido.

Época de vestibular, nos anos 2003/2004, tínhamos aulões em todos os turnos e aquela indecisão sobre a escolha profissional. Nesse período, abandonei os treinamentos de voleibol, esporte que sempre pratiquei, porque não concordava com o tratamento extremamente competitivo para com os estudantes adolescentes. Durante muitos anos, fui encantada por laboratórios, microbiologia e novidades da biomedicina e pensei: Vou fazer Ciências Biológicas ou Farmácia. Por muito pouco não ingressei na Universidade Federal do Ceará (UFC), para o curso de Farmácia. Hoje, agradeço a Deus pelos rumos que tomei profissionalmente.

No vestibular da Universidade Estadual do Ceará (Uece), inscrevi-me para o curso que jamais havia cogitado e do qual eu gostava muito. A única certeza, era que jamais seria como alguns professores seletistas e desumanos.

Em 2006, ingressei na graduação em Licenciatura Plena de Educação Física na Uece. De início, confusa e perdida, mas com um sentimento de gratidão enorme, que me motivava todos os dias para pegar o ônibus Paranjana. O ônibus estava sempre superlotado e com rota longa: do Antônio Bezerra para o terminal da Lagoa, terminal da Parangaba e, enfim, a Uece.

Conheci amigas incríveis, humanas e inteligentes, que mantiveram-se na minha vida: Lissiane Almeida; Manu Magalhães; Jéssica Araújo; Raquel Melo; Samira Santos; e Thiciane Pimentel. Sou sortuda, por ter

estado nessa turma, na graduação, pois sempre nos ajudávamos e isso minimizava as carências estruturais da universidade. A Uece não possuía a estrutura atual, com o Complexo Poliesportivo e um restaurante universitário em condições sanitárias e confortáveis para uso.

Em 2006, aconteceu a primeira greve, desde a minha entrada na graduação. Foram 155 dias de paralisação de docentes, que buscavam reajustes salariais e criação do plano de cargos e carreiras. Infelizmente, o retorno às aulas não aconteceu porque as reivindicações foram atendidas, mas por imposição da Justiça:

A greve, uma das mais longas das universidades públicas no país, acabou uma semana depois que a Justiça cearense estipulou multa diária de R\$1.000 para cada docente em greve que não voltasse ao trabalho. Todos os 902 professores da Uece estavam parados. (FERNANDES, 2006. *In*: Folha de S. Paulo).

Em 2008, ocorreu a segunda greve. Desta vez, com a participação mais ativa da comunidade acadêmica. A Uece estava sucateada, sem segurança, principalmente nos últimos blocos; banheiros abandonados; restaurante universitário em condições precárias; e nenhum espaço para as aulas práticas das disciplinas do curso de Educação Física. Nossa! Nós, mulheres, tínhamos que fazer um mutirão para ir ao banheiro, principalmente para tomar banho, após as aulas práticas e não ficávamos sozinhas em nenhum lugar. O medo da violência urbana dentro e fora da Uece era extremo.

Em 90 dias de greve, fizemos (docentes e discentes) caminhada e peneiração em frente ao Palácio de Iracema (sede do Governo do Estado); ocupamos a Reitoria da Uece; paralisamos a Avenida Dedé Brasil (atual Silas Munguba). Foi muito marcante, essa paralisação, pois mostramos, para a comunidade e as autoridades políticas, algumas carências do curso de Educação Física com a simulação de espaços necessários para a formação acadêmica.

Dentre várias ações, relembro perfeitamente que montamos uma rede de voleibol no semáforo da avenida e nadamos dentro de baldes, com touca de natação, para simular uma piscina. Foi incrível, mas bastante revoltante, quando retornamos às aulas sem garantias de que as pautas reivindicadas seriam atendidas. Meses depois, os banheiros foram basicamente reformados, e com uma funcionária permanente, para garantir a limpeza do local. Porém, ainda precisávamos fazer vaquinhas para comprar papel higiênico.

Atualmente a Uece possui um Complexo Poliesportivo para as práticas das disciplinas de Educação Física e para acolher a comunidade. Se, por acaso, você, leitor(a), é acadêmico(a) da Uece, aprecie e valorize esses espaços, porque tínhamos que fazer parcerias com escolas particulares, Centros Sociais Urbanos (CSU) de outros bairros, e com o campo da veterinária emprestado. Sim, o curso de Medicina Veterinária tinha um campo de futebol, na Uece, mas Licenciatura em Educação Física, não.

Durante a graduação, participei de alguns congressos científicos. O mais marcante, foi o primeiro, VII Congresso Brasileiro de Atividade Física e Saúde, de 2009, em Porto de Galinhas, Pernambuco. Nesse evento, deparei-me com as várias possibilidades e os aspectos que permeiam a Educação Física. Marcante também, porque, ao encontrar a professora Luilma, recebi o maior alerta científico da minha vida, ou seja, ela afirmou que jamais se deve desperdiçar a oportunidade de apresentar, divulgar uma pesquisa, e compartilhar os privilégios de estar presente em congressos e eventos científicos.

Participei de alguns projetos universitários, como monitoria nas disciplinas de Recreação e Anatomia Humana; Programa de Educação Tutorial (PET), com atuação no Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica (Nasf), serviços voluntários de atividades físicas recreativas em Vilas Olímpicas e Organizações não Governamentais (ONGs). Confesso que, muitas vezes, percebia a Educação Física e a mim mesma, claro, como novatas nos projetos, mas isso reforça meu pensamento de que a resiliência dos docentes em enaltecer e incluir a Educação Física, para além do senso comum, era visível e motivador.

Devido aos suportes familiar e financeiro, todo semestre, eu conseguia antecipar o máximo de disciplinas para que as greves não atrasassem a colação de grau. Aliás, boa parte da turma decidia coletivamente de quais íamos antecipar.

Em 2007, na disciplina de Psicologia da Educação, em equipe, interligamos o tema do seminário ao fenômeno *bullying*. A apresentação foi um sucesso! E o *insight* aconteceu: Se, nas relações entre professores e alunos, fez sentido incluir o *bullying* e esse tema desconhecido sensibilizou toda a turma, era porque precisávamos falar sobre isso! Pronto, encontrara o tema de pesquisa para a monografia!

O professor Ricardo Catunda acolheu com entusiasmo a ideia para a pesquisa, aceitando ser meu orientador. Como resultado de horas de estudo, pesquisa, interconexões, e muito “não” de escolas para aplicar a pesquisa, concluímos a monografia com excelência. Jamais vou esquecer a fala da banca ao me parabenizar dizendo que a pesquisa possuía nível de mestrado.

Agradeço muito a todas as pessoas que me apoiaram nessa jornada. Não foi fácil abordar um tema tão invisibilizado e com possibilidades de causar desconforto e constrangimento aos participantes.

O título da minha monografia para conclusão do curso foi: O Fenômeno *Bullying* na Escola: Pesquisando Professores e Alunos na Educação Física Escolar. Pesquisa que me fascina, ao lembrar que foi aceita para compor o site da pesquisadora pioneira em *bullying*, Cleo Fante, e que, ainda hoje, é utilizado como referência em estudos de diversas áreas e regiões.

Nesse mesmo período de aplicação da pesquisa, ministrei algumas palestras em escolas públicas de Ensino Fundamental, para os alunos de Educação Física, com foco na prevenção do fenômeno, e para uma universidade particular. Isso só me estimulou a ser cada vez mais resiliente e não desistir do estudo.

A Prefeitura de Fortaleza realizou uma seleção para estagiários, no Projeto Segundo Tempo (PST), na qual classifiquei-me em 1ª lugar.

Assim, fui lotada na Secretaria Executiva Regional I, e não nas escolas, sob a orientação, em momentos distintos, dos professores Rubens Guilhon e Patrícia Feitosa. Ambos, com tranquilidade, conhecimento e motivação, deram suporte para que eu me dedicasse aos estudos finais da graduação, para o concurso público e para cumprir as responsabilidades como estagiária na coordenação do PST. Gratidão, professor Rubens e professora Patrícia.

Aproveito, novamente, o espaço, para agradecer às professoras e aos professores da Educação Física da Uece. Cada um à sua maneira, contribuiu com minha formação e minha vida. Principalmente a professora Luilma Gurgel, que me alertou sobre a importância da pesquisa científica e dos privilégios que é conseguir viajar para participar de congressos científicos; a professora Jaina Bezerra, que esteve à frente e inovou ao orientar a Educação Física no Nasf; o professor Ricardo Catunda, que aceitou me orientar na pesquisa de monografia, sem bloquear minhas ideias; e o professor Neides Nobre, que fazia milagres com a precária estrutura nas aulas de Atletismo; e, ao Parente, por sua sensibilidade ao estimular o autocuidado e ao próximo.

Tempo de professora de educação física

Nem todo mundo vai compreender
isso tudo que você é
o que não significa
que você deve se esconder
ou se calar
o mundo tem medo
de mulheres extraordinárias.
(LEÃO, 2017)

O ano de 2010 foi muito relevante e especial, para mim, pois existiram três ápices: primeiro, encerrei o cargo de tesoureira da Comissão de Formatura; segundo, tornei-me professora de Educação Física formada pela Uece; terceiro, fui aprovada na seleção para professores efetivos do

Estado do Ceará. Foi um ano incrível, mas muito difícil, pois o concurso foi o único composto por quatro etapas.

Atualmente, minha lotação é em Fortaleza, mas, inicialmente, fui para duas escolas em Maranguape, região metropolitana de Fortaleza. Em 2012, já estava com lotação em Maranguape e no bairro Araturi, em Caucaia, no Ceará. Aproveito para enviar meu carinho e agradecimento para a querida comunidade da Escola de Ensino Médio Luiz Girão (Maranguape), pela convivência acolhedora.

O início da minha jornada como professora de Educação Física foi bastante difícil. Pensei várias vezes em pedir exoneração. O motivo não foi devido à necessidade de pegar três ônibus para chegar até as escolas, em Maranguape; ou ministrar aulas em locais perigosos; ou ainda, à noite, atuar em academia na Av. Beira Mar, com aulas de *spinning*; ou não ter direito a descanso, mas porque eu não aceitava algumas agressões veladas e a desvalorização dos docentes pelo Governo do Estado, ocasionando-me constantes atendimentos médicos.

A violência escolar pode ocorrer de várias formas. É muito grave quando representantes da gestão escolar cultuam a beleza externa, sem importar-se com a saúde mental dos alunos e assediam moralmente os professores. Sempre estarei atenta para que a escola seja um suporte para os alunos e não apenas mais um espaço para a sociedade impor padrões. Nesse período, meu desejo em especializar-me nos estudos sobre o fenômeno do *bullying* estava bastante presente.

Aproveito este espaço para estender outro agradecimento. Desta vez, a cada estudante que fez meu dia mais feliz, em momentos tão difíceis. Cada um sabe a forma como me ajudou: um sorriso; uma brincadeira; uma tarefa realizada; uma ajuda para segurar o material esportivo; um apoio para dar segurança até a parada de ônibus; um aceno na rua; uma ajuda para estacionar o carro; e por nunca terem me desrespeitado. Meu carinho e desejo de que estejam bem, nesta pandemia.

Nesse contexto de frustração com algumas questões do ensino público, aos finais de semana, cursei a Pós-graduação *Lato Sensu* em

Educação Física para Grupos Especiais, na Faculdades Nordeste (Fanor) - DeVry University, com conclusão em 2013. Minha segunda Pós-graduação *Lato Sensu* foi em Gestão Escolar: Administração, Supervisão e Orientação, no Instituto Prominas Serviços Educacionais, concluída em 2020, na modalidade a distância.

Essa segunda pós-graduação objetivou respaldar e atualizar minhas ações como professora coordenadora da Área de Linguagens e Códigos e complementar a aprovação na Seleção Pública para Gestores Escolares, 2017/2018.

No período da primeira pós-graduação, desenvolvi trabalhos de acompanhamento técnico-desportivo para pessoas com deficiência, na Associação Cearense de Esporte Adaptado (Acea), especificamente em natação e atletismo. Finalizei minha participação na Acea em 2012, com a apresentação de trabalhos científicos sobre qualidade de vida e natação paralímpica, no III Congresso Paralímpico Brasileiro e II Congresso Paradesportivo Internacional, e atuando como auxiliar técnica no Circuito Loterias Caixa Etapa Norte/Nordeste, em Natal, Rio Grande do Norte.

Ainda na tentativa de ministrar aulas em estabelecimento mais próximo da minha residência, em 2013, paradoxalmente, aceitei a proposta de ensinar no curso de graduação de Educação Física em Maranguape. Esse momento reacendeu o interesse pela profissão e o desejo de querer sempre estar em contato com o Ensino Superior. Permaneci como professora do Instituto Dom José de Educação e Cultura, parceira da Universidade Vale do Acaraú (UVA), até 2018, quando a crise financeira da comunidade fez reduzir a contratação de professores e obrigou a unificação de turmas por disciplina para não encerrar os cursos.

Estava com lotação em Maranguape e Caucaia, quando fui convidada para a atual escola em que leciono, a EEM Dona Hilza Diogo de Oliveira. Foi um milagre, um sinal de que Deus ouvira minhas preces, pois Ele e minha família sabiam quanto eu ainda estava sofrendo.

Nesta escola, assumi a coordenação da Área de Linguagens e Códigos, na qual estou até o momento. Sinto-me grata pelos excelentes

profissionais da escola que, mesmo no atual momento de pandemia, continuam acolhedores, sensíveis, dedicados e sempre pensando coletivamente. Meu carinho a vocês.

Nessa ocasião, iniciei o curso básico de Língua Brasileira de Sinais (Libras), no Centro de Referência em Educação e Atendimento Especializado do Estado do Ceará (Creaece), para complementar minha formação na pós-graduação e estar preparada para receber estudantes surdos. Infelizmente, tive que abandonar o curso, por falta de tempo. Em 2018, retomei os estudos e finalizei o curso básico de Libras. Em 2020, já em isolamento social, devido à pandemia do covid-19, concluí o nível intermediário. Em virtude dessa nova configuração de ensino e sociedade, o curso avançado ainda não foi ofertado; aguardo ansiosamente.

Dentre vários congressos após a graduação, quero registrar o 29º Congresso Internacional de Educação Física da Federação Internacional de Educação Física (Fiep), em 2014, em Foz do Iguaçu, Paraná, no qual apresentei trabalhos e pude conhecer novas possibilidades de intervenções na modalidade.

Nesse mesmo ano, apresentei trabalhos no X Seminário Internacional de Educação Física, Lazer e Saúde, em Florianópolis, Santa Catarina, com as temáticas de *bullying*; qualidade de vida; e formação continuada de professores. Ressalto a relevância de participar de eventos científicos internacionais pela pluralidade de conhecimento, valorização das ações de pesquisas, e pelo contato com profissionais de diversas áreas de atuação na Educação Física.

Em paralelo, iniciei a formação *stricto sensu no* Mestrado em Ciências da Educação, em Assunção, Paraguai. Estudei, pesquisei, viajei para assistir às aulas presenciais com renomados professores do país, mas, infelizmente, desde 2015, ano de conclusão do curso, ainda não consegui o reconhecimento do diploma no Brasil. O sentimento de frustração é marcante, pois, inicialmente, acreditei que esse processo de reconhecimento, através da Plataforma Carolina Bori, seria simples e rápido, mas não aconteceu conforme divulgado pelos organizadores do curso. Ao mencionar

esse assunto, relembro de toda a energia; o tempo; dinheiro investido; e os obstáculos superados; para concluir o curso e não ter, até o momento, o reconhecimento brasileiro.

Tudo isso me deu forças para melhorar a rotina de trabalho e estudos, e buscar um mestrado reconhecido pelo Ministério da Educação brasileiro. Participei como ouvinte de uma disciplina no Mestrado em Saúde Coletiva da Uece. Foi maravilhoso e me deu vigor para não esquecer que meu foco sempre foi um Mestrado público de qualidade, em Fortaleza.

Em 2016, fui contemplada com o Prêmio CREF5 de Saber Científico de Educação Física, organizado pelo Conselho Regional de Educação Física da 5ª Região (CREF5). Fiquei muito feliz e honrada pelo reconhecimento, pois esse prêmio divulga as boas práticas e os conhecimentos culturais e teóricos científicos da Educação Física nas áreas de Educação e Saúde.

Em 2017, houve o lançamento do livro *Práxis pedagógica na escola contemporânea*, através da Premium Editora. Participei da elaboração de dois capítulos, com temáticas acerca do fenômeno do *bullying* e das expectativas de aprendizagem da Educação Física.

Nesse mesmo ano, passei na seleção da Uece e Universidade Aberta do Brasil (UAB), para tutoria a distância, no curso de Especialização *Lato Sensu* em Educação Física na Educação Básica, no Programa Nacional de Formação em Educação Física. Fiquei encantada com essa oportunidade, pois tive a honra de conhecer e reencontrar excelentes professores de Educação Física e compor a banca examinadora para a conclusão do curso. Entretanto, por falta de verba pública, o curso não foi renovado.

Em 2018, participei da banca examinadora do Concurso Público de Provas e Títulos para Professor Efetivo da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (Seduc), o que me possibilitou conhecer o outro lado do processo seletivo; vislumbrar novas opções de didática e pensar pedagógico, por meio das discussões com os colegas da banca. O desejo de cursar o Mestrado de qualidade e público ainda estava presente e cada vez mais intenso.

Em 19 de março de 2020, o Governo do Estado do Ceará decretou o isolamento social, com a suspensão das aulas presenciais, como medida de contenção e prevenção de novos casos de Covid-19.

À época, quando o decreto de isolamento social entrou em vigor, no dia 19 de março, O POVO noticiava que o Ceará havia alcançado 24 casos confirmados da Covid-19 e 908 casos suspeitos. O primeiro óbito foi notificado sete dias depois da publicação, em 26 de março. (KARINY, 2020. In: *Jornal O Povo*).

Com as aulas suspensas, iniciei uma rotina de estudos preparativos para a seleção do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) no IFCE, polo mais concorrido. Gradativamente, o ritmo de estudos foi sendo reduzido, em virtude do retorno das aulas na modalidade de ensino remoto; da modificação profunda na dinâmica escolar; e das estratégias de acolhimento, e incentivo à permanência dos estudantes nos estudos.

Associados às modificações supracitadas, havia o medo, a insegurança e a ansiedade por uma vida sem mortes por covid-19, ocasionado principalmente pela falta de vacina e ações negacionistas e irresponsáveis do Presidente Jair Bolsonaro. Segundo o *Jornal Correio Braziliense* (TEÓFILO; CARDIM, 2021), “o descontrole na transmissão do novo coronavírus no Brasil já é motivo de preocupação da Organização Mundial da Saúde (OMS)”.

A organização teme que, em vez de as curvas epidemiológicas do continente se achatarem, tenha ocorrido um aumento nas últimas horas, com atenção especial ao Brasil, o país latino-americano mais afetado pela covid-19 e onde seu presidente, o ultraconservador Jair Bolsonaro, mantém um discurso de negação das consequências da pandemia. (MALDONATO; GEÜL. In: *Jornal El País*, 2020).

Aproveito novamente para agradecer a Deus pela saúde dos meus familiares e amigos; pelo cuidado e o apoio permanente do meu

companheiro de vida, Thiago Amorim, e pelas condições confortáveis para mantermos o isolamento social.

Na perspectiva de minimizar as consequências negativas do isolamento social na aprendizagem dos alunos, as aulas retornaram remotamente. Acredito que esse tenha sido um dos maiores desafios profissionais, pois, apesar do conforto domiciliar, as aulas eram síncronas com pouquíssimos alunos; o material produzido tinha que atender a estudantes com e sem acesso à internet e cada vez mais o trabalho consumia todo o dia. Ressalto que essa rotina acontece até hoje, ano de 2021.

Percebi que, apesar das complicações severas ocasionadas pelo novo sistema de ensino, como o aumento da carga horária de trabalho e redução da saúde mental, o meu fazer pedagógico foi melhorando, aos poucos, com as possibilidades de inserir a tecnologia e por maior engajamento dos estudantes para os aspectos socioemocionais tão evidenciados nas aulas de Educação Física. Criei videoaulas, jogos, materiais didáticos, perfil no Instagram, e realizei parcerias com especialistas convidados para dialogar com os estudantes sobre temas como *cyberbullying*; *bullying* em tempos de pandemia; distúrbios alimentares e de autoimagem; atividades físicas e treinamentos; atenção plena; saúde mental; dentre outras ações.

Muitas mudanças ocorreram, desde o início do isolamento social para prevenção da pandemia do covid-19 e suas variações (atualmente, a brasileira e indiana). Inclusive, no próprio sistema de seleção do Mestrado ProfEPT, causando-me um misto de alívio e estresse, quando a avaliação objetiva seletiva foi alterada para análise acadêmico-profissional. Na escolha dos documentos a serem submetidos à comissão avaliadora, senti nostalgia, emoção e valorização, por pesquisa, artigo, *banner*, participação em congressos, prêmio recebido e experiência profissional.

Cada produção teve seu contexto, com as dificuldades, os aprendizados e as experiências, que me ajudaram a ser quem sou; a permanecer resiliente, em fazer com que minha caminhada profissional minimize a violência escolar e contribua para o desenvolvimento saudável dos estudantes e para estar onde tanto desejei: no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT).

Tempo de ser agora

Até hoje ninguém foi capaz
de medir o seu tamanho
você é caos
e coração
você é oceano
e furacão
te desvendar
é para quem não teme
mulheres infinitas.
(LEÃO, 2017).

Revisitar os tempos e as memórias relatados foi muito mais significativo do que eu poderia imaginar. O processo foi íntimo, reflexivo, muitas vezes confuso, mas representativo para a identificação e exposição do m(eu) ser profissional atual e do quão infinito é possível ser em relação à vida e aos projetos profissionais.

Esta experiência reafirmou minha obstinação por estudos acerca do fenômeno *bullying* e a perspectiva de contribuir para ambientes escolares mais acolhedores e seguros para os estudantes. Foi um reencontro, que tive o prazer e privilégio de compartilhar com vocês, leitores e leitoras.

Muito grata, finalizo o nosso primeiro contato com um convite para que acompanhem as pesquisas, os projetos e sonhos realizados nessa minha jornada acadêmica no Mestrado ProfEPT no IFCE.

Referências

BESSA, Bráulio. *Um carinho na alma*. Sempre haverá um alguém. Rio de Janeiro: Ed. Sextante. 2019.

DEUS me proteja. Intérprete: Chico César. Chita Discos/EMI, 2008. Suporte (4:53 min).

FERNANDES, Kamila (ed.). Após 155 dias, termina greve de professores da universidade do CE. 2006. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1111200631.htm>. Acesso em: 15 maio 2021.

IZQUIERDO, Ivan. Memórias. *Estud. Av.*, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 89-112, ago. 1989. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 maio 2021. <https://doi.org/10.1590/S0103-40141989000200006>

KARINY, Ismia. Relembre como estava a pandemia no Ceará e no Brasil no início do decreto de isolamento social; o que mudou? 2020. *O Povo*. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/coronavirus/2020/08/17/relembre-como-estava-a-pandemia-no-ceara-e-no-brasil-no-inicio-do-decreto-de-isolamento-social--o-que-mudou.html>. Acesso em: 15 maio 2021.

LEÃO, Ryane. *Tudo nela brilha e queima*. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2017.

MALDONATO, Carlos Salinas; GÜELL, Oriol. OMS alerta que a pandemia do coronavírus “se acelera” e agora seu epicentro está na América. 19 jun. 2020. *El País*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-06-19/oms-alerta-que-a-pandemia-do-coronavirus-se-acelera-e-agora-seu-epicentro-esta-na-america.html>. Acesso em: 22 maio 2021.

RODRIGUES, Naiara (ed.). Termina greve de professores da Uece. 2008. *Diário do Nordeste*. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/termina-greve-de-professores-da-uece-1.578945>. Acesso em: 21 maio 2021.

TEÓFILO, Sarah; CARDIM, Maria Eduarda. *Descontrole do novo coronavírus no Brasil ameaça o mundo, alerta OMS*. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/03/4910547-descontrole-do-novo-coronavirus-no-brasil-ameaca-o-mundo-alerta-oms.html>. Acesso em: 22 maio 2021.

TREM bala. Intérprete: Ana Vilela. Som Livre, 2017. Suporte (3 min).

História de uma vida toda

Carlos Robério de Oliveira Barroso

Introdução

Meu nome é Carlos Robério de Oliveira Barroso e sou o quinto filho do casal José Djacir Cordeiro Barroso (*in memoriam*) e Maria Suely de Oliveira Barroso (*in memoriam*). Nasci e fui criado em Fortaleza, capital do estado do Ceará, em 14 de setembro de 1968, em plena ditadura cívico-militar e a poucos meses da publicação do Ato Institucional n. 5 (AI-5). Nasci em casa, provavelmente com auxílio de parteira, no bairro chamado Alto da Balança, por volta das 5h30min de uma tarde de sábado.

Meu pai era originário de uma comunidade chamada Campos, no interior do município de Itapipoca e, com 17 anos, veio para Fortaleza para trabalhar e formar família. Minha mãe, igualmente do interior do estado, era originária do município de Quixeré. Ela foi encaminhada, pelos pais, para Fortaleza com a finalidade de concluir seus estudos, indo morar na casa dos avós maternos no bairro Joaquim Távora. Durante esse tempo, meu pai trabalhou numa empresa que ficava em frente a essa casa dos meus bisavós e, conseqüentemente, conheceu minha mãe e começaram a namorar. Namoraram, noivaram e se casaram.

Desse casamento, foram gerados sete filhos - cinco homens e duas mulheres. Todos os filhos homens conseguiram se formar em cursos superiores, mas, as filhas, somente conseguiram terminar o Ensino Médio. Meu pai tinha o antigo Ginásio incompleto e, minha mãe, o Primário incompleto. Apesar dos poucos estudos, meu pai era um leitor voraz. Comprava jornal, eventualmente, para ler as notícias políticas e, por incrível que pareça, a coluna social. Leu a obra completa de Jorge Amado, a partir da coleção de um tio nosso, irmão da minha mãe, que morava conosco, além de muitas outras leituras.

Depois de muito “peregrinar” por diversas casas, alugadas em vários bairros, meus pais foram residir em uma casa no bairro de Fátima, que

minha mãe recebeu como parte da herança do pai dela. Quando vivo, meu avô materno resolveu comprar um terreno em Fortaleza no referido bairro de Fátima. Essa compra fazia parte de um acordo dele com dois cunhados, irmãos da minha avó. Com a morte do meu avô, minha avó havia desistido do negócio com os irmãos, e retomou, posteriormente, o acordo de compra do terreno por intermédio do meu tio, irmão mais novo da minha mãe. Também por sugestão desse meu tio e com anuência da minha avó, eles doaram a parte deles no terreno para meus pais. Um terço da metade dessa herança pertencia a outro irmão da minha mãe, o mais velho, que meu pai teve que comprar, pagando em espécie, com parcelas, durante um certo período, que não sei precisar em quantos anos.

Esse relato se faz importante, no meu entender, por ter propiciado, a mim e a meus irmãos, o acesso a uma escola particular, no próprio bairro de Fátima e bem próxima da minha casa. Uma escola relativamente pequena, envolvida e promotora de diversas ações no bairro. Constatei, posteriormente, que tive uma educação formal mais focada no aluno. Era um pequeno mundo, onde não tive muitos sobressaltos e consegui assimilar de forma consistente tudo o que vim a estudar. A escola fazia parte da comunidade de forma bem participativa.

Formação acadêmica

Fiz o Ensino Fundamental na escola denominada Ginásio Santo Tomás de Aquino, localizada no bairro de Fátima, em Fortaleza, estado do Ceará. Quando entrei nessa escola, com 5 anos de idade, fui matriculado no Jardim II, recentemente criado. Antes só havia o Jardim. Um dos meus irmãos mais novos, com 3 anos de idade, foi matriculado no Jardim I. Eu tinha como obrigação deixar, no início do turno, e pegar, no final do turno, esse meu irmão, na sala de aula dele, e me encontrar com um dos meus dois irmãos mais velhos para irmos a pé para casa.

Depois do Jardim II, veio a Alfabetização e as séries, da primeira à quarta, todas no turno da manhã. Durante essa etapa da minha formação, nós, eu e meus irmãos, éramos acompanhados, em casa, pela minha mãe.

Ela é quem nos “ensinava” e acompanhava nossas atividades. Essa tutoria era acompanhada de beliscões, cascudos na cabeça e puxamentos de orelha, sempre que errávamos algo nas nossas tarefas. Era a pedagogia da “peia”.

Devido à minha intolerância à dor, procurei logo cedo aprender o conteúdo quando era explicado em sala de aula, pois não queria, e não merecia, sofrer com a “didática” punitiva da minha mãe. Consegui me sair relativamente bem e apanhei bem menos do que meus outros irmãos. Além desse sofrimento em casa, penava muito na escola, com as práticas que viriam a ser conhecidas como *bullying*. Era uma criança muito magra e não reagia às provocações dos outros colegas.

Um primo da minha idade, que estudava comigo na mesma sala, me protegia de quem queria me agredir. Quando esse meu primo faltava à aula, não ia para o pátio da escola, na hora do recreio, para evitar encontrar algum desses valentões. Tive um surto, quando esse meu primo ficou retido na terceira série e eu passei de ano. Fiquei um pouco mais tranquilo quando me lembrei de que ele permaneceria na escola e, apenas, ficaria em outra sala; assim, continuaria a contar com sua proteção, quando não estivéssemos em sala de aula.

Quando passei para a quinta série, mudei de turno, que agora seria à tarde. O *bullying* permanecia, mas, desta vez, todos os meus colegas de classe sofriam do mesmo mal. Quem estudava na quinta série, era chamado de “Mobral”, pois diziam que não sabíamos nada, éramos analfabetos, e, para não sermos chamados de “burros”, usavam essa denominação. O termo Mobral era utilizado assim por se tratar de um programa de alfabetização de adultos, ou pessoas que não sabiam ler, escrever e fazer cálculos, do governo militar. Conheci um posto do Mobral na cidade de Quixeré quando ia passar as férias no sítio da minha avó materna. Quando íamos à noite para a cidade, eu já me encaminhava para lá, para ler livros e revistas, que eles emprestavam. Fiz algumas amizades com meninos da cidade que frequentavam o posto.

Em 1982, quando cursei a sétima série, tive meu primeiro contato com a disciplina de História, que me encantou na hora. Até hoje sou

leitor de livros históricos e de biografias de personalidades da nossa história e do mundo. Passei dez anos nessa escola, até terminar essa etapa da minha educação, com a finalização da oitava série em 1983.

O Ginásio Santo Tomás de Aquino ainda não oferecia o segundo grau, hoje Ensino Médio, e tive que me transferir de escola. Devido a um convênio entre as escolas, fui transferido, em 1984, automaticamente e sem exame de seleção para o Colégio Cearense Sagrado Coração, que era gerido por uma congregação religiosa marista. O impacto foi indescritível. O colégio era enorme, fisicamente falando, além de que cada série, ou ano, tinha de dez a doze turmas, com média de cinquenta alunos por sala. Um mundo novo descortinou-se para mim. Parecia que eu tinha saído de uma pequenina cidade do interior para uma metrópole desconhecida. Eu passava minhas horas de recreio na biblioteca da escola. Muito dificilmente eu andava pelo imenso pátio da escola.

Estávamos no ano de 1984 e o *rock* nacional estava estourado na grande mídia. O *rock* tocava nas rádios FM, tevês e festinhas que os colegas mais velhos faziam em suas casas. Tudo era muito novo e ainda muito incipiente. A ditadura continuava com a abertura lenta e gradual, iniciada no governo Geisel, e a anistia aos presos e exilados políticos. Era uma euforia que nos encantava e fazia sonhar com um país livre e pronto para se tornar o gigante cantado no hino nacional.

O terceiro ano do Ensino Médio fiz a besteira de sair do Colégio Cearense e ir para o Colégio das Doroteias. A decepção foi enorme, nessa escola. O professor de História, por exemplo, estava ensinando o período da Idade Média, às vésperas do vestibular(!). Felizmente, meu interesse por História me ajudou, nessa hora, pois fiz a respectiva prova do vestibular com tranquilidade.

Minha graduação foi na Universidade Federal do Ceará (UFC), para a qual fui aprovado por meio de vestibular. Inicialmente, em 1986, fiz vestibular para o curso de Engenharia de Pesca, para satisfazer a vontade dos meus pais, pois era um curso com concorrência baixa, apesar de Engenharia de Alimentos ter concorrência ainda menor, mas meus dois

irmãos mais velhos já faziam esse curso e, um terceiro engenheiro de alimentos, na família, não seria ideia muito boa, naquele momento. Passei no vestibular e cursei três semestres da Engenharia de Pesca.

Conversando com minha avó materna, ela me indagou o porquê de eu não fazer um curso superior voltado para o desenho, já que era uma paixão desde a minha infância. Pensei em Arquitetura, mas pensava que teria que lidar com muitos cálculos, como a Engenharia Civil, e não me aventurei. Depois de outra conversa, agora com uma prima que cursava Arquitetura na UFC, ela me explicou como era o curso e a questão dos cálculos que eu tanto temia. Ela me encantou com a fala da parte de projetos arquitetônicos do curso, que lidava diretamente com desenho. Resolvi fazer o vestibular novamente, em meados de 1988, para o curso de Arquitetura e Urbanismo. Consegui, mais uma vez, ingressar em outra faculdade.

No curso de Arquitetura, conheci um novo universo, na Educação. Encontrei pessoas que pensavam bem diferente de mim assim provocando um novo choque de realidade. Tudo era novo, apesar de já ter iniciado anteriormente um curso superior, mas agora via uma nova realidade e um grupo de mentalidade bem diversa e mais aberta às experimentações e desprezo pelo preconceito. A problemática da faculdade foi oferecer uma formação voltada para o mercado de trabalho, em detrimento da pesquisa e extensão. As disciplinas eram tendenciosamente direcionadas a uma prática profissional sempre estabelecendo um vínculo direto com essa prática, tanto de forma geral como local, o que acontecia no mercado da construção civil em Fortaleza e no estado do Ceará.

Após dez anos de formado, retornei à faculdade em busca de um possível mestrado. Fui orientado a procurar um professor, que já foi pró-reitor em uma gestão anterior, para saber da possibilidade de uma pós-graduação na minha faculdade de formação. Constatei, na conversa com esse professor, que a mentalidade na instituição ainda persistia no distanciamento da pesquisa. Felizmente, muitos anos depois, a faculdade mudou sua denominação e, provavelmente, a essência dos seus professores,

pois hoje já conta com um programa de pós-graduação respeitável e incentivador. Mas, para mim, já era tarde, pois perdi meu encanto com a instituição.

Devido a algumas greves na UFC, problemas pessoais de saúde e a falta de orientador para o meu Projeto de Graduação (PG), finalmente, me formei e coleei grau, em fevereiro de 1997. Já atuava profissionalmente, antes de terminar a faculdade, como desenhista/cadista em diversos escritórios de arquitetura de Fortaleza. Devido a um desses escritórios, onde trabalhávamos somente o dono e eu, fui pressionado a finalizar meu PG e, assim, me dedicar totalmente ao escritório e, no caso, cumprir dois expedientes de trabalho por dia.

Fiz uma pós-graduação somente quando já estava trabalhando como professor do Instituto Centro de Ensino Tecnológico (Centec), em Limoeiro do Norte. Fomos informados que precisávamos ter, pelo menos, uma especialização para continuar trabalhando como professores. Um colega que já pesquisava por esse tipo de pós-graduação, encontrou um curso nas Faculdades Integradas do Ceará (FIC) e me convidou para participar também. Outra colega juntou-se a nós e, durante aproximadamente dois anos, fizemos o Curso de Especialização em Organização e Gestão de Instituições de Ensino Superior. Essa pós-graduação aconteceu entre 2004 e 2006.

No final de 2006 fiz a seleção para o Programa de Mestrado em Engenharia de Transportes (Petran), do Departamento de Engenharia de Transportes (DET) do curso de Engenharia Civil da UFC. Fui aprovado em uma quota extra para dois alunos, mas que não teriam direito a bolsa de pesquisa. Ainda mais dois alunos extras puderam acompanhar o curso como alunos especiais. Das dez vagas oferecidas, o curso passou para 14 alunos na turma. Fui aceito no programa como aluno regular, pois um professor se interessou pelo meu projeto de pesquisa e me fez a proposta de orientação, mas de outra pesquisa. Aceitei de imediato. Infelizmente não consegui finalizar o curso, apesar de fazer todas as disciplinas com êxito, e ainda tive o projeto de pesquisa alterado, devido à extensão do trabalho, conforme as orientações desse professor.

A minha pesquisa consistia em montar uma base cartográfica georreferenciada da então Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) para uso em pesquisas e trabalhos na área de Engenharia de Transporte. A base cartográfica teria que obedecer a algumas normas de qualidade, com comprovação estatística. Fiz quase toda a pesquisa, mas já estava chegando ao limite de tempo para concluir. O professor orientador resolveu mudar o projeto de pesquisa e, em dois meses, fiz todo o novo trabalho solicitado por ele, mas não foi possível finalizar. Ficou acordado que eu faria parte da seleção do programa novamente, mas com pelo menos 80% da dissertação pronta.

Retornando a Limoeiro do Norte para retomar meu trabalho, agora no IFCE, tive minha casa arrombada por um marginal que levou, além de outros pertences, minha mochila, com o meu *notebook*, onde estava todo o trabalho de pesquisa do mestrado, todos os dois. Foi a pá de cal no meu mestrado. Estava cansado e desmotivado e, com esse roubo, desisti de retornar ao programa. Durante esse mestrado, descobri uma nova paixão: o geoprocessamento.

Fiz uma disciplina de Sistemas de Informações Geográficas (SIG), que me deu um novo horizonte para trabalhar numa área, até então, pouco divulgada no Ceará. O panorama hoje é bastante diferente, mas ainda há muito que fazer na área de geoprocessamento, georreferenciamento, sistemas de informação geográfica e sensoriamento remoto. Quando terminar o ProfEPT, penso em utilizar meu aprendizado na divulgação de ensino, pesquisa e extensão, na área do geoprocessamento e afins.

Durante a graduação tive a chance de, por duas vezes, cursar as casas de cultura da UFC. Primeiro, ingressei na casa de cultura alemã e consegui fazer um primeiro semestre de forma bastante gratificante, pois era um momento de aprendizado descontraído e bem dinâmico. Infelizmente, os horários das minhas disciplinas na Faculdade de Arquitetura me impediram de continuar no aprendizado da língua germânica, na metade do segundo semestre. Acontece que as casas de cultura têm horários

regulares, que devem ser atendidos pelos discentes em prol de um aprendizado eficiente.

Já na arquitetura, os horários não eram favoráveis a quem queria fazer outras atividades, como aprender uma nova língua, ou simplesmente trabalhar. Por várias vezes, os horários de aulas pela manhã e à noite, em determinado dia da semana, e em outros dias, pela manhã e à tarde, ou pela tarde e à noite. Essa irregularidade de horários nos impedia de cursar os horários regulares das casas de cultura. Era muito frustrante. Ainda fiz um curso de inglês instrumental, em Limoeiro do Norte, para concorrer no Petran/DET, e que hoje me permite ler razoavelmente na língua britânica. A semelhança com o português e ter cursado uma disciplina no terceiro ano do Ensino Médio também me permitiram ler em espanhol de forma razoável, bem como entender um pouco.

Experiência profissional

Conforme citado, comecei a trabalhar em escritórios de arquitetura de Fortaleza na busca de estágio e, conseqüentemente, de conhecer o mercado de trabalho onde estava me formando. Os estágios nesses escritórios são formas de trabalho em que recebemos bem menos do que os profissionais formados e sem nenhum vínculo empregatício. Fomos orientados a dizer que éramos estagiários remunerados de arquitetura, caso o escritório recebesse fiscalização trabalhista. Nós, estudantes, aceitávamos essa condição, para ficar conhecidos no mercado local e, também, adquirir um pouco da prática tão difícil na academia. Trabalhávamos como desenhistas e/ou CADistas¹ nesses escritórios, na eterna busca de experiência

¹ “A sigla CAD (Computer Aided Design (CAD) por definição é Desenho Assistido por Computador (DAC), em português, é o nome genérico de sistemas computacionais (*software*) utilizados pela engenharia, geologia, geografia, arquitetura e *design* para facilitar o projeto e desenho técnicos. No caso do *design*, este pode estar ligado especificamente a todas as suas vertentes (produtos como vestuário, eletroeletrônicos, automobilísticos etc.), de modo que os jargões de cada especialidade são incorporados na interface de cada programa.”

profissional e, quiçá, um trabalho ou outro, como arquitetos; projetos arquitetônicos de menor envergadura; e baixa remuneração.

Em fins de 1998, aceitei uma proposta de trabalho, travestido de pesquisa, no Núcleo de Informação Tecnológica (NIT) de Quixeré, após a minha formatura. A proposta, feita pelo meu tio, irmão mais novo de minha mãe, que era secretário de obras da prefeitura, consistia em desenvolver uma pesquisa nesse referido NIT. O aceite dessa proposta foi, em grande parte, movido por uma desilusão amorosa com uma ex-namorada. Depois do fim do namoro, fiquei sem querer um novo relacionamento, por aproximadamente uns três anos, mas sem coragem de tentar reatar com a jovem. Não querendo me encontrar acidentalmente com essa jovem e, provavelmente, seu novo namorado, decidi aceitar a proposta do meu tio e parti para o interior.

Chegando lá, novamente, me enamorei de outra moça e mantivemos um relacionamento por menos de um mês(!). Ainda sentindo atração por essa ex-namorada, decidi retornar a Fortaleza, mas depois, com mais calma, meditei e pensei melhor, ficando na cidade de Quixeré e resolvendo parar de fugir das ex-namoradas. Passei a me envolver mais com as atividades do NIT e assumir minhas responsabilidades pertinentes. Dessa decisão, fui surpreendido com o fim da bolsa de pesquisa. Tive que ir a Fortaleza para fazer a renovação da bolsa, agora, pela Fundação Cearense de Apoio à Pesquisa (Funcap) e com um valor bem superior à bolsa anterior, que era paga pela Secretaria de Ciência e Tecnologia do Ceará (Secitece).

Consegui fazer o projeto de pesquisa e, conseqüentemente, fui contemplado com a bolsa respectiva para atuar no NIT com mais proatividade e segurança. Dividia minhas responsabilidades com outra pessoa, que trabalhava lá quando cheguei. Era uma prima que já residia em Quixeré, mas em uma localidade distante da sede do município, e tocava as

(MENESES, André. Qual o significado de CAD? *Mundo Engenharia*. Disponível em: <https://mundoengenharia.com.br/qual-o-significado-de-cad/>. Acesso em: 16 jul. 2021.)

ações no local. Percebi que lá não havia uma coordenação e me dirigi à Secitece para averiguar como deveria proceder. Foi marcada uma reunião onde conheci o Prof. Antônio Belfort, diretor do Centec de Limoeiro do Norte, e futuro colega no IFCE.

Infelizmente o Prof. Belfort veio a falecer, em decorrência de covid-19, no ano de 2020, causando forte comoção, em nossa pequena comunidade do *campus* Limoeiro do Norte. Nessa referida reunião, o Prof. Belfort me convidou para ministrar aulas no ensino do manuseio do *software* AutoCAD para duas turmas do Centec que estavam terminando o curso e não tinham nenhum professor com a competência. Sabendo que eu era formado em Arquitetura e, desse modo, que o AutoCAD era amplamente usado por arquitetos e engenheiros, ele me convidou para ministrar essas aulas. Aceitei de imediato, apesar de não ter experiência nenhuma em ensino, e fiquei no aguardo da resposta. Fui chamado e comecei a lecionar no dia 1º de setembro de 1999.

Quando estava no mestrado do Petran/DET fiz, em 2008, o concurso público para servidor do Cefet/CE UD Limoeiro do Norte. Concorri ao cargo de professor, na área de desenho, cartografia, topografia e GPS. Fiquei em segundo lugar, pois só foi oferecida uma vaga e não entrei. Posteriormente, o governo federal, através do Ministério da Educação e Cultura (MEC), liberou mais vagas para os institutos federais e pude ser aproveitado como professor. Assumi o cargo com efetivo exercício em janeiro de 2009, onde permaneço até o momento.

Quando assumi o cargo de professor, procurei, de alguma forma, preservar os espaços de trabalho onde atuava, como o Laboratório de Desenho Técnico; Laboratório CAD; e Laboratório de Informática, do *campus* Limoeiro do Norte. Procurei a gestão e me prontifiquei a ser responsável técnico por esses espaços, na intenção de mantê-los direcionados às suas atividades inerentes. Constatei pessoalmente que esses espaços estavam sendo utilizados de forma indevida por colegas, gestores e discentes.

Aconteceu que os equipamentos desses ambientes estavam sendo depredados continuamente, com a falta durante as aulas e os alunos impedidos de utilizá-los. Não só pelo prejuízo nas minhas atividades nesses

laboratórios, como também imbuído de espírito público na preservação de um patrimônio de difícil reposição, fui atrás da necessidade de incentivar o respeito com os espaços acadêmicos, tão difíceis de serem obtidos.

Em março de 2020, assumi a responsabilidade técnica pela coordenação do Curso de Especialização em Gestão e Controle Ambiental, em substituição a uma colega que entrava de licença médica. Pouco depois de assumir essa função, e já próximo de ministrar a minha parte na disciplina de Introdução ao Geoprocessamento, que dividia com a colega coordenadora, veio a suspensão das atividades acadêmicas, em decorrência da pandemia de coronavírus. Durante esse período, consegui, mais uma vez, entrar em um programa de pós-graduação, o ProfEPT. Espero, agora, atingir todos os meus objetivos na área de pesquisa e passar a produzir artigos científicos e elaborar/implantar projetos de pesquisa como forma de colaborar com a expansão do conhecimento técnico e científico no Vale do Jaguaribe.

Conclusão

Eu já sabia da existência do Mestrado ProfEPT, através das correspondências oficiais do IFCE recebidas pelo *e-mail* institucional, mas não tinha detalhes de como seria esse programa. Pensava ser semelhante ao mestrado acadêmico. Após a inquirição das coordenações dos cursos de Saneamento Ambiental e Especialização em Gestão e Controle Ambiental, aos quais estou vinculado, a respeito de cursar um mestrado para complementar esses cursos, tanto nas avaliações do MEC como nas orientações de TCCs e monografias, resolvi procurar um programa de interesse e me inscrever. Minha esposa viu o edital para a turma de 2020 e me enviou para avaliação. Decidi inscrever-me e comecei a ler os textos indicados para a prova de seleção. Acontece que a pandemia do coronavírus provocou a suspensão das atividades acadêmicas do IFCE e o programa acompanhou a decisão no mesmo sentido, já que não seria possível realizar a prova presencialmente. A mudança da forma de seleção, em virtude do modo remoto de ensino, permitiu que eu conseguisse ser classificado para a quarta turma do programa, em 2021.

Estou muito ansioso e motivado para começar a trabalhar com pesquisa e desenvolver artigos científicos, como forma de participação ativa no programa e, também, aprender muito com essa área, que me parece tão difícil e árdua, do conhecimento humano.

Gostaria de trabalhar na linha de pesquisa de Macroprojeto 4 - História e Memórias no Contexto da EPT. Nessa linha, pensar nas principais questões relacionadas à História e memória, do Curso Técnico em Meio Ambiente, considerando o mundo do trabalho a partir de estudos de disciplinas, eventos, instituições, currículos, espaços de formação e recursos didáticos, entre outros.

O aluno, quando chega na Instituição, como novato, fica meio perdido e se acanha; não procura conhecer os espaços e as possibilidades que a Instituição oferece. Do mesmo modo, a Instituição não tem uma relação muito humanitária com seus discentes e, muito menos, lembra de todos os que passaram por seus bancos. O que, às vezes, fica, é uma amizade ou outra, entre alguns professores, Técnicos Administrativos em Educação (TAEs) e terceirizados, com discentes que se aventuram por um contato maior com seus professores, na esperança de obter um aprendizado mais aprofundado ou, talvez, uma oportunidade de emprego que o professor possa conseguir. A relação que tive com as Instituições de Ensino por onde passei me mostraram quão distantes estamos de uma verdadeira relação de amizade ou companheirismo.

A dificuldade em conseguir lembrar como foram meus dias, nessas instituições; os colegas que tive; como eles estão hoje e a vida que levam; me causam uma angústia desgastante, pois são fatos que se perdem nas poucas memórias que tenho desses tempos. Creio que um livro que guarde uma boa parte dessas recordações, de quando estivemos na luta por uma formação acadêmica, poderá nos ligar mais intimamente com elas e facilitar a lembrança de boas recordações. Gostaria de ter a lembrança de muitos desse momentos e entrar em contato com essas pessoas, marcar um reencontro e brindar nossa convivência passada.

Tecendo memórias em meu percurso formativo

Cinthy Suely Miranda Saraiva de Carvalho

A lembrança remete o sujeito a observar-se numa dimensão genealógica, como um processo de recuperação do eu, e, a memória narrativa, como virada significativa, marca um olhar sobre si em diferentes tempos e espaços, os quais se articulam com as lembranças e as possibilidades de narrar experiências.

(SOUZA, 2007, p. 63).

Introdução

Neste memorial, consta um relato de experiência da minha trajetória estudantil, profissional e carreira acadêmica. Confesso que não é fácil escrever um memorial descritivo. São muitas lembranças, mas é uma forma de compreender minha trajetória acadêmica e profissional para chegar até aqui.

Meu nome é Cinthy Suely Miranda Saraiva de Carvalho. Sou natural da cidade de Floriano, localizada ao sul do Estado do Piauí. Minha formação escolar foi realizada em escolas particulares de Floriano e Teresina. Essa formação em escolas particulares se deu pelo fato das reformas educacionais, na década de 1990, principalmente em escolas públicas, articularem o Ensino Médio à preparação para o mercado de trabalho.

Contudo, durante meu Ensino Médio, sempre fui incentivada, por minha mãe, a cursar um Ensino Superior de qualidade, que refletiria em minha escolha profissional. Assim, para ingressar em uma universidade pública, preparei-me com determinação nas disciplinas que eu tinha mais afinidade, em especial, na área de humanas. Portanto, para atender a esse

meu anseio, dentre as alternativas disponíveis, optei pelo curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, por me identificar na relação entre o ser humano e seu desenvolvimento social e educacional.

Trilhando os caminhos...

O ingresso em uma universidade pública foi, sem dúvida, uma vitória. Aprovada, em 2006, no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Estadual do Piauí (Uespi), a escolha decorreu de várias motivações.

Tal curso está associado a múltiplas atuações, que se iniciam na Educação Infantil e séries iniciais, contribuindo essencialmente na formação dos sujeitos; consultoria e assessoria; Educação de Jovens e Adultos (EJA); coordenação pedagógica; além de permitir várias oportunidades no mercado de trabalho. Ao longo da minha vida acadêmica e pelas experiências de estágio, identifiquei-me com a área de supervisão pedagógica; principalmente pelo desejo de planejar e organizar o trabalho pedagógico em busca de resultados satisfatórios. Posso dizer que foi um período de crescimento e transformação.

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao final do Curso de Licenciatura, está relacionado à Relação Família e Escola para o Sucesso de Aprendizagem do Aluno, temática que emergiu a partir da minha atuação como estagiária e me permitiu constatar a realidade, na maioria das escolas públicas do país, da ausência da participação da família na vida escolar de seus filhos e no processo de desenvolvimento educacional. Sabemos que o sucesso da aprendizagem do aluno não está restrita, apenas, aos muros da escola, pois é fundamental a parceria, cada um com suas atribuições, da família e escola, à procura de alternativas para a solução dos problemas e trazer benefícios ao aluno.

Na Uespi, tive a oportunidade de ir ao mercado de trabalho, a fim de aprofundar os conhecimentos adquiridos durante a vida acadêmica. Nos estágios, foram construídas oportunidades que facilitaram o exercício de minha profissão, além de possibilitar novas habilidades e competências.

As experiências em sala de aula foram desafiadoras. Atuei em diversas escolas públicas e particulares, na capital do Estado, sempre em busca da construção de práticas educativas inovadoras e inclusivas. No decorrer de minha vida profissional, sempre procurei possibilitar novas experiências educacionais para estimular o desenvolvimento da criança. Notavelmente, essa prática proporcionou experiências positivas em minha atuação como pedagoga.

Ao finalizar a graduação, em 2010, prestei concurso para pedagoga da Prefeitura de Teresina, e passei a atuar, no período de três anos, em regime de 40h semanais, na periferia da capital.

Nesse contexto, o planejamento estratégico para o desenvolvimento de atividades de qualidade, em uma comunidade carente de escolas públicas, foi um desafio em minha carreira. Organizando formações continuadas com os docentes; seminários; palestras; encontros com pais e alunos; gerenciamento dos espaços físicos para otimizar a aprendizagem dos alunos; desenvolvendo projetos de gestão de tempo e bem-estar para os docentes, sempre investindo nos espaços de diálogo entre escola e comunidade.

Como meu TCC foi sobre a relação entre família e escola, minha visão, dentro do ambiente escolar, era voltada, primeiramente, para a articulação entre os docentes e a comunidade. A presença dos pais, na escola, é fundamental para o sucesso escolar do aluno. Além da promoção de eventos com a participação da família, ação essencial para motivar os alunos, diariamente, conversávamos com os pais sobre suas expectativas e dificuldades na rotina escolar dos filhos.

Em maio de 2015, finalizei meus trabalhos como pedagoga da Prefeitura Municipal de Teresina e assumi o cargo de pedagoga, como Técnica Administrativa em Educação (TAE), no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) - *campus* Ubajara, no qual procuro desempenhar atividades com professores e técnicos de diversos setores, observando, assim, as dificuldades encontradas pelos docentes e discentes na Educação Técnica e Superior. A princípio, senti o impacto

de atuar no Ensino Superior, contudo, com o passar do tempo, as dificuldades foram minimizadas pelas orientações de profissionais que já atuavam no âmbito da Pedagogia em anos anteriores e contavam com vasta experiência.

Realizei especialização, em 2015, pela AVM Faculdade Integrada, em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica. Esse curso me ofereceu subsídios para o planejamento e a organização do meu trabalho pedagógico. Minha monografia versou sobre a Gestão Escolar Democrática na Escola Pública, com ênfase na importância da participação de toda a comunidade escolar em planejamento, organização e decisões sobre as ações educativas da escola. Nessa perspectiva, a gestão democrática possibilita o fortalecimento dos mecanismos de participação na escola; sua autonomia administrativa e pedagógica; e a descentralização do poder.

Enquanto atribuições relacionadas à Coordenação Técnico-Pedagógica (CTP) trabalho diretamente no combate à evasão e retenção e no acompanhamento dos discentes com necessidades específicas. O IFCE disponibiliza uma ferramenta para monitoramento das ações promovidas pelos *campi* para o combate à evasão, nas quais foram implementados programas socioeducativos com vistas à permanência e ao êxito escolar do educando.

Nas ações, são promovidos eventos; rodas de conversa; atendimento multidisciplinar ao aluno; oficinas; palestras; campanhas; e demais atividades que contribuam para o sucesso escolar do aluno. Uma ação de destaque realizada foi o Projeto de Nivelamento oferecido aos alunos ingressantes e/ou veteranos, com o objetivo de sanar as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos discentes ao ingressarem nos cursos técnicos tecnológico e de graduação ofertados pela Instituição. Com o Projeto de Nivelamento, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa, intitulada Os Impactos do Programa de Nivelamento na Aprendizagem dos Estudantes de Licenciatura em Química (2016.1) no IFCE - *campus* Ubajara, para mensurar os impactos desse projeto para os alunos ingressantes do Curso de Licenciatura em Química. A maioria dos estudantes considerou positiva

a participação no projeto e afirmou que impactou consideravelmente no desempenho acadêmico e na motivação no curso. A criação dessa proposta representou um passo importante na formação da autonomia e no progresso do discente.

Além das ações de combate à evasão, minha atuação está voltada também para o acompanhamento de discentes especiais. As intervenções são de caráter interdisciplinar, em parceria com os docentes; assistência estudantil, com a família e comunidade externa; são práticas que contribuem para o processo de inclusão e permanência do discente na Instituição. Considerando esses aspectos, apresentamos, em forma de artigo, a construção de uma metodologia de acolhimento e atendimento aos estudantes com necessidades específicas, do IFCE - *campus* Ubajara. O trabalho foi publicado, em 2020, na Série Educar, que trata da Educação Especial e Inclusiva. No capítulo sobre O Acompanhamento de Alunos com Necessidades Educacionais Específicas no IFCE - *Campus* Ubajara: Uma Discussão sobre a Atuação Interdisciplinar” sou uma das autoras, em parceria com a equipe da Assistência Estudantil e do setor em que atuo.

O passo a passo da pesquisa foi estabelecido com os sujeitos, respeitando suas características, peculiaridades e demandas. Nessa perspectiva, construímos várias estratégias de intervenção. A princípio, somos informados, pela Coordenação de Controle Acadêmico, ou identificados pelos docentes, alunos com alguma necessidade específica. Após essa informação, nos reunimos com a Assistência Estudantil, para analisar a documentação apresentada (laudos, atestados e outros documentos relevantes), ou os fatos relatados pelo/a professor(a), a fim de ter um primeiro contato com o tipo de deficiência e com as possíveis limitações e dificuldade decorrentes dela.

Em seguida, é realizada a visita à escola onde o estudante cursou o Ensino Médio, para obter informações a respeito das suas dificuldades escolares. Posteriormente, ocorre uma visita domiciliar, quando são observados aspectos como a realidade socioeconômica; relação familiar; e

rotina do discente e é firmada uma parceria para o acompanhamento das disciplinas cursadas.

De imediato, nos reunimos com os docentes para planejar as estratégias das avaliações e demais atividades acadêmicas. A etapa seguinte destina-se à elaboração de plano individual de estudo, e do acompanhamento multidisciplinar do *campus*. Em todas as reuniões, são elaboradas Atas e resguardados os aspectos éticos e de sigilo do discente. Por fim, realiza-se o acompanhamento semanal das ações executadas, fazendo os ajustes possíveis, de acordo com as demandas apresentadas.

Nesse estudo, foi possível apontar as dificuldades apresentadas pelos discentes e as adaptações possíveis e necessárias para o atendimento a esse público. É importante destacar que a parceria entre a assistência estudantil; Coordenação Técnico-Pedagógica (CTP); docentes; e família, torna-se fundamental para o êxito discente. Por meio desse trabalho pude vivenciar de forma significativa a importância da minha atuação como profissional da Educação. Posso afirmar que as experiências realizadas em equipe contribuíram para as condições de acesso a uma educação inclusiva e de qualidade, no IFCE - *campus* Ubajara.

Essa pesquisa foi desafiadora por várias razões. A partir dela, entendemos a rotina dos estudantes; suas limitações educacionais; e identificamos nossas dificuldades na inserção do discente com necessidades específicas. Sem dúvida, foi uma reflexão muito importante para meus valores de vida e de profissional.

Também promovemos eventos de acolhida dos alunos, que é um momento reservado para a ambientação dos que ingressam na Instituição. Promovemos palestras; visitas ao *campus*; cursos; troca de experiências entre ingressantes e veteranos; e atividades culturais. Nesse momento, o aluno ingressante se familiariza com a Instituição; conhece professores, coordenadores e demais setores relacionados ao ensino; conhece as disciplinas e as áreas de atuação; aspectos imprescindíveis para sua identificação com o curso.

Além da Acolhida, é de responsabilidade da CTP o planejamento e a organização do Encontro Pedagógico, que acontece sempre no início

do semestre letivo e é destinado ao debate de práticas pedagógicas, de acordo com a necessidade apresentada pelos docentes. O evento conta com a participação dos docentes e convidados e é uma excelente oportunidade de troca de experiência e conhecimentos.

Como pedagoga, participo das reuniões de Colegiado do curso, nas quais discutimos as alterações nos Planos de Curso; propomos ações de intervenção, acompanhamento discente e demais atribuições. Função, também, do setor pedagógico, é a Emissão de Pareceres na criação e/ou alteração de disciplinas curriculares, extracurriculares; cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC); etc.

Com o corpo docente, destaco que minha atuação caracteriza-se como um trabalho coletivo. Constantemente, precisamos dialogar sobre as práticas educativas; propor diferentes estratégias de intervenção, em um processo de organização e reorganização diária, para atender às demandas institucionais. Mediar essa relação pedagógica exige esforço, motivação, habilidades, mas tudo torna-se válido quando a prática torna-se significativa e de qualidade. Ações que não fariam sentido se não fossem pautadas pelo respeito, cooperação e flexibilidade, importantes para minha atuação profissional.

Durante meu percurso profissional, destaco alguns cursos de aperfeiçoamento e atualização na área educacional. Um curso bastante reflexivo, realizado em agosto de 2020, tratou das Competências Profissionais, Emocionais e Tecnológicas para Tempos de Mudanças, promovido pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), no qual se tratou da importância da mudança, nesse contexto incerto da pandemia. Considerando também essa temática, participei do curso Inteligência Emocional para Professores: Cuidando de quem Transforma a Educação, com o objetivo de apoiar os professores em suas práticas pedagógicas. Após o início do Mestrado Acadêmico, já realizei o curso de extensão Contraescola: A Práxis Pedagógica Referenciada na Educação Politécnica, com o objetivo de refletir sobre experiências educacionais contra-hegemônicas, em um debate muito relacionado às bases conceituais

do ProfEPT. Esses cursos tornaram-se relevantes, para minha atuação profissional.

Parafrazeando Marthin Luther King Jr.: “Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas, Graças a Deus, não sou o que era antes”. No final, tudo valeu a pena.

Conclusão

Cursar um Programa de Mestrado Profissional me traz as melhores expectativas possíveis. Agradeço ao IFCE por proporcionar esse Mestrado, de forma gratuita e de qualidade. Nas aulas, encontramos profissionais comprometidos com nosso desenvolvimento teórico e metodológico; que me permite acreditar que o curso proporcionará uma sólida formação, tanto para minha atuação profissional, quanto acadêmica, na superação das dificuldades e no aprofundamento das pesquisas e no desenvolvimento de um produto educacional. Aos professores, minha gratidão pelos diálogos e discussões construtivas, que nos permitiram aprender com suas experiências profissionais. E sem deixar de mencionar os colegas de turma, que, mesmo de forma remota, em meio à pandemia de covid-19, tivemos momentos de troca, angústias e conquistas. Diante desse turbilhão de acontecimentos, quero desenvolver no Mestrado um produto educacional que permita ajudar os demais servidores no âmbito do IFCE.

A partir das discussões durante as aulas do mestrado, optei por me aprofundar nos múltiplos dilemas éticos vivenciados no ambiente escolar, muitos relacionados a disputas; indiferenças; falta de cooperação; ausência de diálogo; e desmotivação; fatores que desencadeiam relações interpessoais desgastantes, interferindo negativamente no ambiente laboral. Meu objetivo é compreender como os professores agem em relação aos dilemas éticos vivenciados no ambiente acadêmico.

Como produto educacional, pretendo elaborar uma página em rede social, Instagram, para a valorização dos docentes que atuam no curso de Tecnologia em Agroindústria do IFCE, Campus Ubajara.

Considerando que a Missão do IFCE é “Produzir, disseminar e aplicar os conhecimentos científicos e tecnológicos na busca de participar integralmente da formação do cidadão, tornando-a mais completa, visando a sua total inserção social, política, cultural e ética”, acredito que promover uma pesquisa de qualidade para a Instituição valorizando os docentes que nela atuam.

Referências

MONTENEGRO, A. V. REGO, A. G. CARVALHO. C. S. M. S. OLIVEIRA. E. T. SANTOS. A. N. *O acompanhamento de alunos com necessidades educacionais específicas no IFCE - campus Ubajara: Uma discussão sobre a atuação interdisciplinar*. Série Educar, v. 11, Educação Especial e Inclusiva/ Organização: Editora Poisson, Belo Horizonte, 2020. ISBN: 978-85-7042-230-9. IFCE. Disponível em: <https://ifce.edu.br/aceso-a-informacao/Institucional/missao-visao-e-valores>. Acesso em: 14 maio 2020.

SOUZA, E. C. *Memória e formação de professores*. Edição *on-line*. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. Salvador: EDUFBA, 2007.

O caminho e suas paisagens

Danyelle de Lima Teixeira

*Se parasse de medo no caminho,
Também parava a vela do moinho
Que mói depois o pão de toda a gente.
(TORGA, Miguel, 2007)*

Introdução

Este texto, com estilo dissertativo narrativo, é o resultado de uma proposta de trabalho da disciplina de Seminário Temático, do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), turma IV. Registro, inicialmente, o momento histórico que estamos vivenciando, devido à pandemia gerada pelo covid-19, que modificou bruscamente a nossa rotina e ceifou a vida de milhões de pessoas. No âmbito do ProfEPT, implicou a alteração do formato do processo seletivo e a adequação de aulas presenciais para aulas remotas.

A proposta da disciplina ancora-se no desafio da autobiografia, que não é nada fácil, como o percorrer da vida, um tanto desafiador. A autobiografia é “narrativa em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p.14), apresentando-se como um misto de subgêneros no registro das memórias da trajetória pessoal. As experiências vividas que marcaram, serão os balizadores da exposição da memória pessoal. De acordo com Pollak (1992, p. 5) “[...] O que a memória grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização [...]”, e a escrita é o processo de reprodução ativa da memória.

Sou Danyelle de Lima Teixeira, a primeira filha de três, do casal Epitácio Teixeira e Francisca Nogueira, oriundos de famílias que, por muito tempo, não contavam com ninguém com nível superior.

Um dos irmãos do meu pai, o tio Esmone, foi o pioneiro a quebrar esse ciclo, ao ser o primeiro a passar em uma universidade, e cursar Direito na Universidade Federal do Ceará (UFC). Esse marco impulsionou os sobrinhos a perpetuarem esse novo ciclo. No meu processo formativo pessoal e profissional, ele foi um grande apoiador, pois acreditou que era possível escrever uma nova história. Entre os aportes que foram decisivos para o resultado positivo, financiou os famosos cursinhos pré-vestibulares, e aqui me vem à memória o saudoso cursinho da Rede de Ensino Tony, onde tive a oportunidade de estudar.

Outra pessoa muito importante foi a minha mãe, que, na sua simplicidade, sempre me ensinou a nunca desistir, de onde vem minha grandeza. A caminhada para alcançar a tão sonhada graduação e a estabilidade financeira foi pontuada por muitas tempestades com ventanias, mas, como diz a frase popular, mar tranquilo nunca fez bons marinheiros.

As paisagens

Minha família e eu somos cearenses, naturais do município de Iguatu, porém, meus pais, nos anos 1980, foram em busca de novas oportunidades na cidade de Porto Velho, Rondônia, onde cursei até a 8ª série. Quando chegamos, a cidade ainda era bem atrasada, em relação à capital do Ceará, eu tinha apenas seis anos e vivi aí parte da minha adolescência. Guardo na memória a biodiversidade, os sabores das frutas cupuaçu, açaí e pupunha; dos peixes de rio, enormes, assados na brasa; a lembrança dos igarapés e do rio Madeira que banha a cidade, é um importante afluente do rio Amazonas. E quem nunca pelo menos ouviu falar na estrada de ferro Madeira-Mamoré?

Em 1995, retornamos para o Ceará, e fixamos residência em Fortaleza. Foi um processo de adaptação em uma nova escola e nova rotina. Com a nossa volta para o Ceará, pude conviver com meus familiares, em especial os do lado materno. Meu Ceará, de litorais maravilhosos, do baião de dois; do forró; e de gente hospitaleira.

Alguns anos se passaram e concluí o Ensino Médio na Escola Estadual Filgueiras Lima. Em seguida, ingressei no cursinho preparatório para

o vestibular, esse foi um momento de pressão, devido à responsabilidade de passar nos tradicionais vestibulares, e peguei as provas específicas dissertativas da UFC.

Em 2004, fui aprovada no Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (Cefet - CE), no Curso de Tecnologia em Hotelaria, e na Universidade Federal do Ceará (UFC), no Curso de Engenharia de Alimentos. Tentei conciliar os dois cursos, mas não foi possível. Tomada pelo imediatismo de ingressar logo no mercado de trabalho, optei pela Hotelaria. Ainda cursei o primeiro semestre da Engenharia de Alimentos e foi muito válida a experiência na UFC.

Posso afirmar que foi no decorrer da graduação tecnológica que comecei a minha trajetória profissional, ao conseguir uma vaga como bolsista de trabalho na Diretoria de Pesquisa e Pós-graduação (DIPPG). Foram dois anos de muito aprendizado e aproximação com o mundo do serviço público, por meio da rotina do setor. Nesse momento, também iniciei a minha jornada na pesquisa científica, pois comecei a produzir meus primeiros artigos e a participar dos eventos de pesquisa, em especial, o Congresso de Pesquisa e Inovação Tecnológica da Rede Norte e Nordeste de Educação Tecnológica (Connepi) e dos promovidos pela própria Instituição. Paralelamente, fui compreendendo os fluxos e protocolos das atividades de uma instituição pública de ensino. Depois da bolsa de trabalho, tive a oportunidade de ser bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Pesquisa de Iniciação Científica e Tecnológica (PIBICT) do IFCE.

O incentivo à pesquisa na graduação trouxe grande diferença para o meu crescimento acadêmico e profissional, e é lamentável, estarmos vivenciando, em pleno 2021, o corte de recursos, pelo governo federal, para a pesquisa e a Educação como um todo... inaceitável!

Percebo, claramente, o peso do meu acesso ao sistema de ensino federal na oferta pública da Educação Profissional e Tecnológica, como fator determinante para a construção da minha cidadania. Paulo Freire (1995, p.74) faz a seguinte reflexão: "A educação não é a chave para a

transformação, mas é indispensável. A educação sozinha não faz, mas sem ela também não é feita a cidadania”. O acesso à Educação me colocou em um projeto societário contra-hegemônico, com uma formação humana que permitiu o desvelamento da realidade. Ainda a partir de Freire (2007, p.102), “se coloca a importância fundamental da educação enquanto ato de conhecimento, não só de conteúdos, mas de razão de ser dos fatos econômicos, sociais, políticos, ideológicos e históricos”.

Depois da tão almejada colação de grau, pela experiência como bolsista e o ideal da estabilidade profissional, não tive interesse em ingressar no mercado privado de trabalho hoteleiro e busquei o campo da docência, na área de Turismo, Hospitalidade e Lazer e passei a estudar para concursos. A primeira oportunidade foi como professora tutora do Curso Tecnologia em Hotelaria, ofertado na modalidade EaD, pelo IFCE, em parceria com o programa Universidade Aberta do Brasil (UAB). Depois, tive a oportunidade de fazer parte da equipe da coordenação do curso, atuando na área de acompanhamento pedagógico. Saliento o desafio e a grandiosidade da oferta de um curso essencialmente tecnológico na modalidade semipresencial e a sua amplitude de interiorização do acesso à Educação.

Em 2012, ingressei no corpo docente do Instituto Centro de Ensino Tecnológico (Centec), órgão que seleciona e contrata os professores do eixo técnico para Escolas Estaduais de Educação Profissional (EEEPs) do Ceará, que integram o Ensino Médio, a formação profissional de nível técnico, com educação em tempo integral.

Trabalhei inicialmente em uma EEEP localizada no município de Camocim; atuei como professora orientadora de estágio e, em sala de aula, no Curso Técnico em Hospedagem. Depois, fui lotada em Fortaleza, no Curso Técnico em Eventos. A experiência como orientadora de estágio foi enriquecedora, pois tive a oportunidade de ir a campo observar os processos das práticas profissionais dos(as) alunos(as).

Quando fui residir em Camocim, pelo lado pessoal, foi difícil ir morar a 354 quilômetros da família e dos velhos amigos. Mas, no mesmo

ano, na busca pela estabilidade profissional, prestei um concurso para assistente em administração, para o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano), e tive a alegria de ser aprovada. Camocim acabou sendo um “estágio” para ir morar, por um tempo, bem mais longe. Considero a orla da cidade uma pintura, com o encontro do Rio Coreaú com o mar, e as inúmeras embarcações para pesca ancoradas; um festival de cores. A cidade é reconhecida por conservar a tradição do trabalho artesanal de carpintaria naval.

Quando prestei o concurso, em 2012, estávamos vivendo um momento de forte expansão da rede federal tecnológica de ensino. Em 2015, fui convocada; pedi desligamento do cargo como professora da Escola Profissional, e assumi o cargo de assistente em administração, no IF Baiano.

O IF Baiano surgiu por meio da integração das antigas Escolas Agrorécnicas Federais (EAFs) e Escolas Médias de Agropecuária Regionais da Ceplac (Emarcs), nesse contexto, fui lotada no *campus* de Teixeira de Freitas, no extremo sul da Bahia, que era uma Escola Agropecuária e foi uma experiência única trabalhar em uma paisagem rural, às margens da BR-101. Embora, inicialmente, a minha escolha, no momento da inscrição, tenha sido o *campus* de Catu, município mais próximo a Salvador, fui redirecionada para o *campus* do município Teixeira de Freitas, que faz divisa com Minas Gerais e o Espírito Santo.

Tomei posse no mês de abril de 2015, e lembro-me bem, nesse período, da repercussão do Projeto de Lei 4.330/2004, que não estabeleceu limite ao tipo de serviço que poderia ser terceirizado, possibilitando a terceirização de atividades-fim. Esse contexto político da época me fez assumir, mesmo não sendo no *campus* da minha escolha inicial.

O tempo que passei no extremo sul da Bahia (Teixeira de Freitas é um misto da cultura mineira com a capixaba), me fez crescer bastante como pessoa; lidar com o medo do novo me fez ser mais forte e elevar a minha espiritualidade. Pude apreciar diferentes paisagens, novos desafios e vencer o medo. Passei 1 ano e 3 meses vinculada ao IF Baiano, e consequentemente redistribuição para a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), para o *campus* localizado no município

de Redenção, Ceará. Foi uma bênção de Deus, poder retornar ao meu estado e ao convívio da minha família.

Na Unilab, trabalho com Educação a Distância (EaD), na seção de produção de material didático e comunicação. A Unilab é uma universidade jovem, pois foi criada no governo Lula, em 2010, e instalada em 2011. Tem como missão fomentar a integração entre o Brasil e os demais países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), com destaque para os países africanos.

O trabalho com EaD exige a quebra de muitos paradigmas; muita dedicação; e constante aperfeiçoamento, mas pude observar que, pelo contexto da pandemia, a EaD acabou tendo um papel central, por levar alguns parâmetros para o ensino remoto. E muitos(as) professores (as) que tinham muita resistência acabaram se valendo de alguns princípios da modalidade.

Conclusão

O ensino tecnológico e o profissional são a base da minha formação acadêmica e profissional. Se não fosse pela distância, ainda estaria vinculada ao IF Baiano, um local muito bom de trabalhar.

Quanto à minha atuação na Unilab, em especial, na unidade na qual estou lotada atualmente, me permitiu colocar em prática toda a bagagem adquirida como bolsista da UAB no Curso Tecnológico em Hotelaria EaD, ofertado pelo IFCE. Inclusive, a minha experiência com EaD foi um ponto forte para o interesse da instituição em deferir a minha redistribuição.

De modo geral, meu percurso profissional foi me tornando capaz de assumir novos desafios e, hoje, como mestrande, sinto-me muito realizada, além de grata por estar bem de saúde, assim como meus familiares. Tem sido muito desgastante acompanhar os números altíssimos de vidas perdidas devido à covid-19, mas seguimos diariamente com uma rotina de cuidados e boas práticas de higiene, isolamento social e com fé em Deus de que vai passar.

Como intenção de pesquisa, pretendo tomar como base a minha experiência na EEEP e atrelar a minha formação inicial em tecnologia em hotelaria e propor o desenvolvimento de ferramenta tecnológica para associar teoria e prática, no Curso Técnico em Hospedagem, em uma escola profissionalizante de Ensino Médio integrado, do Ceará.

Referências

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: De Rousseau à internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista de Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- TORGA, Miguel. *Poesia Completa de Miguel Torga - Volume I*. Ed. Dom Quixote, 2007.

Formação: desafios, medos e enfrentamentos

Ednária Alves Silva

Essa história se inicia como uma proposta da disciplina Seminário de Pesquisa do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) do Instituto Federal de Educação (IFCE) *Campus* Fortaleza, que convida o mestrando à escrita de um memorial descrevendo os desafios durante sua formação, vida profissional, ingresso no programa de mestrado e o que contribuiu para escolha do tema de sua pesquisa.

O memorial pode ser aceito como um recurso metodológico bem-sucedido por proporcionar ao pesquisador uma compreensão acerca da sua trajetória no processo de formação da identidade profissional, a partir de suas vivências. No relato dessas experiências, o narrador, na posição de sujeito, constrói um espaço de reflexão, de (re)significação das experiências vividas na sua prática acadêmica e realiza também um trabalho de (re)conceituação e (re)contextualização dos saberes relativos ao seu fazer acadêmico e profissional (SILVA, 2010).

A expectativa da escrita é grande, as lembranças vêm à tona, misturam-se, e preciso me concentrar para direcionar os fatos e colocá-los em ordem. Que bom seria se os dedos ao digitar acompanhassem a velocidade do pensamento. Mas sigo firme tentando acalmar a ansiedade de reviver toda a trajetória que me fez ser quem sou e estar onde estou. É sobre essa trajetória que pretendo escrever.

Educação no contexto familiar: meus primeiros passos

Minha vida escolar teve início ainda no interior da Paraíba, na cidade de Uiraúna, sertão do estado, onde vivia eu, minha irmã mais velha, com dois anos a mais que eu, e meus pais. Somos de origem humilde,

meus pais cresceram na zona rural e não tiveram muitas oportunidades de estudar. Minha mãe fez o ensino fundamental, como hoje assim é chamado, e meu pai foi apenas alfabetizado. Nossa fonte de renda era um pequeno comércio de bar. Meus pais, apesar da pouca escolaridade, sempre tiveram a preocupação de estimular a mim e a minha irmã para os estudos.

Ainda muito nova, com quatro anos de idade, tive meu primeiro contato com a escola, mas já no ano seguinte, meus pais, em busca de condições melhores de vida e de nos oferecer uma educação de qualidade, resolveram mudar de cidade e, por influência de amigos próximos, decidiram morar em Aracaju, capital de Sergipe.

Em Aracaju, perdi o primeiro ano de aula, pois a escola não me aceitou por ser ainda muito nova. No ano seguinte, comecei o ensino pré-escolar na Escola Estadual de 1º Grau Embaixador Bilac Pinto, onde cursei até a 3ª série do 1º grau, como era chamado o ensino fundamental na época. Nesse mesmo ano, 1989, minha outra irmã nasceu. Tempos mais tarde, por questões de saúde do meu pai, voltamos a morar em Uiraúna, onde estudei na Escola Estadual de 1º Grau Professora Jovelina Gomes e fiz a 4ª e 5ª séries.

No entanto, a seca assolava o sertão no início dos anos 90 e mais uma vez saímos em busca de melhorias. Dessa vez fomos morar na capital, João Pessoa. Nesse período, eu já estava cursando a 6ª série, na Escola Estadual de 1º Grau Dr. José Medeiros Vieira e até concluir o 1º grau passei por mais outra escola, a Escola Estadual de 1º Grau Prof.^a Maria de Fátima Souto. Como morávamos de aluguel, vivíamos nos mudando e, por vezes, a mudança de escola era necessária.

Concluído o 1º grau, fiz seleção para estudar na Escola Técnica Federal da Paraíba, mas não fui aprovada. Então fiz a seleção para entrar no Lyceu Paraibano, considerado uma das melhores escolas públicas do estado. O Lyceu Paraibano fazia parte do grupo de escolas pertencentes aos Centros Paraibanos de Educação Solidária (CEPES), que tratava-se de um projeto, de caráter experimental, implantado em algumas escolas, nas

quais eram disponibilizados recursos humanos, técnicos e financeiros capazes de dar suporte ao projeto político-pedagógico implantado. Recordo da exigência e disciplina com horários e fardamento (BRASIL, 2008).

A escola oferecia várias atividades culturais como grupos de dança e teatro, que, embora eu nunca participasse, sempre gostei de assistir, às vezes tendo que mentir em casa para ficar até mais tarde para assistir à alguma apresentação escolar. Para meus pais, a escola era lugar de estudar e momentos culturais ou esportivos não faziam parte do ensino e aprendizagem. Eles não tinham a compreensão e o entendimento de que disciplinas como artes e educação física eram importantes também para a formação do ser humano, principalmente na fase de formação e desenvolvimento escolar e, por isso, proibiram-nos de participar desses eventos, afirmando ser perda de tempo. A participação em eventos culturais, gincanas e jogos estudantis só estava liberada quando era requisito de notas nas disciplinas.

É sabido que a socialização é uma das principais vantagens da prática da educação física escolar, pois é durante essas atividades que o aluno tem a oportunidade de se sentir aceito pelo grupo e de desenvolver a autoconfiança e as habilidades motoras. Os jogos cooperativos realizados durante as aulas de educação física ou competições escolares possibilitam o aluno desenvolver os valores com respeito mútuo, confiança e trabalho em equipe (SOUZA; FONSECA JÚNIOR, 2010).

Nunes (2014) afirma que é por meio da diversidade cultural presente na disciplina de arte e atividades artísticas em geral que o aluno se torna consciente de sua existência, ampliando seus sentidos, nova visão de mundo, um espírito crítico por meio do fazer artístico; descobrindo que sua existência não está desvinculada da realidade que o cerca, como representações simbólicas espirituais, materiais, intelectuais, seu modo de vida, grupo social, seus valores, suas tradições e crenças - um ser vivo e concreto.

Por ser uma pessoa sempre muito acanhada, sinto que a participação em eventos escolares, sejam esportivos ou culturais, poderia ter me

ajudado a trabalhar essa timidez e auxiliado na minha formação, tornando-me uma aluna mais desinibida e participativa, pois sempre sofri muito com a timidez e medo da exposição, principalmente em apresentações de seminários. E esse medo, até hoje, é um problema que venho trabalhando para superá-lo.

Universidade: um sonho e um desafio

Ainda quando cursava o 3º ano do 2º grau, consegui uma bolsa de desconto para um cursinho pré-vestibular pelo Colégio Objetivo Padrão, uma das escolas mais gabaritadas quando se falava em aprovação para vestibulares. O colégio havia fechado uma parceria com o Lyceu Paraibano, na qual a escola cedia o espaço para acontecimento das aulas e, em contrapartida, o colégio particular concedia descontos em bolsas de estudos para os alunos.

Foi um ano corrido, com aulas do cursinho pela manhã e horário escolar à tarde e ainda tinha que pegar ônibus para ir almoçar em casa, pois não tinha condições de comprar almoço na rua. Como morava distante da escola, o tempo era muito apertado, e, como falei anteriormente, a escola era muito rígida com os horários. À noite, quando chegava em casa, era momento de fazer as atividades escolares, estudar para provas e revisar as aulas do cursinho. Infelizmente, mesmo me esforçando muito, veio a primeira frustração, fiz o vestibular, mas não passei.

Tinha escolhido o curso de Nutrição, não era uma convicção, sabia apenas que queria uma opção na área da saúde por gostar de biologia. E escolhi a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), pois naquela época não havia tantos programas de benefícios que facilitasse o acesso a outras universidades, fossem elas públicas ou privadas.

No ano 2000, o processo de vestibular havia sido alterado e passava a ser chamado de Processo Seletivo Seriado (PSS), que tinha como mudança principal a fragmentação do conteúdo abordado em 3 partes, sendo aplicado uma prova ao término de cada série. No entanto, como eu já estava concluindo o 3º ano, fiz as provas referentes aos 3 anos. A

mudança gerou insegurança e nervosismo. Não consegui me sair tão bem nas provas e não atingi a nota suficiente para ingressar na universidade.

No ano seguinte, comecei a procurar emprego para poder pagar mais uma vez o cursinho pré-vestibular, agora, sem o benefício da bolsa, seria bem mais caro, e conseguir um emprego seria a única alternativa para possibilitar que eu continuasse estudando.

Iniciei minha primeira experiência profissional. Fui trabalhar no comércio. Era uma loja de roupas, um emprego temporário, essas contratações que ocorrem em período de festas juninas, muito comum no comércio de João Pessoa. A experiência não foi das melhores, tive meu primeiro contato direto com o mundo capitalista, senti na pele a exploração, a concorrência por clientes, a pressão para vender mais e a pressão interna das chefias para que fosse feito de tudo pela venda. O clima era de muita competitividade, até porque quem se destacasse e obtivesse o melhor resultado nas vendas garantiria uma vaga fixa na empresa. Consegui um bom desempenho, mas não o suficiente para conquistar a vaga, ficando na empresa apenas o mês previsto.

Consegui um outro trabalho no comércio, por indicação de uma amiga, numa lojinha de materiais descartáveis. Acredito que por ser uma empresa menor, com poucos funcionários, na verdade só eu, minha amiga e o dono, o clima era bem mais harmonioso e tranquilo. Nesse emprego consegui conciliar o trabalho com os estudos. Trabalhava das 7h às 17h, mas geralmente ficava até as 18h para aproveitar a carona para o cursinho, que começava às 19h e se estendia até as 22h. Lembro-me das vezes que ia cochilando no ônibus para casa, chegava geralmente às 23h, e estava tão cansada que, muitas vezes, nem jantava, mesmo tendo feito a última refeição às 17:30h. Era muito cansativo.

O salário que recebia usava para pagar o meu cursinho e o da minha irmã mais velha, que, como eu, vinha tentando o ingresso na universidade. Já era a 5ª vez que ela tentava. Ao final do ano fizemos o PSS e, graças a Deus, dessa vez minha irmã tinha passado. Eu, mais uma vez, bati na trave e não consegui. Mesmo assim comemoramos muito, ficamos

muito felizes com a conquista dela. Minha irmã foi a primeira da família a conseguir entrar na universidade. Meus pais não cabiam dentro de si de tanta alegria. Essa conquista era deles também.

No ano seguinte, continuei trabalhando, mas apenas um expediente. Matriculei-me no cursinho novamente. Estudava no turno da tarde e consegui me dedicar melhor. Com o tempo mais livre e uma rotina menos cansativa, consegui aumentar minha dedicação e melhorar meu rendimento nos estudos. Ao final do ano de 2002, prestei novo PSS e, dessa vez, logo após o término do período de provas, senti que seria diferente, estava mais segura e confiante, mas muito ansiosa pelo resultado.

Lembro-me do dia da divulgação do resultado. Saí do trabalho quase correndo para ir na sede da Comissão Permanente do Concurso Vestibular (Coperve), onde o resultado era publicado nos murais, em folhas impressas, com letras pequenas. Era muito tumultuado, várias pessoas tentando ver o resultado ao mesmo tempo, algumas chorando de alegria, outras de tristeza. A emoção tomava conta daquele lugar naquele momento. E eu nessa euforia também buscava ver meu desempenho. Com o coração quase saindo pela boca, o nervosismo não me deixava enxergar direito as letras miúdas, corri a vista várias vezes na listagem dos aprovados com iniciais “E”, até que encontrei meu nome. A emoção me encheu o peito. As lágrimas começaram a rolar no meu rosto e o sentimento de satisfação me abrigava a alma. Eu tinha conseguido! A minha conquista tinha chegado e todo esforço tinha sido recompensado. Como não usava celular, saí às pressas na tentativa de chegar em casa o quanto antes e dividir essa alegria. Mais uma vez meus pais sentiram a satisfação de dever cumprido. As duas filhas mais velhas ingressaram em uma universidade pública federal. Era digno de muito orgulho e felicidade!

Passsei para o segundo semestre do Curso de Nutrição na UFPB. Enquanto esperava o início do curso, continuava trabalhando na loja de materiais descartáveis. O curso de Nutrição era integral, tinha períodos com aulas nos turnos da manhã e da tarde e, assim, quando iniciaram as aulas, tive que largar o trabalho diário, mas fiquei prestando serviços de forma

temporária, na mesma loja. Trabalhava aos finais de semana, feriados e durante as férias. Dessa forma, e com ajuda dos meus pais, pude me manter durante toda a graduação.

O ingresso na UFPB foi surreal, ainda estava em êxtase nos primeiros dias de aula. Minha rotina mudou completamente, novas amizades, muitas disciplinas, muitos capítulos para estudar, muitas atividades, provas, trabalhos, relação professor-aluno bem diferente da que eu havia experimentado durante minha vida escolar. Essa nova rotina exigia mais responsabilidade e a tensão começou a aparecer.

Eram momentos de adaptações, e o medo por vezes se instalava. Durante minha vivência escolar nunca tive muita dificuldade com os estudos, sempre tive boas notas, mas na universidade precisei estudar bem mais do que antes e, mesmo assim, algumas vezes não conseguia o resultado esperado. Já no primeiro semestre precisei passar por prova final para recuperação de nota, isso me deixou arrasada, nunca achei que sentiria tanta dificuldade.

A trajetória de adaptação foi longa e a cada semestre surgiam novos desafios e medos a serem enfrentados. Como durante a apresentação de um seminário, em que eu não tinha conseguido assimilar o conteúdo de maneira que conseguisse repassá-lo, associado a isso, o nervosismo tomou conta de mim. Lembro que tremia muito durante a exposição e mal consegui ler o que estava escrito. É claro que o professor não aprovou a apresentação e ainda interrompeu fazendo críticas duras. Fiquei extremamente abalada pela forma que ele expressou, e a pior parte é que era um professor por quem eu tinha grande estima e admiração. Isso me entristeceu, quase desisto do semestre. Mas, mais uma vez, levantei e segui.

A universidade também trouxe companheirismo e crescimento. Os estágios começaram. E, a cada estágio, crescemos, aprendemos e evoluímos. Além dos estágios obrigatórios, tínhamos as seleções para projetos de pesquisas e monitorias.

Durante minha vida acadêmica, participei, por um curto período de tempo, de forma voluntária, de dois projetos, um sobre alimentação

escolar e outro sobre educação popular, mas tive que sair de ambos ainda nas primeiras fases, pois havia passado na seleção de monitoria para uma faculdade particular, a Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba, cujo curso de Nutrição ainda se encontrava na primeira turma e faltava monitores para as disciplinas, sendo necessário buscar na UFPB. Também passei para seleção de monitoria da disciplina de Técnica Dietética II na UFPB.

Embora a correria fosse grande e os recursos financeiros escassos, tentava participar de palestras, simpósios e congressos na área. Durante a graduação de Nutrição, ainda fiz um outro vestibular para Educação Física na UFPB, iniciei algumas disciplinas, mas não tive como dar continuidade naquele momento, pois os estágios me exigiam tempo e dedicação para elaboração dos relatórios.

O último semestre do curso consistia em apresentar um trabalho de conclusão em cada estágio. A ordem dos estágios era feita por meio de sorteio e a turma era dividida em grupos menores. O primeiro estágio fiz na área clínica, do Hospital Universitário Lauro Wanderley. Fazíamos o acompanhamento nas clínicas médica, pediátrica e na Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Em cada clínica, tínhamos que escolher um paciente para estudo de caso, mesmo acompanhando os demais pacientes. Ao final do estágio, escolhemos um estudo de caso para apresentar e discutir o caso em sala de aula.

O segundo foi o Estágio Rural Integrado (ERI), que consistia na formação de uma equipe multiprofissional de estudantes da área de saúde que estavam concluindo o curso. A equipe realizava ações de saúde e atendimentos em outro município. Ficamos em Pirpirituba, cidadezinha no interior da Paraíba, a 38 km de João Pessoa. Nossas atividades eram realizadas de segunda a quinta, na sexta voltávamos para a capital.

Esse estágio foi engrandecedor, era uma equipe composta por alunos de medicina, farmácia, fisioterapia, além de nutrição. Fizemos diversas ações na comunidade, caminhadas pela saúde, palestras, programa de rádio, teatro de fantoche para crianças em escolas, bem como atendimentos

nos postos do Programa Saúde da Família (PSF) e atendimentos domiciliares, sempre com a supervisão de algum profissional de saúde. Foi um dos estágios mais ricos em aprendizagem e conhecimento prático, sem contar o desafio que foi trabalhar a minha timidez com participação de atividades que exigiam a exposição.

O terceiro e último estágio foi em Nutrição Normal, que era a prática supervisionada em uma Unidade de Alimentação e Nutrição (UAN). Fiz esse estágio na UAN de uma fábrica de cimentos em João Pessoa, a CIMEPAR. Era a área que eu menos me identificava. Não gostava de ficar acompanhando e supervisionando as atividades dos colaboradores na cozinha.

Foi o estágio mais intenso e mais complicado, pois, além de não gostar da área, ainda tive como orientador o mesmo professor que passei pelo constrangimento na apresentação do seminário alguns semestres antes. A ansiedade tomava conta de mim só de pensar em passar por novo constrangimento. Mas realizei meu trabalho com a colaboração da nutricionista da fábrica, que me supervisionou e também orientou o meu trabalho. Levei para o orientador o trabalho pronto, tendo que fazer apenas pequenos ajustes e, assim, finalizei todos os meus estágios.

Na formatura, não tive condições de participar da festa como queria, levando meus pais e familiares, mas fui como convidada e participei também de toda a programação. Minha turma era maravilhosa e muito unida, e mesmo os alunos que não tinham condições de pagar pelas festividades, todos foram convidados, desde a aula da saudade até a formatura. Meu pai me acompanhou na minha colação de grau, já na missa celebrativa, tanto meu pai quanto minha mãe puderam me acompanhar, orgulhosos e satisfeitos com a missão cumprida.

Além deles, também participaram da celebração minha madrinha, que sempre estive na torcida por mim, e meu chefe, pois o considero uma pessoa que ajudou muito na minha trajetória, pois muitas vezes eu ligava perguntando se ele não precisava de alguém para ajudar na loja e ele sempre me chamava, às vezes nem precisava, pois já tinha as funcionárias lá,

minhas amigas, que só tiravam férias quando eu tinha férias na universidade para que eu pudesse substituí-las na loja. Gratidão a todos que contribuíram com essa realização. As festividades foram perfeitas, mas começava agora uma outra etapa, a busca por um emprego.

Ao concluir o curso de nutrição em 2006, retomei algumas disciplinas do curso de educação física, continuei trabalhando aos fins de semana e feriados na loja de materiais descartáveis e comecei a estudar para concurso com uma amiga que concluiu o curso comigo. Todos os dias eu ia para casa dela estudar e começamos a fazer os concursos.

Vida profissional: medos e enfrentamentos

Fiz muitos concursos na Paraíba e estados próximos, um dos que passei foi para a prefeitura de Icó, no Ceará. Após a realização da prova, o concurso foi cancelado. Ao remarcarem, refiz a prova e passei, mas nunca fui chamada. Fiz também para a cidade Farias Brito - CE, fiquei classificada na 3ª colocação, empatada com minha amiga e colega de estudo. Os primeiros colocados não quiseram assumir e, após algumas chateações e dificuldades em conseguir informações a respeito das convocações, minha amiga foi chamada, mas ela tinha desistido de assumir também e eu fui convocada. Tive que ir morar no Ceará, mas com o pensamento de passar o menor tempo possível e, assim que passasse em um concurso na Paraíba, voltar para casa.

Assumir meu primeiro emprego como nutricionista foi um misto de alegria e tristeza, pois pela primeira vez tive que sair de casa para morar fora, em uma região desconhecida e praticamente sem conhecer ninguém, pois só tinha uma amiga que morava em Crato - CE e me ajudou a conseguir um local para morar lá. Ia e vinha todos os dias para Farias Brito. Era quase uma hora de trajeto só para ir. A viagem era realizada no ônibus da prefeitura que fazia esse percurso com os profissionais que trabalhavam na cidade e residiam em Juazeiro do Norte e Crato.

O início da minha vida profissional foi muito difícil. Inexperiente, assumi, a princípio, o hospital da cidade. Era responsável por fazer os

atendimentos ambulatoriais e acompanhamento dos pacientes internos. Mas percebi que minhas prescrições não eram seguidas, pois não havia nutricionista orientando os colaboradores da cozinha para fazer e servir as refeições conforme as orientações. Pela primeira vez percebi a importância do nutricionista nas cozinhas. De nada adiantava prescrever os melhores cardápios se eles não fossem elaborados da maneira adequada. E tive que me dividir entre a área clínica e a produção de refeições do hospital. Vi a diferença que faz um profissional de nutrição conduzindo a administração da produção de refeições. Acredito que, nesse momento, a área que antes eu tinha pavor, passei a valorizar e me apaixonar por ela.

Eu era a única nutricionista a trabalhar pela prefeitura, não demorou muito e fui solicitada para prestar serviços nas secretarias de Educação e Cultura e na Ação Social. Passei a trabalhar com a merenda escolar duas vezes por semana e, sempre que era convidada, fazia palestras nos projetos da secretaria de Ação Social. Mesmo ao relatar que era muita atividade para uma única nutricionista, as chefias e o prefeito só diziam que iria contratar outra, mas esse dia não chegava. E quando falava em aumento salarial, eles diziam que esse aumento só poderia acontecer mediante aprovação na câmara de vereadores. Eu não entendia nada disso e, de certa forma, tinha até medo de insistir.

Quando o Núcleo Ampliado de Saúde da Família (NASF) surgiu, vi a possibilidade de aumento salarial, e, conseqüentemente, dos trabalhos também. Mas foi mais uma tentativa frustrada. Prestei serviços ao NASF por 4 meses, mas como era o fim do mandato do prefeito, tive que aguardar o sucessor assumir e, quando falei com ele, ele simplesmente disse que não tinha como dar o aumento e que iria contratar outro profissional da área.

Como o combinado não tinha sido com ele e sim com seu antecessor, ele me pagou uma quantia equivalente a um salário mínimo pelos 4 meses de serviços prestados. Vale ressaltar que o NASF recebia um recurso próprio para contratação dos profissionais. A inexperiência, a insegurança e o medo não me deixavam impor limites, passei por muitos momentos de exploração, abusos e perseguições.

Toda essa problemática e acúmulo de tarefas me deixaram sobrecarregada, o que desencadeou em mim uma crise de ansiedade. Viajei para ver meus pais e, nesse momento, quis desistir do concurso e abandonar o trabalho. Era muita pressão, adoeci e passei uns dias me tratando na casa dos meus pais, em João Pessoa. Quando pensava em voltar, batia em mim o desespero e o choro incontrolável. Em uma consulta com a psicóloga, ela falou algo durante a sessão que me fez refletir bastante. Ela disse que eu tinha duas opções: desistir do concurso que tanto lutei para conquistar e voltar para o acolhimento dos meus, ou voltar, reassumir o trabalho, aprender a dizer não e impor limites. Aquelas palavras me marcaram muito e criei forças para voltar. Não foi fácil!

Quando retornei ao Ceará, solicitei uma reunião com as chefias e falei que a partir daquele momento eu assumiria apenas uma secretária. Escolhi ficar na Secretaria de Educação e Cultura, pois tinha o expediente em horário corrido. Pouco tempo depois senti que as perseguições e cobranças aumentaram. Eu continuava buscando outros concursos para melhorar minhas condições de trabalho e financeira.

Como o aumento salarial não saiu, tive que buscar outras alternativas para complementar a renda. Consegui um emprego numa clínica em Juazeiro do Norte. Iniciava o trabalho depois de largar de Farias Brito. Mas me senti muito inútil, pois como o tempo que eu ficava lá era muito curto, não conseguia realizar meu trabalho de maneira eficiente e isso me deixava muito frustrada, acabei passando só 2 meses e saí.

Depois, consegui outro emprego na Prefeitura de Salitre, também no Ceará, já divisa com o Piauí. Trabalhava lá aos sábados. Devido à distância, precisava sair de casa às 4:20h da manhã nos carros que faziam a linha Crato - Campos Sales e de lá pegava outro carro até Salitre, chegando por volta das 8:30h. Minha função era elaborar os cardápios, organizar as guias de entrega de alimentos e participar das reuniões com diretores, gestores e com trabalhadores rurais fornecedores da Agricultura Familiar nas escolas. Como o período na cidade era curto, usava esse tempo para fazer as articulações necessárias e, durante a semana, quando chegava em casa do outro trabalho, elaborava os cardápios, guias e demais

documentos necessários e enviava por *e-mail* para a secretária de educação executar.

Continuei fazendo outros concursos, sempre na expectativa de conquistar algo melhor. Fiz vários e em vários estados, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e para outras cidades no Ceará. Nessas tentativas, inscrevi-me para o concurso do IFCE *Campus* Iguatu. Quase desisto de fazer devido à dificuldade para deslocamento para fazer a prova. Às vésperas do concurso, resolvi que iria fazer.

A prova foi em um dia de domingo e, como no sábado trabalhava em Salitre, tinha que sair de lá depois do expediente para viajar para Iguatu. Como não havia me planejado com antecedência, liguei para confirmar a pousada poucas horas antes de viajar e o dono falou que estava lotada, mas que se eu quisesse arriscar, conseguiria um “cantinho”, como ele falou, para eu ficar e assim eu fui. O ônibus saía às 19h, chegando a Iguatu só às 22h.

Eu não conhecia a cidade, estava com medo, mas já não podia desistir. Peguei o táxi na rodoviária para a pousada e, ao chegar lá, o dono conseguiu, como disse ele, um “cantinho” para colocar uma rede e eu passar a noite. Conversei com ele para conseguir alguém para me deixar no local da prova e ele ficou de conseguir um mototaxista. Passei a noite lá, mal dormi, pois além da ansiedade estava com crise de garganta e tratando uma gastrite, oriunda da ansiedade e dos remédios tomado para tratar a crise de garganta.

No dia seguinte, tomei o café da manhã e pedi para o dono da pousada ligar para o mototaxista, mas sem sucesso, ele não atendia. Comecei a ficar preocupada, mas o dono da pousada falou com uma hóspede que iria fazer a prova no mesmo local que eu. Apresentamo-nos e, conversando, descobri que ela tinha vindo do Piauí com os pais e também estava tentando a vaga para nutricionista. Ironicamente, minha concorrente foi quem me levou para o local de prova.

Fiz a prova e, ao sair do local, encontrei os pais da colega, e, como havia comentado com eles que ainda não sabia como voltaria para o Crato, eles disseram que estavam conversando com um professor que

tinha vindo com um grupo de Juazeiro do Norte e que já iam embora logo após todos terminarem suas provas e que eu podia ver se não tinha uma vaga para retornar com eles. E assim eu fiz, o professor disse para eu aguardar porque um dos integrantes do grupo havia desistido de voltar e assim havia uma vaga. Fiquei esperando, mas, de última hora, a vaga não apareceu e o professor conseguiu uma outra carona para mim com um casal que também voltaria para Juazeiro do Norte. Ao conseguir a carona, passei na pousada, peguei minhas coisas, nem deu tempo de almoçar, tomei apenas um copo de suco e fui embora.

Ao chegar no Crato, agradei e desci do carro aliviada por estar chegando em casa depois de toda essa maratona. Lembro que, ao ligar para minha mãe e contar toda aventura, ela reclamava por eu ter me exposto a toda essa situação, numa cidade que não conhecia, pegando carona com estranhos e, ainda, doente. Mas eu sentia que não teria sido um esforço em vão. E de fato não foi, ao sair o resultado fiquei na segunda colocação, mesmo não tendo ficado em primeiro lugar, estava feliz pela conquista e pela possibilidade de conseguir um emprego público federal.

Enquanto não era convocada, continuava trabalhando e fazendo outros concursos. Passei ainda nos concursos do Instituto Federal de Educação do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE) e para a prefeitura de Juazeiro do Norte, no qual fui convocada e acabei saindo de Farias Brito para assumir a área de produção de alimentos do Hospital São Lucas. Passei 5 meses trabalhando em Juazeiro do Norte e, aos sábados, continuava indo para Salitre. Quando finalmente saiu minha convocação para assumir a vaga de nutricionista técnica administrativa do IFCE *Campus* Iguatu, foi uma das maiores alegrias que já tive.

Um mês após assumir o cargo no IFCE *Campus* Iguatu, também fui convocada para o concurso do IFSertãoPE, mas, avaliando as melhores condições, distância e transporte para visitar minha família em João Pessoa, e considerando que já havia feito minha mudança e me instalado em Iguatu, preferir ficar no IFCE.

Comecei a trabalhar no IFCE em 2011, e em pouco tempo assumi a coordenação do setor de nutrição, ficando nesta função por uns 3 anos.

Foram muitos desafios, afinal, o *Campus* Iguatu conta com 2 unidades de refeitórios, atendendo alunos internos e externos, do ensino médio, técnico subsequente e superior com demandas diversas.

A minha preocupação sempre foi servir uma alimentação com qualidade, atendendo as necessidades nutricionais, mas que, acima de tudo, fosse um alimento seguro do ponto de vista microbiológico, saudável e saboroso. Por ser uma instituição que teve origem de uma escola agrotécnica, ela compreende várias estruturas que diferem dos demais institutos que não tiveram essa base de origem, como os espaços de criação de animais e o cultivo de plantas e hortas, áreas de processamentos para cortes de carnes, fabricação de doces, produtos lácteos, produtos de panificação, entre outros. Todos os setores contavam com a participação efetiva dos alunos nas atividades, tornando um ambiente rico de aprendizagem. Além do mais, grande parte da produção é destinada ao consumo nos refeitórios, a outra parte para venda na cooperativa dos alunos. Sendo assim, os cardápios são elaborados considerando também a produção escolar e os hábitos culturais.

Outras atividades que pude desenvolver durante minha vida profissional foram os cursos que ministrei pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), participação de trabalhos acadêmicos com colegas professores da área de agroindústria, elaboração de cartilhas com colegas da área de nutrição, palestras, cursos de formação para as equipes dos refeitórios, participação nos eventos desenvolvidos na instituição, buscando sempre melhorar e ampliar meus conhecimentos. Além das atividades desenvolvidas, participei de vários cursos na área de nutrição e, em 2015, concluí minha especialização na área de Nutrição Humana.

Em 2016, tive a oportunidade de ir para o Instituto Federal da Paraíba (IFPB) *Campus* Campina Grande, em colaboração técnica e tentando uma vaga para redistribuição. O *campus* estava em processo de instalação do restaurante acadêmico com gestão terceirizada e pude colaborar com esse processo de abertura e inauguração. Essa experiência foi rica

e desafiadora, pois estava adaptada a trabalhar com o serviço de autogestão, e estabelecer critérios para um serviço terceirizado, tendo que deixar todas as possíveis situações e ocorrências estabelecidas em contrato, foi muito complexo, mas o esforço foi compensado ao ver a satisfação dos alunos em ter o benefício de receber de forma gratuita uma alimentação de qualidade.

Infelizmente a vaga que estava tentando no IFPB para ficar de forma definitiva na Paraíba não foi possível e, após um ano de colaboração técnica, retornei ao meu *campus* de origem no IFCE.

O retorno a Iguatu reacendeu o interesse em buscar novos conhecimentos e crescer mais como profissional, e comecei a pensar na possibilidade de fazer novos cursos. Queria fazer o mestrado, mas o tempo sempre foi um obstáculo que me fazia repensar: Será que conseguiria conciliar o trabalho com as atividades do mestrado? Comecei a amadurecer a ideia e concluí que se eu não me jogasse nessa aventura, jamais teria tempo de fazê-lo, já que não posso parar de trabalhar para estudar.

Nesse momento surge em meu caminho, por meio de influências de outros colegas, o Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT). Com uma proposta que me interessava muito mais que o mestrado acadêmico, uma vez que poderia associar o objeto de meus estudos à minha prática profissional. Resolvi fazer a inscrição, comprei um material para estudo, mas, em meio às tarefas cotidianas, os estudos ficaram prejudicados e acabei desistindo de fazer a prova.

No ano seguinte, mais uma vez os colegas incentivaram e novamente me inscrevi, estava mais empolgada, mas, com o surgimento do Coronavírus e o avanço da pandemia no Brasil, todo o calendário letivo foi suspenso, bem como a prova do mestrado. Fiquei um pouco desanimada, pois não tínhamos previsão de retorno e realização das provas. Até que, em janeiro de 2021, a equipe organizadora do PROFEPT retomou a realização do exame de acesso ao programa de mestrado.

Preocupados com a preservação da saúde dos agentes envolvidos e dos participantes interessados nas vagas e buscando evitar a transmissão

do vírus, a comissão decidiu por realizar um novo modelo de avaliação, denominado “Histórico Profissional e Acadêmico”, no qual os candidatos iriam apresentar comprovações de atividades e práticas profissionais, como produções e participações acadêmicas relevantes ao PROFEPT como forma de pontuação para avaliação e ingresso no programa de mestrado. Fiquei receosa com esse novo modelo, pois temia não ter bagagem suficiente para competir com os milhares de concorrentes inscritos.

Organizei a documentação, reuni todos os certificados de produções e cursos que havia realizado e enviei. A ansiedade era enorme, contava os dias e horas para o resultado. E finalmente ele saiu. Fui aprovada! A felicidade não cabia em mim. Hoje sou mestranda do PROFEPT - IFCE *Campus* Fortaleza.

Mesmo em meio a uma pandemia, com aulas remotas, longe do contato físico com colegas e professores, o momento vem sendo de grande aprendizagem. A cada semana novos conhecimentos, novas contribuições e novos despertares do saber. As atividades iniciais colaboram com nossa busca pelo tema a ser trabalhado e fundamentações teóricas de bases necessárias para o desenvolvimento da nossa pesquisa e do produto final.

Ainda estamos em processo de escolha do tema, mas como a minha prática profissional está ligada à nutrição e, de maneira mais específica, à alimentação de escolares, tenho como pretensão desenvolver minha pesquisa com a temática sobre promoção de práticas alimentares saudáveis para estudantes, como já relatado em uma das atividades da disciplina de Seminário de Pesquisa. Agora reforço aqui no memorial o meu interesse nessa temática. É uma ideia inicial, ainda a ser amadurecida, mas é um assunto pelo qual tenho muito interesse e acredito que, após a definição do orientador do meu projeto e em discussão com o mesmo, o tema será finalmente estabelecido.

Conclusão

Minhas considerações na escrita deste memorial surgiram a partir de lembranças guardadas na memória, que, por vezes, algumas já nem

recordo tão bem. Relembra-las nesta escrita trouxe um encontro comigo mesma e com diferentes sentimentos vividos no decorrer desse processo. A estrada foi longa para chegar até aqui e cheia de percalços, mas também foi de muitas conquistas. Escrever sobre si não é um processo tão fácil. Talvez seja o medo da exposição ou do autoconhecimento, do encontro com o espelho, com suas falhas, com suas frustrações passadas. Mas, ao mesmo tempo, é surpreendente se reconhecer como protagonista de suas lutas e vitórias.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Ensino médio noturno na Paraíba: democratização e diversidade*. Brasília, DF: MEC, 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7611-emnot-relatorio-pb-final-pdf&category_slug=fevereiro-2011-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 6 jul. 2021.

NUNES, M. J. *Arte como meio de socialização e inclusão do indivíduo*. Universidade Estadual do Norte do Paraná, Jacarezinho, 2014. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uenp_edespecial_pdp_maria_jose_nunes.pdf. Acesso em: 6 jul. 2021.

SILVA, J. Q. G. *O memorial no espaço da formação acadêmica: (re)construção do vivido e da identidade*. Perspectiva, Florianópolis, v. 28, n. 2, 601-624, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2010v28n2p601/18450>. Acesso em: 6 jul. 2021.

SOUZA, R. N.; FONSECA JÚNIOR, E. *A influência da educação física na formação moral do aluno*. EFDeportes.com, Buenos Aires, año 15, nº 147, ago. 2010. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd147/educacao-fisica-na-formacao-moral-do-aluno.htm>. Acesso em: 6 jul. 2021.

Memórias de um garoto na linha lateral da quadra

Fernando Michael Pereira Nobre

Introdução

Na construção do memorial descritivo, são narrados os processos histórico e social de formação do ser humano, no âmbito da formação acadêmica e da profissional, a partir das memórias e experiências vivenciadas. Traduz as marcas das dificuldades, os desafios e a superação, que acompanham o desenvolvimento humano. De forma mais qualitativa, Cintra (2020) afirma que o memorial é uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva da vida pessoal, com enfoques cultural e profissional.

Portanto, neste relato autobiográfico, intitulado Memórias de um Garoto na Linha Lateral da Quadra, está descrito o processo formativo de transformação de um “garoto” tímido, leonino e apaixonado pela vida. Aliás, a palavra “garoto” faz parte do vocabulário dos muitos amigos e familiares. Substantivo que não reflete os 36 anos de idade e as experiências vividas pelo professor, esposo e pai da Maria Stella. Me chamem de Michael (“Maicon”, tá! risos) ou, simplesmente, Fernando.

Filho de pais divorciados, com pai servidor público e mãe doméstica, o basquete e a Educação Física sempre ocuparam espaço significativo na minha educação. Brincadeiras, jogos e esportes transformaram o imaginário desse garoto sonhador, cratense, que queria ser jogador de futebol e ajudar as pessoas carentes. Aprendi muito cedo a relevância da Educação para a formação do ser humano, cujas conquistas e o convívio em sociedade devem ser compartilhados com amor.

Nos anais dessas memórias, as lembranças de uma infância humilde. Os traços intensos e traumáticos demonstram uma timidez caracterizada como problema, nesta narrativa. O mais velho dentre os cinco irmãos, tive que conviver com o dilema de ser exemplo para os demais. Dividido entre as brincadeiras e as responsabilidades dos estudos, adorava criar

ambientes, histórias e personagens de guerra, de partidas de Futebol e corridas de Fórmula 1.

O sucesso da Copa do Mundo de 1994 e a repercussão nas ruas do bairro Muriti, no município do Crato, das pessoas torcendo e comemorando, deram origem à paixão pelo Futebol, quando tinha apenas 8 anos de idade. Na mesa de jantar, costumava reproduzir o esporte; os jogadores representados em peças de dominó; traves de papel; placas de publicidade em caixas de creme dental e remédios; e, a bola, um botão de camisa. No caderno, nomes dos jogadores; das equipes; tabelas de jogos; e classificação.

Inspirado nos pilotos Ayrton Senna e Rubens Barrichello, o mesmo aconteceu com a Fórmula 1. Pista feita de guardanapos e toalhas, os carros eram dominós e todas as informações da corrida anotadas em meu caderno. Gostava de brincar sozinho. Ficava ali brincando, jogando e narrando, por horas. Memórias revisitadas por mim com um sentimento de saudade e uma conclusão inicial de que aquele garoto mudou.

Entre os traumas e a escola, o esporte

Na escola, ser um estudante exemplar era importante. O receio de decepcionar a família gerou alguns problemas, no processo de formação, pois o erro não parecia uma possibilidade. Certa vez, na Escola de Ensino Fundamental 18 de Maio, depois de uma brincadeira infantil com pó de giz, a chamada de atenção pela direção. Inocente, temendo ser repreendido por meu Pai, decidi ocultar o acontecimento e entrar escondido na escola, no dia seguinte. Até hoje tenho dúvidas quanto à ciência dos meus pais.

Outra experiência traumática aconteceu na quinta série, na Escola Santa Tereza de Jesus. Durante a apresentação do trabalho de Ciências, tímido e bastante nervoso, tremia a ponto de não conseguir segurar o livro. Ao colocá-lo sobre a mesa, com voz e mãos trêmulas, fui interpelado por uma colega da turma devido ao nervosismo. A chacota momentânea acabou acentuando ainda mais a minha timidez.

Numa perspectiva mais tradicional, podemos dizer que os traumas são vistos como uma eventualidade da existência humana, uma

experiência que é parte essencial na vida das pessoas (FODOR *apud* BAS-TOS, 2008). Por outro lado, a escola, enquanto espaço de socialização importante, tem falhado constantemente no papel de oferecer um ambiente seguro, estável e propício à aprendizagem dos estudantes (ALBUQUERQUE; WILLIANS; D’AFFONSECA, 2013). Nesse contexto, me expor, falar em público, apresentar trabalhos acadêmicos e profissionais, sempre foram situações difíceis. Aspecto que, mais tarde, será confortado pelo basquete, mas não superado, cuja “linha lateral”, título desta obra, representa justamente o espaço que me permite ser com originalidade e confrontar sem medo.

No entanto, a mudança para a cidade de Juazeiro do Norte e a matrícula no Ensino Médio da Escola Tiradentes, representaram uma possibilidade de renovação. As experiências da adolescência, o processo de maturação e as tensões em torno da decisão sobre o futuro acadêmico-profissional estiveram evidentes nessa etapa de formação. As aulas de Educação Física e o Esporte deram conta das experiências mais significativas da adolescência.

Aos 15 anos, conheci a Escolinha de Basquetebol de Juazeiro do Norte, a convite de um amigo. Meio perdido e impressionado com a imensidão do Ginásio Poliesportivo, o desafio de praticar um esporte desconhecido de nome engraçado, com uma bola grande e diferente, parecia intrigante, porém agradável. Posso afirmar que essas vivências esportivas são capazes de favorecer o senso coletivo, o aperfeiçoamento da nossa humanidade e incorporar a consciência ética (NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012).

Um fato que me fez sentir-me útil, foi ser parte de um grupo de jovens que, assim como eu, tinham seus traumas, medos e inseguranças, e que encontraram, naquele ambiente, uma oportunidade de trabalhar suas potencialidades, como em uma família. Estava completamente envolvido. A partir daquele momento, o basquete se tornaria o marco de formação da minha personalidade. Nas palavras do ex-técnico de basquete, Jimmy Valvano (KRZYZEWSKI, 2016, p. 17), “uma pessoa não se sente inteira enquanto não faz parte de algo maior do que ela mesma”.

Em 2002, no terceiro ano do Ensino Médio, como atleta da seleção de basquete de Juazeiro do Norte, conheci o Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (Cefet), durante a preparação para a competição de basquete pelo Festival de Talentos das Escolas Públicas do Ceará (Festal). Sem ter noção da grandeza da instituição e como se tornaria importante para a formação profissional, inscrevi-me no cursinho pré-vestibular. Mas, o que me chamou mais atenção e influenciaria a escolha da graduação, foi o Quadrabol. Evento organizado por professores do curso de Desporto e Lazer, envolvendo os alunos do Cefet na disputa de diversas modalidades esportivas, inclusive os estudantes do cursinho.

Entre a eletroeletrônica e o direito, a educação física

A escolha da profissão sempre gera tensões, na vida dos adolescentes. A trajetória no Ensino Médio, muitas vezes, revela-se indecisa e conflituosa, não facilitando a decisão por qual caminho acadêmico seguir. Os anseios da família, as oportunidades e as vivências na adolescência misturaram-se, adquirem um peso relevante, e devem ser levados em consideração, nesse momento.

Comigo não foi diferente. O desejo do meu pai era ter um advogado na família. Por outro lado, a paixão pelo esporte alimentava minha expectativa de cursar Educação Física. Além disso, uma terceira possibilidade alimentava o gosto pela área de Exatas. Tal indecisão me levou a participar de três vestibulares diferentes, no ano de 2002: para o curso de Direito, pela Universidade Regional do Cariri (Urca); para o curso de Tecnologia em Desporto e Lazer pelo Cefet - Juazeiro do Norte; e para o curso Técnico em Eletroeletrônica no Centro de Ensino Tecnológico (Centec).

Ao final do processo, uma desclassificação na Urca e duas aprovações, no Cefet e no Centec. A promessa de uma formação mais rápida voltada para o mercado de trabalho, associada à necessidade de contribuir com a renda familiar, sustentavam o curso de Eletroeletrônica. Ideia logo superada, pois percebi que o fascínio inicial pela eletricidade e a área de Exatas tinha dado lugar, de fato, à paixão pela Educação Física. Desisti

do curso no segundo semestre e, assim, iniciei a primeira graduação de Tecnologia em Desporto e Lazer pelo Cefet, em agosto de 2003. O primeiro membro da família a entrar para a faculdade. Um misto de satisfação e responsabilidade.

Vale ressaltar que a formação é realizada com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento pessoal e tem uma função social importante na transmissão de saberes determinados pelo contexto social, político e econômico, em que está inserido (ALBUQUERQUE; GONÇALVES; BANDEIRA, 2020). Consequentemente, a graduação representou uma fase fundamental, no processo de maturação e crescimento pessoal. Ambiente educacional repleto de experiências relevantes, no âmbito do conhecimento científico, capazes de embasar a prática pedagógica.

No itinerário, diversas participações em congressos, simpósios, colóquios, palestras, oficinas e eventos científicos e esportivos. A atuação como bolsista do Laboratório de Informática, dando suporte aos professores da instituição na ministração de aulas, serviu para acumular conhecimentos em instalação de equipamentos audiovisuais, internet, *softwares* e outros programas de computadores.

Os eventos esportivos e as primeiras atuações profissionais também foram determinantes na formação inicial. Exercer a função de estagiário de uma academia de musculação, como parte do Estágio Curricular Obrigatório, representou a oportunidade de colocar em prática os conceitos e conhecimentos aprendidos em sala de aula. Em paralelo, a *expertise* no Basquetebol me levou para o campo da organização e arbitragem de jogos escolares, em algumas escolas particulares da região, implementando alguns conceitos básicos de Gestão Desportiva.

Em 2005, iniciei a trajetória que mudaria os rumos da formação profissional e me ajudaria a confrontar os medos e traumas vividos desde a infância. Atuando como técnico de Basquetebol em escolas da região, aceitei o desafio de preparar equipes para participarem de competições e capacitar os jovens pelo esporte, transmitindo os mesmos valores que tanto marcaram minhas raízes. Atividade ímpar no direcionamento dos

caminhos da graduação. Desde, então, o Basquetebol virou campo de atuação profissional e fonte de estudos e pesquisas.

A conclusão da graduação veio em 2007. A finalização desse ciclo representou uma das sensações mais emocionantes já vividas. Durante a apresentação do TCC, pude reviver as memórias de dedicação e superação, acompanhado de perto pela família que me assistia. Orgulho e lágrimas simbolizaram aquele momento, eternizado na memória e que ainda arrancam lágrimas, enquanto redijo esta narrativa. Era o sentimento de felicidade de um garoto que estava encerrando uma etapa importante.

Posteriormente, o processo de transformação dos Cefets, em Institutos Federais, abriu espaço para a criação do Curso Superior de Licenciatura em Educação Física, no *campus* Juazeiro do Norte. Logo migrei para nova graduação, em fevereiro de 2007. Um ano depois, veio o título de licenciado, incrementando os saberes da prática docente e ampliando os espaços de atuação profissional.

Finalizado o processo de formação inicial, os anos seguintes foram marcados por incessantes tentativas de se inserir no mercado de trabalho. Embora não fosse mais novidade, na Região do Cariri, não havia tantas oportunidades de emprego na área de Educação Física. A informalidade dos profissionais das academias; os baixos salários; a desvalorização da profissão; concorrência com professores de outras áreas; e a escassez de concursos públicos, se apresentavam como dificuldades recorrentes. Portanto, uma possível ascensão profissional em condições ambientais e salariais dignas, exigia um currículo mais habilitado.

Conseqüentemente, a formação continuada trouxe-me perspectivas mais consoladoras, ao integrar o programa de pós-graduação da Faculdade Integrada de Patos (FIP), para cursar a especialização em Educação Física Escolar, no ano de 2012. O artigo apresentado para conclusão do curso versava sobre a relevância da temática Educação Física e Interdisciplinaridade, e tinha como objeto de estudo a compreensão dos professores sobre o conceito de Interdisciplinaridade e sua abordagem nas aulas de Educação Física escolar.

A pós-graduação foi um espaço de aprendizagem repleto de diálogos aprofundados, construtivos e emancipatórios, que contribuiu para o enriquecimento do currículo e da prática docente. Ainda que não fosse a área desejada, devido à atuação profissional mais vinculada ao Treinamento Esportivo em Basquetebol, era a mais barata e próxima de casa. A conclusão do curso, porém, acabou se transformando no caminho mais curto e eficaz para se chegar à Escola.

Em meio ao ensino da formação continuada, articulado ao desejo de aprofundar os conhecimentos sobre o ensino do Basquetebol, cursei uma segunda pós-graduação, em 2017, pela Faculdade do Maciço de Baturité (FMB). A especialização em Basquetebol intensificou as reflexões a respeito do esporte de rendimento. A pesquisa apresentada sobre o perfil técnico das equipes participantes do Novo Basquete Brasil (NBB), tinha como objetivo analisar as estatísticas dos indicadores de jogo em partidas oficiais da competição. Além de viabilizar a conclusão do curso em 2018, a pesquisa também representou um amadurecimento da prática pedagógica e a continuidade dos estudos.

Motivado, a possibilidade de tentar uma seleção de mestrado surgia como realidade concreta, e não mais apenas no pensamento. Antes, não me enxergava pelo viés de pesquisador. O perfil extensionista mostrava-se suficiente. Poder influenciar a transformação da sociedade através do esporte, de maneira prática, era bastante confortável. Mas entendia que era preciso mudar; alinhar a formação acadêmica com a experiência profissional. E a pesquisa tornou-se o caminho.

Em paralelo à academia, as profissões

Desde o primeiro contato com o Esporte, ainda no Ensino Médio, a formação dividiu-se entre as vivências esportivas como atleta e as primeiras experiências como professor de Educação Física e técnico de basquetebol. A mais gratificante dessas experiências em quase vinte anos de carreira desportiva, foi me tornar sócio-fundador da primeira Associação Esportiva de Basquetebol da Região do Cariri, o Juazeiro Basquetebol Clube (JBC), criada em agosto de 2006.

Popularmente conhecida como JBC, a proposta inicial era montar uma seleção de Basquetebol para representar o município de Juazeiro do Norte no Campeonato Cearense do Interior, organizado pela Federação Cearense de Basketball (FCB). Entretanto, o sucesso da associação expandiu os horizontes, passando a funcionar, também, como importante projeto social de formação de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social através do esporte. Um registro temporal encontra-se descrito no livro da cultura popular de Juazeiro do Norte, em exposição no museu do Horto do Padre Cícero Romão Batista.

Por dez anos, desempenhei, voluntariamente, várias funções na instituição: diretor-técnico responsável pelo planejamento e acompanhamento das categorias de base; técnico de Basquete da iniciação esportiva e do treinamento das equipes da categoria adulto masculino e feminino; e, por último, presidente da associação, no período de 2012 a 2014, até assumir o cargo de professor no concurso do IFCE.

Nesse mesmo período, destaco a importância de outras profissões exercidas. Como agente Comunitário de Saúde, fiz parte de uma equipe multidisciplinar no Programa Saúde da Família, por sete anos, desde julho de 2007, desenvolvendo ações de prevenção e promoção da saúde, cuidando e orientando idosos, crianças, gestantes, hipertensos, diabéticos e vários outros grupos prioritários. Por se tratar de uma área da Saúde, alguns conhecimentos da Educação Física puderam ser trabalhados, como os cuidados com a saúde em geral e a importância da prática de atividade física como medida preventiva.

No período de 2009 a 2013, prestei serviço como professor de basquete no Programa de Comprometimento e Gratuidade (PCG) do Serviço Social do Comércio (Sesc). O objetivo do programa era ampliar o acesso gratuito da população de baixa renda à educação formal, à cultura e ao lazer. A iniciativa implantou cinco núcleos de iniciação esportiva em Basquetebol, nas escolas públicas, beneficiando mais de 200 crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, e abriu as portas do mercado de trabalho para vários colegas de profissão.

Outro projeto importante foi o Esporte na Escola, administrado pela Secretaria de Esporte do Ceará. O núcleo implantado no Colégio Presidente Geisel também teve o propósito social de formação cidadã por meio do Basquetebol para estudantes de escolas públicas. Com essas atuações, posso afirmar que o esporte educacional é fundamental no processo de transformação das pessoas, e importante atividade promotora de valores (SÉRGIO, 2003).

As constantes capacitações auxiliaram na melhora da prática profissional, complementada pelos conhecimentos oriundos da formação continuada. Entre as mais relevantes: a habilitação como árbitro, obtida no Curso de Capacitação Técnica e Arbitragem de Basquetebol, realizado em 2009, pela Secretaria de Esporte do Ceará; e a habilitação de Técnico de Basquete - Nível 1, para atuar na formação de atletas de base em território nacional, conseguida em 2013, após aprovação na capacitação da Escola Nacional de Treinadores de Basquetebol (ENTB), vinculada à Confederação Brasileira de Basketball (CBB). Qualificações que consolidaram a carreira e o reconhecimento das ações desenvolvidas em projetos sociais na Região do Cariri, que ajudaram a formar mais de 500 jovens por meio do esporte.

A bagagem teórico-prática dos conhecimentos adquiridos ao longo da formação profissional resultou em vários convites para ministrar cursos e palestras na região. Abandonar a zona de conforto para auxiliar na formação de professores e estudantes de Educação Física foi como “sair da linha lateral para entrar em quadra”. Mais um desafio para superar o trauma de falar em público.

Na prática, nunca superei. Um dos conselhos de Steve Jobs, para formandos de Stanford, sobre não deixar que as opiniões dos outros silenciassesua voz interior e ter coragem de seguir seu coração e intuição (GOLEMAN, 2014), refletem a forma como encarei a situação. Rapidamente compreendi que tais vivências serviriam de aprendizado, crescimento e transformações pessoal e profissional.

A primeira vez ministrando um curso foi em 2009, na capacitação sobre Regras de Basquetebol para professores e estudantes de Educação

Física do município de Barbalha/CE. Como de costume, as lembranças traumáticas da apresentação de Ciências da 5ª série e a sensação de alívio, ao final da apresentação do TCC, na graduação, foram lembradas. Essas experiências psicoemocionais me acompanhariam em outras experiências formativas.

Mas, ao passo em que me desenvolvia, sempre ousava ir adiante. Em 2010, ministrei o módulo de Basquetebol no curso Modalidades Esportivas de Quadra; e o minicurso de Basquete pelo Congresso Cearense de Educação Física e Saúde (Concefs), ambos organizados pelo Sesc. Eventos de abrangência estadual, nos quais pude abordar os conhecimentos técnico-táticos na concepção do esporte de rendimento e capacitar diversos profissionais de Educação Física da região.

No entanto, após anos de atuação profissional, uma importante decisão norteava minhas reflexões. Precisava escolher entre seguir como técnico de Basquetebol ou prestar concurso público na área de Educação Física Escolar. Embora a primeira opção tivesse um significado afetivo, as diversas tentativas no mercado de trabalho não repercutiram financeiramente. Costumava trabalhar em condições estressantes, acumulando cargos em diferentes empregos, muitas vezes trabalhando mais de 12 horas diárias. Até de forma voluntária.

Entre fazer o que gostava e buscar melhores condições de vida, decidi pela segunda opção. Neste ponto, amparo-me no provérbio chinês que diz: “Se você não mudar a direção, terminará exatamente onde começou” (HUNTER, 2004, p. 42). Foi assim que o processo seletivo para professor do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Ceará (IFCE), lançado em 2011, entrou na minha vida.

Este relato representa, talvez, o mais importante capítulo deste itinerário formativo, devido à forte relação estabelecida em vinte anos de história. Durante a preparação, conciliar os estudos com o trabalho de agente de Saúde, professor de Basquete e a especialização em Educação Física Escolar, foi uma rotina difícil e cansativa, mas que resultou na classificação em terceiro lugar na primeira fase.

A fase seguinte consistia na apresentação didática de uma aula para uma banca avaliadora. Na viagem para Fortaleza, a tensão em torno do sorteio do tema da aula. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) eram o tema desejado. Mas foi a Interdisciplinaridade, assunto do TCC da pós-graduação, a sorteada. Iniciava ali a experiência mais assustadora e emblemática. Como diz Krzyzewski (2016), mesmo o pior dia de nossas vidas passa, pois o fracasso nunca será o nosso destino final. E, de fato, não era.

Trancafiado na pousada, a madrugada trazia de volta as lembranças traumáticas do passado. Desesperado, cansado, chorei várias vezes. Novamente rememorei a trajetória difícil, as inúmeras conquistas obtidas e a importância daquele momento. Até que uma esperança surgiu em forma de abraço. Senti que não estava sozinho. E tudo fluiu. Finalizei a apresentação às 5 horas da manhã e adormeci. Às 8 horas estava de pé, confiante, mas com um frio na barriga.

Já no local de prova, enquanto esperava a vez, acompanhei a tensão de outros participantes. Quando chegou a hora, entrei na sala muito tenso. Iniciada a apresentação, alguns problemas logo tirariam pontos importantes da avaliação, mas nunca me esquecerei da cadeira utilizada como exemplo para refletir sobre o tema. Embora daltônico, a cadeira era marrom, de madeira, desgastada pelo tempo e por algumas marcas deixadas pelos estudantes e professores que, porventura, ali se sentaram. Aquele objeto havia se tornado igualmente importante quanto qualquer outra pessoa ou objeto ali presente. Não lembro das falas dos avaliadores, apenas de cumprimentá-los e sair com a mesma sensação de alívio que me acompanhou na graduação. A fase mais complicada havia terminado.

Mesmo com uma pontuação mais baixa, o resultado me colocava na segunda posição de classificação. Após a prova de títulos, o resultado final saiu em maio de 2012. Embora o quarto lugar não contemplasse a única vaga disponível no certame, a sensação de orgulho por ter superado mais uma vez todos os obstáculos que se apresentaram, foi incrível. Estava muito feliz.

O tempo foi passando e o concurso caiu no esquecimento. Mais formações e capacitações, eventos, títulos esportivos, efetivação como professor do Sesc. Até que um *e-mail* e uma ligação do IFCE mudaram tudo. Quase dois anos após o resultado final, sentado no sofá da sala, com minha mãe e irmão, a voz ao telefone dizia: “Você está sendo convocado para assumir a vaga de professor efetivo do IFCE”. Com os olhos marejados, e incrédulo, percebi que era real. Todo o esforço de anos de dedicação se transformava em realidade. Tudo aconteceu muito rápido. Apenas quinze dias depois, adentrava o auditório do *campus* Fortaleza para tomar posse como o mais novo professor do IFCE, no dia 15 de maio de 2014. Uma lembrança impossível de ser revivida sem me emocionar.

Entre o basquetebol e a educação física, o IFCE

A trajetória recente no IFCE é bastante curiosa. Em pouco mais de sete anos, estive lotado em três *campi* diferentes, e atuando em ensino, pesquisa e extensão. Na expectativa de ficar mais perto da família, o primeiro *campus* de lotação foi na pequena cidade de Tabuleiro Norte, com aproximadamente 30 mil habitantes, situada na região do Vale do Jaguaribe. Localização nada acessível.

Por dois anos e meio, convivi semanalmente com estressantes 8 horas de viagem de ônibus. O *campus* avançado possuía apenas dois cursos técnicos, Petróleo e Gás; e Manutenção Automotiva. A escassez de infraestrutura, materiais e ações, na área de Educação Física, representou um desafio singular na carreira. No Ensino, criamos disciplinas optativas de Educação Física nos cursos técnicos. Já no âmbito da Extensão, implantamos o projeto Desenvolvimento de Atividades Desportivas, incentivando a prática de esportes entre a comunidade tabuleirense, contribuindo para a formação social de jovens estudantes; também colaboramos com o projeto Longa Vida: A Melhor Idade no IFCE, desenvolvendo diferentes atividades físicas na promoção da saúde dos idosos.

No segundo semestre de 2016, decidi aceitar a remoção para o *campus* Tauá, na tentativa de encurtar a distância da família. Com uma

estrutura impressionante, a unidade possuía o curso técnico concomitante em Agronegócios; o curso superior de Tecnologia em Telemática; os cursos integrados em Agropecuária; e Redes de Computadores; além da Licenciatura em Letras.

A trajetória de três anos lotado no *campus* foi extremamente relevante para a prática pedagógica, enquanto docente. As primeiras experiências no Ensino Médio com a Educação Física Escolar, cujo empirismo de uma formação antes alicerçada nas bases do Treinamento Esportivo, associado às particularidades do processo de ensino e aprendizagem, na perspectiva da cultura corporal de movimento, trouxeram um novo desafio profissional. Todavia, o *campus* permitiu retomar o contato com o Basquetebol, através dos projetos Bola na Cesta e Lance Livre, atuando novamente na formação de equipes para participar em competições. Fato que motivou a participação no curso de pós-graduação em Basquetebol.

No campo da Pesquisa, as primeiras participações em bancas de avaliação de TCC no curso de Telemática; e orientações de alguns estudantes no desenvolvimento de uma pesquisa sobre o programa de extensão Viva Esporte, apresentada no 8^o Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (CBEU). Todas essas ações foram fundamentais e incentivaram a retomada do caminho da pesquisa e a busca pelo Mestrado, já mencionado anteriormente.

Mas, uma gravidez inesperada e, posteriormente, o nascimento de minha filha, em março de 2019, mudaram os rumos da vida profissional. Em vez de continuar num *campus* mais próximo de Juazeiro do Norte, precisava ir para Fortaleza, local de trabalho da minha esposa. Nesse sentido, o *campus* avançado do Pecém surgiu como a oportunidade de estar em casa ao lado da família.

Localizado no complexo industrial da cidade de São Gonçalo do Amarante, a aproximadamente 40 quilômetros da capital, Fortaleza, a unidade tem como foco a formação técnica para o mercado de trabalho, por meio dos cursos técnicos em Química, Segurança no Trabalho, Automação Industrial, Eletrotécnica e Eletromecânica.

A estrutura, as dificuldades orçamentárias e os desafios da Educação Física no *campus* onde trabalho atualmente, se assemelham ao início dessa trajetória no IFCE. A necessidade de implementar uma cultura de prática de atividades físicas e esportivas transpassa a construção e adaptação de infraestrutura dos espaços físicos; a criação de disciplinas de Educação Física; e a implantação de projetos de extensão. Desde então, tenho concentrado esforços para atingir tais propósitos.

Além das atividades já mencionadas, desenvolvi, em paralelo, algumas colaborações em outros *campi*. Por meio do Departamento de Educação Física e Esporte (Defe), tenho participado da comissão técnica das seleções de Basquete do IFCE, desde o ano de 2015, preparando-as para os Jogos dos Institutos Federais. O trabalho desenvolvido na formação e preparação de equipes, resultou na conquista de alguns títulos importantes, dentro e fora da esfera ifceana.

Por fim, um convite irrecusável feito pela Coordenação do Curso de Licenciatura em Educação Física, do *campus* Juazeiro do Norte, surgiu após o início da pandemia da covid-19, para assumir a disciplina de Metodologia de Ensino do Basquetebol. A primeira experiência no Ensino Superior tem sido motivo de orgulho, por retornar à instituição como docente e dividir espaço e compartilhar conhecimentos com os principais incentivadores do meu processo de formação.

O que o futuro nos revela?

Chegamos ao final deste relato memorável reafirmando, como nas palavras de Stecanela e Moraes (2009), a importância desta escrita como possibilidade reflexiva, de reviver, de voltar a si e se perceber como profissional e pessoa ao longo da trajetória. Uma caminhada de formação intensa, vivida de forma gratificante e aqui contada a partir da minha relação com a linha lateral da quadra.

História momentânea, pois não se encerra aqui. Seguindo uma ideia de Krzyzewski (2016), acredito que viver é aprender e quando paramos de aprender, deixamos de viver. Assim sendo, os próximos capítulos

anunciam os novos desafios profissionais da carreira, a aprovação no ProfEPT, pelo *campus* Fortaleza do IFCE.

O universo que envolve o IFCE demonstra que ser professor desta instituição é fazer parte de um ambiente científico incrementado por profissionais consolidados, experientes, e/ou intitulados mestres e doutores. Esse contexto constitui uma atmosfera favorável à educação continuada de todos os docentes da Instituição. Assim, fui tocado pelo estímulo e a necessidade de continuar me qualificando profissionalmente. Além disso, as novas perspectivas de futuro abrem-se através do crescimento da minha filha e a materialização da nossa família.

Mas, por que o ProfEPT? Esse programa de mestrado carrega uma proposta de metodologia diferente, tanto no processo seletivo, quanto no foco da formação em ensino; uma lacuna da formação inicial em Educação Física que precisa ser preenchida devido à docência em uma Instituição que valoriza esse processo. Aprofundar os conhecimentos sobre as bases conceituais da Educação Profissional brasileira, com a qual possuo estreita relação no Instituto Federal, também se apresenta como uma necessidade.

A perseguição pela aprovação no ProfEPT, durante três anos, justifica-se na possibilidade do mestrado se efetivar como divisor de águas na formação profissional. A pesquisa, como princípio pedagógico da prática docente, motiva-me a desenvolver habilidades como pesquisador e a pensar, posteriormente, no doutorado. Assim, ao compartilhar o pensamento de Hunter (2004), acredito que autorrealizar-se é se tornar o melhor que se pode ser, ou é capaz de ser.

Por esse motivo, o mestrado surge como uma oportunidade única na formação docente, em que, desde a aprovação, tenho buscado alinhar a pesquisa com a trajetória de formação. Situando-a na linha das Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT), sobre propostas metodológicas e recursos didáticos em espaços formais e não formais de ensino, a minha intenção de pesquisa é abordar o processo de ensino do Basquetebol na Educação Física Escolar, nas bases da Pedagogia Histórico-Crítica.

A necessidade de pensar a Educação Física na perspectiva da formação integrada à proposta da Educação Profissional e Tecnológica, articulada às teorias da Educação, poderá ser expressivamente relevante para a formação docente, contribuindo para o desenvolvimento de uma prática pedagógica centrada no protagonismo do estudante que se faz crítico, criativo e autônomo.

Referências

ALBUQUERQUE, A. de; GONÇALVES, T. O.; BANDEIRA, M. C. dos S. A formação inicial de professores: Os impactos do ensino remoto em contexto de pandemia na região amazônica. *Em Rede - Revista de Educação a Distância*, v. 7, n. 2, p. 102-123, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/639-Texto%20do%20artigo-3407-2-10-20201108.pdf>. Acesso em: 19 out. 2021.

ALBUQUERQUE, P. P. de; WILLIAMS, L. C. de A.; D'AFFONSECA, S. M. Efeitos tardios do *bullying* e transtorno de estresse pós-traumático: Uma revisão crítica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 29, p. 91-98, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/9CSyDcyzjxBhyP6txFNyFvP/?lang=pt>. Acesso em: 19 out. 2021.

BASTOS, C. L. Tempo e psicopatologia cultural das experiências traumáticas. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 11, p. 195-207, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/bHzRgsqR5RR6XngF7hXp7MF/?lang=pt>. Acesso em: 19 out. 2021.

CINTRA, E. M. D. O gênero memorial descritivo: Relato de uma experiência de ensino. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 20, p. 321-339, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/v5TFnSbxnLWsySGj4WvGt8j/?format=html#>. Acesso em: 19 out. 2021.

GOLEMAN, Daniel. *Foco: A atenção e seu papel fundamental para o sucesso*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

HUNTER, James C. *O monge e o executivo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

KRZYZEWSKI, Mike. *Liderar com o coração*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

NISTA-PICCOLO, V. L.; MOREIRA, W. W. *Esporte para a vida no ensino médio*. São Paulo: Telos, 2012.

SÉRGIO, M. *Algumas teses sobre o desporto*. Lisboa: Compendium, 2003.

STECANELA, Nilda; MORAES, Cineri Fachin. Narrativas autobiográficas: Sinais da reflexão e da ação em memoriais descritivos. SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, v. 5, 2009. *Anais* [...]. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/arquivos/narrativas_autobiograficas_sinais_da_reflecao_e_da_acao_e_%20memoriais_descritivos.pdf. Acesso em: 19 out. 2021.

Da imagem ao pensamento, em busca da prática

Francisco da Costa Rodrigues

Só conseguimos deitar no papel os nossos sentimentos, a nossa vida.

(RAMOS, Graciliano, 1949)

O começo

Filho do Sr. Francisco Pedro e de Dona Maria Rodrigues, agricultores, o quarto de uma família de oito irmãos. Nascido na cidade de Acaraú, em 1964, ano em que se iniciou a ditadura civil-militar no Brasil. No entanto, no meio do mato, sem estrada, sem comunicação, por aquelas bandas, ninguém realmente sabia o que estava acontecendo no restante do Brasil. Não tenho muitas lembranças de minha infância, mas uma que me marcou foi uma viagem a cavalo de madrugada do Riacho para a sede do Acaraú, em que eu estava muito doente e fui levado para o médico distante 22 quilômetros de casa. Em 1966, a família ainda era pequena, mas, devido às condições precárias de sobrevivência, meu pai resolveu se mudar para Fortaleza. Fomos morar numa pequena casa, no Bairro João XXIII, numa rua sem energia elétrica, que viria a chegar dois anos depois. Rua sem asfalto, escura, poucas casas, onde, à noite, a meninada aproveitava para brincar: de roda; João ajuda; djou; bandeira; etc.

Fui alfabetizado e aprendi a tabuada, aos 7 anos de idade, em casa mesmo, para, em seguida, ser matriculado na Escola Primária: Escola Profa. Myrtes Campos, onde cursei da primeira à quarta série. Desde muito cedo, tive admiração pelo desenho, e assim me arriscava a aprender um pouco, aproveitando os trabalhos escolares para fazer as capas e ilustrações, tanto as minhas quanto as dos colegas. O dia que eu mais gostava era a sexta-feira, quando os alunos eram dispensados da farda e tinham aulas de arte. Datas comemorativas, semanas de arte, etc. aproveitava para

desenhar figuras históricas, como Tiradentes; Duque de Caxias; Pedro Álvares; dentre outros. Não chegavam a ser figuras perfeitas (reprodução mimética), que era o fundamento da arte, e, para mim, até pouco tempo, ainda era.

Nessa época, em plena ditadura, no governo do Presidente Médici, nós, da periferia, não tínhamos a menor noção do que acontecia no Brasil. Só me lembro da música “Eu te Amo, Meu Brasil”; dos festivais da canção pela TV Record; da Copa de 70; no único aparelho de TV que havia na minha rua. Era a época do milagre econômico, e só agora entendo porque meu pai e meu irmão mais velho viajavam com as construtoras, e passavam de 7 a 9 meses em construção de casas (Pará, Paraná, São Paulo). Foi uma época em que havia muito trabalho na construção civil.

Início de uma paixão

Não há para mim, na diferença e na “distância” entre a ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação. A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica. Ao criticizar-se, tornando-se então, permito-me repetir, curiosidade epistemológica, metodicamente.

(FREIRE, Paulo, 1996, grifo no original)

Meu irmão mais velho, sonhando com uma maneira de mudar de vida, procurou fazer cursos por correspondência, a distância, e os que haviam na época eram o Instituto Universal Brasileiro; Escolas Associadas; Instituto Monitor. Tentou fazer Curso de Eletrônica, não deu continuidade, pois era mais caro. Decidiu comprar, então, um Curso de Fotografia, pelas Escolas Associadas. Mesmo com a sanção da Lei 5.692, em 1971, que seria o despertar de um Brasil novo, com um Ensino Médio objetivo e profissional, o déficit educacional era muito grande, e estudar

era caríssimo. Para a classe trabalhadora mais pobre, isso era mais difícil ainda, principalmente para quem nem conseguira terminar o Primeiro Grau. Mesmo que o objetivo do governo fosse profissionalizar, a maioria dos trabalhadores estava fora da escola. De modo que, meu irmão, fez o Curso de Fotografia por correspondência, e eu peguei carona nos estudos.

Em 1977, tinha mudado de bairro, e já cursava a 5ª série, pelo sistema TVE. Ao fazer esse relato, precisei ver o documentário, elaborado pela TVC, sobre a TV educativa, cujo tripé de ensino era, conforme relatado por César Campelo (2019), ex-presidente da TVE: tela aula, manual, orientador. A dinâmica das aulas abrangia: primeiro, uma aula integrada, que mostrava os conteúdos do dia, em formato de novela; eu assisti Caju Futebol Clube, cujo elenco eram atores cearenses. Depois, a percepção da novela, com os alunos sentados em circunferência, ao redor da sala, para comentar o que haviam percebido na novela. A orientadora de aprendizagem sempre trazia várias dinâmicas para a percepção dessa aula integrada, tornando o estudo muito prazeroso. Depois, vinham os módulos, com aulas apresentadas ao vivo, que duravam em torno de 8 minutos. Em seguida, íamos para o manual de apoio, aprofundar a matéria.

O material didático da aula era todo produzido na própria TVE, e, como relata uma das professoras, esse material, antes de ir para o ar, seu *script* passava pela censura da Delegacia de Ordem Política e Social (Dops). Isso os alunos não sabiam. Apesar de estar em pleno regime militar, a TVE conseguia implementar uma pedagogia crítica discretamente, o que levou, certa vez, o governador César Cals a ser questionado, na época. Mas, devido ao grande sucesso como sistema de ensino, a TVE chamou a atenção da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), que a indicou como modelo de ensino para os países em desenvolvimento.

Cursei da 5ª à 8ª série, pelo sistema TVE. Não conhecia o sistema regular. Como o pensamento de Freire (1996, p. 26), “Pensar certo – e saber que ensinar não é transferir conhecimento é fundamentalmente pensar certo – é uma postura exigente, difícil, às vezes penosa, que temos

de assumir diante dos outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos, ante nós mesmos”. Desde cedo, como aluno desse sistema, percebi que deveria buscar o conhecimento, como se fosse um aprendiz autodidata; com a diferença de que estávamos em um grupo, tínhamos a ajuda do orientador e dos colegas.

Essa maneira de aprender, segundo Freire (1996, p. 22), “aproveitando os conhecimentos prévios”, me acompanhou por muito tempo, em meu aprendizado paralelo de fotografia, desenho e pintura. Todo aquele investimento que meu irmão fez para ele, serviu para mim, e o que ele não conseguiu realizar, ficou plantado em minha memória, e um dia iria brotar.

Mas nem tudo é perfeito. Interrupções ocorrem, e, comigo, não foi diferente: tive que sair do turno da manhã, e passar para o turno da noite, pois aparecera um emprego, e eu já estava passando da idade de trabalhar. Terminei a 8ª série, então, à noite, num sistema regular de ensino.

Depois de terminar o Primeiro Grau, e estar trabalhando no comércio, no centro de Fortaleza, não encontrei forças para continuar a estudar. Parei na oitava série. Passei uns dois anos nesse emprego, quando notei que não valeria a pena. Um colega meu de trabalho falou da Escola Técnica, em que o estudante já saía empregado. No começo, não dei ouvidos, mas guardei essa informação. Para tentar sair daquela rotina em que havia me aprisionado, resolvi fazer um curso de desenho publicitário à noite, pois eu acreditava que poderia arranjar um emprego melhor. Terminei o curso, arranjei um estágio, saí do atual emprego, e segui para a área do desenho publicitário; na época, era tudo resolvido na caneta, na régua, e na habilidade.

Mas não me adaptei ao novo empreendimento. Consumia tempo demais, e o salário não compensava, pois passei a ganhar menos. Saí também desse emprego e decidi que iria mudar esse roteiro da minha vida. Procurei me informar sobre a escola técnica, comprei uma apostila de 500 questões de matemática; um livro sobre redação; e outros, de conhecimentos gerais, que aproveitei do Primeiro Grau. Passei um ano estudando em casa, revisando toda a matéria do Primeiro Grau, e resolvendo questões de concurso de seleção, já aplicadas em exames anteriores.

Escrevi-me no exame de seleção, feito em dois momentos: conhecimentos gerais e redação e matemática. Pela grande concorrência, achava difícil entrar, mas deu certo: passei.

Escola técnica federal

Entrei no Curso técnico em Química Industrial, em 1985. Acabara o período dos governos militares, e se iniciava a abertura democrática. Os perfis dos Cursos da Escola Técnica estavam voltados para o mercado de trabalho, atendendo às demandas do momento econômico, que, segundo Cândido (2019), eram “organizadas pelos preceitos do tecnicismo, produtividade e eficiência, a educação profissional adequava-se às necessidades daquele período, oferecendo uma formação voltada à qualificação da mão de obra, [...]”. Assim, o aluno tinha que se adequar à práxis da escola. A Escola Técnica promovia um nível muito alto de ensino, de modo que seus alunos pudessem passar em qualquer vestibular que tentassem na universidade. A matéria de Segundo Grau, que normalmente era oferecida, em um ano, em outros colégios, na Escola Técnica era condensada em apenas um semestre.

Mesmo altamente tecnicista, a escola também tinha espaço para as artes, em vários eventos que ocorriam durante o ano. Promovia o Projeto Jangada, criado pela coordenação de atividades artísticas, tendo à frente a professora Lourdes Macena (Lurdinha) que organizava o encontro de todas as manifestações artísticas da escola, uma vez por semestre. Participavam alunos de todos os cursos. Modalidades de manifestações artísticas: teatro; canto coral; banda de música; flauta doce; pintura; dança; grupo parafolclórico.

Geralmente, o Projeto Jangada acontecia paralelamente aos jogos escolares, em que todos os cursos se preparavam para a abertura dos jogos; um *show* de desfile dos cursos, quando todos paravam para preparar, mesmo tendo que conviver com as provas do final da etapa, pois, mesmo havendo um acordo para que todos os professores colaborassem, alguns ainda insistiam em não deixar os alunos participarem, por julgar perda de foco nos estudos.

Nesses eventos, eu participava ativamente, ajudando na produção visual. Nessa época, mesmo havendo certa rivalidade entre os cursos, todos colaboravam para o grande espetáculo. Os jogos chamavam-se Jogos do ensino técnico (Jetec). Na abertura, acontecia um desfile de todos os cursos, no campo de futebol, e, em seguida, à noite, apresentações artísticas, grupos de teatro e dança, e o Grupo Parafolclórico da Escola Técnica Federal (GPTec). Participei do XXIII ao XXVI Jetec. Lembro-me que, nessa época, trabalhava dia e noite na escola; às vezes, quatro dias sem ir para casa. A Profa. Lurdinha acompanhava tudo de perto, com sua incansável energia para fazer tudo dar certo.

Mas nem sempre era fácil promover esses eventos, pois os alunos eram muito ocupados com as matérias técnicas. Eu tinha facilidade para o desenho, e me inseri nesses eventos, quando participei de uma exposição durante o Projeto Jangada, promovida pela Profa. Angélica Ellery. Meu trabalho foi desenhar os cientistas que faziam parte da história da Química. Participei também dos eventos da Semana da Pátria, feito em setembro, coincidentemente no aniversário da escola. Cheguei a pintar painéis em tecido de algodão medindo 48 metros quadrados. Na época, fiquei bem conhecido como artista, dentro da escola.

A escola tinha muito a oferecer, e eu muito a aproveitar. Por incentivo da Profa. Lurdinha, comecei a desenvolver trabalhos de fotografia, desenho, pintura a óleo, serigrafia; tudo aprendido dentro das demandas institucionais. Quando aparecia uma necessidade, eu, mesmo sem saber fazer, aceitava o desafio, aprendia e realizava a tarefa. Cheguei a fazer vários trabalhos para o grupo parafolclórico, dentre eles: cenários pintados para dança; *book* fotográfico do grupo em preto e branco; até algumas fantasias, como os bichos do reisado.

Como eu conseguia fazer isso, não sabia. Fazia sem saber mesmo. Aprendia com o próprio trabalho. Com um pouco do que eu sabia de desenho, aperfeiçoado na cadeira de Desenho Técnico, era a base de tudo, na produção plástica. Na Fotografia, por exemplo, um professor da Mecânica autorizou-me a utilizar o Laboratório de Controle de Qualidade, que possuía um laboratório fotográfico, para que eu executasse minhas

experiências de revelação. O fato era que, paralelamente ao Curso de Química, eu desenvolvia um trabalho na área de artes visuais, e, dessa forma, procurava aprender o que era possível. Um aprendizado empírico, como fazer, sem me preocupar com as teorias da práxis que essas atividades pudessem despertar. Na formação tecnicista, só nos preocupamos com o fazer e com os detalhes técnicos envolvidos. Mesmo sendo algo na área de arte, não havia uma fundamentação metafísica.

Concluído o Curso de Química, afastei-me da escola. Até porque os guardas não deixavam mais entrar no prédio, se não tivesse o que fazer lá. Assim, afastei-me do GPTec.

Amparado pela arte, a volta para a escola técnica

Agora iniciaria uma nova fase, Não queria mais saber de trabalhar com química, apesar de nunca ter trabalhado em empresa da área mas apenas feito estágio no Laboratório de Tecnologia Química. Pensava que poderia sobreviver da arte, pois, durante o curso, permitiu-me ganhar algum dinheiro para me manter.

Entre idas e vindas, procurava alguma forma de sobreviver profissionalmente da arte. Fazia decoração em escolas infantis; pintava quadros para venda; tentava pintar retratos; fazer cópia de quadros famosos. Mas o retorno era pouco. Ter só a habilidade não era suficiente. Tinha um produto que era meu, mas não consegui capitalizá-lo. Dava apenas para me sustentar, sem emprego formal. Passei também, durante três anos, pintando retratos de turistas na Avenida Beira-mar, com a técnica do pastel seco. Já estava aprendendo a viver da arte, pensando em adotar, como produto comercial, o retrato pintado.

Então, certo dia, a Profa, Lourdes Macena ligou-me avisando do concurso público para a Escola Técnica. Eram duas vagas para técnico em audiovisual, e não tive dúvidas, topei participar do concurso. Estudei o material da prova; aprendi alguns detalhes sobre os equipamentos de filmagem e apoio ao ensino e sonorização, tudo analógico, pois ainda não existia o digital. A prova teórica foi realizada na cidade de Juazeiro do

Norte. A prova prática, na sede da Escola Técnica. Tudo transcorreu normalmente; fiz boa prova, e estava muito confiante. Com muita alegria, recebi a notícia de que havia passado no concurso e, o melhor ainda, iria servir em Fortaleza. Admitido por portaria, em dezembro de 1994, assumi em janeiro de 1995. O diretor da Escola era o Prof. Samuel Brasileiro Filho (1994-1998).

Fui apresentado ao local de trabalho pela Sra. Zandra Dumaresk, que era assistente do Departamento de Extensão, cujo diretor era o Prof. Coutinho. Esse departamento ficava responsável pela extensão e pelos recursos materiais para apoio didático; pela Coordenadoria de Estágio; e de alunos egressos. Meu setor estava dentro de outra coordenadoria, que tomava conta da gráfica, do serviço médico, e de multimeios.

Fui trabalhar na Coordenadoria de Apoio ao Ensino, no Setor de Multimeios, que tinha como função principal apoiar os professores nas aulas, em eventos, e na produção de material didático. O que eu fazia pela escola como aluno, agora iria fazer como funcionário. Nessa época, o mundo ainda era analógico, as fotografias eram feitas com filme; as filmagens com fita VHS; as gravações em gravador de fita. Os professores usavam, em sala de aula, aparelhos de televisão e videocassete, e retroprojeter. O setor possuía grande quantidade desses equipamentos, que eram emprestados para algumas aulas, com agendamento prévio. Outros cursos, que usavam constantemente esses equipamentos, já mantinham uma quantidade para suprir suas necessidades.

Dentro da escola, eu já era conhecido como admirador das artes, devido aos inúmeros trabalhos na área realizados como aluno. Então, a primeira coisa que fiz, ao entrar como servidor, foi comprar uma câmera fotográfica. Na época, a escola não tinha câmera, e os eventos eram registrados por fotógrafos terceirizados. Procurei também uma qualificação na área de fotografia, na Casa Amarela da UFC. Então, passei a registrar os eventos com minha própria câmera. As fotos ainda eram feitas com filme 35mm, e reveladas em um laboratório no centro. Todas as fotos eram arquivadas na Biblioteca, por uma pessoa encarregada de organizar os álbuns.

Em 1998, estava, na direção-geral, o Prof. Mauro Oliveira, que viria a fazer muitas mudanças na estrutura da Escola Técnica. Estava iniciando a era da internet em Fortaleza. Lembro-me dos cursos promovidos no mini auditório, com o apoio do jornal *Diário do Nordeste*: “Venha conhecer a internet”. O Prof. Mauro iniciou ampla campanha para tornar mais conhecida a Instituição; reformou a fachada do prédio da 13 de maio; convidava os eventos das universidades para dentro da Escola. Já havia a informática; a internet começando, a fotografia digital. Mas, ainda, a maioria das coisas era feita de modo analógico. Apareceu muito trabalho para mim, dentro da escola, na área de pintura. Para todo evento que ocorria nos auditórios, era encomendado um painel, para ser colocado no palco, e como não havia verba para fazer fora, eu mesmo o fazia no formato de cartaz de papel. Feiras, jogos, eventos, seleção, tudo era feito por mim. Até o *outdoor* pintado a mão, eu fazia.

Nesse momento, já estava percebendo que esse tipo de trabalho não era mais minha função, pois os outros colegas não o faziam. O que as pessoas consideravam como arte, estava sendo confundido com artesanato. Por estar sempre ocupado com o trabalho, dito “artístico”, já não tinha tempo para nada, pois os tipos de pintura que gostava de fazer, já não solicitavam. Chegou um momento em que eu já fazia questão de não divulgar que pintava, porque tudo só faria sentido para as pessoas se tivesse alguma utilidade prática. Esse tipo de arte, não do homem omnilateral, é simplesmente uma atividade comum, artesanal, e não arte.

Qual era o meu produto que eu realmente gostaria de praticar, que desse nome, prazer em fazer: a pintura! Aquarela, retrato. Ainda estava guardado, meu material do tempo das oficinas no Museu de Arte da UFC (Mauc). Sempre admirei a arte da pintura; procurei aprender alguma coisa na parte técnica, comprando coleções nas bancas de revistas. Tinha verdadeira admiração pela técnica impressionista, despertada quando vi, pela primeira vez uma pintura original do pintor cearense José Fernandes, um dos participantes da Sociedade Cearense de Artes Plásticas (Scap). Era um jogo de pintura abstrata e figurativa, com técnica muito apurada e

perfeito domínio de cores. Essa admiração pelo pintor acabou me atraindo para um curso de pintura, com o próprio artista, que parecia não ter muita facilidade de ensinar, mas só em vê-lo pintando era espetacular.

Mas será que isso não faria parte do modo de acumulação flexível do capital, em que o funcionário teria uma instrução geral, para entender todo o processo e assim participar no trabalho em qualquer área de produção? Era justamente, pois o próprio sistema de ensino dos Cefets pregava isso, segundo Oliveira (2019), evidenciando a configuração de um momento histórico marcado por muitas mudanças sociais, políticas e econômicas, associadas ao processo de globalização.

A Lei 8.948, de 8 de dezembro de 1994, veio para transformar gradativamente as Escolas Técnicas em Cefets, no entanto, isso só foi implementado, na Escola Técnica Federal do Ceará (IFCE), a partir de março de 1999, na direção do Prof. Mauro Oliveira (1998-2004). Nessa época, começaram a ser criados os Cursos de Tecnólogos de Nível Superior.

Um presente de Deus

Em 2002, foi lançado o Curso Tecnólogo em Artes Plásticas, no Cefet-CE, e, nesse momento, enxerguei a real possibilidade de colocar em prática meus planos, dentro da arte. Tinha que enfrentar um vestibular, por isso aproveitei umas férias de vinte dias, estudei para valer, pois fazia mais de dez anos que não tinha contato com as matérias, e deu tudo certo. Passei no vestibular e na prova de habilidade específica. O Curso de Artes plásticas foi muito importante para mim, pois me colocou em contato direto com as artes visuais, e passei a praticar diariamente o que eu mais gostava de fazer: desenho, pintura, escultura, xilogravura.

Interessante o método de trabalho dos professores, que nunca demonstravam para os alunos como fazer, mas simplesmente desafiavam para o trabalho. Cada um desenvolvia seu trabalho e seu aprendizado dentro de seu próprio tempo. Isso nas cadeiras práticas. O curso começou a se desenvolver na Casa de Arte, situada na Av. Treze de Maio, num prédio contíguo ao ginásio. As aulas eram no turno da manhã, e eu passava o dia

todo no Cefet, pois ficava para trabalhar à tarde e noite. A cadeira que eu tinha mais dificuldade era computação gráfica, pois não tinha computador nem conhecimentos do digital, de modo que não tive bom aproveitamento dessa parte do curso. Meu negócio era trabalho manual.

Mesmo com pouco tempo diário, todos os trabalhos que os professores passavam eu procurava fazer em dobro, com o objetivo de me aperfeiçoar mais. Melhorei muito, em todas as ferramentas que eu já praticava anteriormente. O Curso de Artes Plásticas é diferente dos outros, com relação à maneira de aprender. No Curso de Dança, por exemplo, o aluno repete os passos do professor, e se considera sabendo, quando consegue fazer o que o professor faz. No Curso de Música, ocorre do mesmo jeito. Mas, nas artes plásticas, nunca cheguei a ver um professor desenhando ou pintando e não sabia até que ponto isso era bom ou ruim. Mas, com o tempo, percebi que, nesse caso, não se aprende por imitação, mas considera-se a bagagem que o aluno traz, e apenas é desafiado e incentivado a produzir.

O que foi bom para mim, no Curso de Artes Plásticas, é que aprendi a aceitar meu próprio trabalho; que não precisaria imitar os outros; poderia desenvolver um produto próprio, desde que bem embasado e justificado. Por outro lado, trabalho escondido em casa não eleva o artista; trabalho só tem valor quando publicado. Esse era meu fraco; gostava de produzir, mas não participava de nenhum evento promovido pelo Cefet; ficava retraído, apenas dando apoio aos demais colegas. O curso teve continuidade na sede do Cefet Aldeota, na Rua Nogueira Acioly. Concluí o curso em 2004, colando grau em 2005, na direção do Cefet, estava o Prof. Cláudio Ricardo Gomes de Lima.

Depois de algum tempo após terminado o curso, fui convidado para ministrar aulas de pintura, para a turma do segundo semestre, pelo Prof. Gilberto Machado, que me passou todas as dicas para preparar os planos de aulas e as avaliações. Passei dois semestres ministrando Pintura II, cujo meio era a aquarela, técnica da qual eu gostava muito. Foi muito boa a experiência, como professor de uma graduação, em que todos os alunos já eram artistas e com muita vontade de praticar. Todas as quartas-feiras,

escolhíamos um local da cidade de Fortaleza para pintar; a pintura era ao vivo, de aquarela sobre papel. Não tinha formação pedagógica para ensinar, somente habilidade técnica do ofício.

Ao terminar o Curso de Artes Plásticas, voltei para o meu trabalho normal, do dia a dia, com toda aquela bagagem prática adquirida com o curso de artes. Porém, não sabia o que fazer com esse conhecimento. Pintar de vez em quando um retrato, alguma tela, para algum colega que a encomendasse. Aos poucos, fui parando com a arte. E, como sempre digo, enterrei esse tesouro. Mesmo porque, dentro do local de trabalho, o artista só era lembrado quando precisavam de algum painel para identificar eventos, ou faixas e cartazes de propaganda. Fazia, as pessoas achavam bonito, mas eu os considerava um trabalho desvirtuado da arte, não era arte. As únicas peças artísticas que eu realmente havia feito tinham sido a pedido da professora Lurdinha, diretora do grupo GPTEC, que agora era conhecido como Grupo Mira Ira.

Algumas participações em eventos

O IFCE é muito rico em eventos, e além dos que mais me marcaram como funcionário, os jogos nos moldes 1985 a 1989, e alguns outros jogos que foram trazidos para o Centro de Eventos, e que proporcionaram muito trabalho e alegria também em servir, de alguma forma, e ver a alegria no rosto de nossos alunos, era indescritível, registrado e compartilhado em tempo real.

Um evento começou em 2012, com pequenos seminários de história, apresentação das turmas de idiomas e durante as feiras tecnológicas Juventude, Arte e Ciência (JAC) e Semana Esportivo Cultural (SEC).

Vou me referir primeiro à JAC, pois foi a que eu ajudei a construir. De repente, havia uma efervescência dentro da escola, com os alunos procurando locais para ensaiar peças; fazer filmes; fotografias; figurinos. Fui procurar saber do que se tratava: era um trabalho passado pelo Prof. Gilberto Abreu (História), e Profas. Fabiana (Biologia); Cristiane (Biologia); e Dora (Geografia). Encantei pelo trabalho deles, e me dispus a ajudar.

Na escola funciona assim, os professores fazem um projeto do evento, orçam as despesas, colocam as atribuições de cada departamento e mandam tudo documentado para a direção. Tudo muito lindo, aprovado. Mas, na hora da execução, não tem gente. Na teoria, fica fácil, mas eu sou da prática, aquele que trabalha calado, não fala muito, mas adora colaborar com quem quer produzir.

No meu setor, cuido dos auditórios, das salas de multimídia, do pátio, e atendo aos eventos em geral. Mas esse evento seria especial, pois precisaria de mais, ou seja, disposição criativa. De modo que chegou o dia das apresentações, as professoras vieram ver o palco, limpo, sem estrutura. Minha parte eu fiz, preparei a sonorização e o serviço de filmagem e foto. Mas faltava preparar o palco para as peças. O setor encarregado de marcenaria, que temos na manutenção, ligado à infraestrutura, não sabia como resolver o problema.

Foi aí que eu entrei. Lembrei de minhas experiências no palco do Theatro José de Alencar, não como ator (rsrs), mas como cenógrafo de dança (durante uns 15 anos fiz cenários para academias de dança). O que um palco precisa: fundo escuro, onde possam ser colocados os cenários; coxias para esconder (*backstage*) os atores e cortina para mudança de cena. Não tinha como fazer, mas improvisar, e na prática educativa, isso vale bastante. O que, no Curso de Artes Plásticas, nas práticas de pintura e escultura, o que mais se aprende é improvisar. Compensados, TNT, arame, era o que havia e justamente o que eu precisava. Daí percebe-se a importância da arte, na vida do estudante e do profissional; enxergar o mundo como um grande estúdio e laboratório; saber quebrar algumas regras, e preservar o ambiente.

Em 2012, ajudei nessa primeira JAC. Ajudei muito nesse evento no que pude, mas, em contrapartida, aprendi mais, me aperfeiçoei mais, pois novas demandas geraram novos desafios, na formação da equipe de multimeios, na maneira de armazenar os arquivos, distribuir, registrar tudo em vídeo e foto. O constante aperfeiçoamento da JAC, até 2019, trouxe também aperfeiçoamento em meu trabalho, em todos os sentidos.

Até mesmo atraiu, para meu setor, um amigo também interessado por produção: Francileudo Venâncio Ferreira, que procurou aperfeiçoar todo aquele trabalho começado. Um cara da construção civil, funcionário do IFCE; pedreiro, caprichoso e perfeito em tudo o que se propunha a fazer. A JAC seria a paixão dele também, que chegou a promover exposições sobre o assunto e fazer dois álbuns. E essa era a ideia: exposição e álbum, uma maneira prática de elevar o trabalho dos docentes da instituição, multiplicando a ideia por todo o estado do Ceará.

Não preciso relatar aqui as produções de todas as JACs; as pessoas envolvidas; e as que vieram a se envolver; os conflitos que causou; pois, sem saber, até crise de ciúmes houve. Mas isso é outra história. Mesmo sendo funcionário público, sujeito às regras e burocracias que o cargo exige (estou na coordenação, atualmente), não nego serviço, nem respeito os feriados ou fins de semana. Chegou alguém disposto a promover a escola, o setor de multimeios está junto, claro que com as devidas autorizações da direção.

Mas, agora, deverá chegar a vez do Mira Ira usar a fotografia, o cenário, a pesquisa técnica, enfim, tudo o que aprendi na prática, nesses anos todos, para realizar uma pesquisa dentro do grupo. O que foi feito, e o que faltou fazer, e até refazer, pois a cultura popular deve ser preservada e mostrada para as gerações atuais, talvez concorra para destacar o objeto do grupo, e chegue a destacar e ressuscitar a hegemonia da cultura popular.

E, até hoje, tenho procurado ajudar na maioria dos eventos do IFCE, dentro do meu propósito como funcionário. E, de uns tempos para cá, incentivado por um bolsista meu, comecei a trilhar os rumos da fotografia. Aproximei-me da fotografia, como forma de superar o que havia largado na pintura. Pensei até em unir as duas coisas, mas tudo só no projeto, sem nada de prática. Vi na fotografia uma forma de conhecer novas pessoas, participar de vidas, deixar alguma marca. Quando pintava retratos a mão, as pessoas diziam: “Está igualzinho a uma fotografia”, e a situação agora se inverteu, fazer fotografia como se fosse pintura.

A velha discussão, do final do século XIX, sobre o fim da arte, a superação pela fotografia, com toda a herança que a pintura deixou, relativa à composição; aos grandes temas; ao palco como cenário; segundo Dubois (1993), relatando o percurso histórico da fotografia, articulado em três tempos: (1) Como espelho do real; (2) Como transformação do real; e (3) Como traço do real.

Nesse contexto, pretendo avançar. Segundo a lição de Hegel, avançar é regressar ao fundamento, originário e verdadeiro. Puls (1998) ajuda-me, nessa orientação metodológica que é fornecida pelo materialismo histórico, a única filosofia da atualidade que considera a mimese como o fundamento da arte. Essa vontade de redescobrir a fotografia, e aplicar numa utilidade; descobrir a finalidade a fim de compreender todo esse começo.

Mesmo sendo uma utopia, a busca da omnilateralidade, quando ainda nem se apreendeu a técnica geral em si, pois, sem a aplicação real da técnica, na busca da experiência, não se pode provar que um pensamento teórico, uma ideia de pesquisa possa dar certo; esse é o sentido da investigação prática. Investigar para obter respostas, o porquê de se apegar tanto a uma atividade a ponto de não medir esforços, na ânsia do conhecimento.

Por muito tempo, pratiquei a fotografia, dentro e fora do emprego formal, investindo em equipamentos caros para sempre melhorar o trabalho. Tudo em nome da obtenção de imagens: retratos pintados, fotografados; cenários; eventos sociais; casamentos; etc. Para o desespero da família, fazia até de graça. Amar muito o que faz, é um perigo. Pode não gerar renda, pode levar à frustração.

O mestrado

Mas veio o mestrado. O tempo que gastava com a fotografia, será todo dedicado a ele, como uma parada estratégica, de recompor, aprender a repensar o fazer, e voltar com mais força, com um produto educacional.

Um mestrado profissional. Para esse objetivo, apontar as perguntas, dúvidas, os motivos do fazer material, e sentir uma experiência estética

na realização de um produto, por definição, inacabado, inspirador de outras experiências. Antes, como fotógrafo de festinhas sociais, sonhador de fotos de estúdio, sempre perseguindo criar novas imagens, e seu sentido, dentro de uma instituição de ensino, que tem um Curso Superior em Artes Visuais. Qual seria o caminho a trilhar? Voltar-se, então, para a arte; promover a escola, e o que nela há de bom. Adotar, portando, como final feliz dessa história, um grupo que sempre procurou resgatar a arte popular, e descobrir o que pode ser feito, ou o que já foi feito, nessa área, mas agora numa abordagem autoral. Claro, o primeiro objetivo é afiar a ferramenta de trabalho, para a produção de imagens, ou talvez, a busca, se existe; e, se não existir, produzir.

Mas não faz sentido somente produzir, temos que refletir sobre essa produção, para superar o tecnicismo e o artesanato. O modo de produzir também tem suma importância, nesse processo de constante descoberta e modificação de algo, para entender o seu começo, descobrir-se e se auto-modificar também. O objetivo é não ser o mesmo do começo, mas, no final da trilha, ver o começo com outros olhos, sem perder a referência. Todo o percurso de minha vida tem sido dirigido pela imagem, então, todo esse percurso não poderia fugir disso, e sim chegar ao final, para explicar o todo.

Contextualizando o momento em que escrevo este texto, em plena pandemia de covid-19, espero que acabe logo esse sufoco, que é permanecer longe das pessoas, porque, se isso continuar, muda também o rumo de minha pesquisa, que passaria a ser apenas uma produção solo, quem sabe. Mas, segundo Clóvis de Barros (2020), deve-se lutar pelo amor, sempre, o platônico, no sentido de desejar; o aristotélico, no sentido de se alegrar com o que desejou; e o amor em Cristo; trabalhar para que outros também se encontrem nesse caminho, no fazer não somente para si, mas para despertar o outro.

Referências

ABERTURA DO XVII JETEC 1990. Canal youTube, multimeios Benfica. Disponível em: <https://youtu.be/au6yp3L5Qck>. Acesso em: 23 maio 2021.

ARTE E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA. Stanfor, *Encyclopedia Of Philosophy*, 2018. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/dewey/#ArtAestExpe>. Acesso em: 27 maio 2021.

CÂNDIDO, Francineuma Guedes. *Entre a história e a memória: Acervo on-line sobre o processo histórico do Instituto Federal do Ceará*. – 2019, 173 f. : il.

DIFERENÇAS ENTRE O ENSINO REGULAR E O ENSINO PROFISSIONALIZANTE. Evolua, 2019. Disponível em: <https://ensinointerativo.com.br/diferencas-entre-ensino-regular-e-ensino-profissionalizante/>. Acesso em: 22 maio 2021.

DITADURA MILITAR NO BRASIL. Politize, 2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/ditadura-militar-no-brasil/>. Acesso em: 22 maio 2021.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Tradução Marina appenzeller. Campinas: Papirus, 1993. Série Ofício de Arte e forma.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO. Wikipédia, 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto_Universal_Brasileiro. Acesso em: 22 maio 2021.

MEMÓRIA TVC. *Série documental celebra 45 anos da TV Ceará*. TV Ceará, 2019. Disponível em: <https://www.tvceara.ce.gov.br/2019/07/16/memoria-tvc-serie-documental-celebra-os-45-anos-da-tv-ceara/>. Acesso em: 22 maio 2021.

OLIVEIRA, Francisco das Chagas Torres de. *Marcas do ensino médio integrado a educação profissional, nas trajetórias de vida de egressos do Instituto Federal do Ceará/ campus Fortaleza, evidenciadas em um documentário*. 2019. 139 f. :il. color.

PULS, Maurício. *O significado da pintura abstrata*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

REFORMA TORNOU O ENSINO PROFISSIONAL OBRIGATÓRIO EM 1971. Senado Federal, 2017. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/03/03/reforma-do-ensino-medio-fracassou-na-ditadura>: Acesso em: 22 maio 2021.

Sites consultados

http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/fran/livro4/chama_cap9.html

<https://tecnoblog.net/247956/referencia-site-abnt-artigos/>

https://www.youtube.com/results?search_query=xiv+jetec

Confins de uma trajetória previsível

Gerson Augusto Pereira

Introdução

Na narrativa que se segue, apresento acontecimentos que foram se sucedendo paulatinamente, a partir dos limites não preestabelecidos inicialmente, mas que se interligam, sendo cada um confirm² do outro, proporcionando crescentemente uma trajetória inspiradora para qualquer pessoa que tenha dúvidas, de que poderá alcançar sempre o que almejar.

Mas, porque é imprevisível? Ao nascer em um bairro de Fortaleza que possui, segundo o anuário datado de 2011, a segunda maior população dos 121 bairros da cidade do sol cearense, e pertencer a uma família pobre de uma prole de 11 irmãos e, ainda, o bairro ter o maior índice de criminalidade da cidade (de acordo com pesquisa realizada pelo Laboratório de Estudos da Violência - LEV), seria pouco provável que eu pudesse chegar ao mestrado.

O que mais ocorre, na Barra do Ceará, é alguém crescer e se tornar cidadão trabalhador em fábrica ou comércio, ou, ainda, tornar-se um delinquente. Nesta sequência de memórias, mostrarei como surgiu um aluno do curso de mestrado, partindo do limite de uma vida simples, para descobrir e redescobrir futuros não traçados e provas cabais de como o conhecimento é capaz de transformar a vida das pessoas.

Em 1963, por volta das 6 horas da manhã, do dia 6 de outubro, na casa de número 65, na rua Perimetral (hoje Wenefrido Melo), no bairro do Mondubim, em Fortaleza, estando ela (minha mãe) deitada em um velho sofá desgastado, com a parteira ao lado orientando sobre quão

² Segundo o *Dicionário on-line*, “*Confins*” é o substantivo masculino plural que significa “o limite ou extremidade de uma localização física, como um país ou cidade” (DICIO, 2021). A etimologia (origem da palavra *confins*), é que *confins* deriva, como plural, de *confim*, do latim *confinis*, e, com o sentido de contíguo, vizinho, perto de.

importante era aguentar a dor, para que eu, Gerson, chegasse, e, assim, cheguei!

Filho de Dona Diesa, como era chamada minha mãe, costureira de mão cheia e vendedora que, de segunda a sábado, saía para trabalhar em um *box*, no antigo Mercado Central e de seu Leônidas, técnico em Telecomunicações, que consertava os radiocomunicadores da polícia civil, àquela época, enquanto os carros ficavam parados, lá em casa, aguardando que meu pai os consertassem. Sou o sexto de uma família de 12 filhos, mas a primeira de minhas irmãs veio a falecer horas depois do nascimento.

Iniciei a maravilhosa descoberta do aprender, no Grupo Escolar Estado de Alagoas, hoje Escola de Ensino Fundamental e Médio (localizada na avenida Leste Oeste, atualmente avenida Presidente Castelo Branco), onde permaneci dos 06, até os 11 anos de idade, residindo já nos confins da cidade de Fortaleza, na famosa Barra do Ceará, iniciei o Ensino Fundamental e da 5ª à 8ª série estudei na Escola de Ensino Fundamental José Valdo Ribeiro Ramos, no bairro do Carlito Pamplona, ficando por lá até concluir o primeiro grau (8ª série do antigo ginásial).

A descoberta do aprender

No decorrer do Ensino Fundamental, em 1974, fiz minha inscrição na banda de música do Serviço Social da Indústria (Sesi) da Barra do Ceará, onde aprendi a ler partitura musical, com seqüência de notas musicais fusas e semifusas. Após alguns meses estudando e tocando, tive *a* absoluta certeza que seria clarinetista. Com a banda do Sesi, cheguei a realizar, no teatro José de Alencar, um “solo musical” em que a banda toda tocou em formato “piano”, que é quando todos tocam bem baixinho e somente o solista aparece, e era eu, no clarinete (Foto 1, de época).

Foto 1 - Apresentação da Banda de Música do Sesi - sou o terceiro, na primeira fila, da esquerda para a direita



Fonte: Antônio Airton – trompetista.

Em pleno entusiasmo musical, concluí o antigo 1º Grau (8ª série), e iniciei mais uma mudança em minha vida. Em 1977, nas últimas semanas do ano, me dirigi para a Escola Estadual de Educação Profissional Marvin, para matricular-me, quando fui apresentado às Ciências, iniciando o Curso de Técnico de Laboratório em Análises Químicas, e concluindo três anos depois. Já nesse ritmo científico, não mais conseguia estar na Banda de Música do Sesi e nos Laboratórios de Química da Escola Marvin, ao mesmo tempo, apaixonando-me definitivamente pelas Ciências.

Quando já havia concluído o curso de técnico em Análises Químicas da Escola Marvin, em 1981, por volta das 11 horas da manhã, de um dos dias do mês de janeiro, meu irmão William Augusto, técnico em Eletrônica, enquanto consertava uma televisão, ouvia a rádio sintonizada em uma emissora de notícias e, de repente, escutou o anúncio de abertura de inscrição para o Curso de Auxiliar de Enfermagem, que aconteceria até

aquele dia e, assim, fui me inscrever. Ao final do curso, eu já formado auxiliar de Enfermagem no Hospital das Clínicas, foram escolhidos os 12 melhores colocados para assumirem uma vaga de trabalho no Hospital das Clínicas da Universidade Federal do Ceará (UFC) e, em 1983, colocado entre os 12, passei a trabalhar no Hospital das Clínicas (hoje, Hospital Universitário Wálter Cantídio).

Seguindo a trajetória não prevista, o passeio pela Música, pela Química e início, já em 1984, da vida na Enfermagem (área da Saúde), fui admitido na função de auxiliar de Enfermagem, na UFC, trabalhei na Unidade de Clínica Médica IIA, passando por setores como Unidade de Terapia Intensiva e, por último, ainda fazendo parte da equipe de Enfermagem do Hospital das Clínicas (HC), setor de Clínica Dermatológica.

Após adentrar no mercado de trabalho ao ser admitido no Hospital, inicio um novo ciclo de vida. Em 1985, no mês de março, eu me caso e, nove meses depois, em dezembro, nasce Márcia, minha primogênita, que, décadas mais tarde, se torna também uma profissional farmacêutica, especialista em Hematologia Clínica.

Enquanto desenvolvia minhas funções no hospital, notei que eu era um dos servidores de menor grau hierárquico e pensei: Preciso ser admitido em um concurso vestibular para cursar uma faculdade da área da saúde, assim, em 1986, por volta das 8 horas da manhã, realizei o vestibular para Farmácia, na Universidade Federal do Ceará (UFC). Após ter realizado o concurso vestibular quatro vezes, para Enfermagem, daquela vez eu me inscrevi para o Curso de Farmácia, e fui aprovado. Enquanto cursava Farmácia, nos períodos da manhã e tarde, na UFC, participei de concurso para auxiliar de Enfermagem da Prefeitura de Fortaleza e, em 1988, passei a atuar no Hospital Distrital Maria José Barroso de Oliveira - Frotinha de Parangaba, desenvolvendo funções nas duas instituições e cursando Farmácia na UFC, tudo ao mesmo tempo.

Quando estava me dirigindo ao penúltimo semestre, para minha formação em Farmácia, em 1989, dá-se o início a mais um ciclo de vida, pois nasce Marcelo, meu secundogênito. Esse filho não se enveredou pela

área da Saúde, como eu e sua irmã, mas passou seis dos seus 30 anos como produtor musical em estúdio, que no ano de 2006 montei e passei a trabalhar também com ensaios e gravações de bandas de *rock underground*, e há três anos atrás ele decidiu fazer curso de mergulho em águas profundas (50m) e atualmente é mergulhador, na cidade do Rio de Janeiro.

Em 1990, por volta das 18 horas da bela tarde do dia 25 de junho, coleei grau na Concha Acústica da UFC, tornando-me farmacêutico, o que foi um marco, pois, depois disso, outros três dos meus irmãos decidiram estudar e também se formaram; hoje, um deles é gestor; outro é filósofo e o primogênito, em linhagem pura (já que o meu irmão de maior idade é filho apenas de meu pai), tornou-se administrador, não exatamente nessa mesma ordem.

Após minha formação em Farmácia, iniciaram-se as mudanças de maior representação. Em 1992, fui aprovado em primeiro lugar em concurso para farmacêutico da Prefeitura de Fortaleza e passei a cumprir escala de plantão no Hospital Frotinha de Parangaba, onde já trabalhava como auxiliar de Enfermagem, e permaneço até hoje, mas já em processo de aposentadoria. No mesmo período em que fui aprovado para exercer o cargo de farmacêutico, fui selecionado para participar do Curso de Especialização em Farmácia Hospitalar, realizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na cidade de Natal (capital).

Fiquei por seis meses em Natal/RN, realizando o curso de especialização. Em **1993**, retornando a Fortaleza, aceitei ser coordenador da Farmácia Hospitalar do Hospital Distrital Nossa Senhora da Conceição, da Prefeitura de Fortaleza, onde permaneci por quatro anos, atuando diretamente na prática do uso de materiais médico-hospitalares.

Atuando na área hospitalar e com o título de especialista, em decorrência de regras militares das forças armadas, é necessário a reapresentação, após terminar um curso superior na área de Saúde, no Brasil, logo, me apresentei e fui selecionado, em 1994, para servir ao Exército brasileiro, como oficial farmacêutico (servi no 10^o Depósito de Suprimento

do Comando Militar do Nordeste), ficando na “caserna³” até meados do ano de 1995, quando retorno à UFC, da qual havia me afastado temporariamente.

Essa experiência durou apenas um ano e meio, e como, nas forças armadas, não se pode acumular outras funções, financeiramente, preferi, em 1995, retornar ao Hospital Universitário Wálter Cantídio, da UFC, onde fui selecionado para realizar minha segunda especialização, e me tornei também especialista em Gestão Hospitalar, pela Escola de Saúde Pública do Estado do Ceará, em parceria com a UFC.

Retornando à Universidade, bem depois da conclusão do Curso de Farmácia e das duas especializações, apliquei meus conhecimentos adquiridos, ministrando dois cursos de capacitação na área de Farmácia Hospitalar, com carga horária de 40 horas, entre 1996 e 1997. Aproveitando o momento docente que vivia, em 1997, publiquei meu primeiro livro, *Material médico hospitalar*, pela Editora Guanabara Koogan, do Rio de Janeiro, distribuído no Brasil e em outros quatro países de língua portuguesa (Angola, Portugal, Guiné Bissau e Timor Leste). Esse livro abriu um leque de possibilidades para os farmacêuticos conhecerem sobre materiais médicos e escreverem seus Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) de especialização.

Além do curso e do livro publicado, desenvolvi o sistema de gerenciamento de Farmácia Hospitalar (Sistema Pharmus), em parceria com Jamisson Leite e Sílvio Porto (amigos de sempre). O *software* Pharmus, foi concebido ao longo de dois anos (1997 e 1998), dentro da Farmácia do Hospital Universitário Walter Cantídio da UFC, e implantado no Hospital Geral de Fortaleza, por dez anos.

Durante o mês de maio de 1999, minha mãe adoece e é internada no Hospital Walter Cantídio, e apesar de todos os meus esforços farmacoterapêuticos, veio a falecer de câncer no intestino, tendo vividos apenas 65 anos. Como, diariamente, eu estava nos corredores e nas enfermarias daquele hospital, pedi férias e licença de três meses, os quais não gozava

³ Construção destinada ao alojamento de soldados; quartel.

há mais de cinco anos e, ao retornar para o hospital, pedi transferência, para me dedicar às ações de extensão da UFC, e permaneci no Centro de Desenvolvimento Familiar (Cedefam) - um dos maiores programas de extensão da UFC -, que hoje se transformou em Núcleo de Extensão da Pró-Reitoria de Extensão da UFC - até 2005, e daí retornei para a área de Gestão Hospitalar como coordenador da Farmácia Hospitalar do Hospital Distrital Maria José Barroso de Oliveira (Frotinha de Parangaba), permanecendo afastado da Universidade para dedicação exclusiva ao hospital municipal por quatro anos.

Por estar desenvolvendo importante trabalho de gestão ao município de Fortaleza, já em 2006, nasceu Fernanda Gabrielle, minha terceira gêmea, e, nesse mesmo ano, já morando no Conjunto Ceará, conheci os amigos de meu filho Marcelo, que tocavam violão e pretendiam montar uma banda. Surgiu daí a ideia e acabei por montar o Estúdio de Ensaios e Gravações Semizeus, partindo para a área cultural, apoiando o nascimento de bandas e musicistas do estado do Ceará.

Retornei para a UFC, afastando-me da gestão hospitalar, em 2009, e tentei reassumir o trabalho que desenvolvia no Centro de Desenvolvimento Familiar, porém o pró-reitor em exercício, na época, solicitou que eu fosse desenvolver minhas funções diretamente no Gabinete do Pró-Reitor, para me dedicar à avaliação de projetos e programas de extensão, passando a integrar a equipe da Coordenadoria de Extensão do *Campus* do Porangabuçu da Pró-Reitoria de Extensão da UFC, por dez anos, quando me transferi, em 2019, para onde atualmente ocupo o cargo de diretor de Ações, na Coordenadoria de Articulação Intercampi da Pró-Reitoria de Extensão da UFC.

No decorrer do novo formato de desenvolvimento laboral, dedicando-me à extensão universitária, nasceu Giselly Mayana, em agosto de 2010, minha quarta filha e o mais recente ciclo familiar se reinicia. Com o nascimento da Giselly, devido aos meus 47 anos de vida e a chegada de um ser espetacular, que de toda forma me induzia a mudanças, resolvi me dedicar à Extensão Universitária por inteiro, dando início à minha

longa atuação na tentativa de facilitar as propostas de projetos e programas de extensão direcionados à Pró-reitoria de Extensão da UFC.

Logo de entrada no maravilhoso ambiente extensionista, em 2011, conseguimos desenvolver o sistema de controle de ações de extensão da Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal do Ceará e cooperei para a finalização do Sistema Informatizado da Pró-reitoria de Extensão (Sinprex), e assim publiquei pôster no XX Encontro de Extensão, dando início a uma série de publicações.

Em 2012 fiz a proposta de cadastro e desenvolvimento do Projeto de Formação Teórica para Músicos de Fortaleza e apresentei como pôster no XXI Encontro de Extensão. No entanto, consegui seguir com o andamento desse projeto por dois anos apenas. Já no ano de 2014, coordenei três projetos de extensão: Formação Teórica para Músicos de Fortaleza no ano de 2014 (último ano); Treinamento em Serviços Farmacêuticos para Profissionais Farmacêuticos atuantes em farmácia comercial (versão única); e já em outubro de 2014, logo após o XXIII Encontro de Extensão propus o Programa de Educação Continuada para Farmacêuticos de Farmácias Públicas.

A experiência vivenciada nos dois primeiros projetos, apresentei na forma de pôster, no XXIII Encontro de Extensão da UFC, no ano de 2014. Já o terceiro projeto, proposto em outubro de 2014, e com suas duas etapas realizadas, uma em Fortaleza e outra no município de Sobral, servindo de piloto para as próximas, não pôde ser apresentado, mas somente apresentado no ano seguinte. Já no ano de 2015, revalidei e aprimorei o Projeto de Educação Continuada para Farmacêuticos em Aplicação de Injetáveis, cujo metodologia utilizada é a execução de uma tríade extensionista composta por: curso de capacitação; evento de culminância; e prestação de serviço à comunidade por onde o projeto passa.

No mesmo ano, participei de processo seletivo para o Mestrado em Ciências Médicas da UFC. O projeto de pesquisa, apresentado com o título Acompanhamento Farmacoterapêutico de Pacientes com Diagnóstico de Pé Diabético em Unidade de Assistência à Saúde de Nível

Secundário do Município de Fortaleza, foi avaliado com nota acima de 8. Fui aprovado e fiquei no 3º lugar, porém, como havia apenas duas vagas, fiquei de fora do mestrado na UFC.

Durante o II Simpósio de Farmácia, em Sergipe, no ano de 2016, apresentei em pôster como foram realizadas as etapas, com suas respectivas metodologias; com isso, o projeto foi agraciado como a melhor proposta de uma ação, naquela ocasião, no mesmo ano, o projeto seguiu e realizou sete novas etapas. No decorrer do tempo, o Programa de Educação Continuada para Farmacêuticos – em Serviços Farmacêuticos e Aplicação de Injetáveis – com ênfase em vacinas, cresce, possibilitando várias etapas, no estado do Ceará: em 2017, foram dez etapas e, em 2018, 17.

Em decorrência da visibilidade que alcançou no estado do Ceará, ainda em 2018, o projeto é convidado a realizar uma etapa no estado do Piauí e como tem amplitude nacional e como já havíamos realizado mais de 40 etapas no estado, aceitamos o desafio de viajar para o estado vizinho e realizamos uma etapa em Parnaíba/PI.

A primeira etapa do estado do Piauí repercutiu e fomos confirmados para permanecer no estado, capacitar farmacêuticos em Teresina e em mais dez cidades, no ano de 2019. Ainda nesse mesmo ano, realizamos etapas do projeto em outros dois estados: Parnaíba (João Pessoa, Cajazeiras, Patos e Campina Grande) e Alagoas (Maceió e Arapiraca).

No ano de 2020, em virtude da pandemia de covid-19, foram cumpridas apenas duas etapas do Programa de Educação Continuada para Farmacêuticos – em Serviços Farmacêuticos e Aplicação de Injetáveis – com ênfase em vacinas, até março, e outra etapa em dezembro, todas no estado do Piauí.

Apesar da situação extrema de pandemia, no Brasil, sem que soubéssemos como cuidar das pessoas, embora estivesse em plena atuação no Piauí, tomei uma atitude inesperada, quando decidi, para o bem de todos os cidadãos fortalezenses, concorrer a uma vaga na câmara de vereadores da cidade de Fortaleza. E, assim, em 2020, fui candidato a uma vaga para o pleito na Câmara de Vereadores, tendo recebido 392 votos, distribuídos

em 69 bairros da cidade, pelo Partido Verde, e nesse exato momento a atividade política é inserida em minha vida, para o bem coletivo.

Em 2021, fui selecionado para o Mestrado ProfEPT e tenho o referido projeto como objeto de estudo, em andamento apenas no estado do Piauí enquanto os demais estados estão aguardando os resultados finais em relação à pandemia do covid-19 e o retorno presencial às atividades que requerem práticas efetivas. Desde 2014, o programa capacitou mais de 2 mil farmacêuticos, distribuídos em 32 cidades, de quatro estados do nordeste (Ceará - 16 cidades, Piauí - 10 cidades, Paraíba - 4 cidades e Alagoas - 2 cidades) e vacinou mais de 15 mil pessoas em praças públicas. É com essa certeza que devemos publicar o Guia de Aplicação de Medicamentos Injetáveis, para efetivar nosso legado de capacitação profissional tecnológica. O guia contemplará profissionais da área da Saúde em aplicação de vacinas em um ambiente pandêmico, principalmente técnicos em Enfermagem.

Conclusão

Em função de todo o trabalho desenvolvido, por mais de quatro décadas, e, principalmente, durante os últimos 6 anos, na Pró-reitoria de Extensão da UFC, em que foram capacitados mais de 1.400 farmacêuticos, no estado do Ceará, houve enorme mudança de paradigma, no que se refere à administração de medicamentos injetáveis, nos mais de cem municípios dos 184 municípios do estado do Ceará. Além dos mais de 800 farmacêuticos dos 224 municípios do estado do Piauí, sentimos, aflorar a essência do dever cumprido e a satisfação de verificar que, em qualquer lugar, alguém se apropria do resultado de nosso esforço.

Nessa ocasião, notamos o vasto cabedal de acolhimento de Saúde, promovido por farmacêuticos espalhados em todas as microrregiões dos estados, nos quais realizamos etapas do grande projeto de vida visando, principalmente, a um atendimento de qualidade e aumentando sobremaneira a qualidade de vida das pessoas.

Referências

CONFINS. *In: DÍCIO*, Dicionário *on-line* de português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/confins/>. Acesso em: 23 maio 2021.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2222 p. ISBN 978-85-385-4198-1.

NOTA DE RODAPÉ. *In: Tecnoblog. Americana: Mobilon* mídia, 2005-2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/158972/001023071.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 maio 2021.

Sites consultados

[https://www.anuariodefortaleza.com.br/fortalezenses/apresentacao.php#:~:text=A%20Barra%20do%20Cear%C3%A1%20vem,Vila%20Velha%20\(61.617%20pessoas\)](https://www.anuariodefortaleza.com.br/fortalezenses/apresentacao.php#:~:text=A%20Barra%20do%20Cear%C3%A1%20vem,Vila%20Velha%20(61.617%20pessoas).).

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/seguranca/homicidios-crescem-em-todas-as-regioes-do-ceara-neste-ano-1.2968337>. Acesso em: 28 maio 2021

Aprendendo a arte de tecer

Jailene de Araújo Menezes⁴

O fio da ideia cresceu, engrossou – e partiu-se.

(RAMOS, Graciliano. 2005)

Introdução

Sempre quis cursar o ensino superior e, no final dos anos 1990, tinha muitas dúvidas acerca do meu futuro acadêmico. Havia cogitado cursar Comunicação Social, Educação Física, Serviço Social e Letras. No ensino médio, fui aluna da professora Francilda Rita Sidou, no extinto Colégio General Osório, instituição na qual tinha bolsa de estudos, pois fui convidada a integrar a seleção de handebol. A escola era muito distante da minha casa, então, no percurso, sempre tentava ler um livro e observar as nuances da Fortaleza da periferia e da elite.

Nas aulas da professora Francilda Costa, encontrei espaço para a produção de crônicas acerca das minhas memórias sobre a cidade de Fortaleza, principalmente, sobre o centro da cidade, local de encantamento e de muitas descobertas, que fizeram parte da minha adolescência. Sou muito grata à professora Jane Silva, treinadora do time de handebol do Colégio Getúlio Vargas, escola onde estudei por doze anos; e ao professor Piauí Lima, treinador do time de handebol do Colégio General Osório, por possibilitar uma vaga no time da referida escola.

Lembro-me, com muito carinho, de Asthon Guilherme da Silva, diretor do Colégio General Osório, que oportunizou, a vários jovens, bolsa de estudo integral, em sua instituição escolar. Jamais me esquecerei da

⁴ Graduada em Letras (Português - Literaturas) pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Semiótica, Literatura e Áreas Afins pela UFC. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação do Ceará. Professora da Rede Pública de Ensino do Ceará

sua forma simples e educada de se comunicar com os estudantes. Infelizmente, ele faleceu em 2020. Na ocasião, houve muitos relatos de alunos(as) e docentes, nas redes sociais, acerca da convivência harmônica com o major Asthon Guilherme, no ambiente escolar. No Colégio General Osório, também tive a oportunidade de conhecer a professora Ana Cristina Guilherme, filha do diretor Asthon Guilherme, e presidente do Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação do Ceará (Sindiute). Lembro-me de ficar impactada, com a presença dela, principalmente com a força no discurso e a potência da voz.

Desde o primeiro dia de aula, no Colégio General Osório, fiquei impressionada com o acolhimento e as aulas dos professores, em especial, da professora Francilda Costa, pois eram momentos de muito aprendizado e reflexão acerca da leitura e da vida. Fiquei encantada com a possibilidade de ser professora de Literatura, então, decidi cursar Letras (Português - Literaturas). Fui aprovada na Universidade Federal do Ceará (UFC), no vestibular da virada do milênio. Foi um momento de muita alegria, escutar meu nome proferido pelo locutor da rádio universitária e, no dia seguinte, ler meu nome no jornal. Até hoje, guardo com muito carinho do jornal e telegrama, enviados pela UFC, informando as minhas notas e parabenizando-me pela conquista.

Foram 4 anos de intenso aprendizado, muitas amizades e, ao mesmo tempo, de muita frustração, por não poder participar das atividades acadêmicas da forma como eu gostaria. Ficava impressionada com os encontros, seminários, colóquios, as atividades acadêmicas, mas não tinha condições de participar. Poucas foram as possibilidades de acompanhar os encontros, devido aos horários, que sempre coincidiam com o expediente de trabalho, mas, mesmo nessas condições, consegui participar de algumas edições dos Seminários Linguísticos e do I Congresso de Literatura Infantil da UFC. Os eventos contribuíram bastante para minha formação acadêmica e também profissional.

Infelizmente, nesse período, perdi a oportunidade de me envolver mais no universo acadêmico, porque iniciei minha vida profissional muito cedo. Em 2001, comecei a lecionar no turno da manhã; à tarde,

estava na faculdade, e, à noite, tentava conciliar as demandas acadêmicas e profissionais. Na faculdade, tive a oportunidade de estudar com os docentes José Linhares Filho, Adriano Spínola, Elizabeth Martins, Roberto Pontes, Eduardo Luz e Sarah Diva. Professores inesquecíveis e que muito ensinaram acerca da função social da Literatura.

Nesse período, comecei a me dedicar aos estudos acerca da produção literária de escritores cearenses, influenciada pela disciplina opcional Literatura Cearense, ministrada pelo professor Eduardo Luz. A partir dessa disciplina, tive contato com a obra de autores célebres, como Jáder de Carvalho; Juvenal Galeno; Artur Eduardo Benevides; José Alcides Pinto; Batista de Lima; Linhares Filho, dentre tantos outros escritores que me impressionaram pela produção e qualidade literária. Na mesma época, iniciei a leitura e análise da obra do professor José Linhares Filho e, dez anos depois, apresentei uma monografia acerca da produção literária desse exponencial poeta cearense.

Em 2002, casei-me e iniciei uma nova fase, repleta de muito companheirismo e muita dedicação ao trabalho, porque meu marido e eu éramos muito jovens e tínhamos um longo caminho de conquistas pessoais e profissionais. Concluí a licenciatura em Letras (Português - Literaturas), em 2004, numa linda celebração, em que foram comemorados os 50 anos da UFC. Em um momento de extrema felicidade, estavam reunidos minha família e meus amigos, em torno do que considero uma das minhas maiores conquistas, porque consegui concluir a faculdade num período muito conturbado, repleto de adversidades pessoais e profissionais. Fiz amigos e amigas, com os(as) quais ainda tenho contato; dentre elas, a professora Fernanda Maria Diniz da Silva, que sempre me motivou a ingressar no universo acadêmico. Anos depois, nos tornamos parceiras em projetos e publicação de livros.

Tecendo os retalhos no labirinto da vida

Se aprendesse qualquer coisa, necessitaria aprender mais,
e nunca ficaria satisfeito.

(RAMOS, Graciliano, 2005)

De 2005 a 2008, fui discente no Núcleo de Línguas Estrangeiras da Universidade Estadual do Ceará (NE/Uece). Voltar ao universo acadêmico me fez pensar que, além de me dedicar ao estudo da língua espanhola, poderia também participar de um curso de especialização. O curso de Pós-graduação em Literatura não era gratuito, então, tive que me organizar financeiramente para ingressar na especialização. Nesse período, trabalhava, durante os três turnos, em escolas das redes pública e privada de ensino de Fortaleza e, aos sábados, participava das aulas do curso de Espanhol.

Devido à dedicação exclusiva ao trabalho, não consegui organizar uma rotina de estudos para ingressar no mestrado acadêmico, além do fato de não ter participado efetivamente de atividades de pesquisa na universidade, pois sentia muita dificuldade no processo de elaboração do projeto de pesquisa. Percebi que precisava retornar aos estudos, então, consegui organizar minha rotina para cursar uma especialização. Em 2009, iniciei a pós-graduação em Semiótica, Literatura e áreas afins, na Uece.

Talvez, fazer a matrícula em um curso de pós-graduação, possa ser uma atitude simples, para muitas pessoas, porém, eu estava exultante e focada em cursar a especialização. As aulas aconteciam aos sábados e, mesmo com uma rotina muito cansativa, eu me mantinha sempre disposta e feliz, por estar realizando mais um objetivo. Foi uma fase muito intensa, porque estava estudando para o concurso para docente da rede pública de ensino do Ceará e, ao mesmo tempo, participando do Programa Troca de Ideias, cujo objetivo era promover o fomento à leitura e análise de obras literárias; pelo Centro Cultural Banco do Nordeste, em parceria com a professora Fernanda Maria Diniz da Silva.

Mesmo percebendo que minha rotina estava sendo consumida pelas atividades laborais, consegui encaixar uma participação no Programa Troca de Ideias, que me proporcionou muito aprendizado através da (re)leitura de clássicos da literatura brasileira. Nesse programa, que teve a ampla participação de estudantes das redes pública e particular de ensino

de Fortaleza, tive a oportunidade de participar como mediadora por 4 anos seguidos, de 2008 a 2012.

Em 2010, fui aprovada no concurso para professora da rede pública estadual de ensino do Ceará e continuei na Escola de Ensino Fundamental e Médio Ayrton Senna da Silva, na qual estava lotada como professora temporária, desde 2005. Nessa escola, tive a oportunidade de trabalhar com docentes muito capacitados e engajados em proporcionar uma educação de qualidade para os estudantes. Desse período, recordo-me, com muito apreço, das professoras Lucineide Freire, Fátima Carvalho, Leirte Carneiro, Lidiany Oliveira, Aline Moreira e Glória Rabelo. Excelentes profissionais que possibilitaram, através de sua práxis, momentos relevantes de reflexão acerca do ato de educar.

Nesse período, retomei as leituras da obra de Paulo Freire e, em algumas reuniões pedagógicas, foi possível discutir pontos importantes para uma educação libertadora. Lembro-me de ter lido a obra *Conscientização: Teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire* (1980) e ficado exultante com o debate acerca da consciência ingênua e da consciência crítica. A leitura dessa obra foi muito relevante, na minha trajetória profissional e pessoal, pois comecei a conectar conceitos inerentes ao processo de conhecimento crítico da realidade. Devido à atuação na rede pública estadual coincidir com os turnos da rede particular, tive que pedir demissão de uma das escolas particulares.

Foi uma fase muito difícil, ter que me despedir do Centro Educacional São Mateus, a primeira escola que me acolheu como profissional; ambiente de muitas amizades e intenso aprendizado. Nessa escola, tive a oportunidade de acompanhar alunos e alunas que foram discentes na minha primeira turma da escola na 2ª série do Ensino Fundamental até o 9º ano. Sou muito grata aos profissionais do Colégio São Mateus, pela acolhida e pelo aprendizado. Não vou citar nomes porque a relação é extensa, pois, nos dez anos em que ali estive, todos contribuíram de forma muito especial, na minha trajetória profissional.

Em 2011, devido à logística de deslocamento, solicitei mudança para a Escola de Ensino Médio Almeida Monte. Aí também tive a oportunidade de conviver com excelentes profissionais e participar de atividades que efetivamente auxiliaram no meu processo formativo, como as reuniões de planejamento com temas relevantes acerca da práxis docente.

Em 2012, apresentei a monografia intitulada *De Amor e Mar: A Eros poética de Linhares Filho*. Participaram da banca os professores Francisco Carlos Carvalho da Silva (orientador); a professora Mônica Maria Feitosa Braga Gentil (primeira orientadora); e o professor Washington Menezes (segundo orientador). A experiência da especialização possibilitou novamente o contato com a pesquisa e atividades acadêmicas diversas, que reacenderam a minha vontade em dar continuidade aos estudos. A partir do trabalho acerca da obra do escritor cearense, José Linhares Filho, tive a oportunidade de apresentar trabalhos e publicar artigos acerca da obra desse importante poeta.

Sou muito grata ao professor Francisco Carlos Carvalho, pelo processo de orientação na monografia. Em 2012, fui indicada, pela professora Fernanda Maria Diniz da Silva, para participar de um processo seletivo na Secretaria da Educação do Ceará (Seduc) e passei a integrar a equipe da Superintendência das Escolas Estaduais de Fortaleza (Sefor). Nesse período, iniciei a preparação para a seleção pública destinada à composição do banco de gestores para direção e coordenação das escolas da rede pública estadual de ensino do Ceará, tendo sido, em 2013, aprovada para compor o banco de coordenadores escolares.

Em 2013, organizei, em parceria com a professora Fernanda Maria Diniz da Silva, a obra *Escritores cearenses: Múltiplos olhares*, que é composta por sete estudos de escritores cearenses de expressão nacional. Na edição, publiquei o estudo intitulado *A Representação Mítico-erótica do Mar*, na Poética de Linhares Filho. O livro foi lançado em agosto de 2013, no auditório Joaquim Albano, na UFC, em evento integrado ao I Simpósio sobre Literatura Cearense, na programação do X Interdisciplinar de Estudos Literários. Tive a oportunidade de apresentar uma

comunicação oral intitulada De Amor e Mar: A Poética Marítimo-Existencial de Linhares Filho, no evento, e, em 2015, o estudo foi publicado nos Anais do Programa de Pós-graduação em Letras da UFC.

Em 2013, vivenciei um momento de extrema tristeza, pois meu pai foi diagnosticado com câncer e o médico informou que, pelo estágio da doença, ele tinha poucos meses de vida. Mesmo muito abalada, tentei conciliar as demandas profissionais com os cuidados com a família e as atividades de produção acadêmica. Devido aos cansaços físico e mental, comecei a me desvincular de algumas atividades, para ficar ao lado do meu pai. Minha irmã, gentilmente, cedeu a casa dela para que o núcleo familiar pudesse ficar junto, nesse período de intensa dor.

Minha mãe, minhas duas irmãs, meu irmão, e eu, tentamos ficar o máximo de tempo possível juntos, porque sabíamos que a despedida se aproximava e nós nada poderíamos fazer; apenas rezar e nos unirmos em torno dele. Meu pai faleceu em junho de 2013 e eu entrei numa fase de muita tristeza, mas também de muito amadurecimento e reflexão, acerca da minha trajetória existencial.

Nesse momento de extrema dor, fui muito acolhida pelos colegas de trabalho da Superintendência das Escolas Estaduais de Fortaleza, principalmente a Sefor 1. O apoio de cada um deles, durante a minha rotina profissional e pessoal, auxiliou bastante no processo de luto. Nesse período, fiquei um pouco afastada da produção acadêmica, mesmo que, em agosto de 2014, tenha lançado, em parceria com os professores Alexandre Vidal, Fernanda Diniz e Fernângela Diniz, a obra *Literatura em Debate (Estudos sobre Autores Cearenses)*, com o capítulo intitulado Andanças e Marinhagens: Dimensão do Amor-*philia*, na Poética de Linhares filho.

Em 2014, apesar das adversidades, consegui concluir a Pós-graduação em Coordenação e Gestão Escolar, mesmo passando por um período de extremo desgaste emocional, devido aos acontecimentos da minha vida pessoal; então, após encerrar a especialização, iniciei um processo de afastamento das minhas atividades acadêmicas e comecei a ler bastante sobre a maternidade. Nessa época, estava lotada na Coordenadoria de

Desenvolvimento da Escola e da Aprendizagem (Codea/Seduc), onde tive a excelente oportunidade de acompanhar processos relativos à macroestrutura educacional.

O período em que atuei, tanto na Sefor quanto na Codea, foi muito relevante para minha vida profissional. Sou muito grata aos vários colegas que auxiliaram nesse processo formativo, possibilitando a compreensão acerca dos diversos processos pedagógicos inerentes à rede pública de ensino do Ceará.

Na ocasião, estava relendo um livro de poemas intitulado *Lição de coisas: Poesias* (1965), de Carlos Drummond de Andrade. Li e reli o poema intitulado Para Sempre e passei muito tempo digerindo cada palavra, num processo de encantamento que só a poesia é capaz de proporcionar. De alguma forma, a obra de Drummond me fez entrar em conexão com a maternidade. Ter um(a) filho(a) sempre esteve em nossos planos, mas o tempo foi passando e as demandas foram absorvendo a nossa rotina.

Até que no segundo semestre de 2015, tive a feliz notícia da minha gravidez. Eu e meu marido estávamos eufóricos, mas, infelizmente, perdi o bebê. Escrever sobre essa fase é muito doloroso, mas, ao mesmo tempo, libertador, pois muitas mulheres não têm a oportunidade, ou não conseguem expressar o que sentem, porque esse luto não é respeitado. Percebi, de forma atroz, como a sociedade exige que passemos por essa experiência de forma rápida e estejamos prontas para um novo capítulo, porém, eu queria um tempo para refletir, para viver aquela dor e passar por aquela experiência sem a pressa de ter que pensar no futuro ou de apagar o que vivi.

Meu companheiro me apoiou em todos os aspectos, também destaco a ajuda da minha mãe e das minhas irmãs, que foi imprescindível nesse momento de extrema dor. Nesse período, estava lotada na Célula de Currículo e Desenvolvimento do Ensino Técnico e meus colegas de trabalho foram extremamente solidários diante da situação que estava vivenciando. Sou muito grata por ter sido acolhida por pessoas tão sensíveis, na Coordenadoria de Educação Profissional. Foi um momento muito difícil,

mas a fé e minha paixão pela leitura, além de todo o apoio que recebi, foram imprescindíveis para que eu pudesse passar de forma mais serena por esse momento.

Tecendo os fios de outrora na costura atual

A primeira coisa que nos diz uma obra de arte é que o mundo da liberdade é possível, e isso nos dá força para lutar contra o mundo da opressão.
(RAMOS, Graciliano.2005)

Devido a questões profissionais e interesses pessoais, em 2016, comecei a ler bastante sobre currículo integrado; bases conceituais da Educação Profissional e Tecnológica; e retomei a leitura dos *Cadernos do cárcere* (v.2, 2004), de Antônio Gramsci. Nesse período, reencontrei alguns colegas que estudaram comigo durante o Ensino Médio e relembramos do tempo em que participamos de um clube de leitura, no colégio General Osório, intitulado Literatura e Revolução.

Essa iniciativa de alguns professores de Geografia e História, foi uma breve experiência, em meados dos anos 1990, e, através do clube de leitura, tive a oportunidade de ler obras como *Manifesto do partido comunista* (1848), de Karl Marx e Friedrich Engels; *Batismo de sangue* (2006), de Frei Betto; *Olga* (1985), de Fernando Morais; *Meu amigo Che* (1968), de Ricardo Rojo, além de outras obras acerca de períodos revolucionários que foram registrados pela ótica literária. Rever os meus colegas do clube Literatura e Revolução, incentivou a releitura de algumas obras de Gramsci, Marx e Engels. Estava muito empolgada com as leituras e comecei a retomar o meu interesse pelos estudos.

Devido à rotina de trabalho, não tive condições de participar de grupos de estudo que, naquela época, era um dos meus objetivos. Infelizmente, as reuniões do grupo de pesquisa aconteciam no meu horário de trabalho e, por vários motivos, não tive condições de participar. Continuei lendo, estudando e planejando, mas não sabia ao certo qual caminho seguir, porque mesmo tendo vontade de fazer mestrado na área de Letras,

ainda não tinha condições de ser aprovada em um mestrado acadêmico, então, comecei a pesquisar sobre mestrado profissional.

No segundo semestre de 2016, recebi a feliz notícia da minha segunda gestação. Foi um período um pouco conturbado, porque tive que fazer um procedimento cirúrgico e ficar em repouso, mas deu tudo certo e nasceu Taís, uma menina maravilhosa. Nessa época, estava lendo um livro chamado *A maternidade e o encontro com a própria sombra* (2016), de autoria da psicoterapeuta Laura Gutman. Essa obra foi imprescindível para a compreensão de uma conexão emocional com as experiências da minha infância e das minhas expectativas no papel de mãe.

A maternidade é um turbilhão. Penso ser impossível estar preparada para uma experiência tão devastadora. É um eterno jogo de extremos, em que disposição e cansaço caminham juntos. Jamais serei a mesma mulher, depois dessa experiência que, verdadeiramente, revolucionou a minha vida. Talvez antes da maternidade eu não soubesse o pleno significado das palavras amor e prioridade; agora tenho certeza da aceção e das ações que estão condicionadas a essas palavras.

Retornar ao trabalho, depois de seis meses ao lado da minha filha, foi um processo de muito amadurecimento e reflexão. Tive muita ajuda da minha mãe, do meu marido, da minha sogra e das minhas irmãs. Cada um(a) tentou ajudar e se conectar comigo e com a Taís, nessa linda experiência da maternidade. Ser mãe da Taís é a melhor experiência da minha vida e a chegada dela provocou muito impacto nas minhas decisões.

Em janeiro de 2018, retomei minhas atividades profissionais, assim como os estudos acerca da formação integral e bases conceituais da Educação Profissional e Tecnológica. Nesse ano, ocorreu o X Seminário das Escolas Estaduais de Educação Profissional do Ceará e, dentre as discussões, estava a temática Reforma do Novo Ensino Médio. Desde o golpe de 2016, que resultou no impedimento da presidenta Dilma Rousseff e na “ascensão” de Michel Temer, o Brasil vinha passando por um período de travessia repleto de tensões e lutas pelo poder. A Medida Provisória 746/2016 sinalizava o Projeto de Lei 13.415/2017, referente à Reforma

do Novo Ensino Médio e, nessa perspectiva, eram inevitáveis as discussões e os questionamentos acerca dessa temática.

Em 2018, o cenário educacional era de muita indefinição e descrédito acerca das propostas educacionais estabelecidas em nível federal. E, dentre as apresentações proporcionadas no seminário, a palestra proferida pela professora Rejane Andrade, da Uece, no painel acerca da Educação e Trabalho, trouxe pontos de reflexão imprescindíveis na avaliação de um cenário predatório de forças capitalistas em torno de uma educação cedida ao hibridismo conceitual de uma proposta público-privada.

Aliada às leituras de autores como Marx, Engels, Gramsci e Mézáros, comecei a avaliar os movimentos endógenos e exógenos de uma educação pautada num sistema de apropriação da subjetividade dos agentes educativos a partir das categorias alienação, fetichismo e estranhamento. Resgatar as leituras que iniciei em 2016 e alinhar os pontos de discussão acerca da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) durante o seminário, me fez perceber que processos velados estão corroborando com práticas educativas que revigoram o metabolismo predatório do capital.

Em 2018, as amigas e professoras Juliana Feitosa e Socorro Farias comentaram que havia um processo seletivo para mestrado profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). Eu não conhecia o programa de pós-graduação em rede nacional, então, fui pesquisar e conhecer a bibliografia relacionada ao processo seletivo. Com a ajuda da professora Juliana Feitosa, tive acesso aos textos e iniciei a leitura. Os artigos selecionados para o processo eram muito complexos e, no início dos estudos, tive bastante dificuldade para compreender os termos utilizados, mesmo tendo estudado alguns autores de referência da bibliografia disponibilizada.

Ao longo de várias conversas com a amiga e professora Maia Alves de Melo, comecei a compreender muitos processos que permeavam o Ensino Médio integrado à Educação Profissional e Tecnológica. Sou muito grata pelas reflexões suscitadas pela professora Maria Alves, acerca do

contexto da Educação Profissional, no estado do Ceará, sempre analisando criticamente os resultados, as relações, os embates e as contradições que permeiam esse processo, sem perder de vista as necessidades de estudantes e docentes dessa ampla rede de ensino.

Em 2019, comecei efetivamente a estudar para o processo seletivo do ProfEPT e, ao mesmo tempo, fiquei reestruturando projetos na área de Letras, pois ainda não havia definido qual itinerário acadêmico seguir no mestrado. Nesse período, descobri que parte da minha monografia, apresentada em 2012 na Uece, intitulada *De amor e mar: A erospoética, de Linhares filho*, havia sido publicada por duas professoras universitárias que não citaram meu nome na autoria. Fiquei estarrecida com a descoberta e comecei a pesquisar acerca de processos judiciais que envolvem plágio. Após essa descoberta, comecei a (re)avaliar as minhas possibilidades de cursar um mestrado acadêmico, pois objetivava continuar a análise da obra do poeta Linhares Filho.

Após refletir bastante sobre as temáticas e o interesse de pesquisa, optei pelo mestrado profissional em EPT, motivada pela oportunidade de verticalizar o estudo acerca da obra de autores de referência da área e também por questões profissionais, mas não desisti em dar continuidade às pesquisas na área de Letras, principalmente acerca da obra de autores cearenses. À medida que tinha contato com a bibliografia disponibilizada para o processo previsto para o ano 2020, também aproveitava para estudar os textos dos processos seletivos anteriores. Após cada leitura, fui realizando uma conexão com a realidade e saltei de um estágio da aparência para a essência, iniciando um processo de compreensão que possibilitou uma análise mais crítica acerca não só da EPT, mas da vida e das relações sociais.

Todas as leituras foram muito relevantes, porém destaco a obra *Manifesto do partido comunista (1848)*, de Karl Marx e Friedrich Engels, que, mesmo não sendo indicada diretamente na bibliografia do ProfEPT, tornou-se leitura obrigatória para compreendermos as implicações com os artigos e livros selecionados para o processo seletivo. Ao reler essa obra,

tive a oportunidade de visitar uma das indicações do clube de leitura de que participei no Ensino Médio, denominado Literatura e Revolução, em meados dos anos 1990.

Rer Marx e Engels, tomada por uma perspectiva mais ampla, me fez ter ainda mais certeza do caminho acadêmico escolhido. A atualidade do *Manifesto do partido comunista (1848)* revigorou a emoção da minha primeira leitura da obra, pois lembro-me de ter ficado impressionada com a proposta de organização da classe trabalhadora, assim como a perspectiva de um sistema regido pela socialização dos meios de produção; abolição da exploração do trabalho; e o fim da divisão de classes.

Na época da primeira leitura do *Manifesto do partido comunista (1848)*, as informações registradas na obra começaram a se encaixar, porque, os professores de História e Geografia do Ensino o Médio, me auxiliaram, em conversa, a compreender os contextos histórico, político, social e econômico da época; emprestaram-me livros e promoveram debates muito interessantes acerca da temática. Realizar essa conexão com as leituras do clube Literatura e Revolução foi uma oportunidade de rememorar um período fascinante, que auxiliou muito no meu processo de estudos para o ProfEPT.

Estava muito feliz por conseguir organizar minha rotina e encaixar um horário para o estudo, então, comecei efetivamente a imaginar como seria minha vida de mestrandia, pois cursar o mestrado sempre esteve em meus planos, mas fui adiando por vários motivos. Dessa forma, estava conseguindo espaço no reino da liberdade e gerando um permanente processo de amadurecimento e reflexão por meio das leituras e da observação da realidade, a partir de uma consciência crítica necessária para o estabelecimento de conexões para compreender o momento histórico e os seus movimentos pendulares.

Além da titulação, que é importante nos meios acadêmico e profissional, prezo muito pela oportunidade de estudar e aprofundar a análise de temas tão relevantes para a compreensão dos entraves e das contradições pertinentes aos contextos histórico, social, econômico, cultural,

educacional e político. A bibliografia do ProfEPT, desde 2017, ano inaugural desse processo seletivo, possibilita um estudo abrangente acerca de temas que envolvem não apenas o EPT, mas que também instiga a compreender os aspectos socioeconômicos que estruturam o metabolismo do capital. Portanto, são leituras imprescindíveis para apurar o senso crítico, a partir de um processo de desvencilhamento das amarras de um sistema que aprisiona, aliena e desestrutura a classe trabalhadora.

Entrelaçando fios de (des)esperança

Resistiram à fraqueza, afastaram-se envergonhados, sem ânimo de afrontar de novo a luz dura, receosos de perder a esperança que os alentava.
(RAMOS, Graciliano, 2005)

Em 2020, o mundo foi assolado pela pandemia da covid-19, gerando muitas dúvidas acerca do rumo que daremos às nossas vidas. Em março, a situação era de extrema preocupação, porque estava sendo registrado o primeiro caso no Brasil. A falta de conhecimento acerca da doença; a inexistência de um planejamento para a situação anunciada no mundo; e a ausência de investimento em pesquisa e na valorização dos cientistas brasileiros, geraram revolta em parte da população brasileira.

Novamente, a polarização política, o negacionismo e a disseminação de *fake news* contribuíram para o caos gerado em nosso país acerca da situação da pandemia. Nesse período, os Estados Unidos da América (EUA) e o Brasil, integrados na minimização da covid-19, através das declarações dos respectivos presidentes, Donald Trump e Jair Bolsonaro, deixavam uma considerável parcela da população perplexa, diante de um discurso criminoso. Enquanto isso, “a boiada passava” em cima da população, destruindo, principalmente, os mais vulneráveis. Com o caos instalado no Brasil, passamos a viver num ambiente insalubre, à mercê das decisões desastrosas inerentes a um projeto de destruição do nosso país.

Enquanto assistia aos noticiários, ficava revoltada com as declarações do presidente do Brasil e o ataque direto à Ciência, com a consequente

desvalorização dos cientistas que tanto se esforçaram para realizar pesquisas acerca de medicamentos, vacinas e medidas mais eficazes para controlar a pandemia. Muitas vidas foram ceifadas; várias pessoas ficaram com sequelas graves, em decorrência da doença; e enquanto uma nação se deteriorava, não havia e ainda não há um plano estratégico de contenção dos avanços da pandemia no Brasil.

O ano de 2020, considerado inacabado, foi marcado pela atrocidade, morte, dor, mas também ficou evidenciado como o ano da solidariedade, do amor e reconhecimento de boa parte da população do trabalho dos profissionais das áreas da saúde e educação. Reconhecer e aplaudir são ações importantes, porém, esses profissionais necessitam ter seus direitos garantidos, e, infelizmente, percebemos que, mesmo com a visibilidade na mídia, esses profissionais ficaram esquecidos no limbo do planalto central.

A precarização é a palavra de ordem, nesse cenário de extrema incerteza e muitas mortes. Acompanhei perplexa o desespero de amigas que estavam em sala de aula, tentando se adaptar ao ensino remoto e conciliar a nova rotina laboral com as demandas domésticas e familiares. O esforço de todos deve ser reconhecido, no entanto, destaco os profissionais da saúde e educação, porque acompanhei de perto a rotina de amigas educadoras que estavam vivenciando o ensino remoto e amigas da área de saúde, na rotina hospitalar. Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas em 2020, consegui organizar a minha rotina e continuar com os estudos para o mestrado profissional em EPT.

Depois que colocava minha filha para dormir, iniciava os estudos com muito foco e motivação; e, mesmo cansada, ficava muito feliz, porque estava estudando. Por diversas vezes, me imaginava como mestranda, desenvolvendo pesquisas e apresentando a minha dissertação, mas, ao mesmo tempo, ficava preocupada, porque não conseguia me dedicar totalmente aos estudos. A rotina de atividades domésticas, trabalho e cuidados com a família, absorvia muito tempo e, mesmo dividindo todas as atividades com meu marido, ao final do dia, estávamos exaustos, porém nos apoiamos e planejamos muito para conseguirmos avançar em nossos projetos pessoais.

Os estudos para o ProfEPT continuavam, mas, em meio à indefinição acerca da realização do exame, comecei, com o apoio do meu companheiro e de algumas amigas, a participar de outros processos seletivos, dentre eles, o mestrado em Ensino e Formação Docente, oferecido pelo Instituto Federal de Educação do Ceará (IFCE) em parceria com a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab). Infelizmente, não fui aprovada para ocupar as vagas ofertadas, mas fiquei entre os classificados aguardando convocação.

Devido à pandemia, tive a oportunidade de participar de cursos, colóquios, seminários, congressos, jornadas, simpósios e eventos afins, no formato *on-line*. Também participei das reuniões do grupo de estudo sobre Política Educacional, promovidas pela Universidade Regional do Cariri.

Estava exultante, pois nunca tivera a oportunidade de participar efetivamente de atividades acadêmicas. Destaco os eventos oferecidos pelos Institutos Federais de Educação, sempre com a participação de professores, como Dante Henrique Moura; Marise Nogueira Ramos; Acácia Zeineida Kuenzer; Gaudêncio Frigotto; Maria Ciavatta, que foram essenciais para os estudos e o refinamento acerca das temáticas relacionadas à EPT.

Também tive a oportunidade de participar de um curso de extensão sobre Pedagogia Histórico-Crítica, promovido pelo grupo de Estudos e Pesquisas em História, Sociedade e Educação no Brasil, vinculado à Universidade Estadual de Campinas, cuja aula inaugural foi ministrada pelo professor Dr. Dermeval Saviani. Participar desse curso, foi uma experiência agregadora, pois objetivou utilizar os pressupostos teóricos da pedagogia histórico-crítica na pesquisa que pretendo realizar no ProfEPT, cuja intenção é verificar a percepção dos professores acerca do Ensino Médio Integrado nas Escolas Estaduais de Educação Profissional (EEEPs) do estado do Ceará. A referida temática está inserida na linha de pesquisa práticas educativas em EPT.

O interesse pelo tema surgiu no ambiente de trabalho, em decorrência das dúvidas registradas pelos docentes acerca do currículo integrado. Pretendo desenvolver essa pesquisa com o intuito de verificar se a

integração curricular nas EEEPs está voltada para a manutenção da histórica dualidade entre teoria e prática ou se há uma perspectiva de formação integral dos estudantes.

No processo seletivo para o ProfEPT 2020, vivenciei a ansiedade de não ter certeza da data da prova. Entre comunicados e notas da coordenação nacional do certame e as especulações nos grupos de WhatsApp e Telegram, continuava estudando e participando dos eventos formativos, mesmo muito cansada e, às vezes, até desanimada, por não ter certeza do cronograma do ProfEPT. Considerando esse contexto de incertezas, continuei participando de outros processos seletivos para mestrado profissional.

Estava organizando meu projeto para submetê-lo ao Mestrado Profissional em Políticas Públicas, da UFC, e como o meu tema de interesse é a integração curricular na EPT, estava aproveitando os estudos do ProfEPT para concluir o projeto, considerando as especificidades do programa de pós-graduação. A ajuda da amiga e professora Juliana Feitosa foi muito importante, nesse processo seletivo. Sou muito grata pela disponibilidade dela, que é mestranda do programa de pós-graduação, em ceder um pouco do seu tempo e conhecimento para me auxiliar nesse processo.

Em janeiro de 2021, recebi a notícia da retificação do edital do processo seletivo do ProfEPT. Fiquei muito apreensiva, porque, de certa forma, estava esperando pela realização da prova, mas, devido à pandemia que continuava com índices ainda mais alarmantes, o formato da prova foi substituído pela análise curricular. Nesse processo, foram imprescindíveis o auxílio dado aos estudantes durante as *lives* promovidas pelos professores Paulo César e Laiz Mara, além das informações oferecidas no portal da coordenação nacional do ProfEPT.

Mais uma vez, os grupos de WhatsApp foram importantes redes de apoio para os participantes desse processo seletivo, nesse momento de dúvidas. Depois de muito debate e análise da documentação, submeti os arquivos e aguardei o resultado, mesmo sem ter muitas esperanças, porque o nível dos candidatos, no Ceará, sempre foi muito elevado. Foram

dias de muita ansiedade e continuava firme na minha rotina de estudos, pesquisando outros processos seletivos e aguardando com muita fé o resultado do ProfEPT. No dia 15 de março, recebi a feliz notícia de ter sido aprovada na primeira fase de análise de projetos do Mestrado Profissional em Avaliação de Políticas Públicas da UFC. No dia seguinte, 16 de março de 2021, o resultado do ProfEPT foi divulgado.

Ao verificar que meu nome estava entre os classificados, quase não acreditei porque não tinha tanta certeza da aprovação. Não tenho palavras para descrever a minha emoção naquele momento, só comparada ao ver meu nome no jornal entre os aprovados no vestibular da UFC. Revivi essa emoção ao lado do meu marido e da minha filha, e juntos comemoramos bastante essa conquista tão especial em nossa vida.

Depois de muita comemoração virtual com meus familiares e amigos, comecei a organizar a documentação para cumprir os trâmites de matrícula. Após o envio do primeiro *e-mail* da coordenação do curso e os contatos via WhatsApp do professor Dr. Solonildo Almeida da Silva, coordenador acadêmico local do ProfEPT, *campus* Fortaleza, comecei a acreditar que o mestrado estava se concretizando na minha vida. Em seguida, a professora Antônia de Fátima, aluna do ProfEPT, teve a ideia de criar o grupo WhatsApp da turma IV, e assim começamos a interação com os colegas. Foi uma excelente ideia, pois iniciamos o semestre conectados e nos auxiliando em vários processos pertinentes ao momento inicial do mestrado.

Raquel Casemiro e Raquel Leal estavam sempre disponíveis, auxiliando nossa turma em todos os aspectos relativos à matrícula. A acolhida de todos os envolvidos no ProfEPT, no IFCE, *campus* Fortaleza, foi muito importante para a integração da turma. Principalmente porque, por ser a primeira turma de ensino remoto do programa, muitos ajustes relativos à comunicação e aos processos que envolvem o mestrado estavam em fase de alinhamento.

No dia 9 de abril de 2021, aconteceu a aula inaugural do ProfEPT do IFCE, *campus* Fortaleza, transmitida pelo YouTube. Foi um momento de muito aprendizado, acolhida e integração, com professores e

alunos recém-ingressos. Os integrantes da equipe da aula inaugural, estavam imbuídos de tornar especial aquele momento na vida dos ingressantes. Foi muito pertinente a fala do professor Dr. Solonildo Almeida da Silva, assim como a do representante dos alunos da turma IV, Francisco da Costa Rodrigues. No *chat*, as mensagens de boas-vindas, encorajamento e solidariedade entre os alunos e professores foram muito importantes para incentivar a integração do grupo.

Durante o evento, fiquei sabendo das publicações do ProfEPT acerca do memorial dos alunos e já fiquei pensando no processo de elaboração. As expectativas em relação ao mestrado giram em torno de muito aprendizado, permanente reflexão e produções acadêmicas que possam contribuir no processo de desvelamento de um hibridismo conceitual que oculta as intenções predatórias de um sistema que aprisiona, aliena e poda as conquistas da classe trabalhadora rumo ao reino da liberdade.

A tecitura das minhas memórias possibilitou um processo de revisita necessário aos momentos marcantes das minhas trajetórias acadêmica e profissional. Tecer e refletir acerca dessas etapas, gerou possibilidades de (re)avaliação de objetivos e caminhos escolhidos. Nesse processo, por muitas vezes, a emoção e a dor estiveram presentes num círculo virtuoso, que envolve amor, muita reflexão, fé, esperança, liberdade e o desejo permanente de continuar lutando por meus objetivos, pois, conforme Sartre (1998), “é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesmo em questão”.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Lição de coisas*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1965.

BETTO, Frei. *Batismo de sangue - A luta clandestina contra a ditadura militar*. Dossiê Carlos Marighella e Frei Tito. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1982

BRASIL. Medida Provisória n. 746, de 22 de setembro de 2016. Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo

Integral e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Mpv/mpv746.htm. Acesso em: 20 maio 201.

BRASIL. Lei n. 13.415, de 13 de fevereiro de 2017. Institui a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm. Acesso em: 20 maio 2021.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: Teoria e prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do cárcere*. v. II, edição e tradução: Carlos Nelson Coutinho; coedição: Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GUTMAN, Laura. *A maternidade e o encontro com a própria sombra*. Best Seller, 2016.

MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do partido comunista, 1848*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

MORAIS, Fernando. *Olga*. São Paulo: Companhia de Letras, 2008.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. São Paulo: Editora Record, 2005.

ROJO, Ricardo. *Meu amigo Che*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

SARTRE, J. P. *O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução: Paulo Perdigo. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica: Primeiras aproximações*. 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

SILVA, Fernanda Maria Diniz da; MENEZES, Jailene de Araújo (orgs.). *Escritores cearenses: Múltiplos olhares*. Fortaleza: Premius, 2013.

SOUSA, Alexandre Vidal de; SILVA, Fernanda Maria Diniz da; SILVA, Fernândega Diniz da; MENEZES, Jailene de Araújo Menezes. *Literatura em debate: Estudos sobre autores cearenses*. Fortaleza: Premius, 2014.

Através da educação e do esporte

Jefferson Florencio Rozendo

Introdução

Início apresentando-me. Sou o Jefferson Florencio Rozendo, pai de uma linda bebê de 2 anos e meio, Fernanda Kiara; um entusiasta da Educação; professor; e tive as Artes Marciais como formação do meu caráter como cidadão.

Minha paixão são as Artes Marciais, especialmente a Capoeira. Uma luta disfarçada de dança, que tanto me fascina com o ar de magia da musicalidade; dos golpes que parecem ser coreografados, com esquivas rápidas. De acordo com Rufino e Darido (2015), podemos considerar, metaforicamente, ser um jogo corporal de perguntas e respostas - ataques e defesas -, originando-se da ginga - movimento básico da capoeira - e a ela retornando.

Mas o que tem em comum treinar Judô, Muay Thai ou Capoeira. As artes marciais citadas trazem um sentido filosófico, de formação do caráter de cidadão. Quanto mais graduado for, o respeito e a responsabilidade aumentam. Comecei a treinar em meados do ano 2000 e, já graduado na Capoeira, após 5 anos, lecionei na turma até para professores e mestres de Capoeira, quando vinham visitar o espaço de minhas aulas.

Fui semente do projeto das Irmãs da Redenção, que fica situado no Pirambú, e as aulas de Capoeira aconteciam no Centro Cultural Chico da Silva, que faz parte da mesma Organização não Governamental (ONG). Foi onde eu estreitei o contato com a capoeira; tive, como professor, o Robson da Silva e o Mestre Morcegão; era grupo cordão de ouro, filiado ao Brasil-Afro do Mestre Dão, onde treinei por mais de 10 anos, e Robson parou de dar aulas. Daí, então, treinei com o Prof. Samuel Vieira, conhecido como Contra-Mestre Bombado, que me ensinou uma capoeira mais avançada. Participei de eventos, viagens, e comecei a lecionar como voluntário, tanto no projeto social quanto na Escola Pública Municipal Dom Hélio Campos da cidade de Fortaleza.

Depois de 13 anos de prática, entrei na Escola Brasileira de Capoeira, treinando diretamente com o Mestre Mauro Botelho de Oliveira, conhecido mundialmente na capoeira como Mestre Pano e que viajou para diversos países. Eu já admirava seu jeito de jogar capoeira, e desde criança o observava nas rodas. Comecei a treinar justamente olhando como jogava, na década de 90.

Mestre Pano saiu da Escola Brasileira de Capoeira (EBC) e montou seu próprio grupo, o Nova Geração Ginga de Capoeira (NGGC), onde estou até hoje. Fiquei conhecido no mundo da capoeira como Professor Exorcista, pois, nós, os capoeiristas, normalmente temos um nome de guerra (apelido) pelo legado que a cultura africana nos deixou.

Perfazendo o momento cronológico, desde 2007, já tinha experiência em lecionar Capoeira, como professor, no Programa Mais Educação, no qual trabalhei com 32 turmas de Capoeira em áreas de risco, como nas Escolas Municipais Moura Brasil; Escola Cura Dares, no Pirambú, onde nasci e morei por 30 anos; Escola Castelo de Castro, Escola Herondina, ambas no bairro Vila Velha; em escolas na Barra do Ceará e em praças públicas, como no Reino Encantado. Já lecionei na Escola particular Presidente Médici, na época do Ensino Médio e minhas turmas no antigo Centro Social Urbano Espaço do Mestre Pano. Essas turmas nas praças eram trazidas pela Prefeitura de Fortaleza, no Programa Atleta Cidadão.

Em 2008, conheci um grande amigo e parceiro de artigos científicos e capítulos de livros, o Prof. Francisco Apoliano Albuquerque, da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), e também diretor acadêmico do Instituto Mentoring, de Fortaleza, que mantém cooperações acadêmicas e científicas com a Faculdade Unice – Ensino Superior; o Instituto de Ensino Superior São Francisco de Assis (Iesf) e outras Instituições de Ensino Superior (IES). Agradeço a oportunidade que me concedeu de trabalhar, de 2008 até agora, na Coordenação Pedagógica e Assessoria dos Cursos de Pós-graduação. Entre 2012 e 2013, comecei a lecionar as disciplinas Metodologia da Pesquisa Científica; Didática do Ensino Superior; e outras que tivessem afinidade com minha linha de formação e de estudos.

Sobre minha formação profissional, que se iniciou em 2009, na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) em Licenciatura Plena (Licenciatura/Bacharelado) em Educação Física, pude ampliar os conhecimentos com vivências e estágios supervisionados, tanto na área escolar como em academias de musculação. Estudei disciplinas como: Biomecânica; Cinesiologia Fisiologia; Metodologia da Pesquisa Científica; Primeiros Socorros; Lutas; Esportes Coletivos; Recreação; dentre outras, que abrangem a Licenciatura em espaços formais, como o bacharelado que trabalha os espaços não formais.

Apresentei, na UVA, um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado Capoeira como Instrumento de Inclusão Social com Revisão Bibliográfica, e abordei a capoeira sobre seus diversos aspectos, seja como luta, cultura e arte-educação, e a musicalidade, com enfoque na inclusão, através da capoeira, nos espaços formais e não formais, como projetos sociais e ONGs. Por ter afinidade tanto com projetos sociais, como com o voluntariado, e por ser profissional de Educação Física e Capoeira, tentei fazer um elo de harmonia entre as duas áreas e as multifacetadas da capoeira.

Na formação superior, concluí o bacharelado em Direito, com luta e dedicação, já servidor público municipal de Aquiraz, no cargo de agente de trânsito, trabalhando e estudando. Iniciei o bacharelado em Direito, em 2015, e concluí em 2020, pela Faculdade de Fortaleza (Fafor), com diversos estágios supervisionados no Fórum da própria Faculdade.

Apresentei, na Fafor, o TCC intitulado: O Processo Legiferante na Égide dos Crimes Digitais, sob a orientação do Prof. Bruno Loiola. Participei ativamente das semanas acadêmicas de Direito da Fafor e também de minicursos de férias e que surgiam, sobre escrita científica, ofertados pela Faculdade, e também do Encontro Nacional do Direito e três Fóruns de Ciências Penais oferecidos em conjunto com o Ministério Público do Ceará e com a Escola Superior Aberta do Brasil (Esab) e Ordem dos Advogados do Brasil (OAB); e do Congresso Jurídico da Faculdade CERS.

No quesito de Pós-Graduação *lato sensu*, iniciei, logo após a graduação em Educação Física, a primeira especialização, realizada em 2015,

sobre Gestão Pública, com ênfase em Gestão de Segurança Pública, pela Unice. Cursei também uma Especialização em Tecnologias Digitais para a Educação Básica, em 2019, via seleção pública da UAB, na Uece.

Cursei, também em 2019, via seleção pública, através da UAB, na Uece, especialização em Alfabetização e Multiletramentos.

Segundo Magda Soares (2003), “Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno”. E, nesse contexto, a autora também fala, e posso dar exemplos, que uma pessoa pode ser letrada e não ser ainda alfabetizada, como é o caso de um idoso, ou uma criança, que ainda não aprendeu a ler, mais conhece a placa dos ônibus, a figura de desenhos animados, e até distinguir uma lista de compras, mesmo sendo não alfabetizado; porém é letrado.

Paulo Freire (1989) afirma que ler o mundo e ter esse conhecimento de mundo, acontece antes de ler, e também fala que o educando é o sujeito do próprio conhecimento, com autonomia, e o professor é um mediador de conhecimentos e deve ter esse *feedback* no processo de ensino e aprendizagem. O professor sai do seu pedestal e fica do lado do aluno, lapidando-o com seus conhecimentos, já trazidos na bagagem cultural e insere conhecimentos específicos, como intervenções pedagógicas e interdisciplinaridade, com abordagem dos temas transversais recomendados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Concluí, em 2019, a Especialização em Gestão Escolar Integradora – administração, inspeção, orientação e supervisão – pelo Instituto Pedagógico de Minas Gerais (Ipemig). Em 2020, fiz uma Especialização em Docência do Ensino Superior e Tutoria de Educação a Distância, também no Ipemig e o meu artigo científico teve como título: Como a Tutoria Pode Aumentar o Rendimento da Educação a Distância. Está em andamento a Especialização em Artes Marciais, Esporte de Combate e Lutas, na Uece.

Fiz um Mestrado Acadêmico Internacional na Absoulute Christian University (ACU). Minha dissertação teve a seguinte temática: O

Conteúdo Curricular da Capoeira nos Cursos de Educação Física: Possibilidades e Estratégias do Ensino Docente, inserido na linha de pesquisa II da ACU que era Formação de Profissionais da Educação e Trabalho Docente (FPETD).

Essa linha constrói seus temas de pesquisa tendo como princípio a ação de ensinar/educar e suas implicações na formação de professores e suas políticas; na produção de saberes e conhecimentos; nas práticas de memórias e histórias; no trabalho e na profissionalização docentes, em contextos de Educação formal (básica e superior) e não formal, na perspectiva de Educação para todos.

Em minha dissertação, apresento um estudo empírico sobre a inserção da disciplina Capoeira no Curso de Educação Física, no caso, a disciplina de Lutas, de maneira genérica; na pesquisa, os professores que responderam, com os critérios de inclusão, que eram ser professor de Educação Física e lecionasse a disciplina de Lutas, eram da Uece e IFCE nos municípios de Canindé e Maracanaú.

Usei o critério histórico-dialético como princípio orientador do percurso metodológico do estudo, e, como técnica, a pesquisa qualitativa, com a aplicação de questionários. O objetivo foi identificar a Capoeira inserida nos Cursos de Educação Física. Assim, concluí que, entre outros aspectos, são poucos os estudos empíricos em relação aos resultados do conteúdo curricular da Capoeira, nos cursos de Educação Física, a partir do atual cenário normativo, e que existem margens para a escolha de competências críticas no processo de formação profissional envolvendo a Capoeira.

Examinei o Curso de Educação Física da Uece e IFCE – *campi* Canindé e Maracanaú; a amostra foi selecionada de professores que atuam nas referidas instituições. Os resultados revelaram que na grade curricular dos cursos das Instituições em estudo não consta a disciplina Capoeira, pois usam a disciplina de Lutas para explanar, discretamente, a modalidade Capoeira, mas o professor do IFCE – *campus* Canindé, em conjunto com outros educadores, inseriram, na grade curricular, a disciplina

Capoeira. Visto que, nas matrizes curriculares dos cursos de Educação Física das Instituições participantes da pesquisa não consta a disciplina Capoeira. Concluiu-se, então, que os professores estão comprometidos com o cenário educativo, produzindo conteúdo na área da Capoeira e repassando para os educandos, com o intuito de oferecer uma formação de novos profissionais e pesquisadores no campo da Educação Física, além de possibilitar resgatar essa cultura, propondo a construção de uma grade curricular com o conteúdo da Capoeira nos Cursos de Educação Física, e inserção de estratégias no ensino docente.

Em 2020, concluí licenciatura em Pedagogia pela Unyead Educacional – Faculdade Unyleya e um Mestrado Acadêmico Internacional pela Absolute Christian University (ACU), em 2019, em Orlando, Flórida/EUA e está em fase final da documentação para o reconhecimento do diploma em uma universidade brasileira.

Minha orientadora do Mestrado foi a professora Francisca Polyane, e o co-orientador, o Prof. Emílio Freitas, que foram fundamentais tanto na elaboração do meu questionário e esclarecimento de como eu deveria prosseguir no delinear da pesquisa de campo.

Também foram fundamentais as conversas com o Prof. Leandro Felício, que mostrou o que eu queria fazer e realizar, onde estava com a ideia, e mostrou o norte de como eu deveria fazer a pesquisa e colocá-la no papel, com a simplicidade e humildade de sempre.

Sou membro ouvinte do Prof. Heraldo Simões, que é referência de pesquisa na Educação Física do Ceará e profissional na área; também é líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Artes Marciais Esporte e Combate e Lutas (Gama), e estou participando da elaboração de publicações em linhas de pesquisa desenvolvidas desde a graduação.

O Prof. Andreyson Calixto propôs-se a fazer o que mostrei na dissertação, na prática, em Canindé. Conhecido como Professor Berimbau no mundo da Capoeira, é Integrante da Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento da Arte-Capoeira (Abadá-Capoeira) de Fortaleza, sempre foi atencioso e inovou no IFCE, trazendo a capoeira como ementa da

cultura afro-brasileira e não apenas um tópico dentro das lutas nas aulas de Educação Física.

O professor do IFCE, Jean Carlos, foi coordenador do meu curso, na época da apresentação da minha dissertação e leciona no Polo de Maracanaú.

Em 2010, passei na seleção da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como recenseador e fiquei um ano trabalhando por ser temporário. Em 2010, fui aprovado para o cargo de Agente de Trânsito Municipal de Aquiraz, como servidor estatutário, cargo público para o qual fui chamado depois, e estou ocupando até o presente momento; em 2011, fui aprovado para o cargo de agente penitenciário e estou como *sub judice* até o presente momento.

Estou na área da Educação desde 2008, como assessor e coordenador de pós-graduação do Instituto Mentoring e me tornei professor de Pós-graduação no mesmo Instituto, sob a direção acadêmica do Phd Apoliano Albuquerque; e de 2013 a 2015, lecionei como professor de Educação Física contratado pela Prefeitura Municipal de Caucaia.

Tentei outras seleções do Mestrado do ProfEPT, porém, somente no ano de 2021 tive o prazer e a felicidade de ser aprovado. Momento complicado para a nossa Educação e o mundo todo, pois ainda estamos passando por um cenário de pandemia do covid-19 e foi uma exceção ter ocorrido a seleção de mestrado do ProfEPT do IFCE. Por meio de um edital de seleção, a pontuação partiu de quatro modalidades diferentes que compuseram o somatório final: (1) Histórico profissional geral e com pontuações maiores se fosse profissional da Educação e um peso maior ainda, se fosse da Educação Profissional; (2) Produção bibliográfica, como artigos publicados e também apresentados capítulos e organizações de livros, periódicos; (3) Produção técnica; no meu caso, apresentei quatro certificados de pós-graduação *lato sensu* com três certificações na área educacional e uma de segurança pública; (4) Participação em eventos.

Nessa última modalidade, enviei tudo o que tinha feito, como participações em congressos acadêmicos da área da Educação Física; minha

primeira formação; como também da área de Direito e congressos de pesquisas, como da Uece, mas, principalmente, as semanas acadêmicas que a Universidade ofertava. Eu participava todos os anos delas e acredito que foram cruciais para a minha classificação, pois, no somatório, me ajudou bastante. Lembro-me que sempre fui o primeiro a chegar e o último a sair dos eventos acadêmicos. Mesmo cansado, após um dia de trabalho, nunca perdi a esperança nos estudos e também, pelo fato de o mundo acadêmico me fazer tão bem, estava sempre inserido na pesquisa e na capacitação permanente.

No cenário da pandemia, na área da Educação, fazemos muitas aulas pelo acesso remoto e registramos, ainda, uma ascensão da procura pela modalidade de Educação a Distância (EaD), assim, quebrando os paradigmas da Educação tradicionalista e fazendo os professores se capacitarem para dominar as tecnologias digitais, mostrando que, após essa pandemia, a Educação continuará híbrida e nunca mais será a mesma, em momento marcante tanto para o Brasil como para todas as outras Nações.

Para isso, fiz muitas leituras de artigos e livros da bibliografia da seleção. Assisti aos vídeos, do Bora Aprender, organizado virtualmente pelo Prof. Paulo César. E agradeço, mais uma vez, aos que contribuíram em minha vida, seja direta ou indiretamente. Em especial, à minha mãe; minha esposa e à bebê, que são minha família; aos professores, em especial, meus professores e mestre de Capoeira, como simbologia para os demais professores das Artes Marciais como o Muay Thai, Judô e ao professor de Educação Física e das graduações, especializações e do Mestrado, que contribuíram para minha formação como agente transformador e formador de opiniões.

Considerações finais

Todos os momentos de nossa vida são importantes, como parte dos ciclos de formação. Um curso que frequenta; um vestibular que presta; e uma área que escolhe seguir, com especializações, desafios e definições, na vida, são fatores importantes.

O Mestrado do ProfEPT é enriquecedor, por ser na área do Ensino e interdisciplinar, inserido no viés da Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Precisamos, ainda, de muitos professores e pesquisadores, por ser uma área em expansão e consideravelmente nova, sob um olhar mais profissional e completo de formação dos educandos e docentes da EPT.

Quebrando o sistema capitalista neoliberal selvagem, transpassando as estruturas sociais, podemos ser e fazer o que quisermos. Estou cursando o meu segundo mestrado, agora na modalidade profissional, federal e público, por meio de seleção pública. Venho do bairro Pirambú, que é considerado da periferia da cidade de Fortaleza, com a prática da Capoeira de projeto social e de uma boa base, com minhas formações, consegui chegar até aqui. Minha mãe, uma guerreira, criou-me trabalhando informalmente (autônoma), nunca desistiu de mim e acredita nos estudos e no trabalho com excelência, em tudo o que eu for fazer, assim aprendi princípios morais e sociais, de forma digna e árdua.

Acredito que sou uma exceção do sistema. Sei de minhas raízes e me orgulho da minha história. Este será mais um passo determinante, na minha trajetória acadêmico-profissional e de aquisição de conhecimentos. Nossos erros foram tão importantes quanto nossos acertos e que não vejamos as cicatrizes e dores que carregamos para chegar onde chegamos; tenhamos orgulho de nossa história, profissão, família e professores, que são os pilares básicos da vida.

Referências

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: Em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, Suraya Cristina. *O ensino das lutas na escola*: Possibilidades para a educação física. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2015.

SOARES, Magda. *Letramento e alfabetização*: As muitas facetas*, 2003. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita.

Mudanças são constantes, só nos resta acompanhá-las: memórias de uma vida que foi em frente

José Wellington da Silva⁵

Introdução

Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.
(FREIRE, Paulo, 1992)

Neste memorial descritivo, apresento breve relato sobre minha vida, com reflexões sobre as experiências profissionais, acadêmicas, ao longo da minha caminhada, até desembocar neste programa de pós-graduação. Para tanto, elenco as situações que penso ser as mais significativas e relevantes para a compreensão da minha trajetória.

Ao trazer as memórias de situações vividas, percebi que constituem uma fonte rica de informações que me permitiram ter um olhar múltiplo, diferenciado, e com isso experienciar os diversos sentimentos que essa reflexão provocou em mim, ao evocar memórias pessoais; do meu processo de formação e atuação profissional, com destaque de alguns personagens que foram importantes para a minha construção enquanto sujeito; nas escolhas que fiz em determinados momentos e outras que deixei no esquecimento.

Prado e Soligo (2007, p. 58) afirmam que “o memorial é um texto no qual o autor relata sua própria vida, apresentando fatos e situações consideradas importantes ou interessantes, explicitando as marcas e sinais

⁵ Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) - *campus* Fortaleza. Licenciado em Biologia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Técnico em Assuntos Educacionais do IFCE. wellingt87@gmail.com

que contam, explicam e justificam sua trajetória”. E é justamente nisso que o instrumento é riquíssimo, pois, ao mesmo tempo em que permite o resgate, a escolha e classificação dos acontecimentos, dá ao escritor sentido às suas trajetórias.

Escolhi escrever o memorial obedecendo à ordem cronológica da minha vida e minha carreira profissional, por considerar que esse processo facilitaria a compreensão. E, ao final, com minhas Considerações Finais, costuro as experiências vividas, que culminaram com o momento em que me encontro hoje.

Permita que eu me apresente. Sou José Wellington da Silva, nasci em Teresina, Piauí, no ano de 1987, dois anos depois do fim de um dos períodos mais conturbados da história do Brasil, a ditadura militar (1964 - 1985), o qual pode ser resumido na restrição à liberdade; repressão aos opositores do regime; e censura. Nasci num período de transição da história política do Brasil (do regime ditatorial-militar para um regime liberal-democrático) e cresci nos anos 1990, um período marcado pelas instabilidades econômicas, no governo Collor; início do Plano Real; e que é considerado, por muitos, uma ‘época de ouro’, pois foi quando produtos culturais e de consumo surgiram, mas, para a maioria da população, foi uma época de muita dificuldade e privação. Permaneci em Teresina até os meus 24 anos, quando me mudei para o município de Sobral/CE, para assumir cargo, após aprovação em concurso público. Sobral é a cidade que me acolheu há mais de nove anos e que tenho como minha segunda casa.

Filho de pai semi-analfabeto e mãe analfabeta; ele, motorista; ela, costureira autodidata, que trabalhava em casa e, algumas vezes, para pequenas confecções do bairro onde morávamos. Meus pais sempre foram preocupados com os estudos dos seus três filhos; penso que, pelo fato de não terem tido a oportunidade, queriam que pudessem lograr êxito na vida através da educação. Eu fui o primeiro, de toda a minha família, a ingressar numa universidade, e essa foi, sem dúvida, a grande alegria que pude proporcionar aos meus pais. Significou que o esforço e sacrifício valeram a pena.

Minhas lembranças da pré-escola foram sempre de apreço e agradecimento. Fui um aluno, como chamam, “exemplar”; sempre com boas notas e elogiado pelas “tias”. Nesse momento, ao revisitar minha memória para escrever este memorial, recordo-me de alguns aprendizados significativos, da primeira experiência na escola, como a ida à biblioteca; ao parque que ficava em frente à escola; o mingau de aveia servido na merenda... São várias as memórias que me fazem querer reviver aquele momento. Na colação de grau do “ABC”, fui o orador da turma, pois era o único que sabia ler com mais segurança.

Cursei o Ensino Fundamental no Centro de Educação Básica (CEB) Professor James Azevedo, do bairro, e lá encontrei docentes que me motivaram a escolher a docência como profissão, anos mais tarde. Do Ensino Fundamental, lembro-me com muito carinho do professor Fábio, que lecionava Matemática, e sempre corrigia as atividades com recados de incentivo aos alunos; havia elogios; lição de moral. Eu sempre me esforçava para receber os elogios, talvez como forma afirmativa de dizer que, sim, eu podia estar ali e ser o que quisesse.

No último ano do Ensino Fundamental, havia preparação para o exame de admissão ao Ensino Médio do Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí (Cefet-PI), agora IFPI. Era desejo de quase todos os alunos, estudar naquela instituição, e não deu outra, fui o único da escola a passar no Cefet-PI. Lembro-me da alegria e das lágrimas dos meus pais, no dia do resultado. Analisando criticamente, hoje percebo que essa passagem reflete muito o fato de que a educação dita “de qualidade” está reservada aos filhos das elites, pois era uma oferta limitada de vagas, fazendo com que os processos seletivos fossem muito concorridos e as vagas ocupadas, em sua maioria, por alunos de escolas particulares.

Recordo-me, agora, da euforia misturada com a ansiedade perante as mudanças vindas com o Ensino Médio: medo do desconhecido; de pegar ônibus sozinho pois a escola fica no centro da cidade e sempre estudei em escolas do bairro; dos outros alunos; do receio da rejeição; enfim, várias incógnitas, que logo foram sanadas, à medida que ia imergindo naquele mundo.

Não tenho muitos momentos marcantes, durante o Ensino Médio. Acredito que a principal causa dessa memória restrita seja a falta de atividades para além da sala de aula, como, por exemplo, visitas técnicas, feiras e eventos artísticos, culturais e esportivos. Na maioria das vezes, eram somente aulas expositivas (na melhor das situações), quase não tínhamos outras vivências, a não ser a aula tradicional, em que nós, alunos, éramos somente depósitos de informações. O que ficou marcado, e que trago até hoje, são as amizades feitas, os corredores sempre cheios de alunos; o intervalo entre as aulas; alguns docentes; enfim, ficaram as relações.

Apesar do Ensino Médio cursado numa instituição de Educação Técnica e Profissional (ETP), naquele tempo, não tive muito contato com a modalidade, pois o meu curso era médio regular, mas foi o que definiu, de fato, os rumos que levariam ao lugar em que estou hoje.

Posso dizer, com orgulho, que sou fruto da escola pública, pois, desde a Pré-escola até a Pós-graduação vivencio esse ambiente; inclusive, minhas experiências profissionais também foram em instituições públicas de ensino.

Formação acadêmica

Como professor crítico, sou um “aventureiro” responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se.
(FREIRE, Paulo)

Graduação em Ciências Biológicas (Licenciatura) pela UFPI (2006-2009)

Decidi pelo curso de Biologia durante o Ensino Médio, tendo como modelo e referencial o professor Williams Filho, da IFPI, que também é biólogo e pesquisador. Durante aqueles três anos, no então Cefet-PI, foi ele que me incentivou como pôde. Doava livros, apostilas, e todo material necessário para que eu conseguisse passar no vestibular. Ele me orientou e mostrou o “mundo mágico” da Biologia e docência. Confesso que,

antes, eu não cogitava ser professor; sonhava com a advocacia, ou algum curso da área da saúde, mas, ao acompanhar a paixão com que o professor Williams ministrava suas aulas e ao lembrar-me dos outros docentes que passaram pela minha vida escolar, percebi que estava diante da minha futura profissão.

Prestei vestibular para o Curso de Ciências Biológicas (UFPI) e também para Química (Universidade Estadual do Piauí - Uespi), ambos licenciatura; e, bingo!, consegui aprovação nas duas instituições de ensino, mas, por razões que contarei mais à frente, tive que optar pelo Curso de Biologia. Estava radiante com essa conquista. Ingressei no primeiro semestre de 2006 e me formei no segundo semestre de 2009. E considero que foi, sem dúvida, um dos períodos mais ricos da minha vida. Uma fase de descobertas, erros, acertos e certa liberdade vivida intensamente.

Como o curso era período integral, com aulas espaçadas durante o dia e à noite, eu não tinha como manter um trabalho formal; mas, logo no primeiro semestre do curso, um colega avisou que havia seleção para um programa da Universidade intitulado Bolsa de Trabalho, para o qual me inscrevi e fui selecionado. Com o curso integral e o ingresso no programa, não tinha como fazer Biologia e Química, dois cursos para os quais tinha obtido aprovação, por isso, optei pela Biologia.

Vale ressaltar que cursos de período integral, com aulas espaçadas durante todo o dia, excluem muitos jovens pobres da graduação, pois dificilmente conseguem conciliar trabalho e estudo. Portanto, eu me considero privilegiado, pois não tive que trabalhar durante a minha graduação, já que a bolsa me ajudava a pagar a alimentação, o transporte e os materiais para as aulas.

Pelo programa Bolsa de Trabalho, fui alocado no Setor de Apicultura do Centro de Ciências Agrárias da UFPI e, a partir daí, minha vida mudou novamente. Com o tempo, percebi que a Apicultura era o meu segundo amor, e foi neste período que tive contato direto com a pesquisa. Fui bolsista de Iniciação Científica (IC) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e, sob a orientação do

Prof. Dr. Darcet Costa Souza, conduzimos um projeto sobre levantamento de sistema técnico de produção de mel no sul do estado do Piauí, além de outros projetos, como a produção de abelhas rainha; qualidade do mel produzido; qualidade do apiário. Foram anos gloriosos de aprendizado, com a vasta experiência de pesquisa do Prof. Dr. Darcet.

O contato com a IC contribuiu para ampliar o meu olhar sobre a pesquisa acadêmica no processo de formação, pois os percursos requeridos de investigação me proporcionaram a compreensão da importância da pesquisa como difusora do conhecimento. Como na grade curricular do curso de Biologia não tinha como prerequisite para conclusão, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), produzir o artigo para a IC foi de suma importância, pois estimulou enormemente minha capacidade de escrita, exposição e discussão de ideias, de uma maneira objetiva.

Durante os anos de duração do curso, realizei muitas atividades extracurriculares, que ajudaram bastante em minha formação profissional, uma das mais significativas foi o *Pense: Projeto de Ensino de Ciências e Exatas*, um pré-vestibular popular, onde os alunos de alguns cursos, dentre eles, a Biologia, eram selecionados para atuar como professores; as aulas eram ministradas, nos fins de semana, para alunos carentes da comunidade. Por meio desse programa, tive contato com mais dois pilares da educação: o ensino e a extensão. E vivi minha primeira experiência como professor e, assim, sabia que estava no caminho certo.

Além das atividades mencionadas, também fui monitor de disciplinas Evolução; Anatomia Vegetal; e Microbiologia. Os alunos, para ser monitores, tinham que passar por processo seletivo, e os que tivessem as maiores médias na disciplina eram selecionados. A monitoria proporcionou uma experiência riquíssima, que oportunizou compartilhar saberes; desenvolver habilidades; e contribuir para o ensino e a formação acadêmica; além de proporcionar outro contato com a docência.

Participei de congressos, simpósios e outros eventos; coordenei a realização do minicurso *Método de Obtenção de Cromossomos em Humanos e Pequenos Mamíferos*, durante a X Semana de Biologia da UFPI e ainda fui membro do Centro Acadêmico do curso.

No Laboratório de Biodiversidade do Trópico Ecotonal do Nordeste (LabioTEN) atuei como estagiário responsável pela área de botânica do cerrado, desenvolvendo atividades científicas, como coletas em campo; taxonomia; montagem; e curadoria de exsicatas.

Lembro-me que, durante a graduação, ainda atuei como professor de reforço escolar, no auxílio aos alunos para compreenderem melhor não só a Biologia, mas também as outras disciplinas e, assim, ajudava na fixação de determinado conteúdo e aplicava, de alguma forma, os ensinamentos do curso de graduação naquela atividade.

Nesse tempo, sofri um forte baque, que, de certa forma, mudou o rumo da minha vida. No final de 2008, faltando um ano para me formar, recebo a notícia de que minha irmã mais nova, então com 16 anos, acabara de falecer, tinha tirado a própria vida. Isso estremeceu a nossa família de uma maneira que, até hoje, tentamos lidar com essa perda. Lembro-me que, no dia em que meu pai me ligou, pedindo para que eu fosse para casa, pois tinha acontecido algo, estava prestes a fazer minha inscrição para participar de um grupo de pesquisa de um laboratório, pois queria seguir a vida acadêmica como pesquisador, mas, infelizmente, acabou não acontecendo.

Ainda antes da conclusão do curso, um amigo biólogo da UFPI, Rodrigo Corrêa, que infelizmente faleceu em março do corrente ano, devido às complicações da covid-19, me informou sobre um estágio remunerado na Prefeitura do Município de Teresina, para ser docente do Ensino Fundamental II (6o ao 9o ano) em uma escola da periferia. Foi aí que começou minha trajetória profissional dentro da sala de aula. A experiência me permitiu ressignificar o olhar sobre a Educação Básica. Permaneci nesse emprego até o final de 2009, quando me formei.

Como professor de uma escola da periferia, pude conhecer de perto a realidade que, para muitos, é só utopia e preconceito. A experiência que tive nesse ambiente foi de suma importância, pois as representações que vivenciei interferiram diretamente na forma como ministrava as aulas e ensinava os conteúdos das disciplinas e, para além disso, pude perceber toda a complexidade que há naquele espaço.

A graduação foi um período de sólida contribuição, tanto para minha vida pessoal quanto profissional, pois ajudou na descoberta de quem eu realmente sou e foi fundamental para a construção da minha carreira profissional. Apesar de a vida ter me levado para outros caminhos, para além da sala de aula, de certa forma, ainda estou conectado a ela, no meu fazer diário, como técnico administrativo dentro de uma instituição de ensino.

Formação complementar

Atualize-se, atualize-se, atualize-se... – esta repetição é intencional e pretende apagar da sua consciência algum possível resquício de desejo de acomodação.
(SILVA, Jefferson)

Pós-graduação *lato sensu*

Na caminhada epistemológica para a construção da minha identidade profissional os cursos complementares foram/são essenciais para o processo de avaliação da minha prática profissional na área da Educação. Percebo que a fundamentação epistemológica da minha identidade profissional, a multirreferencialidade, pois, como vão perceber, construí com minha formação continuada, transitando em algumas áreas de conhecimento, como: Educação; Biologia; Biologia Parasitária; Gênero; Raça.

Com o fim da graduação, procurei algum curso de pós-graduação e encontrei o Curso de Especialização *lato sensu* em Biologia Parasitária (2010-2011), ofertado pelo IFPI, e, mais uma vez, a Rede Federal de Educação fez parte da minha vida... A escolha do curso deu-se pela proximidade com a minha área de formação e também porque as aulas aconteciam nos fins de semana, garantindo assim que eu conciliasse trabalho e estudos.

Eu já estava na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT) quando comecei a minha segunda pós-graduação *lato sensu*. Já lia alguns artigos científicos, que envolviam questões de direitos humanos, quando me matriculei na especialização em Gênero e

Diversidade na Escola (GDE) (2017-2018), ofertada pela UFC. O curso me fez despertar para questões de ordem social, principalmente com temáticas que envolvem gênero, diversidade e questões étnico-raciais. Pude, assim, ampliar a vivência e o conhecimento e pesquisar sobre esses temas transversais que passaram a ser meu objeto de estudo, desde então.

Na especialização em GDE, os horizontes expandiram-se e pude refletir sobre o papel da escola no processo de formação humana. Falar sobre gênero, sexualidade, racismo, é parte da construção do respeito à dignidade humana; entender os processos que atravessam os corpos dos grupos chamados “minorias” foi/é de extrema importância na minha caminhada de educador e sujeito participante da sociedade.

Nesse período, também despertou em mim o desejo de me afirmar como pessoa preta, dentro da sociedade racista na qual estou inserido. Hoje, paro para pensar que o racismo está tão arraigado que demorei quase três décadas para me afirmar e conhecer, estudar e debater essas questões.

O final da especialização em GDE culminou com o TCC intitulado A Presença Feminina num Curso Superior de Tecnologia do IFCE - *Campus* de Sobral, com o qual pude aprofundar os conhecimentos sobre a área e entender a influência dos gêneros na escolha de jovens tomando como recorte um curso de graduação.

Além das especializações, realizei também outros cursos, que puderam aprimorar ainda mais a minha visão, principalmente para as questões sociais, pois a especialização em GDE me deixou imerso num universo ao qual eu também pertencia.

Formação profissional

Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica.
(FREIRE, Paulo)

Antes de concluir a graduação, no final de 2009, comecei a estudar para concursos e vislumbrar novos horizontes e oportunidades, pois estava temeroso de acontecer o que acontece com a maioria dos jovens

recém-formados no Brasil - o desemprego. Se a taxa de desemprego entre os jovens recém-formados já é alta, imagine considerando o recorte de raça. Segundo o IBGE (2019) a taxa de desemprego para jovens que se autodeclararam pretos ou pardos ficou em 15%, para negros, e 14,4%, para pardos. Já a taxa para brancos foi de 9,9%. Ou seja, além de vir de uma família humilde, ainda tinha que superar a questão racial; questões essas que poderiam dificultar a minha inserção no mercado de trabalho.

Minha primeira aprovação em concurso foi para a Prefeitura de Teresina, onde assumi o cargo de professor de Ciências das séries finais do Ensino Fundamental (6^º ao 9^º ano), ou seja, não só saí da graduação já com um emprego, como voltei para o lugar onde já estive, e, diga-se de passagem, o primeiro contato com o chão da sala de aula.

Em janeiro de 2010, iniciei oficialmente a minha carreira de professor. Com certa vivência da sala de aula e da escola, os primeiros meses não foram tão difíceis, quando se leva em conta uma pessoa recém-formada. Trabalhar com crianças foi uma experiência incrível; a cada dia, aprendia mais e mais; tive a oportunidade de experienciar diversas metodologias; adequar a forma de conduzir a aula e sem contar o desafio de lidar com quatro turmas de, em média, 35 alunos cada. Foi cansativo, mas valeu a pena.

No mesmo ano, assumi o cargo de professor efetivo do estado do Maranhão, com carga horária de 20h/aula semanais. Nesse outro concurso, lecionava a disciplina de Biologia para turmas do Ensino Médio. Aí é que os desafios começaram, pois assumi o concurso para a cidade de Peritoró, distante cerca de 200 quilômetros de Teresina, cidade onde morava. Com os dois empregos, tinha que dar conta não só das aulas ministradas, como também do tempo para ir de uma cidade a outra; com isso, vem a reflexão de como a profissão docente requer sacrifício para que o profissional possa ter um salário digno e consiga sobreviver e, ao mesmo tempo, nos mostra a desvalorização da profissão. Como afirma Esteve (1999, p. 34), “certamente o salário dos professores constitui mais um forte elemento da crise de identidade que o afeta, seu trabalho é mal remunerado e faz com que ele, para compensar, estabeleça jornadas ampliadas”.

Além do desafio mencionado, ainda tinha o fato de que era o meu primeiro contato com o Ensino Médio. Tive que aprender como conduzir uma aula para aquele alunado e, ainda, o fato de que, para completar a carga horária, tive que ministrar também aulas de outras disciplinas, como Química e Filosofia, outro exemplo da precarização da profissão docente na Educação Básica.

Apesar das inúmeras limitações, posso considerar o período de grande superação pessoal e profissional, dedicação, amor, sofrimentos e perseverança, porém, amenizado pelo envolvimento curioso e motivador que eram os alunos; alguns tão sedentos por conhecimento, que me fizeram ter forças para continuar.

Já no começo de 2012, recebi a convocação do IFCE para assumir o cargo de Técnico em Assuntos Educacionais (TAE). Um dos prerrequisitos para ingressar no cargo é ter curso superior em Pedagogia ou Licenciaturas. Tinha prestado o concurso também em 2009, não passei no número de vagas previsto, fiquei classificado na lista de espera. Confesso que o alívio foi imediato, quando o Instituto Federal entrou em contato comigo avisando que eu fora convocado, pois a rotina de viagens entre Teresina e Peritoró já estava ficando desgastante.

Atividade profissional atual

A mente que se abre a uma nova ideia jamais
voltará ao seu tamanho original.
(EINSTEIN, Albert)

No ano de 2012, minha vida deu mais uma reviravolta, pois saí da sala de aula da Educação Básica para trabalhar num mundo até então desconhecido, a Educação Profissional e Tecnológica (EPT). A mudança foi sentida logo nos primeiros meses, começando pelo fato de morar sozinho pela primeira vez e numa cidade distante cerca de 370 quilômetros de Teresina. Somado a isso, numa profissão que não sabia ao certo quais eram as suas atribuições.

Assim que ingressei no IFCE - *campus* de Sobral, fui alocado para trabalhar no Setor de Estágios, onde desenvolvia um trabalho puramente

técnico, de receber e arquivar documentos, mas já estava ciente de que não era uma das atribuições do cargo de TAE. Fiquei no referido setor até o ano de 2014, quando fui transferido para a Coordenação Técnico-Pedagógica (CTP).

Na CTP, descobri a paixão pela EPT e desenvolvi meu trabalho acompanhando atividades no ensino no que diz respeito ao planejamento e à orientação no processo de ensino e aprendizagem. As atividades dentro do setor envolviam profissionais da área de Pedagogia no atendimento da comunidade acadêmica; na orientação; supervisão e avaliação das atividades de ensino, assegurando assim a regularidade do desenvolvimento do processo educativo. Atuei também como coordenador técnico-pedagógico do *campus* de Sobral. Foi muito bom participar dessa gestão, que me preparou para o desafio que viria logo em seguida na minha vida profissional dentro do Instituto Federal: assumir o gabinete da Diretoria-Geral.

Estar em contato com o fazer pedagógico, durante todos esses anos, me tornou mais preocupado, sensível e comprometido com a promoção expressiva da Educação, na perspectiva de entender o meu papel numa sociedade diferente, fomentadora de todo tipo de necessidade e dialogando com os atores que participam dessa sociedade.

Permaneci na CTP de 2014 até março de 2021, quando recebi o convite do professor Wilton Bezerra de Fraga para integrar a nova gestão do *campus* como chefe do Gabinete da Direção-Geral. Confesso que essa indicação me deixou contente pois mostra o quão importante, para o *campus*, foi minha atuação na CTP e a confiança do diretor-geral no meu trabalho.

Considerações finais

O que você vai ser quando você crescer?
(LEGIÃO URBANA, Pais e filhos)

Nos últimos anos, tenho refletido muito sobre meu propósito de vida no meio acadêmico e o ingresso em um programa de pós-graduação

em nível de mestrado sempre esteve nos meus planos, mas, devido a diversos outros fatores, nunca consegui concretizar, até que, em 2019, tomei conhecimento do ProfEPT e vi ali a oportunidade de ingresso. Por ser um mestrado profissional, poderia conciliar trabalho e pesquisa, além de desenvolver atividade na Instituição de Ensino onde atuo. Outro fator motivante para cursar o ProfEPT é a flexibilidade das aulas. Os cargos administrativos dos Institutos Federais não têm a figura de um substituto, o que dificulta a liberação do servidor para cursar um mestrado acadêmico, por exemplo, assim eu ia deixando o desejo de cursar de lado.

Particpei da seleção de 2019 e não obtive êxito; no ano de 2020, tinha me dedicado e estava mais confiante na aprovação, pois estava melhor preparado, daí veio a pandemia do coronavírus e tudo mudou novamente. O exame foi suspenso, os meses se passaram, fiquei desmotivado, e passei meses sem ler os textos para a seleção. No final daquele mesmo ano, veio a notícia da retomada do processo seletivo e voltei ao início da leitura e apreensão dos textos. Confesso que fui pego de surpresa, com o novo formato de seleção por análise curricular e, ao mesmo tempo, vi a possibilidade de, enfim, ingressar num programa de mestrado, pois, nos anos anteriores, tinha conseguido produzir e até publiquei o capítulo de um livro. durante esse tempo. O título do referido capítulo é Reflexões sobre os Sentidos da Experiência de uma Professora a partir de seu Relato e objetiva identificar os contributos do que fora vivido para a identidade e a profissionalidade docente.

A aprovação no ProfEPT foi uma conquista que há muito esperava, pois os anos passavam, a necessidade de continuar me especializando aumentava, e estava me sentindo ‘parado no tempo’. O ProfEPT, além de me proporcionar a volta ao meio acadêmico, me deu entusiasmo para continuar aprendendo cada vez mais e contribuir de alguma forma com a sociedade. Estou muito motivado e esperançoso de que a minha trajetória, nessa nova etapa, será satisfatória e muito bem aproveitada.

Confesso que estava meio temeroso com a questão das aulas serem de modo remoto, pois já tive uma experiência não exitosa, em outro

curso, por não conseguir me adaptar ao formato. Apesar de o modo presencial possibilitar uma interação mais dinâmica, não estou sentindo tanto assim, visto que, por ser mestrado, penso que o formato das aulas será outro. No modo remoto, consigo administrar meu tempo entre trabalho e estudo. O que contribui também é o fato de as aulas acontecerem somente às sextas-feiras. Esse novo momento não apenas inseriu um novo formato às aulas, mas também o momento de um novo olhar para a humanidade e o planeta, pelo momento difícil que a sociedade atravessa.

Como um dos requisitos para obter o título de mestre em Educação Profissional e Tecnológica, está a escrita de uma dissertação e o desenvolvimento de um produto educacional. Agora me pergunto: Qual o caminho que o pesquisador deve percorrer para construir um objeto de estudo?

De acordo com discussões sobre a importância e as especificidades do conhecimento científico da pesquisa acadêmica, da pesquisa básica e da pesquisa aplicada, são múltiplos os olhares que compõem o contexto de urgências, necessidades e demandas suscitadas na construção de um objeto de estudo. As demandas emergidas no circuito das minhas experiências acadêmica, profissional e pessoal, contribuíram para a constituição da teia que expressa meu percurso na construção do objeto de estudo.

Para tal, gostaria de escolher um tema de discussão atual e importante, na sociedade, que é a relação entre raça, educação étnico-racial e ambiente escolar. A motivação pelo tema surgiu a partir de inquietações pessoais e profissionais de sujeito participante do processo de ensino e aprendizagem; assim, não posso ficar alheio à realidade social na qual estou inserido como pessoa preta. Olhar este despertado no decorrer da especialização em GDE e também pela vivência como membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi) do *campus* de Sobral.

Apesar de, no meu dia a dia como técnico em Assuntos Educacionais, estar imerso em discussões sobre retenção; evasão; relação professor-aluno; não cogitei levar a pesquisa no mestrado para aquele viés, pois as questões elencadas no parágrafo anterior gritavam mais alto dentro de

mim. Queria mergulhar ainda mais em questões relacionadas à temática racial e, por sorte, o ProfEPT, pelo caráter interdisciplinar, poderá me proporcionar essa abordagem.

Como produto educacional, penso em propor ações que promovam a educação para as relações étnico-raciais com a criação, por exemplo, de um *e-book*, ou um manual com estratégias metodológicas para que o docente trabalhe a temática em sala de aula; ou uma oficina de aprendizagem. O objetivo será sensibilizar a comunidade acadêmica, bem como a sociedade em geral, para o direito dessas pessoas e, assim, minimizar os efeitos do preconceito que as cercam.

Por fim, neste memorial, tentei elencar situações que exemplificam a história da minha vida pessoal, acadêmica e profissional, e, ao longo da trajetória, tentei ressignificar passagens importantes que culminaram no momento em que me encontro, com ideias de pesquisa que estão entrelaçadas no meu fazer profissional e também de sujeito ativo na sociedade, para assim contribuir ainda mais com a EPT.

Um provérbio africano diz que: "Quando não souber para onde ir, olhe para trás e saiba pelo menos de onde você vem". Assim, a escrita deste memorial me deu a oportunidade de voltar a olhar para trás no tempo e perceber tudo o que foi importante nessa minha caminhada. Pude verificar o valor de todas as etapas pelas quais passei e que valeu a pena cada erro, cada acerto, para assim tornar-me o profissional que sou hoje; notar que estou procurando sempre o melhor em mim e para os outros, seja na educação ou na ciência, em um país que ainda não entendeu o valor que aqueles dois pontos primordiais têm para o desenvolvimento de uma nação, ou seja, é preciso saber quais elos compõem a nossa história; quais foram os caminhos percorridos por nossos pés, e construídos com nossas próprias mãos. Por fim, ainda quero contribuir muito mais, para que esse nosso país seja formado por pessoas com dignidade, ética e responsabilidade, e transformar o mundo pelo conhecimento da mágica da vida.

Referências

ESTEVE, José Manoel. *O mal estar docente: A sala de aula e a saúde dos professores*. São Paulo: Edusc, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua (Pnad), 2019*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-e-domicilios-continua-trimestral.html?edicao=27704&t=destaques>. Acesso em: 13 abr. 2021.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação – quando as memórias narram a história da formação. In: PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. *Porque escrever é fazer história*. São Paulo: Graf. FE, 2005.

Caminho de descobertas e construções: múltiplas versões de mim

Leonara Rocha dos Santos Castro*

*Sonho que se sonha só
É só um sonho que se sonha só
Mas sonho que se sonha junto é realidade*

(SEIXAS, Raul, 1974)

O memorial descritivo é uma escrita que permite uma reflexão analítica do percurso pessoal, entrelaçando-o com a vida acadêmica e a profissional. Conecta passado, presente e futuro. O passado, por fazer uma retrospectiva desde a tenra idade; o presente, por situar onde estamos, na nossa história; e, o futuro, por nos permitir clarear o que aspiramos para o que ainda está por vir. Por esses motivos, vejo a riqueza e o desafio em produzir esse tipo de escrita.

Escrever-me e descrever-me não são atividades simples, principalmente quanto essa escrita tem caráter público e avaliativo. O desafio estava posto, precisava cumprir a escrita de um Memorial Descritivo Acadêmico no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal de Educação do Ceará (IFCE); o primeiro a ser escrito por mim, exigência da disciplina de Seminário de Pesquisa.

Sua construção foi embalada por momentos de reflexões, introspecção, inquietudes, recordações, saudosismo e, por fim, organização de ideias para serem compartilhadas sobre minhas experiências pessoais, profissionais e acadêmicas. Para ampliar meu conhecimento e minha inspiração, recorri aos volumes do livro *Narrativas de si*, produzidos nas versões passadas do programa de mestrado pelos discentes. Então, vamos lá contar um pouco de mim.

Cheguei ao mundo em 23 de novembro de 1987, recebida por meus pais, Leonardo Santos e Helena Rocha; meus dois irmãos, Leandro Rocha e Lenilson Rocha; e minha irmã, Lenier Rocha, um ano mais velha do que eu. Meu pai, na época, era mecânico, profissão na qual se aposentou recentemente. Já, minha mãe, fazia a manutenção das atividades da casa. Apenas anos depois é que ingressou no mercado de trabalho formal. Eles eram bem jovens e vivíamos em condições modestas.

Ainda recém-nascida, tive complicações sérias de saúde, fazendo com que os médicos descreditassem na minha recuperação, enfim, foi aqui que vivenciei minha primeira superação, neste mundo. Fugi da estatística da mortalidade infantil, que, em 1980, segundo dados da Fundação Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), “eram verificadas 69,1 mortes de crianças que ainda não tinham completado nem um ano de vida para cada 1 mil nascidos” (IBGE, CENSO 2010).

Cresci na Pajuçara, Bairro de Maracanaú, Região Metropolitana de Fortaleza. Lá permaneci até a minha adolescência. Estudei nas creches e nas escolas públicas municipais. Fui uma criança calma e apegada à mãe. Relatam-me que, ao iniciar a vida escolar, aos 4 anos, tive dificuldade em adaptar-me a esse ambiente, e chorava bastante. Não me recordo muito desse período. Já maior, no Ensino Fundamental, a escola era um espaço agradável e de muitas descobertas. Amava minhas professoras, tinha curiosidade em aprender. Um dos momentos marcantes, para mim, nessa época de transição entre o Ensino Infantil e o Fundamental, foi ter sido escolhida, com dois colegas da turma, para fazer a leitura da conclusão da alfabetização, conhecida como Festa do ABC. Recordo-me do medo e nervosismo do momento, mas tive coragem e fiz a leitura, contabilizando mais uma superação para minha biografia.

No percurso do Ensino Fundamental, passei por três escolas; fui uma boa aluna; não dava trabalho de disciplina; cumpria minhas obrigações escolares. No meu lar, não havia acompanhamento sistemático da vida escolar. A cobrança estava mais ligada à disciplina comportamental e à aprovação, no final de cada ano. E, assim, segui durante toda essa

etapa de ensino. Eu gostava muito de ler, de aprender. Lembro-me que, em um momento mais confortável financeiramente, meu pai fez a assinatura de uma revista de entrega mensal, e, com ela, vinha um exemplar para o público infantil. A sensação dela chegando era muito prazerosa, eu a consumia rapidamente.

Por esse meu desejo de aprender, logo recebi o adjetivo de inteligente. Para honrar esse rótulo, comecei a buscar por mais e mais conhecimento e, talvez por isso, tenha adquirido o receio de falhar; de assumir que não sei de tudo. Essa crença só começou a ruir com a maturidade adquirida ao longo dos anos, inspirada nos ensinamentos de Paulo Freire (1989, p. 39) quando diz que “ninguém ignora tudo, ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa”.

No horizonte e além

Na adolescência, já no segundo ano do Ensino Médio, meus pais precisaram mudar de cidade, por motivo de trabalho. Deixamos para trás a Pajuçara, com todas as problemáticas familiares e pessoais, da época, animei-me em construir um novo caminho nesta cidade de Horizonte. Hoje, tenho noção de como o deslocamento de residência contribuiu para ampliar horizontes e abrir possibilidades reais de estudo e mudança social.

Na época em que cheguei nesse município, a gestão municipal desenvolvia forte política de incentivo à Educação; mantinha um cursinho pré-vestibular público, com os professores mais bem-conceituados dos cursos preparatórios de Fortaleza, além de disponibilizar o transporte para o deslocamento dos universitários para as faculdades e universidades de Fortaleza. Considerei isso tudo incrível e acreditei na possibilidade real de fazer uma graduação, visto que, sem essas condições, não teria condições financeiras de manter os meus estudos.

No segundo ano, comecei a elaborar um planejamento para ter acesso ao cursinho pré-vestibular; eram poucas vagas e bastante concorridas, e eu só poderia fazer a seleção no ano seguinte, pois era pré-requisito, para ingressar nele, estar no terceiro ano ou ter concluído o Ensino Médio.

Como havia processo seletivo para acesso ao cursinho, por meio de avaliação objetiva sobre conhecimentos gerais, compreendi que precisava me esforçar bastante, no ano letivo. A escola na qual estudava não tinha muito recursos materiais e humanos, mas os professores eram excelentes e comprometidos, o que me inspirou, ainda mais, no meu propósito.

No ano seguinte, quando eu estava prestes a cursar a etapa final do Ensino Médio, foi inaugurado, no município, o Liceu Maria Dolores de Alcântara e Silva, mas ainda não ofertava o Ensino Médio integrado, então, foi utilizado para desafogar a escola na qual estudava, que se encontrava com superlotação das turmas. Alguns alunos foram remanejados para essa nova unidade educacional. Eu estava nesse meio, mas não me lembro qual foi o critério.

O novo lugar era grande, tudo recém-construído, cheio de expectativas, bem diferente da escola anterior. Tive a oportunidade de me envolver no grupo do jornalzinho da escola, pois eu era bem conhecida pelos profissionais da escola. Tenho boas lembranças desse ambiente. Em destaque, lembro da professora de Biologia, Cláudia Guerreiro, sua humanidade e história de vida me inspiraram a seguir meu planejamento; era uma pessoa e profissional incrível, assim, nos aproximamos e criamos laços de amizades.

Ao cursar o terceiro ano, podíamos fazer a avaliação para o cursinho pré-vestibular. Então, estudei, fiz a prova e passei. Fiquei muito alegre. Foi minha primeira aprovação em processo seletivo e minha estreia como estudante do período noturno, uma vez que o curso só tinha essa opção. Depois dessa conquista, minha rotina ficou organizada em ir para a escola pela manhã; a permanência em casa à tarde; e cursinho à noite. Havia muitas coisas para estudar; muitas cobranças pessoais. Identifiquei que muitos dos conteúdos ministrados, nunca tinha visto na Educação Básica.

As turmas do cursinho mantinham uma composição bastante heterogênea, tanto de origem escolar, como de classe social. Nessa interação, eram perceptíveis as diferenças dos níveis de conhecimento entre os alunos. Logo percebi que precisava me esforçar para conseguir uma vaga no

Ensino Superior. Estávamos no ano de 2005 e, nesse período, também estava ocorrendo, em nível nacional, um olhar para a democratização da Educação Superior:

O processo de democratização pode ser observado com os programas de expansão, os quais foram implantados no governo Lula (2003 a 2010). Tais programas foram executados devido à existência de uma demanda reprimida de grupos sociais que pleiteavam o ingresso no ensino superior. Por isso, foram prioridades do governo Lula a política de expansão da educação superior e a ampliação do acesso à mesma, seja na área pública, seja na área privada. (MUSLINER *et al.*, 2021).

Dentro desse contexto social, apesar dos desafios pessoais, aumentou minha convicção de entrar em uma graduação. Fiz meu primeiro vestibular, no final do ano de 2005, já concluindo o Ensino Médio, escolhi psicologia, na Universidade Federal do Ceará (UFC), pois gostava dessa área. Identificava-me com as disciplinas de História e Biologia, específicas da segunda fase, infelizmente não passei, até esperava esse resultado.

A realidade posta era de muitas novidades e diversos desafios; a concorrência foi bem elevada e o curso tem seu *status* social. Naquele momento, tive a convicção de que precisava me dedicar bastante, para entrar nesse mundo acadêmico.

No meio do ano, tentei o vestibular novamente, dessa vez, para o Curso de Pedagogia, diurno, na Universidade Estadual do Ceará (Uece). Fiquei muito apreensiva; o resultado veio e, para minha alegria, eu passei. Nem acreditava, era surreal! A primeira filha a ingressar em um curso de nível superior, em uma Instituição pública, foi motivo de muito orgulho. Escolhi diurno, para vivenciar esse mundo da academia. Tinha o desejo de aproveitar as oportunidades que a vida acadêmica proporciona, mas, sendo filha de classe trabalhadora, já com 18 anos, começava a cobrança por ocupar um posto de trabalho. Com a faculdade em Fortaleza, apesar do transporte disponibilizado pela prefeitura, havia outros custos que a

renda familiar não cobria, por isso, eu precisava ter renda para me manter no curso.

Emaranhado entre o trabalho e a educação

Todas as expectativas para iniciar o curso, entretanto, tive que esperar alguns meses, pois a Uece iniciou um período de greve, que duraria 155 dias. Com as atividades da universidade paralisadas, aproveitei para estudar para o concurso da Prefeitura de Horizonte que estava com inscrições abertas.

Terminado o período de greve, em 2007, iniciei as aulas na Uece. As perspectivas eram as melhores possíveis. Meu coração encheu-se de alegria, nos primeiros dias de aula. Era um sonho realizado, chegar até ali. Utilizando o transporte do município, saía de casa às 5 horas e retornava às 14 horas; com essa rotina, mais as atividades do curso, parei de ir para o cursinho pré-vestibular.

Ao mesmo tempo em que cursava o primeiro semestre da faculdade, fiz a prova do concurso municipal, fui aprovada e tomei posse para o cargo de Agente Comunitário de Saúde (ACS). Cargo no qual permaneceria por 5 anos, e que me trouxe muitas aprendizagens.

A aprovação no concurso foi primordial, para minha permanência no curso, pois já sentia dificuldades financeiras para me manter apenas com o orçamento dos meus pais. Nesse contexto, quando iniciei o segundo semestre, já tive que pedir todas as disciplinas no período noturno; algumas não foram liberadas e tive que complementar com optativas. Por causa dessa mudança e da modificação na matriz, me graduei depois de 5 anos de curso.

Conciliar trabalho e estudo foi um imenso desafio, pois trabalhava durante o dia, ia para Fortaleza à tarde e retornava para casa à noite. O transporte universitário saía às 17 horas e só retornava às 23 horas. Assim, eu segui minha graduação e participei das atividades extracurriculares de forma tímida, limitada aos eventos que ocorriam no período noturno do curso. Essa minha jornada por formação superior se enquadra na realidade dos filhos da classe trabalhadora, na qual é imprescindível a

permanência no trabalho para a continuidade no curso, uma vez que as despesas do curso são pagas pelo salário oriundo da atividade laboral.

A experiência da academia, para a classe trabalhadora, é limitada, principalmente, para os alunos do curso noturno. Esse público, muitas vezes, sai do posto de trabalho direto para a sala de aula, sem intervalo para descanso ou alimentação. Seu foco é receber o conteúdo da aula e voltar para casa; descansar para um novo dia; por causa disso, há pouca vivência das experiências extrassala que a universidade proporciona.

Apesar dessa realidade cansativa, sentia-me na necessidade de preencher os horários vagos, gerados pela mudança de turno, com outras atividades, então fiz cursos de Braille, Orientação e Mobilidade e de Língua Brasileira de Sinais (Libras) em outras instituições. Tinha interesse em estudar a área de inclusão, principalmente depois da experiência de ter um colega cego na turma.

Um acontecimento bastante relevante na graduação, e que teria impactos significativos, após a conclusão do Curso de Pedagogia, foi a minha participação em um concurso lançado pela Prefeitura de Fortaleza, com vagas para pedagogo. Confesso que, ao ler a notícia, não me despercebi interesse. Afinal, estava no sexto semestre da faculdade. Por incentivo do meu namorado, atual esposo, Daniel Castro, me inscrevi e fiz a prova. Para minha surpresa, fiquei dentro das vagas e fui convocada para a prova de título, e como não tinha nem a graduação, fui para o final da fila dos classificáveis.

Já que falei de relacionamento, em 2010, ainda na graduação, casei-me. No mesmo ano do casamento, meu esposo foi chamado para assumir o concurso do IFCE, com lotação da Reitoria. A partir desse momento, essa instituição estaria entrelaçada com a nossa história de vida.

Em maio de 2012, pedi exoneração da Prefeitura de Horizonte e, por coincidência, no mês seguinte, fui convocada para assumir o concurso, que tinha sido realizado anteriormente, para professor/pedagogo da Prefeitura de Fortaleza. Ainda não tinha terminado a graduação, então, não poderia assumir o concurso, e começou a minha luta para a realização da colação de grau especial.

Estava no último semestre do curso, com algumas disciplinas e com a escrita da monografia. Cursei as disciplinas, adiantei a elaboração da monografia, graças a uma professora que aceitou o trabalho bibliográfico, apresentei, e fui aprovada. Tudo pronto para a colação de grau, entrei com a solicitação ao reitor, que negou o pedido. Tentei judicialmente, em um programa de prestação de serviço jurídico comunitário, mas o processo não caminhou.

Por fim, informei minha situação à Prefeitura de Fortaleza, através da Secretaria de Educação. Eles informaram que não poderiam me dar posse sem eu ter diploma, então, que eu voltasse quando ocorresse a colação de grau. Achei estranho a espera, mas, como estava em momento de transição política, e eu não tinha mais o que fazer, esperei.

No final de agosto de 2012, aconteceu a colação de grau e, no dia seguinte, fui à Uece solicitar o documento de comprovação e o apresentei na prefeitura da capital cearense. Dessa forma, minha posse foi efetivada e fui encaminhada para entrar em exercício em uma escola na localidade de Messejana. Finalmente, depois do esforço, eu estava concursada, na Prefeitura de Fortaleza, no cargo de pedagoga.

Não posso deixar de registrar, neste tópico, o objeto de estudo no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Já registrei aqui meu interesse pela inclusão, por causa da experiência, no primeiro semestre da graduação, por conviver, na minha turma, com um aluno cego. Foi uma vivência tão marcante, que, mesmo mudando o horário do curso, e parando de conviver com ele, permaneceu meu interesse em estudar a inclusão das pessoas com deficiência no Ensino Superior. Percebi a necessidade de conhecer e analisar ainda mais os aspectos estruturais, didáticos, pedagógicos e de pessoal, relacionados a essa questão da inclusão na universidade.

Graduada e profissional da educação

Graduação concluída, concursada na área. Agora as coisas estavam mais estabilizadas, mais propensas a planejamentos futuros. Apesar da estabilidade do atual emprego público, nos meus planos, estava o interesse

em estudar para outro concurso público, que fosse de nível federal. Primeiro, estudei para alguns que exigiam apenas o Ensino Médio, mas logo direcionei minhas energias para as seleções que exigiam graduação na área de Educação. Passei a me preparar para o concurso e a estudar para minha atuação profissional.

Minha experiência em sala de aula, na Prefeitura de Fortaleza, foi muito positiva; passei por duas escolas, lecionei, principalmente, na Educação Infantil, fiquei por dois anos. No último ano, tive a oportunidade de também atuar nas turmas do Fundamental I. Convivi com pessoas motivadas, comprometidas com a profissão, infelizmente, o inverso também acontecia nas escolas.

Apesar de não desejar passar muitos anos nesse cargo, não queria fazer parte do segundo grupo, assumindo o compromisso de fazer o meu melhor e aproveitar todas as oportunidades de aprendizagem pelo tempo que permanecesse. Para isso, sabia que precisaria investir na minha formação continuada, pois o conhecimento adquirido na graduação era apenas o início, não dava conta das complexidades da prática vividas no chão da sala de aula. Conciliei as duas demandas de estudo, preparação para o concurso e formação profissional, pelos dois anos que passei no município.

Na trajetória de preparação para concursos, percebi que, para os cargos de nível superior, ter uma pós-graduação era necessário para pontuar nas provas de títulos exigidos em muitos certames. Resolvi que estava na hora de fazer uma pós-graduação; escolhi uma que estivesse alinhada com os conteúdos que normalmente eram exigidos nas seleções da área de Educação. Iniciei a pós no Centro Universitário Barão de Mauá, em Gestão Escolar, conciliando com minha atuação profissional do momento. Estudei, no meu TCC, sobre a importância da gestão escolar na educação infantil.

Com a conclusão deste curso, pude voltar minhas energias para concorrer aos certames federais, intensificando meus estudos. Cronologicamente, prestei concurso para o Ministério Público da União (MPU), Instituto Federal do Piauí (IFPI), Universidade Federal do Cariri (UFCA) e

Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). A prioridade era passar nesta última instituição por ter unidades em diversos lugares no Estado, com possibilidade de abrir um *campus* em Horizonte.

Em 2014, fui aprovada, em quarto lugar, na UFCA. Foi uma das sensações mais incríveis que eu senti. Na oportunidade, passei a acreditar que era possível ser aprovada no IFCE, concurso que eu realmente almejava. No mesmo ano, fiz o concurso para o IFCE e fui aprovada. Sonho realizado. Essa instituição entrou de vez em nossas vidas. Eu e meu esposo passamos a compor o quadro de servidores efetivos do IFCE. Estava muito orgulhosa. Nesse momento, pude perceber mais claramente como a Educação pode transformar vidas. Defensora dessa premissa, eu própria, com minha trajetória, era exemplo dela.

Novas descobertas

Ao ingressar no IFCE, não consegui ficar perto de casa, como havia planejado. Inicialmente, entrei em exercício no campus de Limoeiro do Norte, localizado na Mesorregião do Jaguaribe, distante 265 quilômetros de Horizonte. A ida para essa nova cidade foi envolvida por sentimentos contraditórios; estava muito feliz e com medo; eram muitas as mudanças. Passava a semana na cidade de Limoeiro do Norte e, nos fins de semana, retornava para meu lar. Para o traslado, precisamos adquirir um carro e lá fui eu para a estrada, recém-habilitada.

Ao chegar no campus de Limoeiro do Norte, fui convidada a assumir a Coordenadoria Técnico-Pedagógica (CTP). Fiquei receosa, mas, por fim, topei o desafio. No setor, fui recebida por duas servidoras, Marilene Mendes, técnica em Assuntos Educacionais, e Neide Maria, pedagoga, que atuavam há mais de cinco anos, naquela unidade de ensino. Mesmo sendo bem recebida pelas colegas de trabalho, aquela realidade continha muitas informações.

A dinâmica do novo trabalho e a responsabilidade de assumir a função de coordenadora do setor se tornaram condições adversas para mim, considerando aquele ambiente desconhecido e sem ninguém familiar. Fui

me adaptando aos poucos e, hoje, analiso como uma excelente experiência. Depois de estabilizada em uma rotina, tinha bastante tempo disponível, considerando os anos anteriores da minha vida. Aproveitei para estudar temas que me interessavam, bem como da minha área de atuação. Precisava me apropriar do mundo laboral do qual estava inserida.

Em pouco tempo, identifiquei que minhas colegas de trabalho estavam em outra sintonia. As duas estavam focadas em passar no mestrado, e eu já havia decidido esperar mais um pouco, para estabilizar minha nova realidade. Motivada por elas, escrevemos e publicamos alguns trabalhos. Inclusive algumas pontuações para seleção do ProfEPT, por isso agradeço a essas companheiras de labuta. Publicamos artigos na área de Formação de Professores; Monitoria; Evasão; e propusemos curso de formação de professores.

Também participei de cursos de Libras; inglês; grupo de estudo; fiz parte do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE); e participei de bancas de concursos. Como mencionei, meu tempo estava mais livre. Nesse ensejo, comecei a pensar em me preparar para o mestrado; estava bem ativa, academicamente falando, mas outras realidades surgiram no meio do caminho.

Em 2015, engravidei do meu primeiro e único filho. Só descobri quando estava com dois meses de gestação, e no mesmo período iniciou-se uma greve que durou alguns meses. Ao retornar ao campus de Limoeiro do Norte, a realidade já era bastante diferente; minhas prioridades mudaram; e o planejamento também. Não sabia como ficaria minha situação com um filho pequeno, a quilômetros de distância de casa. Isso foi mexendo com meu psicológico.

No oitavo mês, saí de férias, emendei com a licença-maternidade, e não voltaria mais para aquele campus. As aprendizagens, nesse local, foram bastantes significativas para a minha profissionalização. Todos me ensinaram um pouco - professores, técnicos administrativos e discentes. Saí com uma bagagem recheada de novos conhecimentos.

Com o nascimento do meu filho, Arthur Castro, em 2016, juntei a licença-maternidade com os períodos de férias, a que tinha direito, para

passar mais tempo com ele. Confesso que a maternidade foi a maior transformação que já passei na vida. Nesse período em casa, acompanhava as obras da construção do campus de Horizonte e rezava para que fosse concluída antes do meu retorno ao trabalho. O pedido foi ouvido com sucesso, o campus foi inaugurado e eu retornei ao trabalho já nesta unidade.

O campus foi inaugurado às pressas, por causa da instabilidade na política nacional, com o impeachment da Presidenta da República, Dilma Rousseff. O receio era que a expansão da rede fosse paralisada e não fossem abertas novas unidades. Para não correr esse risco, as atividades do campus foram iniciadas em espaço cedido pela Prefeitura de Horizonte. Era um local pequeno, com três salas - duas destinadas para fins didáticos e uma para acomodar os técnicos administrativos.

A unidade contava com dez servidores - seis técnicos e quatro professores. Eu cheguei para compor o corpo técnico-administrativo. Chegar no começo foi um grande presente, gosto de inícios. Apesar das inúmeras dificuldades, atividades concentradas para poucas pessoas, participar da implementação dessa instituição foi significativo para mim. Já mantinha um valor afetivo pelo IFCE, de forma geral, com o campus de Horizonte ainda foi maior. Essa unidade foi o berço de marcantes experiências profissionais. Nesse período, com a escassez de tempo, fiquei imersa nas duas grandes atividades, que me exigiam disponibilidade, dedicação e esforço - o trabalho e a maternidade.

Com o passar do tempo, foram chegando mais servidores e, dentre eles, mais uma pedagoga, Lara Söldon. Ter alguém com quem partilhar, além das atividades do setor, as alegrias e angústias do trabalho, foi sensorial. Com mais servidores, as atividades foram melhor distribuídas; os setores começaram a ser estruturados e a assumir suas atribuições; e novos docentes começaram a chegar. Com o passar do tempo, o local cedido foi ficando pequeno. Em 2018, com a infraestrutura do campus quase finalizada, mudamos definitivamente para a sede própria do IFCE.

Em 2017, fiquei muito motivada com a possibilidade de estudar para o Mestrado Profissional oferecido pelo Instituto, no caso, o PROFEPT. Ao ler a proposta do programa, reconheci que o curso atendia ao meu interesse de estudo. Saber que tinha conexão direta com minha área de atuação, me fez acreditar que esta seria a melhor opção para me preparar e cursar. Contudo, depois de analisar minhas conjunturas familiar e laboral, senti que ainda não era o momento e recuei, com a decisão de que participaria da seleção do ano seguinte.

Ainda que planejado, não participei da seleção de 2018 e decidi esperar mais um ano. Em 2019, o trabalho já estava mais estruturado; já tínhamos os setores montados com os servidores; os cargos de gestão todos ocupados; e meu filho já estava um pouco mais velho. Planejei tudo para estudar, com minha cunhada Nívia Castro; lemos, estudamos e resolvemos exercícios. No campus, também montamos um grupo de estudo com os interessados em participar da seleção com a contribuição das excelentes professoras pedagogas do campus, Alanna Carvalho e Madalena da Silva. Apesar de todo o esforço, fiz a seleção, mas não passei.

Outro tempo se anunciava; as atividades do trabalho começavam a se organizar, proporcionando espaço de planejamento de ações a serem desenvolvidas pelo setor. Uma delas foi a formação continuada do docente, nomeada de Ciclo de Docência em Debate (CDD). A proposta se desenhava em organizar momentos de formação, baseando-se no interesse do docente, consultado via questionário, de temas relacionados ao seu fazer pedagógico e sobre a educação profissional.

Essa ação apresentou resultado positivo e culminou em algumas produções, como a publicação de artigo, apresentação oral em evento e o capítulo de um livro. Todos construídos e realizados por Lara Söldon (pedagoga), Alanna Carvalho (professora pedagoga e atual diretora de ensino do campus) e por mim. Essas produções também fizeram a diferença para ingressar no mestrado.

Em 2020, encontrei uma realidade, pessoal e profissional, propícia para realizar o sonho de ingressar em um mestrado. Planejei como estudar; selecionei todo o material da bibliografia e comecei a jornada para

participar do segundo processo seletivo, mas a pandemia chegou, com suas modificações impostas e repentinas. O trabalho passou a ser em casa; o filho já não tinha mais escola para ir; não podíamos contar com rede de apoio, nem com a ajudante de casa. O que era possível fazer, nem de perto era suficiente e ainda tínhamos que manter a saúde mental, para não surtar em meio a uma pandemia.

Não é fácil analisar o presente. Mais difícil ainda se torna quando vivê-lo é, em si, o desafio. O imperativo da permanência, da não-mobilidade em um contexto de pandemia é lido como privilégio aos que podem “se dar ao luxo” de não sair e, ao mesmo tempo, é reconhecidamente exaustivo em termos emocionais quando não parece haver outra forma de evitar a propagação do vírus. (OLIVEIRA, 2020, p.55).

O ProfEPT e a realização de um sonho

Quando recebi a notícia da retificação do edital, fiquei ansiosa e receosa. Já tinha feito a leitura de quase toda a bibliografia do edital, antes de iniciar a pandemia, mas já fazia um ano. Teria que revisar tudo novamente e voltar a estudar, mas, agora, com o tempo escasso, proporcionado por esse momento atípico, em que o lar se tornou local de trabalho, escola, de conviver com a família, com intensidade e sem pausas.

Li a retificação cuidadosamente. A mudança da seleção de prova escrita para análise dos históricos profissional e acadêmico, trouxe-me surpresa. Considerei que não teria pontuação suficiente; olhei pelo tempo que fiquei afastada da produção acadêmica. Na área da profissão, era mais tranquilo; comeci a trabalhar cedo e as comprovações eram de fácil acesso, diferente da produção acadêmica.

Fui coletando, na memória, e anotando o que tinha feito no interstício definido em edital; depois, fui buscando as comprovações. Nesse processo de busca, ficou evidente a inexistência de muitas comprovações/declarações das atividades realizadas. Ficou como aprendizado organizar as comprovações das minhas atividades acadêmicas.

No tempo do edital, enviei a documentação e aguardei o resultado. Quando saiu o meu nome como aprovada, estava ao lado do meu filho, que dormia, quase nem acreditei. Seria mestranda do ProfEPT/IFCE e iria realizar mais um sonho. Não sou ingênua, sei que o caminho entre a aprovação e a conquista do título de mestre é longo, mas o primeiro passo tinha sido dado. A jornada estava se iniciando e eu estava bem motivada para esse novo momento na minha vida.

Ao ingressar, tinha conhecimento de que precisaria definir qual seria meu objeto de estudo/produto educacional para desenvolver durante o Programa. Alguns temas me despertaram interesse, todos conectados com a minha profissão e o setor no qual estou lotada. O primeiro deles foi a formação de professores, pelo fato de ter leituras e ter desenvolvido alguns trabalhos com o tema, desde que ingressei na Instituição. Outro tema foi sobre a evasão escolar no *campus* de Horizonte, com foco no programa de reforço na matemática.

Das contribuições dos estudos após a maternidade, pensei em desenvolver algum trabalho sobre comunicação não violenta, ou disciplina positiva nas relações entre os sujeitos do *campus*. Ainda surgiu a ideia de fazer algum estudo sobre os egressos do Curso Técnico em Logística, com a primeira turma formada no *campus*.

Por fim, tentei me conectar com algum tema que eu gostasse, fizesse parte da minha vida profissional e contribuísse com o setor, quiçá com a instituição, de forma geral. Daí surgiu o desejo de estudar sobre a Avaliação do Desempenho Docente, em especial, a construção, implantação e consolidação dessa avaliação no *campus* de Horizonte.

Na experiência desse *campus*, iniciamos um processo no qual nos debruçamos sobre a avaliação de desempenho docente. Construímos coletivamente um modelo de avaliação composta pela avaliação que os alunos fazem do professor, a autoavaliação discente e estamos implementando a autoavaliação docente. Com base nesses dados, incluindo o rendimento da turma, a CTP organiza, a cada semestre, uma devolutiva escrita e personalizada, para cada disciplina, e envia ao professor.

Reconheço que esse modelo de avaliação qualitativa e individualizada só se tornou possível no *campus* de Horizonte por ser uma unidade recente, com sua inauguração datada em 2016, com efetivação da oferta dos cursos regulares em 2019.

Pela complexidade da rede, compreendo que o trabalho realizado pela CTP de Horizonte não se aplica a todos os *campi*. Ao mesmo tempo, considero limitada a utilização de uma única avaliação, feita de forma unilateral, para aferir a qualidade do processo de ensino e aprendizagem. Além disso, nesse modelo, o docente, figura significativa do processo, fica em uma posição passiva, pois não é incentivado a olhar de forma crítica e reflexiva sobre sua prática. Diante disso, surge o interesse em estudar como a autoavaliação docente pode contribuir para a formação do professor crítico e reflexivo.

A proposta da autoavaliação já deveria ter sido efetivada no *campus*, porém, com o início da pandemia, tivemos que repassar os critérios avaliados nas demais avaliações já efetivadas, visto que o processo avaliativo não é estático e deve atender às necessidades da realidade vivenciada. Diante disso, a autoavaliação docente será aplicada agora no semestre de 2021.

Como resultado da pesquisa do mestrado, pretende-se promover a elaboração de um caderno de apoio com diretrizes que orientem a CTP sobre o emprego da autoavaliação do docente como caminho para a formação do professor crítico-reflexivo.

Conclusão

Olhar para minha história foi uma experiência fantástica porque pude reviver as lutas e as conquistas experiência, e há tempos adormecidas com o aceleração da vida adulta. Pude identificar quantos momentos de força e determinação experimentei para seguir e chegar até aqui. Senti orgulho do caminho trilhado por mim; às vezes, saindo como o planejado, às vezes, trazendo surpresas agradáveis, outras nem tanto. Descobri que cada acontecimento me trouxe onde estou e me fizeram ser o que sou.

Tudo o que me aconteceu e todos que fizeram parte da minha história contribuíram para eu me tornar quem hoje sou. Agradeço por sempre ter tido alguém para sonhar comigo, pois, como diz Raul Seixas, “sonho que se sonha junto é realidade”. Sou o resultado de todas as experiências vividas e estarei em constante transformação, visto que muitas experiências ainda virão. Como nos coloca Albert Einstein ([1879] – 1955):

A vida é como jogar uma bola na parede. Se for jogada uma bola azul, ela voltará azul; Se for jogada uma bola verde, ela voltará verde; Se a bola for jogada fraca, ela voltará fraca; Se a bola for jogada com força, ela voltará com força. Por isso, nunca "jogue uma bola na vida" de forma que você não esteja pronto a recebê-la. A vida não dá nem empresta; não se comove nem se apieda. Tudo quanto ela faz é retribuir e transferir aquilo que nós lhe oferecemos. (Grifos no original).

Relembrar a minha história de vida, fez-me perceber quão bela e digna foi a minha trajetória de vida. Consciente, ou involuntariamente, lancei “bolas” bem assertivas, que me trouxeram aqui onde tenho orgulho de estar. Daqui a dois anos, espero que a conclusão do mestrado entre no registro das minhas memórias como mais uma conquista no meu percurso pessoal, acadêmico e profissional.

Referências

BRAZILIAN JOURNAL OF DEVELOPMENT. ISSN: 2525-8761. *O problema da evasão universitária: Um desafio à democratização do ensino superior público.* Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/28961/22879>. Acesso em: 24 maio 2021.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler.* Em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1989, p. 1-49.

IBGE. *Censo 2010.* Disponível em: <https://bit.ly/3wsflx1>. Acesso em: 23 maio 2021.

OLIVEIRA, A. L. D. A espacialidade aberta e relacional do lar: A arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia da covid-19. *Revista: Tamoios*, UERJ, v. 16, n. 1, p. 154-166, abr.2020.

Quem sou eu, conquistas e desafios

Lívia Maria Leitão da Silva

Introdução

A oportunidade de escrever este memorial e poder compartilhar, apresentar minha trajetória na vida pessoal, acadêmica e profissional, me faz refletir sobre os desafios e oportunidades vivenciados até hoje, no olhar para dentro de mim mesma; pensar e buscar respostas para: Quem sou eu? Olhar para o retrovisor da vida e analisar a trajetória; ver que a felicidade não está no destino, mas esteve sempre presente na caminhada percorrida, de muita luta, conquistas e perdas, recuos e avanços. Como afirma Passegi (2011), ao narrar sua própria história, a pessoa procura dar sentido às experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se.

A escrita de memórias, como aponta Aguiar (1998, p. 25):

Pressupõe sempre dois tempos: o presente em que se narra e o passado em que ocorrem os eventos narrados... A busca do passado, porém, nunca o reencontra de modo inteiriço, porque todo ato de recordar transfigura as coisas vividas. Na épica, como na memória, o passado se reconstrói de maneira alinear com idas e voltas repentinas, com superposição de planos temporais, com digressões e análise. Naturalmente o que retorna não é o passado propriamente dito, mas suas imagens gravadas na memória e ativadas por ela num determinado presente.

Redigido em um momento de maturidade, amadurecimento, este memorial tem como objetivo principal identificar e refletir sobre o percurso percorrido em várias etapas da minha vida. A carreira profissional entrelaçada com alguns relatos de momentos vivenciados no campo pessoal, por considerá-los preponderantes para a minha formação humana e decisivos para que eu pudesse chegar a esta etapa de minha vida. É

importante lembrar que as experiências vividas foram analisadas tendo em vista o meu momento presente, a partir da minha compreensão de vida atual, ou, como bem disse Magda Soares, em seu *Memorial* (1991, p. 37),

Procuro-me no passado e outrem me vejo, não encontro a que fui, encontro alguém que a que foi vai reconstruindo com a marca do presente. Na lembrança, o passado se torna presente e se transfigura, contaminado pelo aqui e agora.

É importante destacar que, embora uma narrativa seja sempre uma sequência de acontecimentos, não necessariamente essa sequência é cronológica e linear: pode-se narrar os fatos ocorridos numa perspectiva linear; pode-se eleger um fato mais recente e, a partir dele, abordar os demais fatos que a ele se relacionam; pode-se eleger um tema e contar o que tem a ver com ele, sem uma ordem temporal de apresentação dos fatos. Em qualquer caso, as escolhas são sempre necessárias. É o modo como se narra que dá o tom: a sequência é da memória, não é exatamente dos acontecimentos. Então, como protagonista das memórias sendo um pouco confessional, apresentando paixões, emoções, sentimentos inscritos nessa memória, vou discorrer sobre minha trajetória profissional.

É experiência aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao passar-nos nos forma e nos transforma... esse é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao largo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece... por isso ninguém pode aprender da experiência de outro a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria. (LARROSA, 2002, p. 27).

Esta obra, se é que assim posso chamá-la, constitui-se em um dos requisitos para a aprovação na disciplina Seminário de Pesquisa do

mestrado ProfEPT. Discurso, inicialmente, sobre as minhas origens; a região onde nasci; e as circunstâncias que permearam a minha vida. Sigo, obedecendo à ordem cronológica da minha vida, família e da minha carreira acadêmica e profissional, por considerar que esse processo facilitará a compreensão, minha própria e do leitor, dos fatos. Em seguida, destaco as fases mais marcantes na Educação, membro da gestão e docente. E, ao final, teço minhas considerações finais, costurando as experiências vividas às lembranças da carreira e da vida.

O início de tudo...

Oh! Que saudades eu tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais...
(ABREU, Casimiro de, 1994)

Minha família: o que tenho de mais precioso

Nasci em Fortaleza, sou a caçula de uma família com duas filhas mulheres. Tenho muito orgulho de minha origem! Meus pais nasceram na região do Vale do Jaguaribe. Minha mãe é de uma família tradicional e leva o legado no sobrenome: Leitão, Chaves e Maia. A família dela mora na cidade de Limoeiro do Norte, conhecida como a Princesa do Vale”. Meus avôs são cidadãos ilustres da cidade. Meu avô, foi homenageado com medalha de cidadão limoieirense, e minha avó, homenageada, após sua morte, com o registro de seu nome em uma rua da cidade. Um casal muito conhecido, traz no sobrenome um legado de respeito, fortaleza, valentia, desde os antepassados, que perdura de geração em geração.

Minha mãe, a filha porto seguro da família, desde nova, ajudou a criar os irmãos. Após casar-se com um rapaz de sua cidade, foi morar em Altamira, no estado do Pará, por necessidade do seu esposo, que, por motivos profissionais, foi transferido. Com pouco mais de 6 meses, em Altamira, seu esposo faleceu em um acidente automobilístico, assim, ela

teve que retornar à sua cidade natal. Passados dois anos, resolveu morar em casa de parentes, em Fortaleza, e em processo de reorganização da vida, conheceu seu atual esposo, meu pai: um jovem rapaz comerciante, nascido em Itaiçaba, no interior do Ceará. Minha mãe sempre foi o sustentáculo da família. Meus tios maternos vieram morar com meus pais, em Fortaleza, e foram seguindo, cada um, a sua vida profissional e saindo para se casar e construir suas famílias.

Minha mãe, minha maior e melhor referência, é uma pessoa forte, decidida, respeitada, querida por todos os irmãos, que a reconhecem como mãe, por terem sido criados por ela e morado juntos por muito tempo. A fortaleza da minha mãe me norteia. Parece que, em nossas vidas, vivenciamos os mesmos desafios; apenas em épocas diferentes. Se, de fato, existe destino, temos os nossos muito parecidos, inclusive, visualmente, nos parecemos muito também.

Fui crescendo e tendo essa fortaleza do meu lado. Administradora do lar, que, mesmo diante dos desafios da vida, buscava sempre superar e seguir em frente de cabeça erguida. Minha irmã e eu fomos nos espelhando e seguindo na carreira escolar, até chegar o momento de ingressar no mercado de trabalho.

E em 2010, resolvi construir a minha família. Como diz o compositor Alceu Valença, na letra de sua música Anunciação (1983):

[...] A voz do anjo sussurrou no meu ouvido
Eu não duvido já escuto os teus sinais
Que tu virias numa manhã de domingo
Eu te anuncio nos sinos das catedrais
Tu vens, tu vens
Eu já escuto os teus sinais
Tu vens, tu vens
Eu já escuto os teus sinais [...]

Essa música traz muitas lembranças! Foi mesmo um anjo que trouxe meu esposo para dar de presente para mim, pena que só foi possível compartilhar da sua presença, cumplicidade, seu companheirismo, e viver em

lua de mel, durante 5 anos, pois, em um acidente, veio a falecer. Dessa união, nasceu Luiz Eduardo, a minha razão, meu sustentáculo, que ficou órfão de pai muito cedo, com 1 ano e 8 meses, mas, na memória, ficou cravada a imagem do pai.

Nesse relacionamento, um momento marcante foi quando soube que estava grávida. Uma alegria contagiante tomou conta de mim e de Washington, meu esposo. A partir daquele momento, meu filho, Luiz Eduardo, estava no meu pensamento em tudo o que eu fazia e, desde então, eu conversava com ele, estabelecendo desde cedo a nossa bonita relação de amor. A chegada dele fez de mim uma pessoa diferente, que encontra forças para apoiá-lo mesmo quando penso que já não as tenho. Sou grata ao meu filho por ter me tornado uma pessoa melhor, que enxerga o mundo mais alegre e bonito, e ser o meu companheiro todos os dias.

Por ele e por mim, precisei ser forte, seguir a vida, que, de um minuto para outro, deu um giro de 360 graus. E agora, como seguir? Quando dar o próximo passo? Como ser mãe e pai ao mesmo tempo? Aprender a conviver com a falta do companheiro. Voltar para a casa dos pais? E agora, o que fazer?

Nesse momento, diante de tantas dúvidas, pedi muito discernimento e iluminação para Deus, que foi me guiando e me guia, todo dia, para seguir e a aprender que a vida é o presente; o passado serviu de sustentáculo para me tornar mais forte e aproveitar o presente, planejar o futuro; a buscar direções que me levem a conquistar e alcançar as metas e assim entender que sou o que amo fazer. Se eu fizer algo diferente, será algo errado. Não é uma questão de vencer algo ou alguém. É uma questão de ser aquilo que de fato sou, sem máscaras. E não fazer algo apenas por dinheiro, porque, fazendo o que se gosta, dá para ganhar muito mais. E venho seguindo, desde a infância até os dias atuais. Sou o que amo fazer.

E nesse momento, escrevendo com lágrimas nos olhos, penso na frase de William Shakespeare: Lamentar uma dor passada, no presente, é criar outra dor e sofrer novamente. E essa dor, sem dúvida, até hoje, é a maior da minha vida.

Na sequência, apresento as linhas gerais do meu percurso acadêmico e posterior percurso profissional.

Trajetória acadêmica

Estudei em uma escola de freira do bairro, por todo o Ensino Infantil e o Fundamental. Assim pude aprender e confrontar os ensinamentos da religião católica, seguida por nós na família.

Sempre me dediquei aos estudos e, por isso, consegui ser aluna destaque. Desde muito jovem, competências como espírito de liderança, e facilidade de comunicação, contribuíram para o desempenho da função líder de turma. Meu desempenho em outras atividades foram evoluindo e conquistei mais medalhas em destaque por rendimentos e competições, e participei também de concurso de rainha da escola. Eu tinha a impressão de que era uma pessoa além do meu tempo; procurava sempre estar à frente; tinha visão estratégica, em busca constante por novos conhecimentos.

Uma menina determinada, visionária, às vezes até adulta para a idade, mas já tinha em mente a Administração como carreira de interesse, e o curso de Direito acendia um brilho nos olhos. Deixei para, no tempo certo, fazer a escolha.

Ao chegar no último ano do Ensino Fundamental, veio a necessidade de mudar de colégio. Admirava o Colégio Farias Brito, mas, como conseguir estudar lá, com o valor da mensalidade acima das posses financeiras dos meus pais? Diante desse desejo, resolvi me submeter ao teste de seleção, e foi assim que, por causa da minha colocação, consegui uma bolsa para ser aluna das turmas olímpicas, que estavam sendo formadas em uma sede localizada na avenida Dom Luís.

Estudar com alunos que tinham como foco a aprovação no Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), ou que buscavam aprovação no curso de medicina; e eu, sempre buscando seguir: eu sou o que amo fazer, queria ser administradora ou advogada. Mas continuava lá, firme, aprendendo, estudando em tempo integral. Foi muito desgastante, mas

sobrevivi e foram três anos de muito aprendizado. Ainda arrumava tempo para participar de concurso de poesia, que levou como título Quem Sou Eu. Nossa! Ver meus escritos publicados no jornal interno do colégio, causava imensa alegria. Mais uma conquista. Orgulhosa de mim mesma.

Grandes amizades foram feitas, durante esses 3 anos. Hoje encontro médicas que estudaram comigo; amigas que moram no exterior; e mesmo distantes fisicamente, mantemos sempre contatos virtualmente. Cada um foi seguindo o seu caminho; construindo a sua trajetória; mas, mesmo distantes, a amizade permanece, porque amizade verdadeira é aquela que o tempo não apaga, a distância não separa e a maldade não destrói.

E, aí, é chegada a hora de escolher o curso a ser seguido na profissão. Com a colocação entre os cinco primeiros, resolvi cursar, aos 17 anos, o Bacharelado em Administração de Empresas na Universidade de Fortaleza (Unifor). Mas um curso como esse, em uma das universidades mais caras do Ceará, vinha com outro desafio: como pagar? E foi em um momento de confiança; de ousadia, que pedi aos meus pais que providenciassem a matrícula e eu iria buscar um estágio para ajudar na mensalidade, e deu certo. Com 3 meses de curso, fui estagiar em uma empresa pública, na época a Teleceará, uma empresa de telecomunicações, onde iniciei minha trajetória profissional.

Como Deus foi maravilhoso, em conceder-me essa oportunidade diante das incertezas e do imprevisível. Mas como as promessas de Deus sempre se cumprem, ele ajuda aqueles que ajudam a si mesmos. E a minha fé é inabalável e me move todos os dias da minha vida.

Durante 5 anos, na Unifor, fiz muitas amizades. Era uma turma seleta, formada por muitos alunos, já profissionais, com nomes renomados, pelas marcas das suas empresas. Entre eles, o proprietário da rede de supermercados Pinheiro; a proprietária da marca Zefirelli; a neta de Ivens Dias Branco, proprietário do grupo M. Dias Branco; e muitos outros. Todas essas referências faziam e sempre fizeram aprender e buscar, nas pessoas, o que elas têm de melhor; aprender uns com os outros; trocar ideias. Como foram excelentes essa experiência e o aprendizado.

E 18 anos atrás, era chegada a hora de receber o título de bacharela em Administração. Tamanhas emoção e conquista! E, agora, fazer outra graduação em Direito, ou buscar uma especialização? Considerado o cenário vivenciado dentro da organização em que trabalhava, precisava fazer uma pós-graduação na área de Logística. Então, surgiu a oportunidade e continuei na Unifor até 2005 para concluir essa pós-graduação. Em 2015, ingressei na especialização em Gestão Pública e, logo em seguida, na pós-graduação em Gestão Escolar da Escola Básica, na Universidade Estadual do Ceará (Uece) e licenci-me em Matemática, em 2019.

Mas não podia parar na especialização, precisava ir em busca de outro título: o de mestra. Foi então que, em 2020, decidi me inscrever para o ProfEPT, uma área com a qual me identifico, de educação profissional e tecnológica, e já trabalho há 8 anos. Mas precisava de dedicação para estudar todas as indicações bibliográficas mencionadas no edital, mesmo com uma jornada de trabalho de três turnos. Foi então que veio a retificação do edital e o processo seletivo foi alterado para a experiência profissional. Mas como não existe sucesso sem sacrifício, arrisquei e deu certo. Como expressar a emoção de ver o próprio nome na lista de aprovados? As palavras são incapazes de expressar todo o sentimento de constatar que um sonho virou realidade!

Vislumbro uma meta e um sonho que o ProfEPT me auxiliará a alcançar: a ascensão profissional. Outro benefício que proporcionará é a contribuição do desenvolvimento do projeto de pesquisa e do produto educacional, que amenizará as incertezas e os anseios dos jovens estudantes da escola profissional Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP) localizada em Itaitinga, onde trabalho há 8 anos, exercendo a função de coordenadora e docente.

O evento Feira das Profissões suprirá os anseios no sentido de oportunizar orientações e discussões, além de nortear os alunos, nesse momento de decisão, quando muitos ainda estão um tanto indecisos, em relação ao futuro profissional. Uma observação constante que, ao mesmo tempo, gera inquietação e motiva a pesquisar; uma oportunidade que o ProfEPT proporcionará.

A trajetória do mestrado já se iniciou e está sendo um desafio sobre como administrar o tempo para atender a tantas demandas, e uma é esta obra, como chamo este Memorial, em que me encontro tentando encontrar, nas palavras, através dos porões das memórias, uma tarefa complexa e uma experiência intensa, que mescla investigação introspectiva; autor-reflexão sobre a construção da trajetória profissional, influenciada pelas vivências pessoais de luta e superação.

Trajetória profissional

Desde muito pequenos aprendemos a entender o mundo
que nos rodeia.

Por isso, antes mesmo de aprender a ler e escrever palavras e frases, já estamos lendo o mundo, bem ou mal, o mundo que nos cerca.

(FREIRE, Paulo, 1981, p. 40)

Ingressei no mercado de trabalho aos 17 anos, por meio de um estágio acadêmico, que muito oportunizou o aprendizado e a abertura das portas para o mercado de trabalho e, até hoje, essas portas permanecem abertas.

Estagiar em uma empresa pública de telecomunicação me fez aprimorar a comunicação; desenvolver a competência de relacionamento interpessoal; além de entender como funciona o processo administrativo dentro de uma organização. Com o término do estágio de 1 ano e 6 meses na Teleceará, segui para outro desafio, dessa vez em uma empresa da iniciativa privada no ramo têxtil, localizada na região metropolitana de Fortaleza, em Pacatuba. Foram 4 anos de muito aprendizado e ensinamentos.

Desempenhei várias tarefas e assumi diversos cargos, desde analista de estatística; analista da área de comércio exterior; chegando à supervisão da área de *marketing* e logística, cargo que me motivou a fazer a especialização na área de comércio exterior. Participei de muitos eventos; organizei muitas convenções com a equipe de vendas; e construí muitas parcerias. Uma decisão, dentre tantas, me levou a mudar de empresa e enfrentar um desafio maior: transferir-me de cidade! Era chegada a hora de morar sozinha.

Fui trabalhar na cidade de Sobral, localizada a 200 quilômetros da capital, em um projeto apoiado pela prefeitura e a Secretaria da Agricultura e Pecuária local. Lá, por meio das amizades construídas, fui convidada para ministrar uma palestra para alunos da Universidade Vale do Acaraú (UVA); instituição da qual, mais tarde, tornei-me docente. Depois de muitas idas e vindas, semanalmente, em um processo desgastante, surgiu a oportunidade de trabalhar em uma empresa multinacional do segmento de agrotóxicos, para ser gestora do Centro de Distribuição.

Durante os 4 anos em que desempenhei a função de gestora, aprimorei minhas habilidades no desenvolvimento de equipes, elaborando projetos para aprimorar a área de logística. Mais tarde, a empresa foi vendida para um grupo australiano, impulsionando a mudança de profissão de gestora para docente da UVA, onde atuo há 12 anos.

Essa mudança jamais havia passado pela minha cabeça: de que um dia me tornaria professora. Uma experiência com a qual me identifiquei muito. São milhares de alunos com os quais tive a oportunidade de compartilhar conhecimento e contribuir para a formação. Como reconhecimento por esse trabalho, fui a professora homenageada por diversas turmas. Hoje, esses alunos trabalham em organizações, e muito me orgulha encontrá-los nos corredores das instituições e ser reconhecida: “Esta é minha professora! Que contribuiu para minha trajetória”.

Segundo Sérgio Leite (1990), a relação ensino-aprendizagem é movida pelo desejo e paixão, e é possível identificar e prever condições afetivas que favorecem a aprendizagem. Wallon (1978 *apud* LEITE, 2002, p. 122) “defende que a afetividade é a fonte do conhecimento”. Vejo que a afetividade se manifesta pelos gestos, o olhar. É muito bom dar carinho e também recebê-lo.

Voltando para a história da minha trajetória profissional, lembro-me que, na busca por novos desafios, fui ser docente e coordenadora em uma escola profissional. O desenvolvimento concomitante da docência no Curso Técnico na EEEP em Itaitinga, desde 2013, e do acompanhamento em programa e projetos pedagógicos de desenvolvimento profissional, também contribuí para a construção de um olhar clínico sobre as

relações teoria-prática e educação-trabalho estabelecidas no Ensino Médio, por meio de uma gestão participativa visionária no alcance dos resultados que oportuniza a busca do diferencial, dentro dos pilares da Educação.

Como coordenadora de Cursos Técnicos, sou responsável pela gestão de equipe; planejamento; acompanhamento de avaliações, que refletem os resultados alcançados pelos alunos no decorrer do estágio dentro das empresas, e os *feedbacks* dos gestores, nas organizações em que os alunos estão inseridos, em busca do diferencial teoria-prática, oportunizado pelo programa Ensino Médio Inovador (EMI), uma parceria do Governo Federal, com o Governo do Estado do Ceará com vistas a ofertar uma educação diferenciada.

A visão democrática idealista praticada pela gestão é um diferencial competitivo, na escola, que eleva os resultados. Promover a conscientização de que o bom diretor indica caminhos, é sensível às necessidades da comunidade, desenvolve talentos, facilita o trabalho da equipe e, é claro, resolve problemas.

A inquietação decorrente dos diferentes anseios dos jovens estudantes no sentido de obter orientações e participar de discussões acerca do mundo do trabalho e nortear os alunos, nesse momento de decisão, quando muitos são um tanto quanto indecisos, em relação ao futuro profissional, me motiva cada dia mais a desenvolver o projeto de pesquisa no mestrado ProfEPT.

Considerações finais

Não haverá parto se a semente não for plantada antes.
Não haverá borboletas se a vida não passar por longas e
silenciosas metamorfoses.
(Rubem Alves, 1994)

A escrita deste memorial foi muito importante, pois proporcionou-me momentos de reflexão, em que pude voltar ao passado, e relembrar de acontecimentos que foram marcantes na minha vida. Pude olhá-los com os olhos do presente e pensar o que poderia ter sido diferente, o que aprendi com eles.

Ao escrever, fui refletindo e verificando quanto mudei, de lá para cá, e em todos os aspectos. Mudei conceitos, posturas, minha opinião sobre determinadas coisas, enfim, amadureci como pessoa e profissional, graças às experiências vividas, algumas vezes errando, outras acertando, mas sempre tirando uma lição, aprendendo, buscando me aperfeiçoar. Conforme diz Paulo Freire (2005, p. 35), “ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”.

Agradeço a todos aqueles que, de alguma forma, estiveram e estão próximos de mim, fazendo esta vida valer cada vez mais a pena. A Deus, que me acompanha desde o início desta caminhada e cuja força foi imprescindível para que eu conseguisse realizar este sonho que há tanto tempo almejava, o ProfEPT. Mesmo no meio do desafio da perda do meu esposo Washington Luiz, tive forças para continuar.

Àqueles cujos ensinamentos e incentivos foram fundamentais para a concretização do sonho de ingressar no ProfEPT e, conseqüentemente, de minha realização pessoal e profissional, ao concluir o mestrado.

À minha família, de cuja companhia, por diversas vezes, precisei abrir mão, aceitando alguns sacrifícios inevitáveis, nesse processo que compõe a trajetória que chamamos de vida e, sem dúvida, a melhor escola de aprendizado na construção do meu: Quem sou eu.

E nas minhas reflexões:

Vejo que me tornei uma pessoa na qual sempre acreditei, porque esse é o meu limite. E se não acreditasse em mim mesma, teria me tornado uma pessoa na qual as outras pessoas acreditam? Não existe limite, existem crenças limitantes. E quando achava que tinha todas as respostas prontas ou quando não encontrava a resposta, fazia novas perguntas. E as respostas vinham, como uma lâmpada que se acende instantaneamente, ou como uma resistência de um forno elétrico, que sutilmente vai mostrando a sua luz.

Aprendi que a vida não pode ser levada ao pé da letra; é preciso se descontraír e perceber que a maior parte do que fazemos pode ser vivida com um pouco de diversão e encarando a vida de uma forma lúdica. Esse

é o segredo para não viver amargamente. A vida sempre se apresenta de uma forma, enquanto na verdade a realidade é outra. Buscamos compreendê-la, mas nem sempre é fácil. Essa busca de autoconhecimento nos confunde e demoramos a ver uma luz. A única coisa que deve ser levada em conta na vida é que temos um mundo passageiro à nossa frente. As vezes nos iludimos com algo que logo se vai e isso é o maravilhoso da vida, perceber que a cada momento novas coisas podem acontecer como, por exemplo, ingressar no ProfEPT.

Diante dos desafios vividos neste momento de pandemia do covid-19, é importante reforçar que a vida é imprevisível; assim, é preciso viver cada momento como se único fosse e mesmo tendo que reinventar esse momento, posso avaliar que evolui; aprendi com os desafios e as tristezas; novas amizades surgiram, com a turma do ProfEPT e o melhor é que a trajetória não parou, mas caminhou de uma forma diferente da planejada.

Isso posto, creio que alcancei o objetivo do memorial e percebo que também dei sentido à minha carreira acadêmica, ao ingressar no ProfEPT. Sinto-me gratificada e feliz em escrever na minha obra a evolução do processo, “revivenciar” minha trajetória e tenho certeza de que tanto evolui como pude contribuir muito para a sociedade como pessoa e com o meu trabalho.

Referências

ABREU, Casimiro de. *Poesias completas de Casimiro de Abreu*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1994, p. 80-81.

AGUIAR, J. S. *Jogos para o ensino de conceitos*. Campinas: Papirus, 1998, p. 25-40.

ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. 3 ed. São Paulo: ARS Poética Editora Ltda. 1994.

ANUNCIACÃO. Intérprete: Alceu Valença. *In: ANJO avesso*. LP (12”) lançado em 1983. Ariola. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/search?q=anuncia%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 10 maio 2021.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução: João Wanderley Gerald. *Revista Brasileira de Educação*, n.19,

jan./abr. 2002, p. 20-28. COSTA, Marcio Magno. *Memorial descritivo apresentado junto à Faculdade de Odontologia como parte dos requisitos para promoção na carreira de docente para professor titular*. 2019, 152 f. (Memorial Descritivo) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/26679>. Acesso em: 21 maio 2021.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1981.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva; TASSONI, Cristina Martins. *A afetividade em sala de aula: As condições de ensino e a mediação do professor*. Disponível em <https://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASLAAfetividadeemSaladeAula.pdf>. Acesso em 25 maio de 2021.

Psicologia e formação docente: Desafio e conversas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p.113-141.

MACHADO, Cláudia; FILHO, Wolney. Histórias de vida e biografização: Pesquisa sobre as marcas formadoras de professores da região sudeste do estado de Goiás através dos memoriais de formação. *Educação*, v. 43, n. 1, p. 113-126, 2018 Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <https://www.re-dalyc.org/jatsRepo/1171/117157483010/html/index.html>. Acesso em: 25 maio 2021.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, V. B. (orgs.). *Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. *Educação*, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 147-156, 2011.

PODER além da vida. Direção: Victor Salva. [S. l.: s. n.], 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ru7RMHpQPqc>. Acesso em: 25 maio 2021.

SOARES, Magda. *Metamemória-memórias: Travessia de uma educadora*. São Paulo: Cortez, 2001.

Fundamentos da fé de um professor

Luiz de Beltrão Lima Júnior

Não é tarefa fácil transcrever uma trajetória de vida. Em contrapartida, considerando que os eventos relatados impactam no mesmo indivíduo, não se pode classificar essa atividade como demasiadamente difícil. O desafio está em selecionar a relevância dos eventos; identificar e selecionar momentos capitais que nortearam escolhas posteriores e explicitá-los.

Portanto, creio que devo partir do elemento central, o ponto de partida de minha formação e de todo o objetivo que vislumbrei: a fé. Não conceituada aqui como crença em si mesma ou em uma força impessoal, mas em um criador nominado, dotado de qualidades e personalidade complexa, com propósitos definidos e divulgados, passíveis de compreensão, desde que estudados com dedicação e constância. Com esse objetivo mor, tenho gerenciado a vida, de modo a manter perene observação aos preceitos bíblicos como membro da religião Testemunhas de Jeová.

Formação religiosa

A relevância desse dado para a minha formação pessoal, acadêmica e profissional, justifica-se, primariamente, na aplicação ao estudo como mecanismo para a compreensão de um propósito. As Testemunhas de Jeová são incentivadas a manter um programa pessoal de leitura diária da Bíblia, além de participarem semanalmente nas seções de estudo em grupo sobre temas e relatos bíblicos. Em seus locais de prática religiosa, fornecem treinamento em oratória; examinam escritos bíblicos sobre os pontos de vista histórico e sociológico; e realizam estudos dirigidos de assuntos bíblicos, utilizando o método de perguntas e respostas. Destacadamente, essa organização religiosa divulga suas crenças publicamente e em visitas domiciliares à comunidade.

Participar das ações organizadas pela instituição religiosa mostrou-se valoroso, na vida acadêmica e na profissional. Por exemplo, ao ingressar

na Universidade Regional do Cariri (Urca), já estava habituado com o gerenciamento do tempo e a aplicação ao estudo sistemático. Atividades ligadas à exposição oral, como a apresentação de seminário, monografia e similares, já me eram familiares.

As atividades de proselitismo realizadas pelas Testemunhas de Jeová constituem-se em um exercício de dialética; envolvem a apresentação de um conceito bíblico, seguida da exposição de ideias contrárias, reanálise e afirmação do conceito inicial, utilizando-se de argumentação lógica, mas sempre mantendo o respeito às diferenças e ao controle de reações particulares. Características que julgo necessárias em minha atuação como docente.

Conscienciosamente esforço-me para encaixar decisões e obrigações de natureza pessoal, profissional, ou acadêmica, de modo a nunca desestabilizar esse alicerce primordial de fé, não meramente sentimental, ou verbal, mas vivenciada desde a infância.

Infância

Meu pai conferia à nossa família, composta de três pessoas, uma característica nômade, iniciando empreitadas comerciais em diferentes lugares, ciente de que o insucesso poderia ser remediado com poucos recursos, devido ao tamanho do núcleo familiar. Comumente, mudávamos de uma cidade para outra, seguindo sua intuição. Quando ficava evidente que a escolha fora equivocada, novamente fazíamos as malas para um novo destino. Esse *modus operandi* impedia a solidificação de laços afetivos com lugares ou indivíduos.

Excetuando-se o estado da Bahia, residimos em algum município de todos os estados do Nordeste do Brasil, por breves períodos, seguindo a formatação na qual, inicialmente, meu pai seguia sozinho para a nova cidade e, após modestamente estabelecer moradia e emprego, seguíamos minha mãe e eu. Infelizmente, essas tentativas invariavelmente fracassavam, devido ao alcoolismo do qual sofria meu genitor. Com o tempo, pude entender que se tratava de uma doença. O fato de meu avô paterno

ter sofrido do mesmo mal, causou-me, por vários anos, aversão ao consumo de álcool; temia desenvolver dependência, sabendo dos efeitos devastadores da doença nos familiares.

Felizmente, sempre que a enfermidade fugia ao completo controle, podíamos retornar à cidade do Crato/CE, onde nasci, e nos refugiarmos na casa do meu avô paterno, Durval Sobreira Alencar, que teve atuação decisiva na formação de minha personalidade.

Quando tinha cerca de 7 anos de idade, retornamos à cidade do Crato, desde a capital do Amazonas, após um período especialmente turbulento, devido ao alcoolismo de meu pai. Estabeleceu-se um hiato, na rotina de mudanças, o que me permitiu desenvolver o senso de pertença a um lugar. Durante os sete anos seguintes, residi no mesmo bairro e estudei na mesma escola, com a mesma turma, o que possibilitou a construção de relações de coleguismo e amizade.

Durante esse período, minha mãe e eu morávamos com o meu avô e mantínhamos contato diário com meu pai, que residia, com seus parentes consanguíneos, há apenas dois quarteirões de distância. Na mesma casa, coabitavam dez pessoas - meus avós, quatro filhas, um filho e um genro, além dois netos -, todos com aspirações e crenças distintas, sob a direção ordeira do patriarca. Esse modelo de organização familiar, capitaneado pela direção harmoniosa de meu avô, me impactou profundamente.

Durante esses anos, se deu voluntariamente a filiação religiosa descrita inicialmente, após contato com diferentes crenças religiosas oriundas do meu incomum círculo familiar.

Adolescência

Na transição da infância para a adolescência, meu pai concebeu o alcoolismo como uma doença degenerativa e iniciou seu processo de reabilitação com o suporte do grupo Alcoólicos Anônimos (AA). Essa decisão motivou a reunião familiar. Minha mãe e eu o acompanhávamos nas reuniões semanais do AA, além de participarmos de um grupo de suporte a famílias de alcoolistas associado ao AA, o AL -Anon.

Após alguns anos frequentando a referida associação, meu pai atingiu um estágio de sobriedade, que durou aproximadamente 12 anos, até sua primeira recaída, da qual conseguiu se recuperar anos após. Nesses anos, a família foi reestruturada; voltamos a morar na mesma casa; mas, dessa vez, nos mudamos para a mesma rua em que moravam meus avós; assim, mantive o núcleo de amizades que desenvolvi.

Infelizmente, meu avô apresentou dois tumores cerebrais, que exigiram cirurgias complexas. Devido às suas crenças bíblicas, ele insistiu em obter tratamento de saúde de qualidade sem o uso de sangue, algo que não estava disponível em nossa localidade, no período em que realizou a primeira cirurgia; contudo, em poucas horas, as Testemunhas de Jeová contataram sua Comissão de Ligação com Hospitais (Colih), que apresentou o caso ao neurologista Firmo José Castro de Souza Holanda, na cidade de Fortaleza, acrescido de todos os exames médicos e relatórios realizados até então.

O novo médico concordou em realizar o procedimento cirúrgico nos termos solicitados pelo paciente, no hospital Monte klinikun, em Fortaleza/CE. Utilizando a técnica intraoperatória de sangue, realizou com sucesso o procedimento cirúrgico. Posteriormente, o mesmo médico fez uma segunda cirurgia bem-sucedida, sem o uso de sangue e utilizando a mesma técnica. O apego aos seus princípios, demonstrado por meu avô, novamente me ensinou sobre a natureza da fé.

Pouco antes desses eventos desgastantes, meu pai, que então trabalhava como vendedor, entrou em desacordo com a empresa na qual era contratado, ocasionando severos prejuízos financeiros, motivando-o novamente a buscar oportunidades de trabalho em outras cidades. Após a primeira cirurgia do meu avô, em Fortaleza, escolheu estabelecer-se ali; desta vez, a decisão foi analisada e endossada pela família, pois permitiria ao meu avô ter certo conforto, ao realizar revisões e exames semestrais necessários.

Após alguns meses residindo em Fortaleza, fomos informados sobre a repentina morte de meu avô paterno, Euclides Miguel, com quem não

tive muito contato. A notícia teve um efeito devastador em meu pai, que retornou ao antigo vício e novamente causou nosso regresso à cidade do Crato. Todavia, antes do retorno ao local de origem, durante esse período turbulento, pude conhecer Izabel Cristina de Santiago Lemos, que anos mais tarde se tornaria minha esposa.

A Intempestividade dos acontecimentos já descritos aconteceu durante o meu último ano escolar. As constantes mudanças de residência me levaram a não conseguir matrícula no último ano do Ensino Médio. Em solo cratense, com o intuito de retomar uma rotina de estudos seculares, objetivando a aprovação em concursos públicos, ou ingresso na Universidade, matriculei-me no Centro Educacional de Jovens e Adultos. Dessa forma, concluiria o 2^a grau e, ao mesmo tempo, revisaria os conteúdos básicos necessários aos meus objetivos. Em alguns meses, fui aprovado no vestibular para ingressar no curso de Letras, na Universidade Regional do Cariri (URCA).

Entretanto, devido a complicações relativas à idade, meu avô materno, Durval Sobreira de Alencar, faleceu, durante o primeiro semestre letivo do curso universitário, deixando um exemplo de honestidade, prudência, responsabilidade e fé.

Formação acadêmica

Ao ingressar na Urca, acreditava que parte significativa do curso seria dedicado ao estudo da gramática normativa, o que me desanimava. Surpreendentemente, observando a grade curricular do curso, constatei que não haveria disciplinas relacionadas diretamente à gramática normativa. Essa aparente lacuna justificou-se, ao cursar a disciplina de Linguística: Pressupostos Teóricos, ainda no primeiro semestre.

Os estudos iniciais em Linguística explicitaram a razão de minha dificuldade em capturar a lógica régia da gramática normativa, ao argumentar que as suas bases filosóficas a impedem de submeter-se às exigências científicas. Em contrapartida, a Linguística idealizada por Ferdinand de Saussure, trazia a cientificidade das áreas exatas para os estudos em linguagem.

Apesar do fascínio por um campo de estudo que desafiava a odiada gramática escolar, incomodava-me como os conceitos iniciais marginalizavam a comunidade surda, com a qual já mantinha contato, devido à atuação como ministro religioso das Testemunhas de Jeová. Para exemplificar, em seu escopo inicial, a Linguística considera língua apenas os sistemas que utilizam o signo linguístico como elemento base, o qual, para ser reconhecido, exige a capacidade auditiva dos utentes do sistema; nessa concepção, a língua de sinais não são reconhecidas como idiomas, mas assemelham-se à forma de comunicação animal. Tais percepções não eram suficientes para diminuir o interesse pelo assunto; todavia, anunciava que tal qual a gramática normativa, equívocos e processos de marginalização seriam detectados.

Ainda no primeiro semestre do curso, a disciplina de Redação Científica chamou minha atenção pela metodologia escolhida pelo professor Edson Martins. Foi a primeira vez em que vivenciei a metodologia sala de aula invertida. O foco deslocou-se do aspecto técnico para o conteúdo do trabalho científico, em lugar dos manuais de escrita e pesquisa científica, nos foram propostas a leitura e discussão de escritos de Platão, Antônio Gramsci e Lucien Goldman, objetivando demonstrar que a transformação da realidade é a condição *sine qua non* para a produção científica e deve preceder os aspectos técnicos.

Ao longo desse primeiro semestre, o interesse pela pesquisa acadêmica manifestou-se e participei dos encontros do grupo de pesquisa liderados pelo professor Edson Martins; todavia, com o falecimento de meu avô e retorno ao alcoolismo do meu pai, as responsabilidades familiares foram intensificadas. Ficou evidente que, naquele momento, seria impossível conciliar as demandas do curso universitário; as obrigações financeiras; o comprometimento religioso; e a intensa atividade do grupo de pesquisa; portanto, limitei a pesquisa acadêmica.

A partir do segundo semestre, tive contato diretamente com as disciplinas de Análise Literária, e a identificação com o tema foi imediata. Embora as disciplinas que abordavam a Linguística se mostrassem

interessantes, percebia a exclusão de estudos voltados para línguas visuais – espaciais, devido à atividade religiosa, meu contato com a comunidade surda era diário e era frustrante ver que o processo de marginalização da cultura surda perpetuava-se na produção acadêmica.

Apenas a partir das disciplinas de Psicolinguística e Sociolinguística tomei conhecimento dos estudos de Stokoe e Poerssh, que situavam a língua de sinais dentro do escopo da Linguística. Nesse ponto, conclui que, a partir de uma série de acontecimentos históricos, o sujeito surdo veio passando por um processo de marginalização, que justifica a limitada atuação de utentes desse sistema nas instituições de ensino médio e superior.

Para identificar eventos pontuais, delimito como ponto de partida o pensamento platônico, que considera o mundo material inadequado para a transmissão de conhecimento, a qual deve acontecer exclusivamente no plano das ideias; por ser, a fala, a exteriorização do pensamento, o educando necessita de um órgão sensorial capaz de capturá-la. Nessa concepção, torna-se fútil a educação de surdos, já que não possuem a condição indispensável para aprender.

Em seguida, surge a concepção aristotélica de Catarse, que consiste em expungar os males, de ordem física, mental, emocional, ou espiritual, por meio da palavra, e é inerente a todos os humanos. Devido à incapacidade de realizar catarse, segundo a descrição aristotélica, a condição de humanidade é negada ao surdo.

Os estudos linguísticos saussureanos excluem a língua de sinais na delimitação do objeto. Segundo o teórico genebrino, a língua tem como característica central o signo linguístico composto pela atuação conjunta de dois elementos essenciais - o significado e o significante. Embora o primeiro refira-se a conceitos concretos, imagens mentais comuns a surdos e ouvintes, o segundo é concebido como imagem acústica, a impressão sonora que o som deixa na mente, impossível de ser detectada pelo surdo. Deste modo, não se reconhecia como língua a sua forma de comunicação; antes, sob essa égide, a língua de sinais teria a mesma complexidade da forma de comunicação animal. Compreendendo a relação

indissociável entre língua e cultura, temos dimensão do impacto dessa concepção nas comunidades surdas.

Finalmente, chegamos aos eventos ocorridos na 1ª Conferência Internacional de Educadores de Surdos, ocorrida na cidade de Milão, na Itália, entre 6 e 8 de setembro em 1880, como o quarto marco de segregação da comunidade surda no meio educacional. O referido evento, organizado pela Pereira Society, que já se mostrara contrária ao uso da língua de sinais, findou com a formulação de oito resoluções, que excluíam o uso do idioma visual espacial das instituições de ensino e obrigavam estudantes surdos a iniciarem um processo rígido de oralização, ao qual boa parte dos educandos não se adaptou, elevando, massivamente, a evasão escolar da comunidade surda.

Sintetizando esses quatro recortes históricos, temos: (1) A incapacidade de aprender, dos surdos; (2) A condição não humana dos surdos, explicitada por sua incapacidade de realizar catarse; (3) O uso de um sistema de comunicação rudimentar que não possui os elementos básicos de complexidade para considerá-lo língua; e (4) A imposição de um novo sistema linguístico e a proibição de sua língua materna no ambiente escolar.

Obviamente, outros recortes poderiam ser inseridos nesse espaço-tempo histórico, e a seleção deles tem como fim demonstrar que, historicamente, a academia organizou-se de modo a não receber usuários surdos, e apenas por obstinação membros da comunidade surda ocupariam esses espaços.

Desse modo, quase que conjuntamente com a hipótese, formulei o problema de pesquisa para a produção da monografia na graduação: Porque não há alunos surdos nos cursos de nível superior na Urca? Obviamente, o problema passou por diversas reformulações, mas costumo lançar a mesma pergunta ao iniciar a disciplina de Língua Brasileira de Sinais (Libras) como docente do IFCE.

À medida que os semestres avançavam, meu interesse pelos estudos literários mantinha-se; no entanto, encontrava dificuldade em vislumbrar

as possibilidades de transformação da realidade; o fascínio literário configurava-se como uma forma de entretenimento. Em contrapartida, a pesquisa no campo do ensino me parecia potencialmente produtiva e com efeitos concretos.

Já no final do curso, enquanto frequentava a disciplina de Educação Especial, percebi a necessidade de tratar a educação de surdos como um movimento descolado das esferas educativas nas quais usualmente a inseriam. Compreendendo que a Educação Especial atende a indivíduos classificados socialmente como deficientes, esse estigma precisa perdurar para justificar a disciplina. Ademais, por incluir em seu escopo o atendimento a indivíduos com diversas necessidades específicas, as especificidades dos usuários não são contempladas. Em leituras adicionais, tomei conhecimento dos estudos sobre os surdos, em educação, de Skliar, que propõe formular na própria comunidade surda um sistema educacional eficaz. Estranhamente, não tive nenhuma referência ao autor, ou seu tema, durante a formação acadêmica.

Embora essas percepções não tenham sido incluídas no meu trabalho monográfico de conclusão da graduação, pude utilizá-las, posteriormente, no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) *lato sensu*, de especialização em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Africana de Língua Portuguesa sobre o tema Identidade Surda e Inclusão Social, em que abordei aspectos da produção literária de surdos como afirmação de identidade cultural.

Nesse período, como não existia graduação em Letras/Libras, profissionais da Educação que atuavam no ensino ou na interpretação de Libras, deviam comprovar sua capacitação por meio do exame nacional de Proficiência em Libras (Prolibras), organizado pela Universidade Federal de Santa Catarina. O exame concedia certificados de nível médio, ou superior, a depender da escolha do candidato no ato da inscrição e de seu grau de escolaridade, e dividia-se nas modalidades ensino, ou interpretação.

Para obter a certificação como intérprete, o candidato devia dominar as técnicas para interpretar simultaneamente de uma língua fonte para

uma língua-alvo. As atividades de ensino envolvem atuar na difusão da língua de sinais oportunizando o contato de novos usuários desse sistema linguístico com a cultura surda e transmitindo a fonologia, morfologia e sintaxe do idioma, a fim de viabilizar o domínio da expressão plena nesse idioma, modalidade esta para a qual prestei o exame de proficiência e fui aprovado com sucesso, e que definiu minha atuação profissional.

Nos últimos semestres da graduação tive a oportunidade de iniciar a vida profissional como docente, após a disciplina de estágio. Novamente, foi necessário organizar-me, a fim de gerenciar a produção monográfica e as obrigações laborais como professor em instituições públicas e privadas de níveis fundamental e médio.

Atividade profissional

Iniciei a prática docente em uma Escola Fundamental no município do Crato, que atendia principalmente estudantes oriundos de famílias de baixa renda. Foi impactante observar, *in loco*, estudantes que tinham a possibilidade de alimentar-se como a principal motivação para frequentar a escola. A mera suspeita de inexistência de merenda escolar, causava desespero.

A pouca participação dos responsáveis e o alto índice de evasão escolar maximizavam o trabalho das professoras. Eu era o único homem trabalhando na instituição, para além da sala de aula. Em diversas ocasiões, vi minhas colegas de trabalho deixarem a instituição para ir até a residência de um aluno para convencê-lo a se manter na escola. Essas educadoras acumulavam funções de assistente social; conselheira familiar; terapeuta; dentre outras, porém, sem a remuneração e o reconhecimento devidos. Esse acúmulo de funções me levou a questionar se teria capacidade de desenvolver todas essas competências e quais efeitos essa profissão cobraria, em longo prazo.

Ao final do meu contrato de trabalho temporário nessa instituição, na cidade do Crato, usualmente, os contratos temporários são encerrados em dezembro e os funcionários são recontratados em março. Trabalhei,

assim, em uma instituição privada de ensino, mas tive dificuldade em atender às exigências impostas pela direção, quanto ao modelo de aula padrão a ser ministrada; a ênfase em conteúdos específicos e ausência de outros; e o alto número de alunos em sala; além da relação desrespeitosa entre educandos e educadores.

Felizmente, após três meses nessa instituição, durante a minha colação de grau, fui informado, por um de meus professores, Edson Soares Martins, que a universidade na qual me formara, a Urca, havia aberto, naquele mesmo dia, processo seletivo para o cargo de professor substituto. Enxerguei nessa notícia a oportunidade de encerrar minha atividade na instituição particular. Fui aprovado no concurso para professor substituto na vaga de Literatura Brasileira; imediatamente após a confirmação do resultado, solicitei o desligamento da instituição na qual trabalhava.

A primeira passagem como professor substituto na Urca durou dois anos. Ministrei as disciplinas de Literatura Brasileira; Estilística; e Teoria da Literatura, e pude trabalhar com meus ex-professores de graduação, o que me permitiu estar completamente à vontade na prática profissional. Apesar das óbvias diferenças entre a Educação Fundamental, Média e o Curso Superior, percebia que alguns dos meus alunos universitários apresentavam limitações, em interpretação textual e escritas comuns ao Nível Médio, o que me levava a questionar a organização curricular e abordagem pedagógica nesse nível; iguais limitações observei nos alunos do Curso de Especialização, onde atuei em momentos pontuais. Embrionariamente, intuía que viria a atuar em ambos os níveis, concomitantemente, como professor do IFCE.

Após o fim do primeiro contrato como professor substituto da Urca, voltei a atuar no Ensino Fundamental; desta vez, em uma escola na zona rural; no entanto, a divisão laboral nessa instituição era organizada. As presenças de um psicólogo e uma assistente social, permitiam aos docentes concentrarem-se nas atividades da docência, embora dificuldades de outra natureza se apresentassem aos professores, mas a carreira de educador no Ensino Fundamental, nessas condições, me pareceu possível.

A barreira geográfica, seguramente, era o principal obstáculo à Educação. A Escola Paulo Limaverde, localizada na zona rural, atendia a estudantes de diversas comunidades que viviam no campo e ficavam impedidas de chegar à instituição de ensino durante o período chuvoso. O traslado era impossível também para os professores, posto que o único acesso à escola eram vias não pavimentadas, intransitáveis durante o inverno. Diante dessa realidade, observo que as tecnologias utilizadas nas redes de ensino, a partir do modelo emergencial de ensino remoto, motivado pela pandemia de coronavírus, e implantadas em março de 2020, teriam sido úteis, desde que aplicadas com o devido planejamento e estabelecidas as condições adequadas.

Após alguns meses, um novo concurso para professor substituto foi anunciado pela Urca, desta vez para a disciplina de Libras no curso de Pedagogia. A nomenclatura “substituto” para uma disciplina que não possuía um professor titular, me pareceu estranha, entretanto não solicitei explicações. Fui aprovado e, conseqüentemente, me desliguei da escola municipal.

Durante minha segunda atuação na Urca, a Secretaria de Educação do Município do Crato divulgou uma seleção temporária para instrutor de Libras. A função envolvia compor uma equipe multidisciplinar no Núcleo de Educação Especial da Secretaria de Educação. Embora não gostasse da nomenclatura “educação especial”, por razões já expostas, a configuração de uma equipe multidisciplinar diferia de toda minha atuação laboral até então; ao ser aprovado na seleção, apresentei meus horários como professor na Urca e foi possível conciliá-las.

Assim instaurou-se uma jornada longa de trabalho, que em alguns dias ultrapassavam 10 horas, somando-se as duas atribuições. Todavia, o trabalho era produtivo e, a equipe, bastante unida. Tomei conhecimento do concurso para professor efetivo do IFCE por meio de um colega da Secretaria de Educação, onde continuei trabalhando até a homologação do resultado do concurso para professor de Libras do IFCE.

IFCE

Em outubro de 2013, ingressei no IFCE - *campus* Iguatu, ministrando a primeira aula para alunos concludentes do Curso de Irrigação e Drenagem que necessitavam finalizar a disciplina de Libras, de 40 horas, em duas semanas. Continuei a atuar nos Cursos de Licenciatura em Química; Tecnólogo em Irrigação e Drenagem; Bacharelado em Serviço Social; Integrado em Agropecuária; Integrado em Agroindústria; e Integrado em Informática, pelos quatro anos seguintes.

Residindo na cidade do Crato e diante da necessidade de prestar assistência aos meus pais idosos, especialmente meu pai, que desenvolveu problemas relativos ao álcool; depressão profunda; e esquizofrenia, percorria semanalmente a distância de 300 quilômetros entre ida e volta ao local de trabalho. Por vezes, as obrigações familiares exigiam que o trajeto fosse repetido mais de uma vez na mesma semana.

Em março de 2015, casei-me com Izabel Cristina Santiago Lemos de Beltrão, também professora, na época substituta, do Curso de Enfermagem na Urca e mestranda, na mesma universidade, no Programa de Bioprospecção Molecular. Nossas obrigações familiares e profissionais nos levaram a lidar com uma desagradável programação semanal de viagens. Posteriormente, minha esposa atuou também na Universidade Vale do Salgado, na Cidade de Icó, de modo que nossa organização de horários precisava ser meticulosamente definida, ao final de cada semestre letivo.

Nesse período, tentei desenvolver parte das atividades acadêmicas a distância, utilizando as tecnologias disponíveis no *campus*, mas o fato de não residir na cidade limitava minha atuação na prática docente. Percebia que, em especial, os alunos do Curso de Irrigação e Drenagem, que, em sua maioria, residiam na zona rural de cidades próximas ao *campus* Iguatu, seriam beneficiados com a administração de parte do conteúdo a partir do uso de tecnologias e técnicas de aprendizagem remotas.

Ademais, o *campus* Iguatu é composto de duas unidades nos extremos da cidade, o que impunha, a alguns docentes e estudantes, a necessidade de cruzar a cidade, a fim de acompanhar todas as aulas. A soma

das razões expostas me levou a solicitar um discreto e limitado modelo híbrido, na parte teórica da disciplina de Libras, com alguns momentos síncronos não presenciais, no *campus*, contudo, não obtive parecer favorável, em minhas solicitações.

Visitando o *campus* de Crato, disponibilizei-me a ministrar a disciplina de Libras durante um semestre, para o Curso de Sistemas da Informação e, no semestre seguinte, fui contemplado com a vaga disponível para esse *campus* no concurso de remoção. Coincidentemente, no mesmo ano de 2017, minha esposa foi aprovada no concurso para professora efetiva na Urca, também na cidade de Crato; finalmente, tínhamos a possibilidade de otimizar nossas atividades.

Após a acomodação no novo *campus*, entendi que era o momento propício para retomar a formação acadêmica. Como minha esposa estava em processo de conclusão do doutorado, decidimos que iniciaria os processos seletivos para mestrado após a qualificação de sua tese. Assim, iniciei os estudos para o ProfEPT, com o auxílio da plataforma digital Bora Aprender, gerenciada por um ex-aluno do próprio programa. Optei pelo ProfEPT por ser oriundo do IFCE; tratar da educação profissional, por sua base ideológica; e formato de seleção.

Todavia, em março de 2020, com as restrições impostas devido à pandemia causada pelo coronavírus disease (covid-19), a seleção foi suspensa, assim como a prática docente presencial. Imediatamente, retomei a ideia de fazer uso de plataformas digitais como instrumento para a transmissão de conteúdo. Meses após, na Educação nacional, embora sem tempo para planejamento adequado, passou-se a orientar o uso.

A pesquisa no ProfEPT

A imposição abrupta e radical do ensino remoto emergencial, aliada a um modelo prussiano de transmissão de orientações, diretivas e normativas; além da inexistência de tempo hábil para planejamento e a definição de recursos adequados para profissionais e beneficiários, levou parte da comunidade acadêmica a considerar incompatível uma prática educativa

que aponte para a omnilateralidade com o uso de sistemas oriundos da base microeletrônica, posto que, mesmo os professores que já adotavam ambientes digitais em suas práticas, tiveram de utilizar um modelo distante de uma educação digital em rede de qualidade (MOREIRA; HENRIQUE; BARROS, 2020).

Entretanto, compreendo que resistir às inferências na autonomia da prática profissional dos docentes não se resume a negar ferramentas tecnológicas. Penso que o caminho deve ser exatamente o oposto. É necessário apropriar-se das tecnologias; demarcar e orientar os limites em sua aplicação; e, prioritariamente, explicitar o papel imprescindível do professor nesse espaço. Ademais, eliminar barreiras geográficas e otimizar o uso do tempo e dos recursos materiais de docentes e de discentes são objetivos possíveis, a partir do uso das tecnologias úteis a toda a comunidade acadêmica.

Obviamente, não afirmo que tais ferramentas serão adequadas e produtivas em qualquer situação educativa. É necessário analisar profundamente as disciplinas e os conteúdos que se prestam à aplicação remota; identificar os prerrequisitos básicos ao docente e educando submetidos a essa abordagem, bem como determinar que enfoques metodológicos são possíveis, no modelo remoto. No entanto, manter tais recursos à disposição dos docentes, permite-lhes que ampliem seu público e suas abordagens educativas.

Desse modo, durante o ProfEPT, pretendo produzir um guia didático para o ensino de Libras para alunos ouvintes, no modelo remoto, como um recurso a ser utilizado pelos docentes, contendo princípios norteadores que podem beneficiar a condução de aulas e atividades remotas por disciplinas da área de Linguagens e códigos e conteúdos disciplinares que não exigem a prática *in loco*.

Conclusão

Creio que a construção do ser é análoga ao trabalho do escultor, ou seja, a matéria-prima é lapidada e refinada, mas sua base, como elemento

fundamental, não pode ser descartada; igualmente, busco o melhoramento sem a descaracterização.

A manutenção de minhas crenças e práticas religiosas, da aplicação ao estudo e dedicação à prática docente, como instrumento passível de transformar realidades, não caracterizam um ser estanque. Experiências adicionadas ao que constitui a essência do indivíduo, resultam em um arcabouço teórico capaz de guiar uma prática eficaz.

Referências

MOREIRA, J. Antônio; HENRIQUE, Susana; BARROS, Daniela Malaré Vieira. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. *Dialogia* n. 34, p. 351-364, 2020.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, ([1916] 1969).

SKLIAR, Carlos. Os estudos surdos em educação: Problematizando a normalidade. In: SKLIAR, Carlos. (org.). *A surdez: Um olhar sobre as diferenças*. 6. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2013.

STROBEL, Karin L. História dos surdos: Representações “mascaradas” das identidades surdas. In: QUADROS, Ronice M.; PERLIN, Gladis. (orgs.). *Estudos Surdos II*, Petrópolis: Arara Azul, 2007, p.18-38.

STROBEL, Karin L. *Historicismo: O conflito do congresso de Milão*. Disponível em: <http://cicark2172.blogspot.com.br/2011/07/historicismo-o-conflito-docongresso-de.html>. Acesso em: 8 mar. 2015.

STROBEL, Karin L. *Surdos: Vestígios culturais não registrados na história*. 2008, 176 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UFSC, Florianópolis.

Memórias de uma menina sonhadora no país das maravilhas

Martilla Sousa Silva

Primeiros passos da pequena leitora farsante

[...] “e para que serve um livro”, pensou Alice,
“sem imagens nem diálogos?”
(CARROLL, Lewis, 2014)

Início minhas memórias relatando que sou filha única, de pais que, apesar de possuírem poucos recursos financeiros, sempre priorizaram a minha educação. Eles próprios, desde a adolescência, tiveram que se dedicar muito ao trabalho, e, por esse e outros fatores, acabaram por não concluir o Ensino Médio. Apesar das dificuldades que enfrentaram, minhas lembranças mais remotas registram que os dois sempre cultivaram o hábito da leitura, como até hoje fazem.

Minha mãe relata que gostaria de ter sido médica, e tenho certeza que realizaria essa atividade com maestria, pois é dedicada e muito determinada em tudo o que faz. Até hoje, dedica muitas horas do dia à leitura; está sempre atenta aos importantes acontecimentos mundiais, à história, política e psicologia. Já o meu pai, acredito que poderia ter sido um excelente arqueólogo, astrônomo, ou cientista.

Meus pais sempre foram muito trabalhadores, e sempre concentraram os seus esforços em proporcionar, para mim, a melhor educação que estivesse ao alcance deles. Esse foi o fator determinante para que decidissem não ter mais filhos - o receio de não poder proporcionar condições satisfatórias para todos. Logo após o meu nascimento, minha mãe decidiu abandonar o emprego de caixa de farmácia para dedicar-se integralmente à maternidade, e fez isso com maestria: foi excelente mãe, “professora”, “médica” e “psicóloga”, para a sua única filha, e até hoje é, inclusive para o seu único neto.

Ao ingressar na Educação Infantil, logo na primeira semana de aula, a direção da escola chamou minha mãe para comunicar que iriam me transferir para outra turma, por eu estar muito adiantada em relação às outras crianças, fruto do processo de alfabetização iniciado em casa pela minha mãe. Sempre estudei em escola particular. Era a prioridade de gasto financeiro na minha casa. Poderia haver cortes em qualquer área (e haviam muitos), menos no que dissesse respeito aos meus estudos.

Recordo-me de uma situação muito emocionante em que meus pais me levaram pela primeira vez a uma feira de livros, se não estou enganada, promovida pelo Serviço Social do Comércio (Ssc) de Iguatu, minha cidade natal. Naquela ocasião, meus pais me deram a oportunidade de indicar um título para ser presenteada e minha escolha foi: *Quem matou Honorato, o rato?*. Desde nova, já estava definido o meu gênero literário favorito - suspense policial - que perdura até hoje.

Antes de ser presenteada com a visita à feira de livros, que, para aquela menina tão pequena, era como visitar o *País das maravilhas*, de Lewis Carroll, sempre ganhava revistas em quadrinhos, que atiçavam meu desejo por conseguir decodificar, sozinha, aquelas letras. Lembro-me de decorar os textos das histórias lidas para mim e fingir estar lendo, passando os dedos pelas linhas e recitando as frases com a convicção de quem realmente sabia ler, o que deixava os familiares muito impressionados, primeiro, por pensarem que uma menina tão pequena sabia ler, e, após a verdade ser revelada por minha mãe, pela capacidade de memorização e atuação daquela pequena leitora farsante.

A partir da segunda série do Ensino Fundamental, como era denominada nos anos 1990, fui estudar em uma escola da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC), o melhor que meus pais podiam me proporcionar e que estava entre as boas escolas da cidade, naquela época. Permaneci no Centro Educacional Rui Barbosa - chamado carinhosamente apenas de “Rui” - pelos anos posteriores, até completar o Ensino Médio. Tenho muito orgulho de ter feito parte daquela escola tão bem conceituada naquela época, com excelentes lembranças de toda a convivência com os colegas, professores e demais funcionários. Com

alguns, mantenho contato virtual até hoje, oportunidade proporcionada pela tecnologia e redes sociais.

As lembranças mais prazerosas são das atividades desenvolvidas nas Artes, Ciência e Tecnologia, como feiras de ciência, apresentações culturais, especialmente de dança e teatro, e, no esporte, confesso que participando mais ativamente nas arquibancadas, como torcedora dos colegas, por não ter tanta habilidade nessa área. No campo da Literatura, foi no Ensino Médio que conheci os clássicos e me apaixonei, mantendo o hábito cultivado desde que era uma pequena leitora farsante.

Apesar de vários reveses financeiros sofridos por minha família - desemprego e trabalhos sempre castigados pelo sol, pois meu pai trabalhou como feirante, agricultor e, posteriormente, como moto-taxista -, as mensalidades sempre foram pagas e mantido o meu acesso a livros, apostilas, e até mesmo a cursos de inglês e espanhol, que, na época, só eram ofertados pela rede privada.

A menina que vivia no mundo da lua

Eu não sou louco. Minha realidade é apenas diferente da sua.
(CARROLL, Lewis, 2014)

Abro um parênteses para informar uma condição sofrida pela pequena leitora farsante: apesar de acesso a livros e escola de qualidade, nem tudo era fácil no processo de aprendizagem daquela menina (literalmente) sonhadora. A maior parte das horas em sala de aula eram passadas entre pensamentos diversos e improdutivos, devido ao Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) do tipo predominantemente desatento. Tal condição só foi diagnosticada na fase adulta, o que causou muitos prejuízos ao desenvolvimento da minha vida acadêmica.

Mesmo com essa dificuldade de concentração, no pouco tempo que conseguia ter foco alcançava êxito no aprendizado, e mesmo não tendo aproveitado muito do conhecimento transmitido em sala de aula pelos professores, conseguia estudar às vésperas das provas e ser aprovada sem nunca ter ficado em recuperação.

Após ter revelado a condição cognitiva que levou à escolha do título dessas memórias, podemos voltar à minha jornada acadêmica.

A menina que criou asas

Se você não sabe onde quer ir, qualquer caminho serve.
(CARROLL, Lewis, 2014)

Após o término do Ensino Médio, surgiu mais um obstáculo. Eram poucos os cursos superiores ofertados na cidade de Iguatu. Apenas algumas licenciaturas na Faculdade de Ciências e Letras de Iguatu (Fecli), oferecidas com a Universidade Estadual do Ceará (Uece).

Aos 17 anos, não tinha muito bem definido qual carreira gostaria de seguir, até pela consciência da falta de oportunidades, de que adiantava desejar fazer esse ou aquele curso, se não havia na cidade e a minha família não tinha condições de me manter na capital, ou até mesmo em outra cidade, para dar prosseguimento aos estudos? A única certeza é que meu maior interesse era na área das ciências biológicas, mas, naquele momento, isso não seria fator determinante para nada.

Certo dia, ao caminhar pelo centro da cidade com minha mãe, recebemos um panfleto divulgando a abertura de uma faculdade na cidade vizinha, que ofertaria dois cursos: Ciências Contábeis e Administração. A cidade era Icó, separada de Iguatu apenas por cinquenta e poucos quilômetros. Aí estava a luz no fim do túnel. A menina recém-saída do Ensino Médio poderia, sim, sonhar com uma graduação. Naquele momento, meus olhos brilharam, diante da possibilidade de cursar Administração e recebi total apoio de meus pais, que mais uma vez fariam todo o esforço necessário para pagar as despesas com mensalidades e deslocamento diário para a cidade vizinha. Nesse momento, a situação financeira da nossa família encontrava-se um pouco melhor, mas não o suficiente para manter meus gastos com moradia em outra cidade.

Poucos dias depois, eu estava em Icó, prestando vestibular na Faculdade Vale do Salgado, onde seria aprovada, em segundo lugar, para o curso de Administração.

Foram quatro anos de muito aprendizado, tanto acadêmico como pessoal. Aquela menina sonhadora e sempre protegida pelas “asas” dos pais, estava entrando na vida adulta e precisou aprender a resolver suas coisas sozinha, em outra cidade. Os deslocamentos eram diários, em transportes locados com outros colegas de Iguatu, que também estavam estudando naquela cidade. Ali também se formaram muitos vínculos, mantidos até hoje; amizades fortes e vínculos de irmandade, que pretendo continuar levando comigo.

A partir do quarto período do curso, tive o privilégio de ser aprovada em seleção para estágio remunerado na Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT) – Agência Iguatu. A bolsa recebida me permitiu comprar parcelado o primeiro computador com impressora, um sonho de criança que nunca pôde ser realizado por meus pais. Agora, eu poderia fazer os trabalhos da faculdade em casa e imprimir sem necessidade de ir a uma *lan house*. Tenho a satisfação de dizer que minha primeira experiência profissional foi riquíssima, pois, além de cumprir a carga horária do estágio curricular, pude descobrir o meu forte desejo de atuar no serviço público. Aquele momento foi decisivo para a minha carreira profissional. A primeira certeza da minha vida: Eu seria servidora pública.

Minha atuação na Agência dos Correios de Iguatu foi muito abrangente, pois incluiu diferentes áreas, como a financeira, onde conferia diariamente a movimentação dos caixas de 14 agências que faziam parte da Regional de Iguatu; depois, foi me passada a responsabilidade de cuidar do serviço médico próprio dos Correios, atividade semelhante às autorizações realizadas por funcionários dos planos de saúde comerciais, também de abrangência regional (funcionários e dependentes das agências em 14 cidades). Além do atendimento do plano médico, fui designada para atuar com o público externo, no pré-atendimento, em vendas de produtos e entrega de correspondências e encomendas de assinantes de caixa postal.

O leitor pode estar achando cansativo tantos detalhes do que pode ser chamado por alguns de “simples estágio”, mas, para a minha vida

profissional, teve muita relevância pois ali comecei a construir a profissional que sou hoje. Posso falar com orgulho que, à medida que a gerência e demais departamentos daquela instituição observavam o meu comprometimento, responsabilidade e dedicação, passavam tarefas cada vez mais complexas e semelhantes à de funcionários contratados mediante concurso público. Tudo isso me revelou o desejo e a vocação de ser servidora pública, no sentido mais bonito e profundo desse termo. Também fortaleceu a minha autoconfiança e me impulsionou a sonhar que um dia poderia voltar para trabalhar ali como uma funcionária devidamente aprovada em concurso público.

Quando iniciei o trabalho de atendimento ao público externo, senti enorme necessidade de verificar a qualidade do serviço prestado, de forma geral, pela agência. Por me sentir parte daquela instituição, mesmo que temporariamente, gostaria de deixar a minha contribuição para a melhoria do atendimento. Assim, usei a minha monografia para fazer um estudo sobre a satisfação dos clientes da Agência dos Correios em Iguatu/CE; apliquei questionários e apresentei o resultado desse estudo à gestão da agência, que teve oportunidade de analisar e utilizar os apontamentos para melhorar a qualidade dos serviços prestados.

Apresentei a monografia como requisito para obtenção do título de Bacharel em Administração e obtive nota 9,7. Minha satisfação, além da obtenção do título, foi sentir que pude contribuir para a ECT não só com o meu serviço prestado da melhor forma possível, mas também com o estudo que realizei e foi utilizado para a melhoria da qualidade dos serviços.

Concluí com êxito a graduação e o estágio e tinha o mundo todo pela frente, só não sabia bem por onde começar...

Passadas as festividades de colação de grau e baile de formatura, a menina sonhadora, que já era adulta, teria que buscar meios para se sustentar e ajudar a família, pois todas as economias haviam sido usadas com as despesas da faculdade. Sem saber muito por onde começar, certo dia, ouvi um conselho da minha mãe e procurei o Sistema Nacional de Emprego/Instituto de Desenvolvimento do Trabalho (Sine/IDT). Naquela

mesma tarde, fui chamada para uma entrevista de emprego e participei, durante uma semana, de seleção para ocupar vaga de vendedora numa empresa de telefonia. Ao fim do processo, fui selecionada para a vaga, e, após um mês de ingresso na empresa, o proprietário me apresentou a oferta de ocupar o cargo de gerente, que, de pronto, aceitei.

Aquela foi a minha única experiência em empresa privada, pois continuava ardendo no íntimo o desejo de entrar para o serviço público. Mesmo com longas jornadas de trabalho, comecei a me informar sobre concursos públicos e me preparar para quando surgisse uma oportunidade. Passei pouco mais de um ano naquela empresa, onde fui muito bem recebida e me concedida a oportunidade do primeiro emprego, o que, para muitos jovens, não é nada fácil conseguir.

Após um ano, foram abertas vagas para agente de Pesquisas e Mapeamento na Agência Iguatu da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por meio de processo seletivo. Fui aprovada e deixei a função de gerente na empresa de telefonia para assumir esse cargo, mesmo temporário. Sabia que estava indo em busca dos meus objetivos e para isso teria que assumir riscos e continuar estudando.

As atividades desenvolvidas naquela instituição me proporcionaram ainda mais crescimento pessoal. Constantemente, precisava viajar para treinamentos sobre as pesquisas que aplicava, bem como visitava mensalmente várias cidades do interior do Ceará, realizando coleta de dados nos mais variados meios: comércios; indústrias; cartórios de registro civil; prefeituras; secretarias municipais; fóruns; e residências rurais e urbanas.

O aprendizado maior, que carrego até hoje, foi no âmbito social, principalmente ao participar da coleta de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), que teve como objetivo apresentar as características gerais da população; de educação; trabalho; rendimento; habitação; e outras. Tive oportunidade de visitar centenas de domicílios e observar de perto a realidade de tantas famílias carentes em praticamente todos os aspectos abordados pela pesquisa.

E o sonho da menina tornou-se real

A única forma de chegar ao impossível é acreditar que é possível.

(CARROLL, Lewis, 2014)

A nova rotina de trabalho me proporcionou uma melhor organização nos estudos, já que a carga horária no IBGE era de 40 horas semanais. Em 2009, saiu edital para concurso do IFCE - *campus* Iguatu, que até pouco tempo era denominado Escola Agrotécnica Federal de Iguatu (até hoje chamada por muitos de “Escola”), e fui aprovada em segundo lugar para o cargo de assistente em administração, o qual assumi naquele mesmo ano.

Por mais que eu tente, não conseguirei descrever o que essa conquista significou e significa, após mais de 10 anos, para mim e para minha família. Aquela menina sonhadora, a quem os pais dedicaram todos os seu recursos, finalmente, tinha realizado o seu sonho de tornar-se servidora pública. Significava muito mais do que a segurança da estabilidade, importantíssimo fator, dada a situação financeira da minha família, mas era a confirmação de que posso realizar aquilo a que me proponho fazer com dedicação e esforço, por mais que seja um objetivo aparentemente distante e inalcançável.

Particpei com orgulho de todas as solenidades de posse e acolhimento no *campus* Iguatu, onde fui muito bem recebida e que passou a ser a minha segunda casa. Conheci as duas unidades que o compõem, Unidade I – Areias, na cidade, e a Unidade II – Cajazeiras, com seus 200 hectares e estrutura de fazenda, onde eram e ainda são ofertadas as aulas práticas de agropecuária e agroindústria, com seus mais de 200 servidores e mais de mil alunos. Ali me senti acolhida e realizada; finalmente tinha alcançado o meu objetivo de ser servidora pública. A menina sonhadora agora estava encantada com tudo o que via e que faria parte do seu cotidiano, dali em diante.

Para a minha surpresa e alegria, na primeira semana de trabalho no IFCE, recebi convocação da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

para assumir cargo efetivo, pois também fora aprovada mediante concurso público. Mais uma conquista de grande valor para mim, pois aquela casa, que me recebeu tão bem, me confiou responsabilidades que foram a base do meu aprendizado profissional, estava me chamando de volta, agora como funcionária efetiva. O que eu tanto havia sonhado, durante os dois anos de estágio e até poucos meses antes, havia se materializado nas minhas mãos em forma de telegrama. Foi até poético, mas optei por continuar na minha nova casa, o IFCE, onde já me sentia fazendo parte.

Devido à minha formação acadêmica em Administração, fui lotada na Diretoria de Administração do *campus*, onde me encontro até hoje, e desde o meu primeiro dia em exercício, recebi a incumbência de gerir todos os contratos da instituição, mas só a partir de 2014 essa atribuição foi oficializada, ao receber portaria de designação da função de coordenadora de Aquisições e Contratos.

No ano seguinte ao meu ingresso no IFCE, iniciei curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Administração, Finanças e *Marketing*, na Faculdade Leão Sampaio, o que me permitiu aprofundar os conhecimentos obtidos na graduação, sempre trazendo esse aprendizado para a vida profissional.

Agarrei todas as oportunidades de realizar cursos em minha área de atuação, ofertados pelo próprio IFCE e por outras instituições, de modos presencial e a distância. Foram inúmeros eventos promovidos pela Reitoria do IFCE em que estive presente, como os fóruns de Administração e cursos *in company*. Também participei da organização de um encontro de Administração promovido pela Diretoria de Administração do *campus* Iguatu, onde também atuei como palestrante. Tive o prazer de participar de quatro edições da Semana de Administração Orçamentária, Financeira e de Contratações Públicas, promovida pela Escola Nacional de Administração Pública (Enap), nas cidades de Belém/PA, Salvador/BA, Brasília/DF e Natal/RN.

O evento é voltado para servidores públicos federais das áreas financeira, de administração e planejamento. O evento é de extrema

importância para o aprendizado e a atualização de acordo com a legislação brasileira, além de apresentar estudos de caso e a troca de experiência com outros servidores, em todo o âmbito da administração pública federal. Cada evento desse foi um universo de aprendizado sobre todos os temas que envolviam a minha participação na gestão do *campus*, e também me dava a oportunidade de conhecer servidores civis e militares de diversos órgãos do país inteiro. A cada ano, sentia que a minha bagagem de conhecimento aumentava e a minha segurança no desempenho das funções à frente da Coordenadoria de Aquisições e Contratos, que requer muita dedicação e esforço.

Até hoje, não passa um mês sequer sem que ocorra uma situação completamente nova e desafiadora; mudanças constantes na legislação, nos sistemas do governo, bem como o surgimento de situações específicas, como o “estado de calamidade pública”, que parecia algo tão remoto e existente apenas na letra da lei, e sem que nunca tivéssemos imaginado, passamos a vivê-lo a partir do ano de 2020. Cada situação nova requer uma análise minuciosa para aplicação na prática daquilo que só vemos nos artigos das leis que regem o universo das licitações e contratos.

No ano de 2014, fui aprovada em processo seletivo interno para ministrar aulas nos cursos do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), gerenciados pelo IFCE - *campus* Iguatu. Os cursos aconteceram nas cidades de Iguatu e Quixelô, nas seguintes modalidades: Formação de sonoplasta; Confeiteiro; Salgadeiro; Operador de beneficiamento de pescado; e Pizzaiolo. As disciplinas que ministrei foram Noções de *marketing* e comercialização de mídia eletrônica; Empreendedorismo e geração de renda, totalizando 120 horas.

Ainda na área da docência, no ano de 2015, tive a oportunidade de ministrar aulas para o terceiro semestre do curso Técnico em Comércio, na disciplina Administração de Empresas, como professora voluntária, a convite da Direção do *campus*, pelo período de um semestre.

A partir daí, senti o desejo de entrar no mundo da pesquisa e produção científica. Trabalhar numa instituição de ensino certamente

contribuiu para que esse interesse surgisse, bem como me deu acesso a cursos, como Inglês Instrumental para fins acadêmicos (150h) e de Produção Científica (60h), ministrados por colegas docentes para servidores do IFCE. No ano de 2015, participei da VII Semana de Iniciação Científica da Faculdade de Juazeiro do Norte, com apresentação de dois pôsteres, com os seguintes títulos: A Capacitação Profissional como Instrumento de Motivação, com Foco no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – *campus* Iguatu e Atuação do Direito do Trabalho na Saúde e Qualidade de Vida de Professores do Ensino Médio. Em 2018, submeti um artigo científico em revista intitulado O Papel do Líder no Serviço Público.

Em 2019 fui convidada para exercer cargo de direção como diretora de Administração substituta, mais um desafio que aceitei prontamente. Tal convite foi também feito pela atual gestão, então, continuo com essa atribuição nas ausências do meu chefe imediato.

Assim, passei a participar ativamente na gestão de um grande *campus*, especialmente agora que se tornou a Unidade Polo de uma das Centrais de Compras do IFCE. Antes, o IFCE contava com 35 Unidades de Administração de Serviços Gerais (UASGs) e, com a criação das Centrais de Compras, passou a ter apenas nove unidades responsáveis por gerenciar os processos de aquisição institucionais, agrupadas por critérios, como localização geográfica e afinidades por áreas de cursos ofertados, entre outros.

As centrais de compras são responsáveis pela proposição, o desenvolvimento e a implementação de procedimentos para aquisição, contratação, alienação e gestão centralizadas de bens e serviços do IFCE (e demais entidades federais), conforme dispõe o Decreto 9.745/2009.

Em todas minhas experiências profissionais, esforcei-me para dar o melhor e contribuir para o crescimento da instituição da qual fazia parte, por isso, sempre procurei capacitar-me e relacionar os estudos à minha realidade profissional.

Acredito que este seja o momento oportuno, para fazer isso de forma ainda mais relevante, especialmente porque esse programa de Mestrado é do IFCE, mais um privilégio que detenho por fazer parte dessa instituição.

Entre sonhos e pesadelos: nova realidade da menina diante de uma pandemia

Entenda os seus medos, mas jamais permita
que eles sufoquem os seus sonhos.
(CARROLL, Lewis, 2014)

O ProfEPT surgiu como uma oportunidade, no final de 2019, pois há alguns anos já pensava em dar continuidade aos estudos, em um programa de pós-graduação *stricto sensu*, que fosse de área ligada à Educação ou Ensino. Contudo, esse sonho foi interrompido devido às restrições impostas pela pandemia do covid-19. Essa era a primeira edição do ProfEPT à qual me candidatei, pois, quando o programa surgiu, eu estava grávida e nas edições seguintes meu filho ainda era muito pequeno, de forma que não queria me ausentar física e emocionalmente dos cuidados maternos.

Nesse contexto, o trabalho do IFCE passou a ser de modalidade remota, o que possibilitou a flexibilidade de adaptar horários de estudo e trabalho. Assim, como a seleção para o ProfEPT estava temporariamente suspensa, decidi cursar uma segunda graduação. O curso escolhido foi Nutrição, na Universidade Maurício de Nassau, modalidade semipresencial (mas estava totalmente remota, devido à pandemia). A opção por esse curso ocorreu devido a antiga afinidade com as Ciências Biológicas e interesse na área de Nutrição e Saúde (temas que sempre gostei de pesquisar).

A pandemia também apresentou alterações em aspectos pessoais, como mudanças de rotina; medo; insegurança; isolamento social; adaptação ao trabalho remoto com uma criança de 2 anos brincando pela casa. Com isso, as dificuldades de concentração e aprendizado ganharam proporções bem maiores das percebidas na infância e adolescência. A menina sonhadora já não tinha tanta facilidade de aprendizado e memorização,

de quando estudava sozinha, às vésperas das provas, talvez devido ao acúmulo de preocupações, responsabilidades e funções de dona de casa, mãe, servidora pública e estudante. Senti, então, a necessidade de procurar ajuda médica e, nesse momento, obtive o diagnóstico de TDAH, que agora está sendo tratado adequadamente.

Nesse ínterim, em janeiro de 2021, o edital do ProfEPT foi alterado, mudando a forma e o cronograma do processo seletivo. Por isso, decidi participar da seleção, enviando os documentos necessários e obtive êxito no certame. Como não teria disponibilidade de tempo suficiente para participar do mestrado e da graduação em Nutrição, resolvi trancar a matrícula da graduação no segundo semestre.

Diante do atual cenário pandêmico mundial em que eu e minha instituição de ensino precisamos nos adaptar de forma abrupta e inesperada, sem um planejamento prévio adequado, encontramos muitos desafios tanto na área administrativa, e principalmente, no ensino. Devido ao grande impacto sofrido na instituição, no processo de trabalho, de ensino e aprendizagem e vida pessoal de técnicos administrativos, docentes e alunos, surgiu o meu interesse em responder ao seguinte problema acadêmico: Quais os desafios e perspectivas dos ensinos profissional e tecnológico diante da pandemia de covid-19?

Para atingir o objetivo da dissertação, será realizada uma pesquisa para descrever as características desse fenômeno que é global e local. Para tanto, pretendo utilizar pesquisas bibliográfica e de campo, por meio de entrevistas para captar as explicações e interpretações do fenômeno em análise. As entrevistas serão realizadas com os gestores do campus, bem como docentes e discentes, observando a perspectiva da situação de cada um deles.

Por fazer parte da gestão do campus, é intenso o meu anseio em contribuir e aproximar as áreas de administração e ensino, pois acredito que só assim será possível fazer uma gestão eficiente e voltada para a melhoria da atividade-fim da instituição e de sua visão, que é “Tornar-se padrão de excelência no ensino, pesquisa e extensão na área de Ciência e Tecnologia”.

Desta forma, prezo muito a honra e o privilégio de ingresso no ProffEPT, tendo a oportunidade de aprender, crescer e contribuir para a melhoria da instituição da qual faço parte e que faz parte da minha vida. O meu intuito é tornar-me cada vez uma profissional melhor e relevante para o crescimento da instituição, por isso estou determinada a me dedicar à pesquisa dentro da minha área de atuação, sempre voltando os objetivos dessa pesquisa para o ensino.

Aprendendo a ser: memórias do alicerce e da construção formativa

Michele Gomes Alves⁶

Introdução

Este memorial traz uma narrativa de momentos pontuais e importantes que contribuíram significativamente para a construção da minha formação pessoal, acadêmica e profissional. As experiências aqui narradas formam uma coletânea de situações que teceram os retalhos que constituem o meu desenvolvimento. A intenção é que a escrita deste memorial traduza a orientação a ser seguida na condução do Mestrado no ProfEPT-IFCE.

Compreendo o processo de escrita do memorial como rememorar, ou reviver memórias, e se autobiografar nos detalhes que suscitam ou suscitaram atenção. Esse movimento é essencialmente formativo, no tocante aos aspectos que propiciam uma reflexão e tomada de consciência sobre os roteiros que constituem a escrita da minha vida em formação.

Segundo Souza (2007, p. 67): “Narrar é enunciar uma experiência particular refletida sobre a qual construímos um sentido e damos um significado. Garimpamos em nossa memória, consciente ou inconscientemente, aquilo que deve ser dito e o que deve ser calado”. Nesse viés, este é um trabalho minucioso, em que predominam certas nostalgia e cautela em muitos aspectos mencionados. Todos os cuidados são importantes, quando nos referimos às lembranças que podem desencadear ou, até mesmo, disparar gatilhos emocionais adormecidos. Assim, é possível compreender a dificuldade das pessoas em narrar suas próprias experiências.

Nessa perspectiva, destaco a importância de se autobiografar e da prática reflexiva sobre si mesmo. Desta forma, nos propomos a visitar,

⁶ Mestranda do ProfEPT – IFCE. Professora da Rede Estadual de Educação do Ceará (Seduc/CE). michelega16@gmail.com

através da memória, situações pessoais vividas que podem contribuir para a condução de vivências atuais, pois,

[...] Ao longo de seu percurso pessoal, consciente de suas idiossincrasias, o indivíduo constrói sua identidade pessoal mobilizando referentes que estão no coletivo. Mas, ao manipular esses referentes de forma pessoal e única, constrói subjetividades, também únicas. (SOUZA, 2007, p. 65).

Assim, me proponho a manipular meu relatório de vivências pessoais através deste memorial, iniciando pela apresentação de quem sou: Michele Gomes Alves, nascida em 16 de julho de 1984. Sou a primeira, de um total de três filhos, e tenho uma família constituída de esposo e uma filha de 4 anos de idade. Sou natural de Brasília/DF, no entanto, aos 3 anos de idade, fui morar em Ararendá/CE, onde permaneci até 2007, ano em que fui morar na cidade de Sobral/ CE. Residi em Sobral de 2007 a 2017, quando voltei à cidade de Ararendá e desde então, resido nessa cidade, onde trabalho como professora da rede estadual de educação e, desde 2018, exerço a função de coordenadora escolar.

Venho de uma família predominantemente agricultora. Meu pai sempre desenvolveu atividades agrícolas, até seu falecimento, em 1993. Minha mãe, que esteve sempre envolvida com as funções do lar, teve que trabalhar como doméstica, para ajudar no sustento da família, quando meu pai faleceu. Atualmente está aposentada. Passamos por momentos financeiramente difíceis, mas o estudo, a boa condução e o acompanhamento dos meus pais foram fundamentais para superarmos as dificuldades.

Uma das memórias mais vivas da minha infância/adolescência é a presença do meu pai. Sempre incentivador dos meus estudos, comemorava cada resultado comigo (impossível segurar as lágrimas). Seu cuidado e zelo eram maravilhosos, sofri muito, com sua partida deste plano, aos meus 9 anos de idade. Filha mais velha da segunda constituição familiar do meu pai, tive sempre comigo uma carga de responsabilidade e preocupação para além da minha idade. Isso ocorreu em parte pela partida de meu pai e por perceber inicialmente a fragilidade e o sofrimento da minha mãe.

No entanto, juntos, conseguimos superar as dificuldades e hoje tenho certeza de que meu pai teria muito orgulho dos seus filhos e de tudo o que conseguimos conquistar. A força da união familiar sempre esteve muito presente na minha constituição como sujeito. Apesar de ter ficado algum tempo mais afastada, para estudar em Sobral, estivemos sempre muito presentes na vida um do outro e isso é fortalecedor. Esse aspecto é determinante na trajetória de vida que construí até este momento.

O apreço do meu pai aos estudos; a força de vontade e a fé da minha mãe; ambos sem muito estudo, foram decisivos para o meu crescimento acadêmico. Assim, a importância da educação sempre esteve presente na minha vida. Esse pensamento me fez cultivar a pretensão de aprimoramento constante, assim, fui aprovada na seleção do mestrado ProfEPT e pretendo, com os conhecimentos adquiridos nesse processo formativo, contribuir de forma significativa para a sociedade.

Desde a educação básica, tive afinidade com os conteúdos das Ciências Humanas e, talvez, essa afeição tenha me levado a cursar a graduação em Filosofia. Pretendo prosseguir nessa linha, no ProfEPT, ao observar a necessidade de fortalecer o argumento sobre a relevância das Ciências Humanas no currículo escolar. Tal intenção ainda será amadurecida com o professor orientador. Destaco, também, a minha relação e o interesse pela docência, que se fortaleceu a partir da participação e do engajamento no Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Ensino de Filosofia (Gepefil), e no Programa de Iniciação à Docência (Pibid), no curso de Filosofia. Esses acontecimentos me fizeram perceber que, com a docência, eu poderia contribuir com o futuro dos jovens e, conseqüente, com o contexto no qual vivo.

Trajetórias acadêmica e profissional

Em referência à minha trajetória acadêmica e profissional, destaco a minha Graduação em Filosofia (2007 a 2010) na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) *campus* Sobral. Essa experiência foi determinante na minha vida acadêmica, até a forma como eu escrevo é característica dessa graduação. As muitas recordações são boas e outras difíceis, mas,

em suma, tive excelentes professores, amigos para a vida, e um aprendizado grandioso. Durante a graduação, pude aperfeiçoar meus conhecimentos em Filosofia, estudar e entender melhor sobre a docência.

Conforme Delory-Momberger (2008, p. 30): "A história do indivíduo é também, em grande parte, aquela de suas aprendizagens e de sua relação biográfica com o saber e o aprender". Nessa perspectiva, destaco o filósofo francês Jean-Jacques Rousseau como minha principal referência teórica durante a graduação em Filosofia. Todos os eventos científicos de que participei durante minha evolução no curso e os trabalhos apresentados versaram sobre os escritos de Rousseau, principalmente relacionados à Educação e à política, nos livros *Emílio, ou da educação* e *O contrato social*, na tentativa de verificar possíveis contribuições para as discussões e problemáticas atuais.

Durante o curso, tive a oportunidade de participar do Gepofil, e também no Pibid, fatos que considero primordiais para o meu enriquecimento na docência, pois me colocaram diante de situações desconhecidas e me fizeram refletir sobre minha posição no mundo.

No decorrer da graduação, atuei durante algum tempo como bolsista do Programa Bolsa Universidade (PBU), como colaboradora, nos setores administrativos da UVA, principalmente no Centro de Ciências Humanas (CCH). A bolsa de estudos contribuiu financeiramente para as despesas, durante o período da graduação. Vale ressaltar que essa experiência me proporcionou uma aprendizagem significativa sobre diversas questões burocráticas e de interação com as tecnologias.

No meu último ano de graduação, surgiu a oportunidade de concorrer a uma bolsa no Pibid, em que fui selecionada e fiz parte durante apenas quatro meses, tempo suficiente para compreender a importância do projeto na minha formação e na formação de todos os que tomaram e tomam parte desse programa. Considero o Pibid um instrumento de formação docente que oportuniza aos discentes dos cursos de licenciatura o enriquecimento de seus currículos, com a participação em projetos de pesquisa. Ao se envolver e experienciar a atuação profissional no ambiente escolar, obtêm a garantia de melhoria na qualificação da educação básica

da rede pública de ensino, por meio da formação inicial de professores. Ainda sobre o Pibid, o Decreto 7.219, de 24 de junho de 2010, destaca os objetivos da criação do programa, descritos no artigo 3º, e que endossam os meus argumentos expostos:

- I - Incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica;
- II - Contribuir para a valorização do magistério;
- III - Elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica;
- IV - Inserir os licenciandos no de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem;
- V - Incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus como co-formadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; e
- VI - Contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura.

Considero que esses objetivos são contemplados, na prática, a partir das minhas observações nas experiências com o Pibid, repercutindo nas ações que contribuíram diretamente com a minha formação docente. O tempo vivido na cidade de Sobral foi, em boa parte, dedicado ao estudo e trabalho. Em 2009, fiz o concurso para professor da rede estadual, no qual fui aprovada na disciplina de Filosofia e assumi minhas primeiras turmas em outubro de 2010. Como toda nova experiência, tive muitos medos, às vezes até vontade de desistir, para seguir outros caminhos. No entanto, minha família e os novos colegas de trabalho me ajudaram a superar as dificuldades. Conforme Tardif e Lessard (2005, p. 35):

A docência é um trabalho cujo objeto não é constituído de matéria inerte ou símbolos, mas de relações humanas com pessoas capazes de iniciativa e dotadas de uma certa capacidade de resistir ou de participar da ação dos professores.

Nesse contexto escolar, os comportamentos são diversos; as turmas, heterogêneas; as estratégias, necessariamente, tendem à multiplicidade; e os índices de participação e resistência às contribuições dos docentes também diferem em cada turma e cada aluno. Todo esse quadro é problemático e desafiador e me impulsionou ao envolvimento e engajamento com a docência, vislumbrando possibilidades de contribuir com os jovens e a sociedade. Nesse sentido, sempre fui adepta ao diálogo, à escuta e aberta a colaborações; fatores que considero significativos para a docência.

Trabalhei de 2010 a 2017 (nesse intervalo, passei por dois anos de afastamento) na escola regular de Ensino Fundamental e Médio Ministro Jarbas Passarinho, que atualmente se tornou o Colégio da Polícia Militar do Ceará Ministro Jarbas Passarinho. Essa escola era minha segunda casa, em Sobral, apesar de todas as intempéries vividas e presenciadas. Foi o local onde aprendi muito sobre o fazer pedagógico e ser resiliente para que, independentemente da circunstância, eu me mantivesse firme. Tínhamos muitos alunos bons, disciplinados, atenciosos e com excelente desempenho. No entanto, tínhamos que trabalhar constantemente com a indisciplina em alto grau; falta de interesse; falta de perspectiva de futuro; violência; agressividade; drogas; dentre outras problemáticas.

Conheci essa escola ainda na graduação, quando realizei os estágios obrigatórios da licenciatura em Filosofia. A visão de graduanda crítica foi bem diferente da que obtive depois, na inversão dos papéis, quando recebi meus primeiros estagiários em minhas aulas de Filosofia. Um fato importante observado nesse início de carreira docente foi a descrença na disciplina de Filosofia.

Certa vez, nos preparativos para a realização do Conselho de Turma, escutei o seguinte, da coordenadora: “Não precisa da participação da professora de Filosofia, ela só passa uma aula, na turma, nem conhece os

alunos”. Não era para eu ter conhecimento dessa colocação, mas a escutei e fiz questão de participar e mostrar o contrário. Na verdade, conhecia mais os meus alunos do que os professores de Língua Portuguesa e Matemática, que estavam na turma por mais tempo. Desde então, a professora de Filosofia (Eu) sempre era convocada para os Conselhos de Turma.

Apesar da pouca, ou nenhuma, experiência docente, sempre estudo e me organizo de forma a transmitir o que é necessário, atendendo às necessidades da disciplina e, principalmente, da formação dos meus alunos. Considero que essa vivência educativa tem fundamentação humana, pois está envolvida no desenvolvimento da capacidade crítica e autônoma, dos alunos, de estruturar suas próprias convicções sobre o que é explorado em sala de aula, bem como acerca das problemáticas que permeiam a vida em sociedade e é nessa perspectiva que se ajusta a importância da Filosofia em sala de aula.

Contudo, dessa experiência, me restaram vivências, aprendizagens e muitos amigos. Dessa memória escolar inicial, destaco o meu envolvimento nos projetos desenvolvidos pela área de Ciências Humanas na escola, como as semanas do meio ambiente; da inclusão; da consciência negra, dentre outros. A utilização dessa metodologia baseada no trabalho com projetos promovia a participação de todos, de forma interdisciplinar, e fortalecia o processo de aprendizagem. E, mais, essa estratégia estabelecia uma relação prática dos alunos com os conteúdos explorados de forma teórica, em sala de aula, além de promover um diálogo crítico com os fatores sociais e culturais e os saberes extraclasse.

Vale destacar ainda, que, de 2011 a 2017, exerci a função de diretora de Turma. O Projeto Professor Diretor de Turma (PDT), política pública educacional vigente no Ceará, desde 2018, propõe que o professor, independentemente de sua área de formação, realize o acompanhamento detalhado de uma turma. Tal processo é individualizado e beneficia cada aluno, ao atender suas necessidades, além disso, o PDT também promove a mediação entre os alunos e demais segmentos escolares e desenvolve o trabalho com a formação cidadã e as competências socioemocionais.

Considero que o projeto propicia importantes ganhos, quantitativa e qualitativamente, para as Escolas de Ensino Médio no Ceará, pois fortalece os vínculos, a permanência e o sucesso escolar dos alunos.

No ano de 2013, cursei uma pós-graduação – Especialização *Lato Sensu* em Educação Especial com Ênfase Inclusiva; em 2015, uma Especialização em Filosofia da Religião, ambas pela UVA; e ainda em 2015, uma Especialização em Ensino de Filosofia, pela Universidade Federal de São Carlos, na modalidade Educação a Distância (EaD). No ano de 2014, participei da seleção para Mestrado em Filosofia, na Universidade Estadual do Ceará (Uece), e fui aprovada; um motivo de muita alegria, principalmente porque já havia tentado por duas vezes, mas sem sucesso. Nesse mesmo ano, solicitei afastamento das atividades escolares para realizar os estudos no Mestrado.

A experiência foi engrandecedora, pois cursei todas as disciplinas obrigatórias e as optativas concernentes à minha pesquisa e cumpri todas as exigências do programa, exceto a dissertação. Apesar de inúmeras tentativas, infelizmente, tive problemas pessoais que me impossibilitaram de concluir. Passei por um processo de separação e quebra de vínculos afetivos, que me afetaram psicologicamente e não tive concentração suficiente para prosseguir.

Esse acontecimento me afetou e afeta de inúmeras maneiras. Sei que tinha todos os meios para concluir, mas não fui forte o suficiente. Albert Einstein afirma que o único lugar em que o sucesso vem antes do trabalho é no dicionário e, na minha vida, tudo foi conquistado com muito esforço, dedicação e responsabilidade. Saber e reconhecer que falhei, quando precisava ter continuado, é muito doloroso. No entanto, a formação proporcionada pelo tempo de estudo no Mestrado em Filosofia é de minha posse e contribuiu significativamente para minha aprovação no ProfEPT. Nesse caso, apesar do erro e da falha cometida, considero a experiência muito valiosa. Assevero que:

Admitidamente, todos nos esforçamos por evitar erros; e deveríamos ficar tristes ao cometer um engano. Todavia,

evitar erros é um ideal pobre; se não ousarmos atacar problemas tão difíceis que o erro seja quase inevitável, então não haverá crescimento do conhecimento. De fato, é com as nossas teorias mais ousadas, inclusive as que são errôneas, que mais aprendemos. Ninguém está isento de cometer enganos; a grande coisa é aprender com eles. (KARL POPPER *apud* AQUINO, 1997, p.13).

Compreendo que é preciso seguir adiante e aprender com cada situação experienciada. Somos a reunião de todo o repertório que vamos construindo durante a vida: as experiências; vivências; os erros; acertos; conselhos recebidos; as sugestões; críticas construtivas; os filmes assistidos; livros lidos; as músicas ouvidas; tudo o que tocamos e o que sentimos. Como diz a canção composta por Montgomery Ferreira Nunis; Arlindo Domingos da Cruz Filho; e Luiz Carlos Baptista, “Mas iremos achar o tom/ Um acorde com lindo som/ E fazer com que fique bom/ Outra vez o nosso cantar/ E a gente vai ser feliz/ Olha nós outra vez no ar/ O *show* tem que continuar”.

Dando continuidade, retornei às atividades escolares, em abril de 2016, na Escola Regular de Ensino Fundamental e Médio Ministro Jarbas Passarinho. Roram momentos complexos. Sempre estive muito atenta à minha formação continuada, participando de cursos de aperfeiçoamento e especialização, com o intuito de atender às demandas acadêmicas e profissionais. No entanto, nos anos de 2016 e 2017, afastei-me desse processo de aperfeiçoamento, só retomado no final de 2017.

Em 2017, solicitei a remoção da cidade de Sobral para Ararendá e o pedido, após o processo necessário, foi aceito. Em agosto do mesmo ano, foi efetivada minha lotação em sala de aula no Liceu de Ararendá José Wilson Veras Mourão, para trabalhar com turmas de 1º, 2º, 3º anos e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ambiente agradável e familiar, com colegas que foram meus professores no Ensino Médio e com a Direção e Coordenação Escolar exercidas por professores residentes em outra cidade. Minhas atividades foram organizadas segundo os critérios e a conveniência do grupo gestor.

A lotação de 40h, somente na disciplina de Filosofia, é decisão bem complicada de ser mantida em uma única escola. Como essa disciplina compreende apenas 1h/a semanal, em cada turma, é difícil manter a lotação em apenas uma escola. Dessa forma, minha lotação foi feita com todas as disciplinas de Ciências Humanas, a saber: Filosofia; Sociologia; História; Geografia; e Ciência Humanas, na turma da EJA. Tive que aceitar o desafio e o fiz da melhor forma possível, ou seja, estudando e me preparando para ministrar as aulas, a ponto de receber elogios dos alunos pelas aulas de História.

Ainda em 2017, foi lançado um edital de seleção para compor um Banco de Gestores do Estado do Ceará. Participei com a intenção de contribuir, caso fosse necessário, e fui aprovada. Depois de todo o processo de eleição realizado na escola, fui convidada pelo Diretor eleito a integrar a equipe gestora. Aceitei mais esse desafio, assentando as minhas intenções na disponibilidade de mudança, como pontua Paulo Freire (1996, p. 39-40):

Quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser, de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me [...]. Não é possível a assunção que o sujeito faz de si numa certa forma de estar sendo sem a disponibilidade para mudar. Para mudar e de cujo processo se faz necessariamente sujeito também.

Foi assim que assumi a função de coordenadora escolar no Liceu de Ararendá José Wilson Veras Mourão. Na perspectiva da Coordenação Pedagógica, baseio-me na premissa que defende essa função como articuladora, enquanto aquela que reúne e congrega as diversas instâncias na finalidade de fornecer acompanhamento, assistência, sugerindo e apoiando novas práticas pedagógicas. Em suma, é um membro atuante no trabalho educativo escolar que busca auxiliar a prática pedagógica dos docentes. Piletti (*apud* LIMA; SANTOS, 2007, p. 79) apresenta resumidamente algumas atribuições, dentre outras, do coordenador pedagógico, e considero que fortalecem o argumento antes exposto:

- a) Acompanhar o professor em suas atividades de planejamento, docência e avaliação;
- b) Fornecer subsídios que permitam aos professores atualizarem-se e aperfeiçoarem constantemente em relação ao exercício profissional;
- c) Promover reuniões, discussões e debates com a população escolar e a comunidade no sentido de melhorar sempre mais o processo educativo;
- d) Estimular os professores a desenvolverem com entusiasmo suas atividades, procurando auxiliá-los na prevenção e na solução dos problemas que surgem.

Em linhas gerais, é dessa forma que conduzo os meus trabalhos de coordenadora escolar. Nesse contexto, é importante destacar que o projeto político-pedagógico do Liceu de Ararendá baseia-se na utilização das metodologias ativas; nas competências socioemocionais; e mantém a ênfase no trabalho individualizado e diferenciado. Essa é a única escola de Ensino Médio, na cidade de Ararendá, com turmas de 1^a, 2^a, 3^a anos e EJA. Dessas, seis turmas estão no turno da manhã; oito turmas no turno da tarde; e duas turmas no noturno. Atualmente com a matrícula de 657 alunos, temos conseguido atingir as metas traçadas no início de cada ano letivo, e alcançado bons resultados no desempenho dos estudantes.

Desde março de 2020, estamos trabalhando com a dinâmica do Ensino Remoto devido à situação pandêmica ocasionada pelo novo coronavírus (covid-19). Esse fazer pedagógico remotamente é complexo e demanda longo tempo de acompanhamento. Busco desenvolver os trabalhos, nesse contexto de dificuldades econômicas, sociais e psicológicas, com muita sensibilidade e leveza.

Entendo que, para além das questões epistemológicas e cognitivas desenvolvidas nas aulas virtuais, é preciso ter atenção no acolhimento; na busca ativa; no fortalecimento de vínculos e na escuta ativa, tanto com os professores quanto com os alunos. Esse contexto evidenciou uma desigualdade que já sabíamos existir, mas que era suprida, em certa medida,

no contato e nas aulas presenciais. E, assim, seguimos ressignificando a nossa prática docente, na intenção de manter e facilitar o processo de aprendizagem dos alunos.

No início de 2020, inscrevi-me na seleção do ProfEPT – IFCE, na parte de ampla concorrência. O Exame Nacional de Acesso estava previsto para acontecer em 17 de maio de 2020, assim, fiz a leitura do material indicado para estudo, que versava sobre as Bases Conceituais e Históricas da Educação Profissional e Tecnológica; sobre Metodologias de Pesquisa; e sobre Teorias e Práticas de Ensino e Aprendizagem.

No entanto, com a pandemia do novo coronavírus (Covid-19) e as restrições para evitar a contaminação, não foi possível acontecer. Os candidatos eram informados do adiamento do exame sempre no décimo segundo dia de cada mês, e todos os *e-mails* apresentavam uma reflexão sobre a análise do momento e as possibilidades para a realização do exame.

Assim, seguindo todas as recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS), bem como as orientações do Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Conif) e do Comitê Gestor do –ProfEPT, o edital foi retificado em 26 de janeiro de 2021. Conforme suas atribuições e considerando o que dispõe no seu regulamento, especificamente a alteração no artigo 1º, § 3º, apresenta a possibilidade de serem adotados outros critérios de seleção dos candidatos, enquanto perdurar a situação de risco de contágio pelo covid-19. Dessa forma, os candidatos inscritos no Edital 01/2020 foram convocados para o novo modelo de avaliação Histórico Profissional e Acadêmico.

Neste contexto de tantas incertezas, o ProfEPT seria uma especial oportunidade de crescimento intelectual e profissional. Comecei a estudar o edital e verificar os critérios para comprovação do Histórico Profissional e Acadêmico. Com relação ao Histórico Profissional, somei 30 pontos, referentes aos 10 anos como docente da Rede Pública Estadual, comprovada por declaração.

No Histórico Acadêmico, eram três, os itens de pontuação: (1) Produção bibliográfica - pontuei 25 pontos; (2) Produção técnica - pontuei 10 pontos; e (3) Eventos - pontuei 12 pontos, totalizando 82 pontos. Com isso, consegui ser aprovada no processo seletivo do Curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, *campus* Fortaleza.

Essa seleção ocorreu em Rede Nacional e a concorrência no IFCE foi uma das mais acirradas e a pontuação dos candidatos as mais altas; esse fator certamente dificultou a aprovação de muitos. Passamos pelo processo de matrícula, fomos recepcionados e faço parte de uma turma com 24 discentes, que compõem a turma IV do ProfEPT – IFCE. Estamos atualmente cursando algumas disciplinas com aulas síncronas e assíncronas, através do Google Meet e do Google Classroom. As disciplinas são: Metodologia da Pesquisa; Seminário de Pesquisa; e Bases Conceituais em EPT.

Durante as aulas do Mestrado, fomos informados que deveríamos produzir um trabalho de dissertação (bases teóricas) que versasse sobre a EPT, bem como produzirmos um produto educacional (validado e publicado) com esse mesmo direcionamento. Essas colocações despertaram, em mim, muitas dúvidas e questionamentos, sobre como escrever trabalhos desta natureza, se todo o meu contato com o Ensino Médio se deu na modalidade regular?

Essa minha indagação será respondida na medida em que os acontecimentos se sucederem e com o avanço dos estudos. Na disciplina de Seminário de Pesquisa, foi solicitado que escrevêssemos uma lauda apresentando a intenção de pesquisa e a proposta de produto educacional, que foi posteriormente, socializado com os colegas da turma durante aula via Google Meet. Confesso que ainda não tenho uma definição exata quanto ao direcionamento a seguir.

Uma das primeiras observações apontadas pelos professores é que deveríamos filtrar elementos que identifiquem os objetos de estudo da dissertação. Nesse sentido, dentro da minha formação acadêmica e

profissional, destaco o recorte com relação à importância das Ciências Humanas. A partir desse ponto, pretendo construir uma pesquisa sobre a contribuição das Ciências Humanas no currículo das escolas de Ensino Médio, considerando a importância da disciplina na formação do ser humano, a partir das diversas dimensões que perpassam esses estudos.

Destaco que a formação humana envolve não apenas as competências técnicas e profissionais, mas também as dimensões relacionadas ao pensamento; à consciência; à criticidade; às relações interpessoais; à função social do trabalho; dentre outros. Pensar sobre essas questões demanda conhecimento das disciplinas da área de Ciências Humanas, a saber: Geografia; História; Sociologia; e Filosofia.

Pretendo reforçar esse argumento, tendo em vista que o contexto atual promove um profundo descarte, desses conhecimentos, do Currículo Escolar. Feitas essas análises deveremos produzir um minicurso; uma oficina; ou uma plataforma digital com viés educativo; em que apresentaremos as discussões desenvolvidas na pesquisa e socializaremos com docentes os resultados do estudo, na intenção de expandir ou, ainda, evidenciar a compreensão sobre como as Ciências Humanas podem contribuir decisivamente na construção de uma formação integral dos discentes.

Conclusão

Como exposto neste trabalho, minha trajetória acadêmica e profissional se delineia a partir do entrelaçamento com as temáticas educacionais. A realização do Mestrado é a concretização de objetivos relacionados ao aprimoramento de conhecimentos no âmbito educacional, com o intuito de reforçar as contribuições no meu ambiente de trabalho. Apesar de atuar em uma escola regular, pretendo que o produto educacional traga a possibilidade de aplicabilidade em diferentes contextos vinculados ao Ensino.

Adotei, para esta escrita, a ordem cronológica de fatos, e alguns não foram mencionados por serem irrelevantes para o objetivo deste memorial formativo. Apresento um recorte de fatos importantes na minha

formação e que contribuíram para as decisões sobre os rumos a seguir, incluindo a pesquisa no ProfEPT. A experiência de escrita deste memorial suscitou-me uma rememoração com reflexão a respeito dos fatos relatados, no sentido de clarear ou, até mesmo, incorporar um novo significado para narrativas e momentos que fazem parte da minha formação.

Nessas breves reflexões, apresento minha intenção de pesquisa, sem, contudo, determiná-la de forma definitiva, mas apenas conjecturar sobre os possíveis caminhos para a construção do trabalho. Entendendo que o fundamento principal desse processo formativo é a contribuição a ser fornecida com os nossos estudos e os produtos educacionais elaborados nesse processo.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memoriais de formação: A (re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação. *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 165-172, maio/ago. 2011.

AQUINO, Julio G. *Erro e fracasso na escola*: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

BENJAMIN, W. Magia, técnica, arte e política. *Obras Escolhidas*, v. 1, 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRASIL. Decreto n.º 7.219, de 24 de junho de 2010. Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. *Diário Oficial da União*, Brasília, 25 jun. 2010.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e educação*: Figuras do indivíduo-projeto. Natal: Editora da UFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia – Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIMA, Paulo Gomes; SANTOS, Sandra Mendes. O coordenador pedagógico na educação básica: Desafios e perspectivas. *Educere et educare*: revista de educação, v. 2, n. 4, jul./dez. 2007, p. 77-90.

FERNANDES, Natal Lânia Roque; LIMA, Patrícia Ribeiro Feitosa. *Narrativas de si*: Memórias de sujeitos em processos formativos. Rio de Janeiro: Pod, 2019.

SOUZA, E. C. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. *In*: NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tania Maria. (orgs.). *Memória e formação de professores*. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 137-156.

TARDIF, Maurice. *Saberes docente e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2005.

A preciosa bagagem na estrada da educação

Rafaella Rodrigues Holanda

Introdução

Este Memorial de Formação resulta de um processo de crescimento profissional e evolução pessoal no qual memórias, de toda uma vida em constante transformação, são revividas. Antes de ser uma ferramenta avaliativa de desenvolvimento acadêmico, é uma bússola que me possibilita olhar para a estrada que ficou para trás, assim como me orienta diante de um lindo horizonte que se desenha no caminho. Com pés no chão, sem perder os passos dados, relembro-me a partir da reflexão de Sócrates⁷: “Só sei que nada sei”.

O gênero desenvolvido, Memorial de Formação, cada vez mais presente nos cursos de formação em licenciaturas e nos cursos de pós-graduação, é gerador de reflexões acerca da construção da identidade profissional docente. Isso porque o memorial nos possibilita, além revisitar caminhos, ressignificar o ser docente. Ao contarmos e recontarmos nossas histórias, novas filosofias de vida pessoal e profissional podem surgir, assim como nossas ideias já consolidadas podem ser ratificadas.

Essa preciosa bagagem invisível está pesada de lembranças e influências de pensadores mundialmente conhecidos, como Paulo Freire; Jean Piaget; e Maria Montessori. No entanto, quem fez primeiramente com que o zíper dessa bagagem fosse aberto não foi nenhuma dos gigantes referidos, foi um simples professor. Simplesmente durante suas aulas, nos anos finais do Ensino Fundamental, ele despertou diversas paixões por palavras, por leitura, por escrita, por Português, por Educação.

⁷Sócrates foi um filósofo ateniense do período clássico da Grécia Antiga. (Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%B3crates>. Acesso em: 22 nov. 2020.)

Esse trabalho tem como objetivo resgatar as memórias de um percurso pessoal, acadêmico, profissional e intelectual. O texto aqui redigido tem por finalidade me apresentar como docente desde a infância até fase atual, de forma que as influências e experiências por mim vivenciadas sejam evidenciadas.

Como um docente-narrador redige seu próprio percurso de vida? Serão as motivações para a docência semelhantes entre os profissionais da área da educação? Existem filósofos, estudiosos que influenciam sobremaneira a “grande” massa de educadores? Essas muitas indagações pretendem ser aqui desveladas e outras tantas pretendem ser levadas a mais reflexões.

A metodologia de memorial de formação autobiográfico tem como característica a narração descritiva de acontecimentos que foram e são relevantes durante a existência do protagonista da narrativa. Conforme Bragança e Maurício (200, p. 263), o memorial é "documento de natureza autobiográfica, onde o narrador retoma sua trajetória de vida, a partir de objetivos previamente definidos".

O memorial, por sua natureza autobiográfica, leva-nos a reflexões sobre situações do passado que estão em nossas memórias ou em registros documentais, e são, assim, objetos de pesquisa. Também possibilita projeções para o futuro, por meio de revisitações de objetivos que, por hora, estavam adormecidos, ou de novos planos, despertados a partir da escrita do memorial.

A redação da narrativa-descritiva de formação é também um verdadeiro processo de autoconhecimento e exposição da interioridade do sujeito e a "situação de construção da narrativa exige uma atividade psicossomática em vários níveis, pois pressupõe a narração de si mesmo, sob o ângulo da sua formação, por meio do recurso a recordações-referências" (JOSSO, 2010a, p. 36).

O memorial é escrito em primeira pessoa, deixando assim absolutamente definido que se trata da história pessoal do sujeito-autor de sua trajetória e de seus autores coadjuvantes. Para Scholze (2008, p. 90), a

narrativa pode ser analisada como "uma prática de reflexão do sujeito consigo mesmo, com o Outro e com o mundo. Nessa perspectiva, o sujeito está situado e é constituído pelos discursos que o atravessam".

Minhas lembranças

Nasci em 18 de abril de 1985, na cidade de Fortaleza, estado do Ceará, e fui batizada com o nome de Rafaella Rodrigues Holanda. Pertencço a uma pequena família, de origem simples, e sou a segunda filha do casal Rosa e Edinaldo. Tenho dois irmãos, com os quais mantenho uma relação fraternal e amiga; minha irmã mais velha, chamada Rosynard, e um irmão mais novo, de nome Edinaldo Filho.

Vivi a minha infância em um bairro periférico da capital, onde fui muito feliz. Conhecia quase todos os moradores daquela rua tranquila, pois, às vezes, eu e meus irmãos íamos brincar na calçada da nossa casa. Fortes lembranças tenho da Rua Teresina, que se enfeitava de crianças correndo, andando de bicicleta, pulando amarelinha, elástico e corda. Às vezes, ficava vazia, sobretudo quando chovia muito e as pessoas tinham que, desesperadamente, colocar barreiras para a água não invadir as casas.

Nossa residência era bem confortável e relativamente grande, daquelas com varanda e quintal. Ah, o quintal!!! Era lá que, por vezes, gostava de ficar, perto dos cachorros, observando as galinhas. Além dos animais, um coqueiro e um quarto para guardar cacarecos, havia também a temida cacimba. E tinha também o repetido conselho da minha mãe: "Fique longe da cacimba, Rafaella!".

Percorri a estrada da Educação Básica durante 12 anos em Instituições Privadas de Ensino. O Ensino Infantil foi cursado em um colégio de bairro, chamado Lusitânia. Os Anos iniciais do Ensino Fundamental foram cursados em colégio um pouco melhor, mas também de bairro: Colégio Cabral. Já os Anos Finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio foram feitos em escolas com melhor qualidade de ensino, bem conhecidas na cidade: Colégio Santa Isabel e Colégio Geo/Master.

Embora meus pais tenham me possibilitado o acesso ao ensino particular, esse processo não foi fácil. Para que as mensalidades fossem pagas

rigorosamente em dia, meu patriarca ausentou-se bastante do lar, para trabalhar em prol da família. Outros sacrifícios também eram feitos para honrar com os demais compromissos financeiros da família.

Os esforços dos meus pais, já que minha mãe também trabalhava fora, fortalecia-me e me estimulava a estudar. Aluna regular, avançava de série com notas medianas. Minha referência eram meus pais, os quais terminaram apenas o Ensino Médio. A projeção dos sonhos deles estava nos filhos, no entanto, não havia muitas cobranças, já que eles não possuíam muita vivência na área acadêmica. Portanto, os rebentos possuem o diploma, em qualquer curso de graduação, era a meta.

A minha meta, contudo, sempre foi ser feliz e busco isso obstinadamente. Hoje, aos 36 anos, olho ao redor e vejo que meu projeto está em construção de forma satisfatória. Esse projeto conta com a ajuda de vários protagonistas, dentre eles, meu esposo Júnior e meu filho José Neto. Eu e minha família seguimos os valores e as ações cristãs, que dão sentido ao nosso existir.

Trajetória de formação

Iniciei minha vida profissional aos 17 anos, ainda no fim do Ensino Médio, no ano de 2003, em atividade comercial. Trabalhei como gerente financeira em uma loja de peças, durante três longos anos. Nesse tempo, especificamente aos 18 anos, no ano de 2004, ingressei na Universidade Estadual do Ceará (Uece), no curso de Letras, Português, Literatura.

O Centro de Humanidades (CH), *campus* no qual eu estudava, abraçou-me calorosamente e me convidou a permanecer nesse aconchego durante um período de cinco anos. Foram anos maravilhosos, felizes e intensos, que me enchem de nostalgia da minha fase de adolescência e também adulta.

O sentimento de saudades, assim como o sentimento de arrependimento, fazem parte desse período da minha vida acadêmica. Saudades do tempo passado; dos amigos; professores; namorados; e vinhos, que nos acompanhavam às sextas-feiras à noite. Arrependimento de não ter vivido de forma mais intensa as jornadas; os congressos; saraus; grupos de

estudos; e tantos outros espaços de socialização e aprendizado. Por mais que a vontade de participar dos momentos citados fosse forte, algo me impossibilitava: o trabalho.

Sim! Foi um tempo longo em que me dividi entre a faculdade e o trabalho. A situação financeira da minha família, à época, me impossibilitava de ser estudante profissional. Com isso, trabalhava o dia todo e à noite frequentava a universidade. Utilizo o vocábulo “frequentava” porque nem sempre a concentração e o aprendizado venciam o cansaço físico e o esgotamento mental. A vontade de abandonar o curso pairou diversas vezes, em minha cabeça, porém o CH e meu grupo de amigos me fortaleciam na luta pela permanência.

Durante esses cinco anos, todavia, vivenciei muitas situações inimagináveis. Aos 20 anos de idade, no ano de 2006, fui demitida da empresa na qual trabalhava. Um misto de sensações tomou conta de mim: frustração pela forma como se deu a demissão e alívio por ficar livre de um trabalho desgastante. Surgiu aí a possibilidade de me entregar completamente, aos estudos, na Graduação. A maturidade atual agradece a circunstância revoltante do passado, tendo em vista que dias melhores vieram.

Passei aproximadamente um ano me dedicando somente à faculdade, quando surgiu a possibilidade de estagiar na área da Educação. Participei de uma seleção para lecionar em um Cursinho Pré-vestibular da própria Universidade Estadual do Ceará (Uece). Composta por entrevista e aula prática avaliada pelo coordenador do Cursinho e por outros professores, passei na seleção. Esse foi, quiçá, o primeiro processo seletivo que enfrentei.

Comecei, portanto, a lecionar a disciplina de Língua Portuguesa no Cursinho Pré-vestibular e lá fiquei por um período aproximado de seis meses. As salas eram lotadas por alunos ávidos por conhecimento; ansiosos pela aprovação no vestibular. Via, em suas feições, a surpresa de terem uma docente tão jovem, com aproximadamente 21 anos, ministrando as aulas de forma tão segura. Foi uma experiência muito boa, pois percebia que conseguia gerar interesse nos estudantes. No entanto, a dúvida se queria seguir o Magistério pairava.

No ano de 2008, fui convidada a ministrar um pequeno curso de Língua Portuguesa para as professoras pedagogas da Escola Professor Clodomir Teófilo Girão, pertencente a uma Organização não Governamental (ONG) chamada Estação da Luz, localizada no município de Eusébio. Preparei caprichosamente todo o material: apostilas contendo regras básicas de nossa Língua e muito amor. Comecei a ministrar o curso e, mais uma vez, percebi que a forma como eu explanava agradava.

O diretor da Instituição, porém, ao verificar meu currículo, logo mudou de ideia em prosseguir com o curso e me convidou a exercer a função de encarregada financeira, na ONG. A ideia de ter novamente um emprego fixo me atraiu e, de pronto, aceitei o convite. Seria a resposta para a dúvida sobre exercer o Magistério. À época, tive certeza de que a profissão docente não seria por mim exercida.

Apesar de voltar a exercer uma função administrativa, as atividades por mim desenvolvidas na ONG eram relacionadas ao campo da educação e ensino. Criei vínculos de amizade com as professoras, a psicóloga e coordenadora da escola. Não raro, estava visitando as salas de aula, a biblioteca e os demais espaços de socialização. Nesta escola muito aprendi, inclusive sobre Educação em Valores Humanos.

No ano de 2009, concluí a graduação e mais uma vez o mesmo misto de sentimentos invadiu meu ser: frustração, por ter escolhido um curso que acreditava não me servir, e alívio, por me despedir de uma rotina cansativa de estudos. Mas, como dizia o poeta Carlos Drummond de Andrade, fiquei a me indagar: “E agora, José?”. O que faria eu com esse diploma tão lindo e tão inútil?

Permaneci trabalhando na ONG durante três anos, até que, novamente, recebi o convite para trabalhar em uma empresa do ramo turístico. A perspectiva de melhores condições salariais me atraiu. A empresa, localizada em um bairro de alto padrão, da capital cearense, ficava próxima a um cursinho para concursos. Nesse período a possibilidade de participar de um concurso público foi se desenhando.

Ao término da Faculdade de Letras me perguntava: E agora? Queria o sucesso profissional, mas não o via na Educação. Falava com convicção

que não iria exercer o Magistério. Isso fez com que buscasse experiências fora da área, porém, a frustração de ter um diploma de graduação simplesmente engavetado era grande.

Os concursos públicos foram se mostrando como a luz no final do túnel. A influência e o incentivo de uma tia paterna fizeram com que eu buscasse uma aprovação em um cargo que me garantisse um salário razoável e condição estável. O primeiro concurso que tentei foi no Instituto Federal do Ceará (IFC). A aprovação chegou pertinho, mas não se concretizou. Começava, então, um divisor de águas na minha vida pessoal e profissional, antes inimaginável.

A segunda tentativa, agora com sucesso, foi na Educação Pública de Maracanaú, no ano de 2012. Titubeei em assumir o cargo, pois não via ali muitas possibilidades de crescimento profissional. No entanto, o fato de estar noiva e com casamento marcado, foi fator decisivo para eu tomar posse como professora de Língua Portuguesa da Educação Básica. Fui lotada em salas dos Anos Finais do Ensino Fundamental: 6o ao 9o ano. Começava, assim, de fato, minha experiência no ensino.

Fiquei um ano em sala de aula lecionando, quando surgiu a oportunidade de fazer a seleção para gestor escolar educacional. Mesmo gostando bastante de lecionar, sobretudo nas salas de 6o ano, resolvi tentar ingressar na gestão. Ao verificar o edital, percebi um cargo novo no município relacionado às finanças: coordenadora administrativo-financeira. Parecia mesmo que aquele cargo havia sido criado para unir minhas duas grandes aptidões e (agora) paixões: as finanças e a educação.

Minha vida acadêmica passou a ter motivações novamente. Fiz uma especialização em Língua Portuguesa que me trouxe benefícios pessoais e financeiros. Em seguida, cursei uma especialização em Gestão Escolar, já que havia conquistado a aprovação na seleção de gestores do município de Maracanaú e precisava me aperfeiçoar na área. Fiz vários cursos de aperfeiçoamento, em diversas áreas, dentre elas, em Atendimento Educacional Especializado (AEE) e em Língua Brasileira de Sinais (Libras). Finalmente, ingressei no Curso de Pedagogia, feito que, outrora, jamais havia imaginado.

Muitas disciplinas cursadas na Pedagogia aguçaram o meu interesse em encher a bagagem do aprendizado. Dentre elas, a disciplina Estrutura, Organização e Funcionamento da Educação Brasileira, ministrada pela querida docente Ciza, no ano de 2018, também me influenciou sobremaneira em conhecer a bibliografia do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica. Isso porque, durante a aula, a professora nos convidou a percorrer a História da Educação Brasileira.

Os retrocessos vividos no país, à época, durante o governo do então presidente Michel Temer⁸, foram postos em discussão, assim como fomos também levados a dialogar acerca das políticas de incentivo à Educação, durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva⁹ e Dilma Rousseff¹⁰. Dentre os muitos pontos positivos, podemos citar a criação de várias universidades federais, campos universitários e a implantação de muitos Institutos Federais, pelo Brasil.

A curiosidade pairou sobre os Institutos Federais, tendo em vista que, no ano de 2010, prestei um concurso para docente do IFCE. Foi então que busquei a leitura do livro *História e política da educação profissional*, de Marise Nogueira Ramos, uma das autoras do Mestrado Profissional do IFCE. Na obra, a estudiosa busca resgatar os contextos sociais, históricos, políticos e culturais, nos quais a Educação Profissional esteve

⁸ Michel Temer é político, advogado e escritor brasileiro. Serviu como Presidente do Brasil de 31 de agosto de 2016 a 1o de janeiro de 2019. (Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Michel_Temer. Acesso em: 20 abr. 2021.)

⁹ Luiz Inácio Lula da Silva é um político, ex-sindicalista e ex-metalúrgico brasileiro. Serviu como Presidente do Brasil de 1o de janeiro de 2003 a 1o de janeiro de 2011. (Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Luiz_In%C3%A1cio_Lula_da_Silva. Acesso em: 20 abr. 2021.)

¹⁰ Dilma Rousseff é uma economista e política brasileira. Serviu como Presidente do Brasil de 2011 até seu afastamento por um processo de impeachment em 2016. (Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Dilma_Rousseff. Acesso em: 20 abr. 2021.)

inserida. Em um dos capítulos, Marise (2014, p. 66) analisa o governo de Lula, no que se refere à modalidade de ensino aqui referida:

Este é o nosso último capítulo. Nele analisamos o percurso histórico controvertido das políticas de educação profissional no governo de Luiz Inácio Lula da Silva. As expectativas de mudanças estruturais na sociedade e na educação, pautadas nos direitos inscritos na Constituição Federal de 1988, não se realizaram plenamente. Não obstante, uma significativa inflexão no sentido de se valorizar a educação profissional no Brasil pode ser considerada como uma marca de ambos os mandatos dessa gestão.

Após a leitura de Marise, deparei-me com outros estudiosos refletindo sobre a Educação Profissional. Embora, de 2018 até os dias atuais, tenha me distanciado da temática, eis que consegui realizar o sonho que ainda estava em fase de enamoração: a aprovação no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), em março de 2021. O plano era finalizar a graduação em Pedagogia, para então iniciar a Pós-graduação *stricto sensu*. Contudo, mais um desafio posto: cursar o derradeiro semestre da Pedagogia e o primeiro do Mestrado, de forma simultânea.

Construção da identidade docente

A minha identidade docente está sempre em construção, tendo em vista que o processo de ensino está em constante mudança; em evolução. Ao falarmos em evolução, vêm-nos à memória as inovações atuais, que exigem do docente uma análise da sua identidade. Quando falo de inovações, refiro-me não somente às tecnologias digitais, mas também às teorias educacionais.

A identidade do professor pode se dar através das suas experiências individuais, mas também por meio das vivências no exercício da docência. Essas experiências pessoais e profissionais não se dão de maneira isolada, mas interagem entre si, haja vista que “a identidade profissional não é uma identidade estável, inerente, ou fixa. É resultado de um complexo

e dinâmico equilíbrio onde a própria imagem como profissional tem que se harmonizar com uma variedade de papéis que os professores sentem que devem desempenhar” (BEIJAAR; MEIJER; VERLOOP, 2004, p.20).

No campo das experiências individuais, posso citar alguns autores que muito me influenciaram. Não há como falarmos em Educação, por exemplo, sem pensarmos na figura de Paulo Reglus Neves Freire ou, simplesmente, Paulo Freire, o Patrono da Educação Brasileira. Ele nos deixou um legado indelével, já que nos presenteou com uma obra vasta e rica. Não podemos perder de vista que ele, além de educador e filósofo, foi professor, uma vez que uniu teoria e prática na realidade de ensino, sobretudo, da Educação de Jovens e Adultos.

Paulo Freire deixou para todos os docentes um verdadeiro manual para o exercício do magistério. Senão, vejamos a seguinte reflexão, constante no último livro publicado em vida, por Freire (1996, p. 13):

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada a ver com o discurso “bancário”, meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. (grifos no original).

Se Paulo Freire é referência mundial em Educação, Heloisa Luck (2008), por sua vez, é referência nacional em gestão escolar, ao influenciar, sobremaneira, nas minhas práticas no exercício da função de gestora, principalmente no início de minhas atividades como coordenadora. A

experiência na docência alicerçou o desempenho das atividades na gestão, no entanto, não foi suficiente. Com o estudo de obras dessa professora é que pude ressignificar a minha prática, percebendo, assim, as grandes responsabilidades inerentes a um gestor escolar. Para ilustrar, Luck *et al.* (2008, p. 16) defende que:

Segundo o princípio da democratização, a gestão escolar promove, na comunidade escolar, a redistribuição e compartilhamento das responsabilidades que objetivam intensificar a legitimidade do sistema escolar, pelo cumprimento mais efetivo dos objetivos educacionais.

Citei, ao longo deste memorial, alguns nomes de autores que me influenciaram durante a graduação em Pedagogia e durante o exercício da função de coordenadora, porém, a minha identidade docente vai além desses nomes. Não posso deixar de mencionar que, durante a minha primeira graduação, em Letras, tive a influência de diversos estudiosos. Embora a maior parte deles esteja relacionada à Língua Portuguesa, os autores tratam de educação de modo geral. Para ilustrar, cito Marcos Bagno que, em sua obra *Preconceito linguístico*, mostra-nos o quão a sociedade seleciona e polariza as pessoas tendo como base as oportunidades educacionais a elas possibilitadas.

A identidade docente não é, portanto, algo que se constrói em definitivo. Nossa identidade estrutura-se a partir de nossas primeiras vivências, ainda estudantes, nas práticas laborais e nas experiências acumuladas nas vivências em família, nas histórias de vida, nas representações da realidade e em nossos valores internalizados. Para Pimenta (1999, p.19):

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque prenes de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e

as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias. Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor.

A visão e a (des)valorização da sociedade perante a profissão, assim como a compreensão individual acerca do ser docente, são determinantes, no processo de formação da identidade. Afinal, somos influenciados pelo senso comum e cabe a nós construirmos, ou desconstruirmos, uma visão cristalizada ao longo do tempo. A forma como eu, no papel de professor, honro, respeito e qualifico a minha função, influenciará também na minha identidade.

A profissão docente, ainda hoje, sofre com as estigmatizações e crenças de que é um exercício feminino, no qual as professoras exercem a função de mãe, cuidadora e conselheira. Essa percepção foi alicerçada, ao longo da história, na transferência de responsabilidades, por parte das famílias, às instituições escolares. A função da escola é ensinar e transformar a sociedade, cabendo à família o papel de formar os cidadãos.

Em minha percepção, contudo, são cruciais, em todo o processo de identidade docente, as experiências profissionais e as constantes trocas que ocorrem no chão da escola. Trocas estas que se dão quase diariamente, nas rodas de conversas na sala dos professores, nas quais a práxis docente é posta informalmente e acaba agregando no processo de formação.

Em meu ingresso na Educação, tive profissionais que me orientaram e me ensinaram, com seus conhecimentos e exemplos. Os planejamentos coletivos, nos quais eram relatadas experiências exitosas, eram momentos de grandes aprendizados. Durante os planejamentos individuais, também tinha a oportunidade de receber orientações mais específicas, de outros professores da área, e dos coordenadores.

Nossas formações complementares, no ambiente escolar ou fora dele, são igualmente momentos agregadores na estruturação de nossa identidade. Ressalto que foram os momentos de formação na escola que me despertaram para a importância de aprofundar conhecimentos na área. Compreendi que as pós-graduações e os cursos complementares poderiam propiciar não somente ascensões funcionais e salariais, mas, principalmente, um autoconhecimento gerador de uma postura crítico-reflexiva.

E por que não falar acerca dos aprendizados que ocorrem nas salas de aula? Em minhas primeiras experiências no Magistério, observei que os alunos, mesmo sem falar nada sobre a didática do professor, definiam os rumos que a aula deveria tomar. O conhecimento adquirido durante os quase cinco anos cursando Letras na Uece não foi suficiente para compreender que a teoria é vazia, se não houver associação com a prática. A insegurança para o exercício do Magistério; o medo de não saber ensinar; o receio de não conseguir despertar o interesse nos alunos e até mesmo de não manter o equilíbrio emocional, afligiam-me até o momento em que comecei a lecionar.

O aprendizado conquistado com os discentes, ao nos abriremos às novas experiências e nos colocarmos como seres em formação, é uma ferramenta eficaz para a formação docente. Eles, que trazem consigo as histórias de vida, ensinam na prática que a célebre frase de Paulo Freire (1996, p.25) nunca esteve tão atual: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Como a pandemia nos atravessou

Uma pausa na escrita entre um tópico e outro me fez voltar à realidade que estamos vivendo: terror em tempos de pandemia. A covid-19 grita a todo instante e abocanha milhares de pessoas, levando-as em um caminho sem volta. Somos tomados de medo constante: medo de morrer; medo de vermos os nossos morrerem; medo do amanhã, que fica cada vez mais distante.

Muitas projeções para o futuro, têm sido silenciadas, em meio ao quadro de desesperança vivido pela população mundial. Jornais vendem o caos; redes sociais atualizam dados alarmantes; e vivemos o dilema de tentar seguir nossa antiga rotina, ou não. Com isso, algumas pessoas entregam suas forças e esperam a morte chegar. Como já dizia Raul Seixas (1973), “eu é que não me sento no trono de um apartamento, com a boca escancarada cheia de dentes esperando a morte chegar”.

A pandemia provocou o isolamento social das pessoas pela necessidade de cumprimento de quarentena, em atendimento às medidas de prevenção à proliferação do vírus da covid-19. Esse isolamento me possibilitou a dedicação aos estudos e a antigos projetos. Não sei se a retomada desses planos (e sonhos) os quais estavam dormentes, é justificada pela tentativa de abstração da realidade dura atualmente vivida. O fato é que participei de duas seleções de Mestrado - uma seleção em Mestrado Acadêmico e outra em Mestrado Profissional. Na primeira seleção, passei em todas as etapas; todavia, fiquei nos classificáveis. Já na seleção do Mestrado Acadêmico, fui aprovada e classificada.

O Mestrado ProfEPT, no qual obtive aprovação, era exatamente o que mais desejava, tendo em vista a necessidade de conciliar estudos e trabalho. Além disso, estamos vivendo a realidade de aulas a distância, as quais me permitem melhor gerenciamento das minhas várias outras atividades relativas ao trabalho e à família. Soma-se, aos aspectos positivos, o fato de que as possíveis aulas presenciais, caso venham a acontecer este ano, serão em Fortaleza, no IFCE, que fica próximo à minha residência.

Ressalto, ainda, que a aprovação aconteceu em um mês especial e cheio de significação para mim: março. Coleciono conquistas anuais, durante este mês, como meu noivado; o nascimento do meu filho José; e conquistas profissionais. Março é o mês dedicado a São José, o pai de Jesus, padroeiro dos trabalhadores e o santo de minha devoção.

O Mestrado me anima a viver novos desafios, nunca antes vivenciados. A pós-graduação certamente permitirá que me torne uma docente pesquisadora que busca novos conhecimentos e conhecimentos

reformulados, a partir de reflexões e contestações de teses. Certamente, o curso possibilitará que eu me torne uma docente reflexiva com mais habilidades a serem convertidas para a sociedade.

Considerações finais

A escrita sobre os momentos por mim vividos fez com que a reflexão fosse constante. O resgate da memória de minha trajetória de formação trouxe, para além da reflexão, um saudosismo das conquistas alcançadas. Trouxe, ainda, a certeza de que nossos passos podem ser por nós planejados; no entanto, nossos sonhos são abençoados por Deus, o grande responsável por todas as realizações em minha vida.

Algumas indagações permearam este trabalho: Como um docente-narrador redige seu próprio percurso de vida? Serão as motivações para a docência semelhantes, entre os profissionais da área de Educação? Existem filósofos e estudiosos que influenciam sobremaneira a “grande” massa de educadores? Essas e muitas indagações devem ser desveladas e outras tantas levadas a mais reflexões. A partir dessas indagações, surgiu o objetivo de resgatar as memórias de um percurso pessoal, acadêmico, profissional e intelectual. Percebo que foi alcançado, na medida em que trago o registro dessas memórias de um percurso pessoal, acadêmico, profissional e intelectual, que contribuíram para minha formação docente. A escrita seguiu uma ordem cronológica, ou seja, foi iniciada pelas memórias da infância, seguindo até a fase atual, de forma que as influências e experiências vivenciadas foram evidenciadas.

Dentre as etapas vividas, o final do Ensino Médio teve especial relevância, por ter sido permeado pelo sentimento de incerteza e impotência em não conseguir concretizar o sonho de ser aprovada em uma das graduações mais conceituadas à época: a de Direito. O Ensino Superior, no qual cursei Letras, Português, não foi diferente, pois a única certeza que tinha era de ter dado a alegria aos meus pais de possuir um diploma de graduação.

De posse do, não tão sonhado, diploma de Licenciatura em Letras, nada mudou. Até que o mundo dos concursos se abriu como a

possibilidade de concretização de um forte desejo: a estabilidade e o sucesso profissional. Após a aprovação no Concurso para o Magistério, outras possibilidades foram vistas, ao longo do horizonte. Começava, então, a extensa e árdua viagem, contudo feliz, ao mundo do conhecimento, na estrada da Educação. A bagagem ainda está por ser preenchida. Incansavelmente, tento completá-la, mesmo sabendo que é tarefa impossível. O saber não se esgota porque, a cada janela que pensamos em fechar, outras tantas se põem a abrir.

A retomada das experiências significativas de práticas educativas permitiu que eu percebesse que os caminhos por mim foram percorridos como em cadeia. Uma experiência impulsionou outra que, por sua vez, permitiu a vivência de outra. Dentre essas práticas experimentadas, não posso deixar de citar os aprendizados no chão da sala de aula, lecionando; no chão da escola, estagiando; e na gestão escolar, gerindo.

A experiência na docência me fez compreender quanto eu poderia contribuir, mesmo minimamente, na vida de muitas crianças e adolescentes ainda em formação. Permitiu, ainda, que eu entendesse quanto a contribuição poderia ser em meu favor; na constante troca de aprendizados. Minhas experiências docentes foram, portanto, ao encontro dos ensinamentos do grande Patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire, que me influenciou sobremaneira, e fez com que eu percebesse, na prática, a contribuição de um professor, ao reforçar a capacidade crítica de um educando.

A experiência na gestão escolar foi um grande divisor de águas, em minha vida. Trouxe-me mais conhecimento do funcionamento da Educação. A impotência em não poder transformar determinados aspectos do sistema. Mas, trouxe, sobretudo, a certeza que, como líder, eu posso transformar os que estão próximos. Reforço aqui a ideia de Heloísa Luck (2008), grande educadora, quando afirma que, como líderes, podemos influenciar e formar alunos líderes, protagonistas, que buscam constantes melhorias.

O ingresso na gestão escolar fez com que eu almejasse a graduação em Pedagogia, O diálogo, que é figura central na Gestão Democrática, é

igualmente constante, no curso de Pedagogia, uma vez que, ao passo que dividimos o pouco que vivemos, apreendemos ricas experiências, com colegas alunos e colegas docentes.

O curso de Pedagogia, sobretudo a retomada de algumas memórias com a escrita do Memorial, durante o período de pandemia, reforçou diariamente um desejo forte e pulsante em mim: cursar o Mestrado. A rememoração de sonhos vividos, que foram buscados de forma veemente, assim como o melhor gerenciamento de meu tempo, fez com que lembrasse um desejo adormecido. Espero que este trabalho fique para além da formação profissional, pois me alimenta uma vaidade pessoal, talvez justificada por frustrações passadas, que ainda se fazem presentes.

O diploma de pedagoga ajudará a preencher um pouco de minha preciosa bagagem na Educação, pois pretendo contribuir na vida de muitas crianças, adolescentes e adultos, atuando na área da Gestão Escolar. Quem sabe, futuramente, novas possibilidades de atuação profissional se descortinem.

O navio, que estava na eminência de ancorar, segue viagem, nesta jornada acadêmica rumo ao título de mestre. Tempestades na conciliação entre trabalho, estudos e afazeres domésticos, certamente existirão. Contudo, a certeza da calma e a alegria com a aquisição de novos conhecimentos, dará ânimo para navegar.

Referências

ANTUNES, Celso. *Educação infantil*: Prioridade imprescindível. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRASIL. LBD. Lei 9.394/1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: www.mec.gov.br. Acesso em: 26 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil. - Brasília: MEC/ SEF, 1998.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*: O que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Sobre o conceito de formação na abordagem (auto)biográfica. *Educação*, Porto Alegre, 34, n. 2, p. 157-164, maio/ago. 2011.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; MAURÍCIO, Lúcia Velloso. Histórias de vida e práticas de formação. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de (org.). *(Auto)biografia: Formação, territórios e saberes*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 253-271.

FERREIRO, Emília. *Reflexões sobre alfabetização*. 26. ed., São Paulo: Cortez, 2011. Coleções Questões da nossa Época; v. 6.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 25. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996. Coleção Leitura.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. e.d. São Paulo: Paz e Terra, 1987. Coleção Leitura.

CASTRO, Gabriel de Arruda. Paulo Freire: O pai da doutrinação nas escolas? *Gazeta do Povo*, 2017. Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/paulo-freire-o-pai-da-doutrinacao-nas-escolas-3g4a7hcqso-aij790jvo3c8/>. Acesso em: 1ª nov. 2020.

GUERRA, Miriam Darlete Seade. *Reflexões sobre um processo vivido em estágio supervisionado: Dos limites às possibilidades*, 1995.

JOSSO, Marie-Christine. *A experiência de vida e formação*. 2ª Ed. revista e ampl. Natal, EDUFRN; São Paulo, Paulus, 2010a. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica Educação. Clássicos das Histórias de Vida).

JOSSO, Marie-Christine. *Caminhar para si*. Tradução Albino Pozzer, revisão Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2010b.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito ao sujeito de formação. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (org.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal: Editora da UFRN; São Paulo: Paulus, 2010c, p. 59-79.

LUCK, Heloisa; FREITAS, Kátia Siqueira de; GIRLING, Robert; KEITH, Sherry. *A escola participativa: O trabalho do gestor escolar*. 5. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

MARCELO, Carlos. A identidade docente: Constantes e desafios. *Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação Docente*. Disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/setembro2013/quimica_artigos/a_ident_docent_constant_desaf.pdf. Acesso em: 2 nov. 2020.

OSTETTO, L. E. *Educação infantil: Saberes e fazeres da formação de professores*. Campinas: Papirus, 2008.

PARO, Vitor Henrique. *Gestão democrática da escola pública*. São Paulo: Ática, 1997a.

PIAGET, Jean. *Seis estudos de psicologia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: Identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido (org.). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez Editora, 1999, p. 15 a 34.

SCHOLZE, Lia. Narrativas de si e a possibilidade de ressignificação da existência. In: PASSEGUI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (org.). *Narrativas de formação e saberes biográficos*. Natal: Editora da UFRN; São Paulo: Paulus, 2008, p. 89-100.

Vida, educação e trabalho: um relato de memória

Raimunda Alcione Santiago de Lima

Não podemos mostrar o nosso álibi no acontecimento do existir.

(BAKHTIN, 2010 p. 99)

Introdução

Contar minhas experiências de formação, em um memorial é uma oportunidade que o Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) - Ceará me proporciona, nesse início de estudos no mestrado, na disciplina de Seminário de Pesquisa, que tem como um dos objetivos específicos discutir sobre o processo formativo do pesquisador e sua implicação com o objeto de pesquisa. Portanto, refletir a partir da minha profissão, no sentido de fazer um apinhado dos fatos mais relevantes que impliquem o pesquisador que devo ser, já é, por si, um grande aprendizado.

A escrita do memorial foi orientada pelos ministrantes da disciplina Seminário de Pesquisa, a partir de três eixos: a apresentação do sujeito narrador; a vida acadêmica e a profissional contextualizando e refletindo sobre o processo vivenciado e a experiência de narrar sua trajetória, prática e a articulação com os estudos a serem realizados no mestrado.

O contexto de escrita deste memorial é caracterizado por duas crises trágicas, uma política e outra sanitária, que geram um cenário de ameaças à vida e democracia. O governo Bolsonaro atenta, o tempo todo, contra a Educação, o emprego, a Saúde e a classe trabalhadora.

Na Educação, os cortes orçamentários; o sucateamento das universidades; as tentativas de privatização das universidades públicas; e intervenções nas reitorias, nos causam medo e desalento, conforme Rebuá (2019, p. 1) “na Nova República nunca sentimos tanto medo como agora”, pois o *modus operandi* do governo contra os trabalhadores da

Educação acenam que devemos compor também, os movimentos de resistência a favor de dias melhores, portanto, sair da minha zona de conforto e entrar num mestrado, foi, para mim, uma necessidade para enfrentar o governo Bolsonaro.

A pandemia da covid-19 colocou o Brasil na maior crise sanitária da sua história, conforme o Conselho Nacional dos Secretários de Saúde (Conass), o número de mortes, no Brasil, já passa da casa das 604 mil mortes pela doença. Esses dados sobre a pandemia colocam o Brasil como o segundo com maior número de óbitos e o terceiro em infectados pelo coronavírus, no mundo, de acordo com a Universidade Johns Hopkins e os dados do Worldometers. O País é uma referência nos acréscimos de mortes diárias e casos no mundo.

Lembro-me de quando começou e quando tivemos que paralisar as aulas, era 17 de março de 2020. O medo ainda não passou, a sensação de perplexidade é constante, por ver a situação do Brasil com essa pandemia. Em dezembro de 2020, minha mãe, meu irmão caçula e minha sobrinha, tiveram Covid, o medo de perdê-los foi indescritível; eu nunca vou me esquecer. O estresse, as orações, misturavam-se, durante a espera do isolamento. eles venceram a covid, mas alguns amigos e conhecidos, não.

A crise sanitária, apesar dos horrores, nos modificou um pouco; eu, por exemplo, me aproximei mais do meu filho e da minha família, visitei mais vezes minha mãe. A incerteza sobre nossas vidas, tirou, de mim, a qualidade de ser otimista, mas também não virei pessimista, estou mais realista; essa percepção me ajuda a mergulhar na realidade e, de certa forma, me proporciona uma reflexão sobre efemeridade, me percebo mais coletiva, mais reflexiva sobre temáticas como consumo, alimentação, leitura, educação, natureza, dentre outros.

Meu nome é Raimunda Alcione Santiago de Lima. Nasci em Quixadá/CE, em 1978. Sou filha de professora, cresci na zona rural e minha casa era uma escola isolada. Eu tenho cinco irmãos, e três são professores. Além da minha casa ser uma escola, minha mãe sempre ressaltou a importância de ensinar e aprender, assim, me formei nesse ambiente propício ao magistério, e, por consequência, hoje, sou professora.

Da infância, guardei na memória as brincadeiras. Como lá em casa era uma escola, havia, sempre, crianças para brincar. E brincávamos de pega-pega, bandeira, ciranda, bola, baralho e dominó. À noite funcionava o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), um projeto de alfabetização de adultos, que também guardo registro de interação com os participantes desse projeto. Eu os ajudava na realização das atividades e, durante os intervalos, tinha recreação com jogos, como baralho e dominó.

O Mobral foi um projeto do governo brasileiro, criado pela Lei 5.379, de 15 de dezembro de 1967, e propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos. O movimento tinha como intuito a alfabetização de adultos; conquistou uma superestrutura; expandiu-se por todo o país; o que possibilitou a ampliação do seu campo de atuação para as quatro primeiras séries do Ensino Fundamental. De acordo com pesquisa no *site* educabrasil, o Mobral não alterou as bases do analfabetismo, calcadas fundamentalmente na estrutura organizacional da Educação no país. Além disso, o seu modelo foi bastante condenado como proposta pedagógica por ter como preocupação principal apenas ensinar a ler e a escrever, sem nenhuma relação com a formação do homem.

No campo da afetividade, guardo registros de interação com meus avós, primos, tios e irmãos. Perdi meu pai aos 2 anos de idade e minha mãe tinha sempre que trabalhar; pela manhã, ela dava aulas em uma comunidade distante de onde morávamos; à tarde, ela ensinava na minha comunidade. Como lá em casa era a escola, nossa relação nesse turno era de professora/aluna e, à noite, ensinava aos adultos; então, sobrava muito pouco tempo para interação de mãe e filha.

Quando terminei a 4ª série, tive que ir estudar na cidade, e morar na casa de parentes. Tudo ia ficando mais difícil, principalmente no campo da afetividade. Para enfrentar essa adversidade, entrei no teatro, nos times de handebol e basquete da escola. Os treinos e as oficinas de teatro me ajudaram na busca por fazer as coisas bem-feitas. O teatro foi, sempre, minha melhor experiência. Quando me perguntavam qual carreira queria seguir, respondia sem titubear: ser atriz. Mas, o meu contexto

de vida, como já apresentei e os demais relatos, que discorrerei adiante, contará como me transformei em uma professora.

Fui mãe aos 24 anos de idade, quando cursava a graduação, nessa época, já fazia parte do quadro de professores da rede municipal de Quixadá. Portanto, conciliar maternidade, trabalho e estudo foi um desafio; os dois últimos, sempre ocuparam posições importantes na vida e a maternidade me trouxe grandes descobertas e outras compreensões do mundo. A forma de construção de convivência com meu filho tinha implicações direta com o trabalho e o estudo. Com o tempo, aprendi a planejar a maternidade em consonância com minha vida profissional.

Portanto, o sujeito narrador deste memorial, apresenta-se como professora, que, durante a sua prática, buscou focar na dimensão investigativa, no sentido de construir reflexões sobre o fazer pedagógico, embasado na observação dos alunos e nos acontecimentos de sala de aula e do ambiente sociocultural dos educandos. Me Apresento-me, também, como indivíduo, fruto de uma sociedade marcada pela desigualdade social e falta de Educação de qualidade.

Vida acadêmica e profissional, contextualizando e refletindo sobre o processo vivenciado

Minha primeira experiência como professora foi quando terminei o pedagógico (Ensino Médio) e participei de uma seleção da Universidade Estadual do Ceará (Uece), para a EJA. Eu tinha 19 anos e, desde então, estou como profissional da Educação. Nessas primeiras experiências, decidi que meu perfil de professora seria embasado na segurança; no domínio da disciplina e no carinho e atenção que dedicaria a cada educando; conhecendo as potencialidades e limites de cada um. Nesse período, percebi que a prática da sala de aula não era fácil. Eu copiava a metodologia de outras colegas mais experientes; trocava ideias sobre as dificuldades; e ia incorporando a tradição escolar com seus ritos e concepções na minha prática.

Ingressei na Licenciatura em Letras, e, como já lecionava, percebi as lacunas entre teoria e prática; as dificuldades para compreender a

dinâmica da realidade escolar, que é diferente dos modelos teóricos estudados. Eu percebia, com muita clareza, que os objetivos e as escolhas que se estabeleciam em relação aos procedimentos de ensino e aprendizagem é, em sua essência, uma opção marcada por valores e concepções e, portanto, uma opção não apenas didática, mas também política.

Fui uma aluna dedicada, com destaque nos trabalhos em equipe, e forte interação afetiva com os colegas de sala, lembro-me que fui escolhida oradora discente da turma. Quando terminei o discurso, o primeiro a levantar-se e me aplaudir, foi o Prof. Dr. Júlio César Araújo, era meu professor de Morfossintaxe do Português e o que eu mais admirava, do quadro de docentes. Depois de 15 anos de conclusão da graduação, soube que ele faria uma palestra em um evento acadêmico, do qual participei no ano de 2019, o VI Colóquio Nacional de Hipertexto, na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (UECE/Fafidam). Tive a oportunidade de trocar algumas palavras com ele; tudo muito rápido. Depois da palestra, refleti sobre a diferença entre o Prof. Júlio e o Prof. Dr. Júlio César Araújo, e como é importante a construção da autonomia na pesquisa. De certa forma, esse encontro me ajudou a focar na busca pelo conhecimento.

A graduação ampliou meu horizonte, logo, quando concluí o curso, fui convidada a desenvolver as atividades do Programa de Apoio às Reformas Sociais para Desenvolvimento de Crianças e Adolescentes do Estado do Ceará – (Proares) dentro da escola em que trabalhava. O projeto tinha como objetivo desenvolver e implementar, na escola, atividades pedagógicas, com o intuito de promover cidadania para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. As atividades aconteciam no contraturno, e eram oferecidas variadas oficinas; dentre elas, teatro, dança, xadrez, escrita e leitura. Foi aqui que busquei conhecer o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no sentido de compreender os principais direitos.

As dificuldades de aprendizagens das salas de aceleração, que são turmas formadas por alunos fora de faixa e em conflito com a lei, de uma das maiores escolas da periferia de Quixadá, que tive a oportunidade de

ser professora titular de uma dessas turmas, na metade da década de dois mil, me fez entrar em uma Pós-graduação em Psicopedagogia. O curso me fez entender o processo de aprendizagem de forma mais ampla, interdisciplinar, a partir da pedagogia, filosofia, neurologia, sociologia, linguística e psicanálise.

Enquanto escrevo este parágrafo, percebo, de forma reflexiva, que mesmo sendo uma professora jovem, busquei na Ciência e na pesquisa entender a complexidade de ensinar e aprender. Meu trabalho de monografia desta pós-graduação citada, teve como preocupação verificar as dificuldades de aprendizagem, a partir do ambiente sociocultural dos educandos. O estudo está focado nas características próprias das situações escolares de ensino e aprendizagem, de forma a evitar o desengajamento do contexto sociocultural.

Revedo a introdução da monografia, chamou-me a atenção o fato de me apresentar como educadora dialética. Eu disse em um dos parágrafos: Enquanto educadores dialéticos, não podemos homogeneizar nossos educandos como se todos fizessem parte de um único corpo discente, em vez disso, devemos nos abrir para a observação das relações que temos parte. Por tanto, há mais de quinze anos, aproximadamente, atrás, eu já, inconscientemente, refletia sobre educação integral, mesmo não tendo estudado teoricamente a respeito.

Fiquei 12 anos lecionando nessa Escola de Ensino Fundamental I e II da periferia de Quixadá. Nesse período, também fui educadora social e depois, em 2006, também coordenadora e formadora de educadores sociais do Programa AABB Comunidade de Quixadá, um programa social da Fundação Banco do Brasil, em parceria com o município de Quixadá e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). O Projeto Político-Pedagógico do Programa Integração AABB Comunidade tem como princípios a educação dialética de Paulo Freire; a pedagogia dos direitos; e a ludicidade.

O roteiro de formação continuada para educadores sociais desse programa era desenvolvido pela PUC/SP. Tinha como metodologia das atividades, uma sequência, em três momentos: Primeiro uma ação

previamente planejada pelo educador, a partir do diagnóstico dos conhecimentos e temas geradores de interesses dos educandos, pesquisados anteriormente. Segundo, essa ação, desenvolvida na primeira etapa, deveria promover uma reflexão individual, grupal e coletiva, sobre o tema. Por último, as duas etapas deveriam promover um discernimento teórico, a partir do tema estudado, visando a retornar à realidade prática, com uma nova ação; uma nova postura, em relação ao tema discutido com os educadores.

Como educadora social do Programa AABB Comunidade, compreendi que a formação do sujeito de direitos está relacionada ao desenvolvimento da cidadania, bem como a assimilação das principais legislações da infância, adolescência e juventude, e das aprendizagens a partir da brincadeira e do jogo. Foi aqui que tive interesse de participar como membro do Conselho da Criança e do Adolescente; de estar presente; e discutir as questões da Educação, Saúde e cidadania, nas conferências municipais.

Em 2013, passei na seleção para professora de Língua Portuguesa da escola Profissional de Quixadá, e no mesmo ano fiz o concurso para professor do estado do Ceará e fui aprovada; desde então, estou como professora de Língua Portuguesa da Escola Profissionalizante de Quixadá. Demorei a me acostumar com a organização escolar das profissionais, a Tecnologia Empresarial Soco educacional (Tese), que é o modelo de gestão, implantado no estado do Ceará. Eu não entendia os instrumentais de gestão, planejamento e resultados, orientado pelo modelo de gestão antes citado.

Como estava chegando, na escola, observei mais do que questioneei; no ano seguinte, 2014, houve o processo de escolha dos formadores do Pacto Nacional pelo Ensino Médio da Escola Profissionalizante, e tive a oportunidade de ser escolhida. O processo de escolha dava-se entre os educadores e me senti acolhida entre meus pares. Foi aqui, também, que compreendi melhor o Ensino Médio, já que minha experiência, como venho relatando, sempre foi com o Ensino Fundamental I e II.

Em 2015, para ajudar na minha formação continuada fiz um curso de especialização, intitulado de Educação Global, Inteligências Humanas e Construção da Cidadania, ligado à formação do Pacto Nacional pelo Ensino Médio, e defendi no meu Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), o tema: Os Limites, Possibilidades e Desafios da Formação Continuada dos Professores de Língua Portuguesa do Ensino Médio. Esse tema também foi objeto de pesquisa em na pós-graduação, em Gestão Pedagógica na Escola Básica, que fiz, dois anos depois, na Universidade Aberta do Brasil (UAB)/UECE.

Esse tema, formação continuada do professor de Língua Portuguesa esteve presente, também, em alguns trabalhos que apresentei em eventos acadêmicos como supervisora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), função que exerço desde 2018, até os dias atuais. Outro tema recorrente nas minhas participações nesse tipo de evento é a leitura em círculo. Os Círculos de Leitura, de acordo com Cosson (2014, p.139.), “devem seguir três momentos importantes: primeiro, o caráter social da interpretação dos textos; segundo, a leitura em grupo; e, por último, a formação leitora.”

Encerro os registros da minha vida acadêmica descrevendo aspectos sobre o Curso de Bacharelado em Administração Pública, que integra o Programa Nacional de Formação em Administração Pública (PNAP), que iniciei em 2017, com previsão de término, agora, em 2021. O TCC já está pronto e tem como título: Gestão de Projetos na Administração Pública: Estudo de caso na Secretaria de Educação do Município de Quixadá – Ceará, que teve como finalidade mostrar como a gestão de projetos na administração pública pode aprimorar a qualidade dos serviços prestados à sociedade, atendendo às reais necessidades da população, através de alternativas que buscam otimizar os recursos e a eficiência.

Hoje, acredito que possibilitar uma aprendizagem significativa aos alunos exige a ressignificação do processo de ensinar e aprender do professor, provocando a necessidade de um projeto formativo que oportunize uma trajetória de apropriação de conhecimento e reflexão sobre sua

prática. Minha proposta de pesquisa para esse programa de mestrado, que consiste em aprofundar o processo da formação leitora como um dos elementos para a formação integral, será uma oportunidade para refletir sobre minha prática, além de contribuir diretamente para a compreensão do que seja uma formação integral, embasada nos aspectos científicos, tecnológicos, humanísticos e culturais.

O trabalho com a Língua Portuguesa deve proporcionar um espaço de reflexão, tendo como condição básica o uso da linguagem e o respeito à diversidade. Minhas aulas na escola profissionalizante são desenvolvidas a partir de um programa de conteúdo construído sobre três campos disciplinares – Gramática, Literatura e Produção de Texto – esse programa de conteúdo deve considerar os descritores do Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará (Spaee) e os cinco eixos cognitivos do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem): I. Dominar as linguagens; II. Compreender fenômenos; III. Enfrentar situações-problema; IV Construir argumentação; e V. Elaborar propostas. Outro ponto a ser ressaltado refere-se ao compromisso da escola no que diz respeito à formação de competências nos campos da leitura e escrita; tudo isso visa à uma formação autônoma e emancipada dos educandos.

Em uma das retomadas de leitura, devido às pausas que foram feitas durante a escrita deste memorial, atentei para esse parágrafo anterior. Percebi, a partir das discussões das disciplinas Seminário; Bases Conceituais e Metodologia; que meu programa de conteúdo da disciplina de Português concentra-se, quase que totalmente, nos conteúdos voltados para o acesso ao Enem. É importante registrar que as Escolas Profissionais do Ceará têm forte tendência na formação para o mercado de trabalho, com foco na empregabilidade. Ambas são unilaterais, quando deveríamos nos apoiar na omnilateralidade, que consiste na formação integral do ser humano, e que está relacionada com o desenvolvimento das potencialidades dos educandos, através de um processo que leva em conta a formação científica, tecnológica e humanística, a política e a estética, conforme Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio (DCNEM) (Art. 5º, Inciso I).

Trajetória e prática em articulação com os estudos a serem realizados no ProfEPT

Para finalizar, apresento, como articulação entre minhas memórias de profissão, a vida e os estudos no mestrado, o fato de ser professora da Educação Básica há mais de vinte anos, desses, os últimos oito anos atuando diretamente em sala de aula, com o ensino de Língua Portuguesa, na Escola Profissional Maria Cavalcante Costa.

O desenvolvimento da leitura garante, aos jovens, o acesso aos conhecimentos necessários para sua integração na sociedade moderna. O professor formador de leitura carece de autonomia, para refletir sobre o chão da escola.

Portanto, estar como estudante de um programa de mestrado, onde é possível estudar para compreender e tratar dos desafios e possibilidades dos Círculos de Leitura para a formação integral, no sentido de discutir as implicações do letramento literário nas Escolas Profissionais do Sertão Central, muito contribuirá para a minha autonomia, e, conseqüentemente, para melhorar a qualidade de ensino na rede pública do Sertão Central.

Na atualidade, as discussões do letramento literário, no chão da escola, são uma necessidade, no sentido de pensar a leitura como atividade essencial para o desenvolvimento humano, que é uma condição necessária para a formação do homem em todos os seus aspectos. Diante das transformações e da velocidade do conhecimento; os avanços tecnológicos; as mudanças no mundo do trabalho; e nas relações sociais, que geram novas demandas à atuação do professor em relação à leitura, esse estudo contribuirá para que eu desenvolva condições necessária para a atuação de qualidade, de modo que a minha prática ganhe mais credibilidade. Demo (2002) afirma que a qualidade da educação depende, em primeiro lugar, da qualidade do professor.

Meu trabalho, na escola, vem proporcionando um espaço de reflexão, tendo como condição básica o uso da linguagem, pois um dos pontos em que tenho atuado com foco, é na mobilização de toda a escola, para

o conhecimento das estruturas linguísticas e culturais da Língua Portuguesa, pautadas nas competências do campo da leitura e escrita, no sentido de transformar a instituição em uma escola leitora. Para isso, há seis anos, estou à frente do projeto *Círculo de Leitura*, que tem colaborado com a aprendizagem e a satisfação pela leitura, e do *Jornal EP Comenta* que tem incentivado o pensamento crítico, além de ser um espaço para compartilhar experiências e ampliar o universo do conhecimento.

Desde 2018, atuo como supervisora do PIBID/Letras da FECLESC. Dentre as ações que desenvolvo, as que mais me qualificam para atuar como pesquisadora de um programa de mestrado, são as atividades formativas; as rodas de conversas com os bolsistas de ID e público atendido; as atividades formativas preparatórias; as atividades de observação, coleta e socialização de dados; e as ações de diagnóstico para compreender em que estágio os alunos se encontram, no campo da leitura. Os estudos que pretendo realizar no PROFEPT contribuirão para que eu compreenda sobre o conhecimento do processo de ensino e aprendizagem a partir da pesquisa; o conhecimento na prática do uso das novas tecnologias e como se dá o envolvimento dos conteúdos de Leitura na criação de um produto educacional.

Outro trabalho que também articula para meu perfil de pesquisadora foi minha experiência como formadora do Pacto Nacional pelo ensino médio na Escola Profissional Maria Cavalcante Costa, esse trabalho me possibilitou uma singularidade, com as DCNs do Ensino Médio, além da discussão, no chão da escola, de temas que me possibilitaram refletir coletivamente sobre o Ensino Médio. A primeira fase da formação teve como temática *Sujeitos do Ensino Médio e Formação Humana Integral*, e a segunda estudou as áreas de conhecimento, contemplando a reescrita coletiva do Projeto Político-Pedagógico da escola.

A particularidade desse programa me levou a perceber a escola como um local privilegiado, de formação de leitores, lincado com a formação integral. Meu trabalho na escola vem proporcionando um espaço de reflexão, tendo como condição básica o uso da linguagem e o respeito à

diversidade. Tenho desenvolvido forte programa de conteúdo, construído sobre três campos disciplinares, Gramática, Literatura e Produção de Texto, esse programa de conteúdo agrega os descritores do Spaece e os cinco eixos cognitivos do Enem: Dominar as linguagens; compreender fenômenos; enfrentar situações problema; construir argumentação; e elaborar propostas.

Assim, o trabalho que venho desenvolvendo, em relação à leitura, na Escola Profissional de Quixadá, articula para um estudo mais aprofundado sobre as implicações do letramento literário para o desenvolvimento do homem omnilateral, com implicações, principalmente, na competência técnica e no comprometimento ético, que se revelem em uma atuação profissional pautada pelas transformações sociais, políticas e culturais, necessárias à edificação de uma sociedade igualitária. Nesse horizonte, essa perspectiva de formação, É fundamental atentar para o fato de que o trabalho como princípio educativo não se restringe ao “aprender trabalhando” ou ao “trabalhar aprendendo”. Está relacionado, principalmente, com a intencionalidade de que, por meio da ação educativa, os indivíduos/coletivos compreendam, enquanto vivenciam e constroem a própria formação, o fato de que é socialmente justo que todos trabalhem, porque é um direito subjetivo de todos os cidadãos, mas também é uma obrigação coletiva, porque, a partir da produção de todos, gera-se e transforma-se a existência humana e, nesse sentido, não é justo que muitos trabalhem para que poucos enriqueçam cada vez mais, enquanto outros se tornam cada vez mais pobres e se marginalizam – no sentido de viver à margem da sociedade.

Esse estudo possibilitará a compreensão do conhecimento da prática de leitura em círculo e o processo de letramento literário e suas possibilidades para a formação integral, atrelando teoria e prática para construir um produto educacional, que colabore na qualidade do ensino e da aprendizagem. Assim, estarei contribuindo para promover o desenvolvimento da Educação integral, a partir do letramento literário sob orientação de um programa de mestrado, que tem como uma de suas

concentrações de área a mobilização e articulação de todas as condições materiais e humanas necessárias para garantir a formação integral do estudante.

As memórias do meu trajeto profissional e de vida será um guia no sentido de estar compromissada com minhas pretensões de pesquisa, que é tratar dos desafios e possibilidades dos Círculos de Leitura para a formação do homem omnilateral, no sentido de discutir as implicações do letramento literário nas Escolas Profissionais do Sertão Central. Foi elaborado, como intenção para esse estudo, o seguinte título: Os Círculos de Leitura nas Escolas Profissionais do Sertão Central: Possibilidades e Desafios para a Formação Integral. O produto educacional idealizado para esse tema será uma sequência didática para círculos de leitura a partir dos estudos de Rildo Cosson (2014) sobre os círculos de leitura e letramento literário. A sequência didática deverá ser aplicada nas três escolas profissionalizantes do Sertão Central, localizadas nas cidades de Quixeramobim e Boa Viagem.

Ao longo do desenvolvimento humano, devido seu valor para a sociedade, a leitura tornou-se um campo do saber que é desenvolvido, por exemplo, nas disciplinas da História da leitura, Psicologia da leitura, envolvendo várias abordagens no campo da Linguística, da Filosofia e da Educação. Bakhtin (1992; 1997) teoriza a respeito da leitura como um diálogo; o estudioso considera, o ato de ler, uma base para a compreensão do mundo e construção da interação social.

Cosson (2014, p.36) diz que a escola é um local de aprendizagem sistemática da leitura, portanto, é sua função desenvolver a formação leitora, e que, quando essa falha, todo o resto tende a não dar certo. Ele afirma, ainda, que “não há conhecimento sem leitura, sem a mediação da palavra e da sua interpretação, da leitura, enfim”. A leitura é que nos conecta com o nosso passado, possibilitando experiências com o outro. O pesquisador afirma, na mesma obra, que: “[...] a leitura é uma competência individual e social, um processo de produção de sentidos que envolve quatro elementos: o leitor, o autor, o texto e o contexto”.

Para essa intenção de pesquisa, é importante destacar que a leitura possibilita a compreensão do mundo de forma humanizadora. Na atualidade, é perceptível as lacunas deixadas nas escolas por falta de práticas leitoras, que levam os educandos a refletirem sobre o seu papel na sociedade. Portanto, torna-se necessário buscar, através da pesquisa, possibilidades para ajudar a escola a oferecer uma formação leitora crítica e reflexiva.

A formação omnilateral é a base teórica na construção do Ensino Médio integrado à Educação Profissional no sentido de construir um processo formativo focado na ciência, no trabalho, na cultura e tecnologia (CIAVATTA; RAMOS, 2012a). Um estudo que instrumentaliza a formação leitora como ponto de convergência para articular educação e trabalho, no sentido de promover a emancipação humana, contribui diretamente para a elaboração de conhecimentos relacionados à educação profissional e tecnológica, que é um dos objetivos de pesquisa do ProfEPT.

Referências

CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. Ensino médio integrado. *In: CALDART, Roseli Salete et al. (org.). Dicionário da educação do campo*. Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2012a.

CIAVATTA, Maria. A formação integrada: A escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. *In: RAMOS, M.; FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (orgs.). Ensino médio integrado: Concepção e contradições*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 83-105

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

DEMO, P. *Complexidade e aprendizagem: A dinâmica não linear do conhecimento*. São Paulo: Atlas, 2002a. Disponível em: <http://porvir.org/desafios-caminhos-para-formacao-de-professores-brasil/>

<https://www.educabrasil.com.br/mobral-movimento-brasileiro-de-alfabetizacao/>. Acesso em; 11 jul. 2021.

LAKATOS. MARCONI. *Metodologia do trabalho científico*. 7. ed., São Paulo, Atlas, 2009.

Sites consultados

<https://blogdaboitempo.com.br/2019/07/25/das-normalidades-fascismo-e-o-brasil-sob-bolsonaro/>. Acesso em: 19 out .2021.

<https://www.tudocelular.com/tech/noticias/n154352/coronavirus-brasil-mundo-relatorio-covid-19.html>. Acesso em: 19 out. 2021.

<https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 19 out. 2021.



A PoD Editora garante, através do selo FSC de seus fornecedores, que a madeira extraída das árvores utilizadas na fabricação do papel usado neste livro é oriunda de florestas gerenciadas, observando-se rigorosos critérios sociais e ambientais e de sustentabilidade.

Composto e Impresso no Brasil
Impressão Sob Demanda

21 2236-0844

www.podeditora.com.br
contato@podeditora.com.br

2022